

Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ
Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde

MARCELLY PEDRA REZENDE DA SILVA

***“CARTAS PARA QUE TE QUERO”*: FRANCISCO FREIRE ALLEMÃO E A
COMUNIDADE CIENTÍFICA DO OITOCENTOS**

Rio de Janeiro
2014

MARCELLY PEDRA REZENDE DA SILVA

**“CARTAS PARA QUE TE QUERO”: FRANCISCO FREIRE ALLEMÃO E A
COMUNIDADE CIENTÍFICA DO OITOCENTOS**

Dissertação de mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Área de Concentração: História das Ciências.

Orientadora: Profa. Dra. Lorelai Brilhante Kury

Rio de Janeiro
2014

MARCELLY PEDRA REZENDE DA SILVA**“CARTAS PARA QUE TE QUERO”: FRANCISCO FREIRE ALLEMÃO E A
COMUNIDADE CIENTÍFICA DO OITOCENTOS.**

Dissertação de mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Área de Concentração: História das Ciências.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Lorelai Brilhante Kury (Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz) – Orientadora

Profa. Dra. Sílvia Fernanda de Mendonça Figueirôa (Instituto de Geociências da UNICAMP)

Profa. Dra. Magali Romero Sá (Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz)

Suplentes:

Profa. Dra. Alda Lúcia Heizer (Instituto de Pesquisas Jardim Botânico)

Profa. Dra. Maria Rachel Fróes da Fonseca. (Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz)

S586c Silva, Marcellly Pedra Rezende da
Cartas para que te quero: Francisco Freire Allemão e a
comunidade científica dos oitocentos / Marcellly Pedra Rezende
da Silva. – Rio de Janeiro: s.n., 2014.
204 f.

Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da
Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz,
2014.

Bibliografia: f. 129-141

1. Correspondência como Assunto. 2. Domínios científicos
3. Botânica.. 4. Cysneiros, Francisco Freire Allemão de,
1797-1874. 5. Brasil.

CDD 508.81

*Aos meus pais Mônica e Marcos,
por tornar tudo isso possível.*

AGRADECIMENTOS

Se a tarefa de pesquisa em si é solitária, ela jamais seria possível sem o incentivo e apoio das pessoas ao redor. As solidões da escrita sempre foram acompanhadas das ausências em momento importantes junto a pessoas queridas. Sendo assim, cabe aqui somente agradecer a todos aqueles que suportaram ao meu lado as felicidades e agruras desta jornada.

Primeiramente devo agradecer aos meus pais, Mônica e Marcos, que são os maiores responsáveis por eu ter chegado onde cheguei. Os ensinamentos e incentivo que sempre me deram ao longo de toda a minha vida e que fizeram com que eu me tornasse a pessoa que sou. Obrigado por todo o esforço empenhado na minha educação e por todos os ensinamentos que me prepararam para a vida. Estou muito feliz de mais uma vez poder ser motivo de orgulho para vocês. Obrigada!

A minha irmã, Yasmin, a quem sempre procurei servir de exemplo e que este ano me fez orgulhosa ao passar no vestibular da UERJ para Biologia. Eu espero que num futuro bem próximo eu possa estar presente na sua defesa de Mestrado! Obrigada pelo apoio, carinho e paciência que sempre me dedicou.

Ao resto da minha família só tenho que agradecer a paciência e compreensão que sempre tiveram comigo, entendendo as ausências e faltas ao longo destes dois anos, e mesmo assim nunca deixando de me apoiar nessa jornada, devo citar especialmente minha madrinha Bianca, meu primo João, meu irmão Tiago e meus avós Ledir, Nelly e Lopes.

Aos meus amigos, essas pessoas indispensáveis na vida de qualquer ser humano, que são poucos mas essenciais e únicos. Eliza, Carlos, Érica e Camila, que por tantas vezes me ouviram falar do meu botânico e suas plantas e nunca perderam a atenção. A Érica que mesmo no turbilhão de todas essas coisas me deu um dos maiores presentes da minha vida: Guilherme, meu afilhado, e que mesmo assim sempre foi compreensiva com minhas ausências. A Eliza não há palavras para agradecer, pela convivência mais frequente, talvez tenha sido a que mais teve que suportar as coisas boas e ruins desta jornada. Meu muito obrigada a todos vocês pelos conselhos e por me fazerem rir nos momentos difíceis!

Agradeço a imprescindível orientação da Profa. Dra. Lorelai Brilhante Kury, que desde a graduação tem sido responsável por me incentivar e dar oportunidades de encontrar meu caminho. Muito obrigada pela atenção e paciência desde a delimitação do tema até a redação final deste trabalho.

Agradeço aos professores do Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde, aqui devo citar especialmente os professores Nara Azevedo, Luiz Otávio, Flavio Edler, Robert Wegner, Magali Sá, Luiz Teixeira e Carlos Estellita-Lins, vocês me guiaram no novo horizonte da História das Ciências e da Saúde.

Aos queridos companheiros da turma 2012.1 do Curso de Mestrado e Doutorado, talvez vocês não tenham ideia da importância de vocês naquele momento da minha vida, mas ao seu lado pude ter de volta o prazer de aprender e pesquisar, principalmente Palmira Margarida, com quem a empatia foi a primeira vista já no processo seletivo. Espero levar muito de vocês para minha vida!

Agradeço aos professores Flavio Edler e Marcia Gonçalves pela participação na minha banca de qualificação e pelas críticas, observações e elogios, sempre muito carinhosos, e que foram fundamentais para acertar o caminho e concluir com segurança este trabalho.

Aos funcionários da Secretaria do Programa: Paulo, Claudia, Chris, Nelson e Sandro que sempre foram muito atenciosos e prestativos em seus serviços.

E, por fim, agradeço a CAPES e ao CNPq pelo financiamento da pesquisa através do Programa REflora.

*“Deus infinito e bom quis em teu seio
Casto amor infundir, perpetuo, imenso.
E a teus olhos abriu a natureza
Formosa e bela, variada e grande.
Às flores fez-te amar como o colibri,
E no tronco altaneiro achar a escala
Que o ser eleva às regiões celestes
Esposaste uma flor, e a flor deu fructo,
E esse fructo, meu Freire, é tua glória. ”*

S. Pedro, 14/12/1845.

ARAUJO PORTO-ALEGRE, Manuel.

“O Giquitibá da Serra de Santa Anna”

In: Revista Brasileira, 1857, p. 407.

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo estudar o contexto de emergência e consolidação de uma comunidade científica no Brasil do século XIX. E busca iluminar o papel das esferas de sociabilidade na constituição desta comunidade, bem como na construção da identidade de cientista brasileiro, a partir de um enfoque privilegiado sobre a atuação do botânico Francisco Freire Allemão.

Francisco Freire Allemão foi tomado como exemplo do *modus operandi* desta emergente comunidade científica que buscava ter seu espaço de atuação profissional reconhecido dentro do cenário de uma nação nos trópicos. Através da investigação da prática científica de Freire Allemão procurou-se pensar o estabelecimento de redes e espaços de sociabilidade como elementos fundamentais na formação de identidades e automodelação dos cientistas brasileiros do século XIX, que se reconhecendo entre si como “homens de ciência”, procuravam se destacar dentro da chamada “República das letras”.

Neste sentido, foi dada prioridade aos documentos/fontes de uma *escrita de si*, de forma a perceber como ocorre a auto-refenciação na composição da identidade de cientista de Freire Allemão. Através da correspondência pessoal deste botânico, analisada à luz de sua trajetória biográfica, procurou-se situá-lo como parte de uma geração de cientistas em busca de reconhecimento e legitimação no mundo científico do século XIX.

Os rastros e vestígios deixados na correspondência de Freire Allemão permitiram visualizar como essa trajetória de busca por legitimação e reconhecimento profissional participou na construção da identidade do botânico, como cientista e como brasileiro. Procurou-se demonstrar como ao mesmo tempo que ele tentava mobilizar as redes e espaços de sociabilidade ao seu favor, estas redes atuavam como modeladoras da identidade de cientista de Freire Allemão, ao lado das outras formas de escrita de si.

Palavras-chave: **Francisco Freire Allemão – República de Ciências – Sociabilidade – Escrita de si**

ABSTRACT

This dissertation aims to study the context of the emergence and consolidation of a scientific community in the nineteenth-century in Brazil. It seeks to illuminate the role of spheres of sociability in the creation of this community, as well as the construction of the Brazilian scientist identity, from a privileged focus on the trajectory of the botanist Francisco Freire Allemão.

Francisco Freire Allemão was taken as an example of this emerging scientific community *modus operandi*, who sought to have his professional workspace recognized within a tropical nation scenario. Through the investigation of Freire Allemão's scientific practice, we thought the networking and sociability spaces as key elements in the formation of identities and self-fashioning of Brazilian scientists of the nineteenth century, who recognizing themselves as "men of science", stood out within the so-called "Republic of Letters".

In this regard, priority was given to documents / sources of self writing, in order to understand how self-fashioning occurs in the identity composition from the scientist Freire Allemão. Through personal correspondence of this botanist, analyzed in light of his life histories, we tried to situate him as part of a generation of scientists in search of recognition and legitimacy in the nineteenth century scientific world.

The tracks and traces left in Freire Allemão's correspondence allowed us to visualize how his trajectory searching for legitimacy and professional recognition participated in the construction of his botanist identity, as a scientist and as a Brazilian. We tried to demonstrate how, while he tried to mobilize networks and sociability spaces in his favor, these networks acted as shaping Freire Allemão's scientist identity, alongside other forms of self writing.

Keywords: Francisco Freire Allemão - Republic of Science - Sociability - Self writing

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 - Correspondência de Freire Allemão

Tabela 1- Instituições e associações científicas das quais fizeram parte membros da Sociedade Vellosoiana entre 1840 e 1856.

LISTA DE SIGLAS

CCE – Comissão Científica de Exploração

SAIN – Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional

IHGB – Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

FBN – Fundação Biblioteca Nacional

SUMÁRIO

Introdução.....	1
Capítulo 1- Fazer ciência no Brasil Imperial: a formação de uma República de Cientistas	21
1.1 – Fazer ciência no Brasil: a herança de um Império Luso-brasileiro.....	22
1.2 - Ciência no Segundo Reinado: Sob a proteção do Imperador	27
1.3 - Um botânico na Corte	36
1.4 - Entre plantas e saberes: relações epistolares de Freire Allemão	44
Capítulo 2 - A “Velloziana”: construindo um espaço para a história natural no Brasil	60
2.1 - A constituição do campo da História Natural	61
2.1.1 - A botânica nos séculos XVIII e XIX.....	64
2.1.2 - A História Natural e a Botânica no Brasil	67
2.2 - A comunidade científica oitocentista e a Sociedade Velloziana do Rio de Janeiro	70
2.2.1- Conhecer a própria natureza	71
2.2.2- A reunião dos “Curiosos da Natureza”	75
2.2.3- A Velloziana e o espaço intelectual da Corte	81
2.2.4- Nos rastros de uma memória científica nacional	84
Capítulo 3 - Entre “cobras e lagartos”: a Comissão Científica de Exploração e a ciência Imperial.....	93
3.1 - A Comissão Científica de Exploração	93
3.1.1- A escolha dos membros da Comissão	97
3.1.2- A escolha do destino: por que o Ceará?	99
3.1.3- Da Corte à Europa: os preparativos para a viagem.....	103
3.1.4- A excursão tupi e suas peripécias pelo sertão	108
3.2 - A volta ao Rio e os resultados da Comissão	111
3.3 - Freire Allemão: entre infortúnios e descobertas.....	115
Considerações finais	125
Referências	129
Anexo 1 – Correspondência Freire Allemão	142

Introdução

No Brasil do Oitocentos, a questão da identidade nacional era central em todos os aspectos da vida política e cultural das elites letradas. Nacionalismo e Romantismo andavam juntos no trabalho de delimitação de uma identidade capaz de integrar os diversos “Brasis” que deveriam compor a nação.

Os ideais de progresso e civilização – oriundos do Iluminismo - que norteavam as sociedades ocidentais no século XIX ditavam quais deveriam ser os aspectos fundamentais para que uma nação alcançasse o que supunham ser o mais alto patamar de desenvolvimento.

¹ Uma nação civilizada deveria contribuir para o progresso da “Humanidade” através da ciência; ela seria o objeto capaz de elevar o espírito humano ao mais alto nível. A ciência no Brasil, enquanto resultado da racionalidade humana, assumiu em alguns momentos um caráter simbólico central na construção da Nação.

Passado o momento turbulento dos primeiros anos da Independência, marcado pela instabilidade política em função das disputas pelos projetos políticos de Brasil e pelo combate às revoltas populares e regionais², o Estado Imperial então passa a concentrar seus esforços em prol deste projeto político-cultural.

Ao longo do Segundo Reinado, as elites locais que compartilhavam o poder com o Imperador Pedro II se viam no impasse de consolidar a independência do país em termos simbólicos; se impôs a missão de levar a unidade nacional a termos efetivos, saindo do papel para a realidade. Para um país que se via como se desse os primeiros passos nos caminhos da liberdade e da civilização era preciso criar uma história, constituir uma árvore genealógica que o fizesse parte de uma família, onde buscar e encontrar suas origens.

O nacionalismo, junto ao movimento romântico brasileiro, alimentou a busca pelas origens, pelas tradições nacionais e pelo culto à história, influenciando de forma decisiva a intelectualidade deste período, que na conformação do projeto político centralizador do Império, procurou forjar um passado glorioso para o Brasil. As narrativas, relatos e descrições do Brasil e seu território deixadas por estrangeiros que por aqui passaram e também por

¹ Sobre este aspecto entendemos aqui que Iluminismo e Romantismo não são excludentes. A ideia de civilização forjada pelo Iluminismo não é refutada pelo movimento romântico, mas ganha cores locais a partir dos ideais nacionalistas e do papel que a história assume como reveladora do sentido por detrás da trajetória de cada povo ou nação. Segundo J. Guinsburg “(...) a história romântica traça a trajetória de cada povo, país ou nação como se ela fosse imbuída de um telos, de uma finalidade a presidir-lhe o sentido de sua existência e nascida de um ontos intrínseco, do ser-dor-grupo e do ser-em-grupo (...)” Cf. GUINSBURG, J. (Org.). *O romantismo*. São Paulo: Perspectiva, 2011. p.18.

² Cf. MATTOS, Ilmar Rohloff de. *O Tempo Saquarema*. São. Paulo: Editora Hucitec, 2004.

agentes da colonização portuguesa que desbravaram os territórios tropicais, foram amplamente exploradas pelos interesses deste projeto nacional³. Nos moldes do que Benedict Anderson chama de “*comunidade imaginada*”⁴, era preciso inventar uma nação com passado, presente e futuro.

Como foco principal do discurso unitário e civilizatório, a natureza edênica do Brasil passou a ser a personagem central ao lado do índio bravo, a exemplo dos grandes cavaleiros medievais das nações europeias⁵. Lorelai Kury fala dessa influência:

A história natural forneceu modelos interpretativos e imagens que foram utilizados por duas gerações de intelectuais para construir e entender o Brasil. (...). Portador de um olhar civilizado dirigido aos trópicos e capaz de classificar e hierarquizar o que vê, o naturalista estrangeiro inspirou parte da elite local em sua tarefa de forjar uma identidade para a nação brasileira. Nas artes, na literatura e na história não é difícil perceber a presença do ponto de vista do naturalista.⁶

Ocupando a natureza brasileira lugar de destaque como elemento simbólico da especificidade nacional, a história natural e a divulgação de suas teorias no seio da elite letrada adquiriram relevância para além das questões estritamente científicas. Londa Schiebinger aponta que o papel político assumido pela história natural no século XVIII põe em evidência a necessidade de gerenciamento da grande profusão de recursos naturais encontrados no Novo Mundo e que deveriam ser identificados e ordenados. O exato conhecimento da natureza se fazia necessário para exploração de suas utilidades para o homem.

No século XVIII, a necessidade de organizar e melhor aproveitar os dados sobre a natureza dos novos territórios, junto à influência do pensamento sistematizador das Luzes, levou o campo da história natural a sofrer grandes transformações teóricas que iriam influenciar todo o seu desenvolvimento ao longo do XIX e início do XX.

³ Sobre este tema Flora Sussekind aponta estes textos como substrato da atividade intelectual dos narradores de ficção das décadas de 1830 e 1840. Sussekind aponta que os textos que integravam esta literatura de viagem serviam como mapas imaginários para o trabalho de caça ao que seria uma essência da nacionalidade. Cf. SUSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

⁴ Cf. ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*. São Paulo: Cia das Letras, 2008.

⁵ GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Nação e civilização nos trópicos: O IHGB e o projeto de uma História Nacional. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.1(n.1),1988.

⁶ KURY, Lorelai. Ciência e nação: romantismo e história natural na obra de Silva Maia. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, vol. V, nº 2, jul.-out. 1998, p.2.

No caso do Brasil, a história natural e seus ramos - como a botânica, a geologia, a zoologia, a etnografia, entre outras - seriam um dos escopos principais da ciência nacional, como afirmou Heloisa Maria Bertol Domingues:

História e história natural se confundiam quando olhadas através da noção de civilização, que definia o sentido e a continuidade do homem e da sociedade. Interpretados numa linha lenta e gradativa de refinamento e educação⁷

O período de 1841 a 1864, entre a decretação da maioria do Imperador e o início da Guerra do Paraguai, é caracterizado pela estabilidade política que garante a consolidação de uma Monarquia nos trópicos, e pelo fortalecimento de diversas práticas científicas que se desenvolviam desde os tempos da colônia.

Desta forma a figura do Imperador Pedro II surge como fundamental no processo de institucionalização das ciências no Brasil ao longo do século XIX. Em torno do sábio monarca, e sob seus auspícios, é que a ciência no Brasil ganharia status de discurso oficial da Nação. Como afirma Magali Romero Sá:

A segunda metade do século XIX pode ser caracterizada como uma época de mudanças significativas no cenário científico nacional. A afirmação da comunidade científica brasileira começou a se definir a partir de movimentos liderados por alguns doutos cientistas que, pressionando por uma política mais agressiva do governo em relação à reformulação das instituições científicas e ao apoio a cientistas nacionais, criaram um cenário propício ao desenvolvimento de velhas e novas disciplinas ligadas às ciências e à formação de especialistas brasileiros que se tornariam referência mundial⁸

Neste período, entre as formas de legitimação buscadas por esses cientistas estavam a formação acadêmica no exterior e a relação com cientistas estrangeiros de renome. Além disso, buscavam a inserção nas instituições científicas existentes no período e que eram espaços de sociabilidade privilegiados, onde buscava-se dinamismo cultural e científico.

Qualquer cientista membro desta sociedade deveria entender muito bem como funcionava este jogo social, dada a ambição de uma geração romântica que desejava constituir para o Brasil as bases científicas necessárias para enquadrá-lo no conjunto das nações civilizadas, e que *“punha no culto à ciência o mesmo fervor com que venerava a arte;*

⁷ DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol. O Homem, as Ciências Naturais e o Brasil no Século XIX. *Acervo*, Revista do Arquivo Nacional. Rio de Janeiro, Vol. 22, nº1 (jan./jun. 2009), p.168.

⁸ SÁ, Magali Romero. O botânico e o mecenas: João Barbosa Rodrigues e a ciência no Brasil na segunda metade do século XIX. *História, Ciências, Saúde – Magalhães*. Vol. VIII (suplemento), 2001, p.900.

tratava-se de construir uma vida intelectual na sua totalidade, para progresso das Luzes e consequente grandeza da pátria”⁹.

A importância das redes de sociabilidade científica como elementos fundamentais na formação de identidades e automodelação dos cientistas brasileiros do século XIX, caracteriza os interesses e necessidades reivindicadas e promovidas por uma comunidade científica emergente. Ao longo da constituição destes espaços de sociabilidade numa relação de tenso equilíbrio entre os indivíduos que os compõem, desenvolve-se um mecanismo de modelação de uma *scientific personae*.¹⁰

Dentro deste contexto, a possibilidade de estudo mais detalhada dessa emergente comunidade científica brasileira do Oitocentos se torna viável a partir de um enfoque na trajetória de vida do botânico Francisco Freire Allemão. Este cientista, devido a sua inserção social no ambiente científico da Corte, pode ser tomado como exemplo do *modus operandi* deste grupo que buscava ter seu espaço de atuação profissional reconhecido dentro do cenário da corte do Rio de Janeiro.

Através da investigação da prática científica de Freire Allemão, pretendemos fazer o exame mais detalhado de como se deu a atuação dele no espaço social da corte, e nos meios científicos da botânica, tanto em nível internacional como nacional, de forma a percebermos nele um exemplo de uma das trajetórias possíveis de brasileiros que almejavam legitimação profissional neste intrincado contexto de uma civilização nos trópicos.

Sendo assim, este trabalho se dedica a estudar o contexto de emergência e consolidação de uma comunidade científica no Brasil do século XIX. E busca iluminar o papel das esferas de sociabilidade na constituição desta comunidade, bem como na construção da identidade de cientista brasileiro, com um enfoque privilegiado na atuação de Freire Allemão.

Francisco Freire Allemão

Francisco Freire Allemão de Cysneiros nasceu em 1797, na Fazenda do Mendanha, freguesia de Nossa Senhora do Desterro de Campo Grande, atual Zona Oeste do estado do Rio de Janeiro. De origem humilde e com ajuda do irmão mais velho, ingressou, em 1822, na Academia Médico-Cirúrgica do Rio de Janeiro, onde se diplomou como cirurgião-aprovado,

⁹ CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira*. São Paulo: Martins, volume 2, 1959, p.12.

¹⁰ Cf. DASTON, Lorraine. SIBUM, H. Otto. Introduction: Scientific Personae and Their Histories. *Science in Context*, 16 (1/2), 1–8 (2003).

em 1827. Frequentou a Universidade de Paris a convite do governo francês¹¹, doutorando-se em medicina na Faculdade de Medicina na mesma cidade em 1831, onde foi aluno do químico Jean-Baptiste Dumas (1800-1884) e do naturalista Georges Cuvier (1769-1832).

Quando retornou ao Brasil, lecionou na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, como lente de botânica e zoologia médicas, desde 1833 até ser jubilado em 1853. Foi ainda lente da seção de ciências físicas e naturais na Escola Central, de 1858 a 1866, onde lecionou a cadeira de botânica. Era muito bem quisto por seus alunos e pelo Imperador Pedro II, de quem foi médico particular a partir de 1840, quando foi nomeado médico da Imperial Câmara. Em 1843 integrou a comitiva imperial, encarregada de acompanhar a vinda, de Nápoles ao Rio de Janeiro, da noiva do Imperador Pedro II, a então princesa D. Teresa Cristina. Posteriormente foi professor de botânica das princesas Isabel e Leopoldina.

Tomou parte na Comissão Científica de Exploração das Províncias do Norte (1859 - 1861), primeira expedição científica composta exclusivamente por brasileiros, e que foi alvo de diversas críticas alimentadas por disputas políticas, ficando conhecida como “Comissão das Borboletas”. Como Presidente e chefe da Seção Botânica, Freire Allemão viajou, ao lado de Guilherme Schüch de Capanema, Antônio Gonçalves Dias, Manuel Ferreira Lagos, Giacomo Raja Gabaglia, José Reis de Carvalho e seu sobrinho Manoel Freire Allemão, por toda a província do Ceará.

Membro de diversas associações profissionais e científicas de sua época, entre elas o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, e a Sociedade Velloziana do Rio de Janeiro (1850-1856), da qual foi fundador e presidente. Freire Allemão foi presidente, por duas vezes (1832, e 1838-1839), da Academia Imperial de Medicina; e diretor do Museu Imperial entre 1866 e 1870.¹²

Questões teóricas

Nos últimos anos o tema da atividade científica no Brasil do século XIX tem conquistado cada vez mais espaço no âmbito da História das Ciências, apontando novas

¹¹ Em seu relato autobiográfico Freire Allemão aponta que naquela época o governo francês oferecia bolsas de estudos nas suas faculdades para brasileiros que estivessem interessados em completar seus estudos, e garantia passagem de ida e volta em navios de guerra franceses. Cf. ALLEMÃO, Francisco Freire. Notícia sobre minha vida. [Rio de Janeiro, 1874]. Divisão de Manuscritos/FBN. I-28,05,090 n°001-002.

¹² Estas informações biográficas sobre Freire Allemão foram retiradas do verbete sobre o botânico no Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930). Disponível em <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br>. Acesso em: 21/04/2014.

perspectivas sobre a prática científica no Brasil trazidas à tona por estes estudos que reavaliam a tradicional dicotomia entre centro-periferia.

Considerar a nova perspectiva do que era ciência no Brasil oitocentista, a partir destes últimos estudos da historiografia da ciência é concordar com a afirmação da existência de uma emergente comunidade científica no Brasil em pleno século XIX, o que requer uma reavaliação da tradicional dicotomia entre centro-periferia. Os clássicos estudos sobre história da ciência no Brasil¹³ veicularam por muito tempo a tese de que a atividade científica no Brasil até 1930 era quase inexistente, ou pouco relevante, e marcada pelo atraso em relação aos centros europeu e norte-americano, tomados como referência na análise dicotômica e difusionista de centro-periferia difundida a partir dos anos 50.

Kapil Raj aponta os estudos dos historiadores George Bassalla e Joseph Needham como os de maior expressão desta linha interpretativa, que tem na crença da existência de uma ciência universal o mote principal para a perspectiva difusionista que é calcada no conceito de que a ciência moderna é nascida na Europa e somente idealmente reproduzida nos Estados Unidos. O foco neste tipo de análise nos diversos estudos de “ciência colonial” aponta para casos bem ou mal sucedidos de reprodução das teorias científicas formuladas em solo europeu e norte-americano.¹⁴

A partir da década de 1980 e início da década de 1990, estes tipos de estudos começaram a ser questionados tendo em vista as limitações desta análise dicotômica, que tinha em conta um conceito de ciência como um valor moral e um conjunto fixo e neutro de conhecimentos e procedimentos.¹⁵ De fato, esta concepção ia de encontro aos estudos da nova historiografia e sociologia da ciência que propunham uma visão dessacralizada da ciência e de sua produção enquanto uma atividade eminentemente social¹⁶. Além disso, estes novos estudos apontam para a ideia da existência de diversos centros e periferias, numa concepção mais dinâmica de circulação de saberes científicos e não mais de difusão.¹⁷

A partir destas novas possibilidades é que surgem na América Latina novos estudos que procuraram “pensar a nossa ciência” a partir de uma “*modernização conceitual e*

¹³ Ver estudos de Fernando Azevedo, Nancy Stepan, Simon Schwartzmann e Mário Guimarães Ferri e Shozo Motoyama.

¹⁴ Cf. RAJ, Kapil. Beyond Postcolonialism and Postpositivism: circulation and the Global History of Science. *Isis*, vol.104, nº2 (June 2013). pp.337-347.

¹⁵ Sobre estes estudos sobre “ciência colonial” que apontam novas perspectivas de análise do desenvolvimento das ciências fora do continente europeu e norte-americano, apresento detalhes na introdução.

¹⁶ Cf. os trabalhos de T.S. Kuhn. *A estrutura das revoluções científicas*. (2006), D. Bloor *Conhecimento e imaginário social*. (2009) e B. Latour. *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. (2000).

¹⁷ Cf. RAJ. Beyond Postcolonialism. *op.cit.*, GAVROGLU, Kostas et all. Science and Technology in the European Periphery; Some Historiographical Reflections. In: *History of Science*, 46 (2008): 153-175.

terminológica pela busca de uma originalidade epistemológica”¹⁸. Juan José Saldaña indica que estes estudos¹⁹ buscaram enfoques numa difusão transcultural da ciência, pensado a partir de um processo de incorporação ou domesticação da ciência em contextos sociohistóricos bem definidos:

O surgimento dos quadros conceituais que incluem a compreensão da ciência no contexto latino-americano teve tal caráter inovador que, para sua conceituação e expressão, foi necessário empregar uma terminologia emprestada, antes de produzir uma própria. Foi assim que surgiu, por exemplo, a noção de periferia aplicada à ciência.²⁰

Contudo, apesar do caráter inovador destes estudos, a adoção do binômio centro-periferia formulado para pensar a difusão da ciência europeia, desde a Revolução Científica, atribuía o status de ciência colonial para os países periféricos em relação aos centros políticos e científicos europeus e norte-americanos. Maria Amélia Dantes, em seu trabalho sobre as instituições imperiais na historiografia das ciências, aponta que esta perspectiva foi responsável, por exemplo, por considerar pouco relevante a ciência no contexto do Brasil Imperial, avaliando sua existência apenas como manifestações esporádicas, dependentes da atuação de estrangeiros, com um viés utilitarista e que recebia pouco ou nenhum apoio político e social para sua consolidação²¹. Estes estudos, apesar de reconhecerem a existência de instituições científicas, conferiam-lhe uma atuação pouco significativa, aparecendo como meras figurantes para uma elite imperial letrada.²²

Mais recentemente num movimento de retomada destes trabalhos, autores como Kostas Gavroglu, Sujit Sivasundaram, Roy MacLeod, James McClelland, François Regourd e Kapil Raj, entre outros, propõem uma reformulação das teorias e metodologias de pesquisa da história da ciência, sob a perspectiva da apropriação em detrimento das perspectivas de transmissão, transferência e distribuição:

¹⁸ Cf. SALDAÑA, Juan José. Ciência e Identidade cultural: a história da ciência na América Latina. In: FIGUEIRÔA, Silvia. *Um olhar sobre o passado: História das ciências na América Latina*. Campinas: Ed. Unicamp, 2000. p. 18.

¹⁹ Saldaña aponta como principais autores deste momento Trabulsi, J. M. Carvalho, J. I. Lopez Socia, A. Lafuente, entre outros.

²⁰ Id. Ibidem. p. 24.

²¹ DANTES, Maria Amélia M. “As instituições imperiais na historiografia das ciências no Brasil”. In: HEIZER, Alda e VIDEIRA, Antonio Augusto Passos (orgs). *Ciência, civilização e império nos trópicos*. Rio de Janeiro: Access, 2001. pp.225-234.

²² Dantes indica como principais referências para estes estudos os livros de Fernando Azevedo, *As Ciências no Brasil* (1955), e de Simon Schwartzmann, *Um espaço para a ciência: a formação da comunidade científica no Brasil* (1979).

A historiography of appropriation allows us to examine systematically the particular forms of the fusion of aspects of the Science and technology with local traditions, and specific forms of resistance encountered by these new ideas and techniques (...) ²³

Sendo assim, esta nova perspectiva metodológica nos permite visualizar as ditas “periferias” como lugares de produção de conhecimento, e não somente de reprodução, através da investigação particular dos modos de apropriação de ideias e práticas científicas de acordo com os contextos e demandas locais. Isso implica o estudo das particularidades de discursos locais, não pelo viés de identificação de uma teoria interpretada e aplicada corretamente, mas da forma que esta teoria atende às especificidades (sejam elas políticas, econômicas, sociais e/ou culturais) do lugar de recepção. Passa-se assim da metáfora do círculo para a da rede, como nos falam David Wade Chambers e Richard Gillespie:

Because modern science arose principally in one geographic locale, historians of science had taken the wheel as the metaphor for its international structure: its center was in Europe (displaced this century to the mid-Atlantic), with the rest of the world revolving around. But the metaphor of the wheel is exceedingly misleading. (...) modern science is better understood, both metaphorically and actually, as a polycentric communications network. ²⁴

Desta forma, as inúmeras possibilidades de campos de investigação no âmbito da ciência e tecnologia ampliam o quadro para uma imagem muito mais rica e complexa de como ciência e tecnologia se integram nas ditas realidades periféricas. Na tentativa de discernir o surgimento de múltiplos espaços de apropriação e enfatizar a multiplicidade dos espaços de legitimação, estratégias profissionais e agendas pessoais tornam-se inevitavelmente dimensões significativas desses estudos.

No Brasil, diversos foram os trabalhos, que inspirados por estas novas perspectivas, desenvolveram a temática de emergência de uma comunidade científica no Brasil no século XIX, entre eles estão os trabalhos mais recentes de Maria Amélia Dantes, Silvia Figueirôa, Margaret Lopes, Lorelai Kury, Flavio Edler, entre outros. De maneira geral todos esses estudos apontam para uma nova compreensão dessa comunidade científica, a partir da constatação de redes sociais estabelecidas entre cientistas de forma a promover um intercâmbio científico entre nacionais e estrangeiros, objetivo claramente perceptível a partir do estabelecimento de

²³ GAVROGLU. *Ibidem*. p.160.

²⁴ CHAMBERS, David Wade; GILLESPIE, Richard. Locality in the History of Science: Colonial Science, Technoscience, and Indigenous Knowledge. In: *Osiris*, 2nd Series, vol. 15 (Nature and Empire: Science and the Colonial Enterprise), 2000, p.223.

associações científicas e profissionais no País. Essa visão contrapõe-se à ideia corrente na historiografia tradicional de que a ciência no Brasil se dava através da reprodução das ideias formadas no meio científico europeu.

Sendo assim, explorar esta discussão é de fundamental importância para pensar a institucionalização das práticas científicas no Brasil. Pensar essa institucionalização significa identificar os diferentes espaços e meios de legitimação científica constituídos por aqueles que integravam a emergente comunidade científica do Oitocentos.

Maria Amélia Dantes, ao propor uma “história institucional” das ciências no Brasil que destaque as instituições e associações científicas como espaços de legitimação social de saberes e práticas, indica que estas devem deixar de serem vistas como celebrações de determinados grupos sociais e saberes consagrados socialmente para se tornarem “*formas organizacionais [que] passaram a ser vistas como indissociáveis dos desenvolvimentos conceituais das ciências*”²⁵.

Segundo esta perspectiva a associação científica é compreendida como uma forma sociológica de corporificação de valores culturais, percebida como um microcosmos social onde liberdades e coerções são perceptíveis através dos limites e marcos institucionais específicos delimitados por seus membros e resultantes do contexto de sua atuação. Considerada como “*a bigorna na qual são moldados, em forma viável, os valores muitas vezes conflitantes da ciência e da sociedade*”²⁶, revela-se um fator fundamental no processo de implantação e legitimação de práticas e conhecimentos científicos.

Neste sentido é preciso que o termo *instituição* não seja entendido somente em seu sentido tradicional, mas antes como *espaço institucional* nos moldes definidos por Silvia Figueirôa:

Não apenas no sentido mais restrito de instituições científicas, tais como museus e institutos de pesquisa, mas como o conjunto de todas as possibilidades de realização e divulgação de atividades científicas (conforme o sentido da época). (...) Assim, um museu e uma revista, por exemplo, são igualmente espaços institucionais, embora apresentem características diversas e específicas.²⁷

²⁵ DANTES. As instituições imperiais . *Op. cit.*, p. 230.

²⁶ HANN, R. apud DANTES, Maria Amélia M. “Introdução”. In: *Espaços de ciência no Brasil*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001, p. 14.

²⁷ FIGUEIRÔA, Silvia apud FREITAS, Maria Helena. Considerações acerca dos primeiros periódicos científicos brasileiros. In: *Revista Ciência da Informação*, v. 35, n. 3 (set-dez 2006), p. 54.

A partir desta perspectiva diversos foram os estudos sobre os caminhos da institucionalização das ciências no Brasil Imperial. Nesses trabalhos é evidenciado o papel dos ideais do iluminismo e do apoio governamental, desde finais do século XVIII, as iniciativas de estabelecer espaços de discussão e divulgação da prática científica.

No que tange as instituições e associações científicas Maria Alice Rezende de Carvalho afirma que ao longo do século XIX no Brasil a principal característica da organização intelectual é dada pela “(...) *iniciativa do Poder Moderador em organizar agências intelectuais conforme um movimento de modernização sob controle político do Imperador.*”²⁸.

A imagem constituída de Pedro II como um monarca sábio e mecenas, com grande interesse pelas artes e ciências, em oposição à imagem de seu pai Pedro I, condizia com os interesses políticos de reunir em torno do Imperador o centro unificador da grande nação brasileira. O cientista, ou antes, os cientistas, que procuravam se afirmar como tal e almejavam espaços de legitimação de suas práticas deveriam estar a par dos mecanismos sociais que deveria acionar e mesmo as escolhas que deveriam fazer.²⁹

A metáfora do teatro, de Stephen Greenblatt³⁰, ou da sociedade das máscaras de Norbert Elias³¹ fornece uma imagem útil de como deveria agir um indivíduo que buscasse espaço em cenário semelhante. Greenblatt, ao estudar o tema da modelagem dos homens, tão recorrente nas obras literárias de autores do início da época moderna, identifica a partir da metáfora do teatro, a automodelagem como o mecanismo de autocontrole num sistema cultural que marcaria a sociedade ocidental desde os idos da Renascença.

Elias em seu trabalho sobre as relações sociais existentes na Corte do rei Luís XIV na França, procura entender a racionalidade por detrás da estrutura social deste meio. Formulando o conceito de figuração, ele nos aponta essa racionalidade como baseada no autocontrole que garantia o equilíbrio de forças entre os indivíduos e a estrutura social em que estavam envolvidos, o que garantia ao mesmo tempo a afirmação de suas individualidades e a sustentação do sistema.

Embora os trabalhos de Elias e Greenblatt se refiram a períodos anteriores ao Império brasileiro, os principais aspectos característicos da sociedade de corte levantados por estes

²⁸ CARVALHO, Maria Alice Rezende de. Temas sobre a organização dos intelectuais no Brasil. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 22, nº 65, outubro de 2007, p.19.

²⁹ Sobre este tema também é muito esclarecedor o trabalho de Mario Biagioli sobre o fazer ciência na corte, a partir do estudo da atuação de Galileu Galilei na corte dos Médici. Cf. BIAGIOLI, Mario. *Galileu, cortesão: A prática da ciência na cultura do absolutismo*. Porto Editora: Porto, 2003.

³⁰ Cf. GREENBLATT, Stephen. *Renaissance Self-Fashioning: from More to Shakespeare*. Chicago: Chicago University Press, 1980.

³¹ Cf. ELIAS Norbert. *A Sociedade de Corte*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

autores são tomados aqui com referências para a análise sobre os mecanismos operantes nos jogos de poder que regulam os comportamentos individual e coletivo em conjunturas semelhantes a da corte do Rio de Janeiro, entendendo a figura de D. Pedro II como crucial para o estudo que aqui se pretende desenvolver. A famosa frase atribuída ao governante “*A ciência sou eu*”, proferida em uma das sessões do IHGB³², pode fornecer uma ideia de como eram pautados os mecanismos para se fazer ciência no Brasil do segundo Reinado.

Instituições como o Imperial Observatório, o Museu Nacional, a Academia Imperial de Medicina, a Biblioteca Nacional, o Jardim Botânico, a Academia Imperial de Belas Artes e o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, quando não foram iniciativas do próprio Estado, recebiam apoio do Imperador e, que seja por meio de incentivos financeiros ou simplesmente apoio ideológico, tinham sua existência e duração submetida à vontade de Pedro II, se tornando elemento constitutivo do poder imperial.

Dentro deste contexto outro espaço de extrema importância para a discussão e divulgação da prática científica é a imprensa periódica. Muitos trabalhos procuram chamar a atenção para a importância dos espaços de publicação científica e seu papel na consolidação e reconhecimento de práticas científicas ao longo do século XIX. Sendo assim, a imprensa periódica é apontada como um dos fatores que contribuiu para a consolidação e fortalecimento de uma comunidade científica emergente.

A busca por espaços de publicação especializados em ciências por parte destes homens ilustrados, diz respeito a um processo de legitimação e especialização de práticas científicas, em curso desde meados do século XVIII na Europa. O surgimento dos periódicos especializados para a publicação científica se liga diretamente à tentativa de diferenciação buscada por estes cientistas, que se reconhecendo entre si como “homens de ciência”, procuravam se destacar dentro da chamada “República das Letras”.

A “República das Letras” é comumente entendida como um espaço de representações de poderes intelectuais reais e simbólicos, onde o espírito filosófico, entendido como portador da razão crítica, é o que demarca o lugar de formação e difusão da opinião pública. Segundo o historiador Jean-Pierre Schandeler:

Grâce à cette fonction émancipatrice, l’esprit philosophique peut être investi de deux missions. Celle d’abord d’assurer la cohésion intellectuelle de la

³² SCHWARCZ, Lilia Moritz e DANTAS, Regina. O Museu do Imperador: quando colecionar é representar a nação. In: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n° 46, fevereiro de 2008, p. 154.

Société des gens de lettres. (...). La seconde mission, qui ne manque pas non plus d'ambition, est d'assurer la cohésion de la nation.³³

Ele afirma ainda que com a emergência e centralidade progressiva conquistada pelas ciências da natureza após 1775, uma entidade autônoma e hipoteticamente independente começa a ganhar espaço dentro desta “República das letras”, que a partir de então tem seu domínio reduzido progressivamente ao campo literário. Neste momento, a emergência do conceito de utilidade associado à categoria de ciências abstratas resulta em uma gradual definição do campo científico dissociado do campo literário.³⁴

Irene Passeron explica que a noção de uma “République des Sciences” é criada pelos iluministas numa tentativa de autonomização do campo das ciências da natureza em função do universo das letras e da filosofia.³⁵ Patrick Bungener aponta que apesar do termo “República das Ciências” figurar no vocabulário intelectual desde meados do século XVIII, essa dissociação de uma “República das Letras” é melhor percebida a partir do início do século XIX, quando os periódicos científicos se multiplicam como forma de comunicação das ideias científicas debatidas e apresentadas nas associações e instituições científicas.³⁶

Sendo assim, instituições e periódicos científicos se complementam, junto a outros mecanismos e espaços, como instrumentos de afirmação do fazer e relatar ciência ao longo dos séculos XVIII e XIX. A prática científica, neste período, se pretendia universal e fruto da união entre formação, experiência e prática. Calcada numa concepção de saber compreendida como consequência do florescimento das Luzes e um contributo para o progresso dos homens e das nações. Nesse sentido, desde fins do século XVIII e com mais força no século XIX, a prática científica deixa de ser uma ocupação de diletantes, para adquirir um caráter profissional, pelo qual buscavam reconhecimento seus praticantes:

A partir do final do século XVIII, a nova configuração dos saberes e a crescente importância da técnica e da indústria propiciaram um rearranjo das atividades que pressupunham erudição e um ethos pretensamente vinculado ao ‘desinteresse’ pelas atividades práticas.³⁷

³³ SCHANDELER, Jean-Pierre. République des sciences ou fractures de la République des lettres?. *Dix-huitième siècle*, vol. 1 n°40, 2008, p. 320.

³⁴ Cf. Idem. *Ibidem*.

³⁵ Cf. Passeron Irène *et al.*. La République des sciences. Réseaux des correspondances, des académies et des livres scientifiques. Introduction. *Dix-huitième siècle*, vol. 1 n°40, 2008, p. 5-27.

³⁶ Cf. BUNGENER, Patrick. Un botaniste dans la république des sciences: Augustin-Pyramus de Candolle et ses correspondants scientifique. *Dix-huitième siècle*, vol. 1 n°40, 2008, p.153-171.

³⁷ KURY, Lorelai. Fazer ciência no Brasil imperial: Freire Alemão, naturalista e viajante. Proposta de pesquisa apresentada ao CNPq, p. 2.

Intrinsecamente relacionados a esta questão, se destacam os estudos de caráter biográfico na área de história das ciências, em confluência com o ressurgimento da temática biográfica na historiografia atual. Estudos e análises da trajetória de vida de um indivíduo surgem como possibilidade de reconstrução dos modos e das formas de sociabilidade operantes em determinado meio social.

Roger Chartier ao tratar do tema da Revolução Francesa a partir de uma perspectiva dos estudos culturais, chama atenção para a intrínseca relação entre a sociabilidade intelectual e a cultura política da época. Ele aponta que a sociabilidade intelectual é carregada de conteúdo político, mesmo quando as práticas a ela pertencentes possam parecer distantes dos conflitos em torno do poder. Neste sentido, a sociabilidade assume papel fundamental na constituição de um espaço público livre e autônomo para o uso da crítica a partir de múltiplas práticas intelectuais e sociais.³⁸

No que tange à possibilidade do estudo biográfico, como metodologia para obtenção do conhecimento histórico, apontamos Giovanni Levi e Pierre Bourdieu e também o próprio Elias, em seu estudo sobre Mozart.

Levi, ao tratar dos usos da biografia para a historiografia contemporânea, indica o advento de novos paradigmas científicos ao longo do século XX, o surgimento da psicanálise e a crise da concepção mecanicista na física, como responsáveis pela mudança do foco das propriedades para as probabilidades como objeto da descrição, onde o ponto de vista do observador assume papel central. Isto segundo o autor propiciou um novo entendimento da identidade, não mais como algo fixo e imutável, mas como relativa e mutável de acordo com as circunstâncias. Esta nova perspectiva identitária aliada às novas abordagens das estruturas sociais, menos esquemáticas, oferece uma nova perspectiva no uso das biografias. Neste novo panorama as biografias surgem como possibilidade de compreensão de como se definem os indivíduos em relação ao grupo, ou se reconhecem numa classe, a trajetória de vida deixa de ser o foco do objeto e passar a ser o meio pelo qual se chega nele.

Na esteira da mesma discussão, Bourdieu salienta a indispensável reconstrução minuciosa do contexto, a “superfície social”, pluralidade de campos em que transita o indivíduo, como fundamental para evitar a “ilusão biográfica”. Bourdieu indica ainda, como uso possível da biografia o estabelecimento da relação homóloga entre o *habitus* de grupo e o *habitus* individual, onde a diversidade na homogeneidade é a característica fundamental que une os diferentes indivíduos, membros de uma mesma classe. Em outras palavras, “(...) o

³⁸ Cf. CHARTIER, Roger. As origens culturais da Revolução Francesa. São Paulo: Editora da Unesp, 2009. p. 41-44.

estilo pessoal não é senão um desvio em relação ao estilo próprio de uma época ou de uma classe”³⁹

Diversos são os trabalhos sobre cientistas brasileiros que são tomados como exemplo de atuação de sua época e de seu meio social, ajudando a compreender padrões mais amplos em distintas áreas de atuação das ciências. Neste sentido é que Theodore Porter e Silvia Figueirôa propõem reflexões sobre a exploração do gênero biográfico no âmbito das pesquisas de história das ciências e tecnologia. Porter afirma:

These [scientists] are produced not merely by training in a discipline but by all the circumstances, relationships, and expectations that structure their lives. A more inclusive form of biographical study can provide materials for a history of the scientist, a vital dimension of the history of reason in the world.⁴⁰

Lorraine Dastom e Otto Sibum propõem a introdução do conceito de Marcel Mauss de *persona* para a história da ciência para mostrar como ele pode ser proveitosamente implantado em diversos períodos, localidades e disciplinas. *Personas* são criaturas nascidas dentro de uma circunstância histórica; elas surgem e desaparecem dentro de contextos específicos. A *persona* nascente indica a criação de um novo tipo de indivíduo, cujos traços distintivos marcam uma espécie social reconhecida. A definição de uma *scientific personae* serve aqui como distintivo na investigação do elemento pessoal como representante de uma classe em vez de qualquer indivíduo em particular.⁴¹

Partindo desses pressupostos se torna claramente perceptível que estas estratégias de legitimação são utilizadas por Freire Allemão. Ao tentar estar inserido em espaços científicos que lhe permitisse divulgar seus trabalhos e conhecer o que estava sendo produzido por aqueles que considerava ser seus pares da área de história natural, Freire Allemão concentrou grandes esforços para fazer parte de instituições e associações científicas dedicadas ao estudo da história natural e da botânica, e aliado a isto entendia a necessidade de publicar seus trabalhos e estudos para que fosse reconhecido como membro legítimo dos espaços nos quais buscava se inserir.

Estudos de alguma pretensão biográfica sobre Francisco Freire Allemão já foram realizados por José Saldanha da Gama, Darcy Damasceno, Lorelai Kury, Rita de Cássia

³⁹ BOURDIEU, Pierre apud LEVI, Giovanni. “Usos da biografia”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes. AMADO, Janaína (Coord.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p.174.

⁴⁰ PORTER, Theodore M. Is the Life of the Scientist a Scientist Unit? *Isis*, vol.97, 2006, p. 321.

⁴¹ Cf. DASTON and SIBUM. Introduction. *Op. cit.*

Moraes, Rachel Pinheiro e Francisca Hisllya Bandeira Cavalcante. Gama e Damasceno exploram um esboço biográfico de celebração da obra de Freire Allemão. O primeiro por ocasião da publicação do volume dos anais da Biblioteca Nacional dedicado à coleção de documentos de Freire Allemão, que está depositada na mesma Instituição. O segundo, logo após o falecimento de Freire Allemão, em 1875, em um número da Revista do IHGB. Moraes de fato empreendeu um estudo biográfico como objeto de sua Dissertação, onde o escopo principal se fixou na análise do papel desempenhado por Freire Allemão no cenário científico brasileiro do século XIX, a partir de sua trajetória acadêmica. Por sua vez, Kury, Cavalcante e Pinheiro se restringiram a um esboço biográfico voltado para a atuação desse cientista na Comissão Científica de Exploração e significância desta expedição para consolidação do espaço científico brasileiro.

Fontes e Metodologia

No presente trabalho buscamos dar prioridade aos documentos/fontes de uma *escrita de si*, de forma a perceber como ocorre a auto-refenciação na composição da identidade de cientista de Freire Allemão. Como uma das formas de escrita biográfica Angela de Castro Gomes nos apresenta o conceito de *escrita de si*, como conjunto de práticas culturais, através das quais o indivíduo moderno constitui uma identidade para si através dos documentos, consciente ou inconscientemente. Diários, cartas, memórias e relatos autobiográficos são apontados por Angela de Castro Gomes como espaços de atuação de um “teatro da memória”, onde:

(...) os indivíduos e grupos evidenciam a relevância de dotar o mundo que os rodeia de significados especiais, relacionados com suas próprias vidas, que de forma alguma precisam ter qualquer característica excepcional para serem dignas de serem lembradas.⁴²

Para Michel Foucault o ato de uma escrita de si, é apontada como a constituição de um corpo, a materialização das palavras em verdade. Como uma das ferramentas da *askesi*, adestramento de si por si mesmo, ela adquire corpo, forças e sangue. “*Ela transforma-se, no*

⁴² GOMES, Angela de Castro. “Introdução”. In: *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 11.

próprio escritor, num princípio de ação racional. Em contrapartida, porém, o escritor constitui a sua própria identidade mediante essa recoleção das coisas ditas.”⁴³

Dentre estas fontes a correspondência ganha destaque em vista de seu papel singular na constituição de redes de sociabilidade. Poucos são os trabalhos⁴⁴, a utilização da correspondência como fonte privilegiada na História das Ciências ainda tem sido pouco explorada, que atentam para significância fundamental deste tipo de fonte para a observação das sociabilidades características de uma determinada comunidade científica. Como afirma Outram:

The existence of a large body of correspondence is not simply a result of the absence of telephone and typewriter; on the contrary, letters had positive, complex and changing functions whose mapping is vital to our understanding of the milieu which generated them and of their place in that milieu.⁴⁵

Sob esta perspectiva a escrita epistolar ganha um contorno diferenciado, quando entendida como uma forma de escrita de si. Como prática eminentemente relacional, a escrita de missivas é um espaço privilegiado de sociabilidade onde ocorre o estreitamento de vínculos entre indivíduos e grupos. O ato de escrever cartas implica um pacto onde a interlocução assume papel central na construção de novos códigos de relações sociais. Quem escreve cartas sempre tem em mente um destinatário, sendo assim estabelece-se um jogo interativo entre quem escreve, aquele que “dá-se a ver”, e quem lê, que está ao mesmo tempo “vendo e sendo visto”⁴⁶. Neste sentido, Michel Foucault afirma:

A carta faz o escritor “presente” àquele a quem a dirige. E presente não apenas pelas informações que lhe dá acerca da sua vida, das suas atividades, dos seus sucessos e fracassos, das suas venturas ou infortúnios; presente de uma espécie de presença imediata e quase física.⁴⁷

⁴³ FOUCAULT, Michel. “Escrita de si”. In: *O que é um autor?*. Portugal: Veja/Passagens, 2002. p. 143-144.

⁴⁴ Podemos citar aqui o trabalho de Rachel Pinheiro, sobre a correspondência de Guilherme Shuch de Capanema durante a CCE. Temos também o projeto “Darwin Correspondence Project”, promovido por diversas instituições entre elas British Ecological Society e a John Templeton Foundation. Outros trabalhos sobre correspondência como fonte histórica, que não atendem exatamente ao tema da História das Ciências, podemos citar os trabalhos de Angela de Castro Gomes (2006), de Walnice Galvão e Nadia Gottib (2000), entre outros ligados à área de estudos pedagógicos e de história da educação.

⁴⁵ OUTRAM, Dorinda. *The letters of Georges Cuvier*. London: BSHS, 1979, p. 1.

⁴⁶ Cf. GOMES. Escrita de si. *Op.cit.*

⁴⁷ FOUCAULT. “A escrita de si”. *Op.cit.* p.149-150.

Cartas são espaços de produção de si mesmo e do outro, um espaço de construção do sujeito através da prática relacional na qual se constitui. Como Angela de Castro Gomes apontou “*o intelectual precisa estar envolvido em um circuito de sociabilidade que ao mesmo tempo, o situe no mundo cultural e lhe permita interpretar o mundo político e social de seu tempo*”⁴⁸.

O conceito de sociabilidade nos aponta outro referencial importante a ser considerado no estudo de uma comunidade científica brasileira no Oitocentos. Segundo José Alcântara Junior, o conceito de sociabilidade, cunhado por Georg Simmel, permite a compreensão das formas sociais, revolvendo os princípios organizativos das estruturas da sociedade inclusive “*aqueles responsáveis pela edificação do socialmente constituído*”⁴⁹.

Como elemento constitutivo das interações sociais, a sociabilidade representa a metamorfose resultante do processo de formatação da sociedade através da operação entre a dimensão individual e coletiva. Por consequência as interações sociais desencadeiam redes de reciprocidade, as quais podemos chamar de redes de sociabilidade, resultando em inúmeros quadro sociais que tem na sociabilidade um repertório de atos sociais: conjunto de maneiras, atitudes e trejeitos socialmente sancionados e outras estratégias sociais de relacionamento ou até de preservação dessas, que aglutinam os indivíduos em torno de variados interesses motivacionais.

De forma esclarecedora, este conceito se alia muito bem com o de escrita de si, enquanto uma a arte do aprender a viver⁵⁰. Nesta conjunção se aplicam muito bem as considerações de Norbert Elias sobre as questões da interdependência e da figuração no ambiente da sociedade de corte.

Pensar a interdependência a partir de Elias diz respeito ao conceito de configuração do mesmo autor: concebida como teias de interdependências e palco das figurações. Dinâmica relacional entre indivíduos e a estruturas, as figurações procuram expressar as disposições e inclinações básicas das pessoas e grupos, orientadas umas para as outras e unidas umas às outras das mais diversas maneiras, como num jogo de xadrez a figuração consiste num jogo de equilíbrio de forças entre indivíduo e sociedade. Este tipo de formulação foi adotada igualmente por Mario Biagioli⁵¹ quando trata a ideia de redes científicas para além de meros instrumentos mobilizados pelos atores sociais, constituindo-se como instituições de

⁴⁸ GOMES. Escrita de si. *Op.cit.*, p. 51.

⁴⁹ JUNIOR, José Alcântara. O conceito de sociabilidade em Georg Simmel. *Ciências Humanas em Revista*. São Luís, vol. 3, nº 2, dezembro 2005, p.32.

⁵⁰ Cf, FOUCAULT. “A escrita de si”. *Op.cit.*

⁵¹ Cf. BIAGIOLI. Galileu, Cortesão. *Op. cit.*

automodelação, caracterizando-se por mobilizar e modelar os atores nelas envolvidas, quanto serem mobilizadas e modeladas pelos mesmos.

Ponderando sobre estas considerações é que neste trabalho procuramos pensar o estabelecimento de redes de sociabilidade, através da correspondência pessoal de Francisco Freire Allemão, analisada à luz de sua trajetória biográfica enquanto representante de uma intelectualidade brasileira emergente, que busca seu espaço no mundo científico do século XIX.

Procuramos demonstrar como estas redes atuam como modeladoras da identidade de cientista de Freire Allemão, ao lado das outras formas de escrita de si, e como este as mobiliza em prol de seus interesses e como é por elas mobilizado em função do grupo de cientistas com quem mantém contato. Ampliando assim a perspectiva de análise do papel deste cientista no cenário científico brasileiro do Oitocentos, situando-o como parte de uma geração de cientistas em busca de reconhecimento e legitimação.

Os rastros e vestígios deixados na correspondência de Freire Allemão permitem visualizar como essa trajetória de busca por legitimação e reconhecimento profissional participou na construção da identidade de Freire Allemão, como cientista e como brasileiro. Ao mesmo tempo que ele tentava mobilizar as redes e espaços de sociabilidade ao seu favor, elas também exigiam de Freire Allemão uma conformação e adaptação aos termos e convenções da comunidade científica moderna e internacional. Esse reconhecimento internacional garantiria a Freire Allemão visibilidade e legitimidade para suas iniciativas em criar espaços de sociabilidade científica no Brasil.

Acesso e seleção da documentação.

Parte dos documentos legados por Francisco Freire Allemão, se encontram reunidos e organizados na Divisão de Manuscritos da Fundação Biblioteca Nacional, e está disponível para consulta em microfilmes. Esta coleção de documentos foi reunida pela vontade e ação de duas herdeiras de Freire Allemão. Num primeiro momento sua viúva vendeu, em duas etapas nos anos de 1895 e 1913, a maior parte da documentação que hoje lá se encontra: correspondência, estudos botânicos, documentos biográficos e papéis da expedição do Ceará. Posteriormente em 1947 e 1968, uma sobrinha de Freire Allemão, Maria Freire de

Vasconcelos, doou uma coleção de manuscritos sobre botânica e 42 desenhos catalogados com plantas e cartas referentes à expedição ao Ceará.⁵²

Na Biblioteca Nacional foi feita a maior parte da pesquisa, com a leitura e descrição de toda as cartas que integram a coleção Freire Allemão. As cartas foram analisadas e lidas uma a uma, sendo selecionadas e transcritas aquelas que interessavam ao tema do trabalho segundo os caminhos escolhidos e aqui delineados. O resultado deste trabalho de pesquisa está localizado ao final da Dissertação (anexo 1), com a relação completa de todas cartas examinadas contendo as seguintes informações: localização, local e data, remetente, destinatário, resumo e observações.

Além da correspondência de Freire Allemão outros documentos foram utilizados para a redação do estudo aqui apresentado. No volume 81 dos Anais da Biblioteca Nacional, de 1964, foi publicado o catálogo da coleção e transcrita parte dos manuscritos que integram o conjunto documental, entre os documentos transcritos encontra-se parte da correspondência de Freire Allemão com naturalistas europeus, algumas memórias e notas sobre a CCE e alguns trabalhos botânicos.⁵³ Em 1994, volume 114, foi publicado um suplemento ao catálogo de 1964.⁵⁴

Em 2006, como um dos resultados do projeto de pesquisa sobre a Comissão Científica de Exploração, foi publicado pelo Museu do Ceará, duas partes significativas dos diários de viagem de Freire Allemão pelo Ceará.⁵⁵ A Fundação Waldemar Alcântara, em 2011 foi responsável por finalizar esse trabalho, editando em um volume único os diários de viagem de Freire Allemão.⁵⁶ Pelo projeto "*Implantação do laboratório de digitalização, edição e disponibilização em meio eletrônico de In-Fólios e Obras Raras do Museu Nacional/UFRJ*" foram digitalizados e disponibilizados online o conjunto "Trabalhos da Sociedade Velloziana" publicados na Revista Guanabara encadernados em um único volume.⁵⁷

⁵² Cf. VELOSO JÚNIOR, Crenivaldo Régis. Os "curiosos da natureza". Freire-Allemão e as práticas etnográficas no Brasil do século XIX. Dissertação (Mestrado em História). Niterói: Departamento de História - Universidade Federal Fluminense, 2013. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/stricto/td/1697.pdf>. Acesso em: 11/07/2013.

⁵³ Cf. DAMASCENO. Darcy e CUNHA, Waldir da. Os manuscritos do botânico Freire Alemão – catálogo e transcrição. *Anais da Biblioteca Nacional* - vol. 81, 1961.

⁵⁴ Cf. DAMASCENO. Darcy e CUNHA, Waldir da. Suplemento ao catálogo *Manuscritos do botânico Freire Allemão*. *Anais da Biblioteca Nacional* – vol. 114, 1994. p.197-208.

⁵⁵ Cf. ALEMÃO, Francisco Freire. Diário de viagem de Francisco Freire Allemão. Fortaleza – Crato, 1859. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006; ALEMÃO, Francisco Freire. Diário de viagem de Francisco Freire Allemão. Crato – Rio de Janeiro, 1859-1860. Fortaleza: Museu do Ceará, 2007.

⁵⁶ Cf. ALEMÃO, Francisco Freire. Diário de viagem de Francisco Freire Alemão (1859-1861). Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2011.

⁵⁷ *Trabalhos da Sociedade Velloziana*. 1851. Biblioteca do Museu Nacional do Rio de Janeiro. Disponível em versão digital em: <http://www.obrasraras.museunacional.ufrj.br>. Acesso em: 05/02/2014.

Estrutura da dissertação

Para desenvolver os objetivos e seguir os trajetos acima elucidados, a dissertação foi estruturada em três capítulos. No primeiro, *Fazer ciência no Brasil Imperial: a formação de uma República de Cientistas*, o objetivo é situar e contextualizar a ação de Freire Allemão, apontando os caminhos e “descaminhos” possíveis de atuação do nosso botânico enquanto membro de uma emergente comunidade científica herdeira de um Império Luso-Brasileiro e atuante numa Monarquia nos Trópicos. Neste capítulo a ideia é compreender de que forma Freire Allemão se insere no mundo científico de sua época e principalmente de que forma se articula junto a seus pares, através da sua correspondência, para obter legitimação e reconhecimento de sua prática.

Em “A ‘Velloziana’: construindo um espaço para a história natural no Brasil” é analisado de que forma Freire Allemão procura estabelecer um espaço privilegiado para o estudo e a prática da História Natural no Brasil Imperial. Através do estudo da Sociedade Velloziana busca-se situar a importância e o papel da História Natural no Brasil e no Mundo ao longo do século XIX. O processo de institucionalização deste campo científico se mescla com o processo de construção das identidades de cientista brasileiro e naturalista de Freire Allemão.

Por fim, no último capítulo intitulado “Entre ‘cobras e lagartos’: a Comissão Científica de Exploração e a ciência Imperial”, o objetivo é analisar o papel fundamental da viagem para a formação de naturalista de Freire Allemão a partir da sua participação na Comissão Científica de Exploração (1859-1861). Os esforços reunidos em prol da CCE e da afirmação do Brasil enquanto país civilizado e capaz de fazer ciência se confundem com os desejos e esperanças de um Freire Allemão que vê na expedição a possibilidade realizar um trabalho à altura das personagens que admirava e que se vê transformado consideravelmente pela vivência de uma realidade bem distinta da Corte do Rio de Janeiro.

Capítulo 1 - Fazer ciência no Brasil Imperial: a formação de uma República de Cientistas

O presente capítulo tem por objetivo delinear o contexto de formação e atuação de uma emergente comunidade científica ao longo dos oitocentos no Brasil. Pensar os mecanismos e ações efetuadas por esses cientistas na busca de consolidação e legitimação de suas práticas científicas. A partir desta perspectiva procurar-se-á apontar os principais caminhos traçados na intenção de institucionalizar as ciências no Brasil no Segundo Reinado.

Para melhor compreensão de que forma a atuação de Freire Allemão se relacionava a esse movimento internacional e ao mesmo tempo a um movimento nacional de afirmação da nação brasileira é preciso que seja analisado os diferentes contextos de desenvolvimento da atividade científica no Brasil, e de que forma ela se relacionava com os interesses políticos e econômicos do momento. Este panorama permitirá inscrever esse naturalista numa tradição e situá-lo no contexto de um processo internacional e gradual, do qual o botânico participava ativamente, de reconhecimento das ciências como um bem em si.

Em linhas gerais, O capítulo descreve como se organizavam os homens de ciência no Brasil imperial, e quais os condicionamentos e interesses que circunscreviam aqueles que praticavam ciência neste período. Desta forma, a análise é conduzida através de uma discussão historiográfica sobre a prática científica no Brasil desde a chegada da Família Real, em 1808, identificando as principais formas de legitimação buscadas por estes cientistas ao longo do século XIX.

Considerando-se este recorte, a análise é dividida em dois momentos, primeiramente englobando o Primeiro Reinado como continuador de iniciativas no campo científico implementadas ainda no período joanino. Num segundo momento é analisado o Segundo Reinado como o período onde a emergente comunidade científica brasileira encontra ambiente favorável para se consolidar. A análise situa a figura de D. Pedro II como fundamental, bem como os esforços empreendidos por cientistas brasileiros para serem ouvidos e terem suas atuações legitimadas frente à sociedade oitocentista brasileira. Sendo assim, destaca-se os diversos caminhos escolhidos por estes na busca por reconhecimento.

Por fim, na tentativa de situar mais especificamente nosso personagem dentro deste contexto, em contornos gerais é esboçado a trajetória acadêmica de Francisco Freire Allemão identificando seus principais campos de atuação e como integrante de uma geração de cientistas que compartilhavam do mesmo objetivo: reconhecimento e legitimidade. Segue-se

um enfoque particular sobre sua prática epistolar como instrumento privilegiado para obtenção de reconhecimento e legitimação de sua prática junto à “República das ciências”⁵⁸.

1.1 - Fazer ciência no Brasil: a herança de um Império Luso-brasileiro

No caso do Brasil, iniciativas em prol do desenvolvimento de práticas científicas, nos moldes praticados pelos “centros” europeus, datam do período colonial, mesmo de antes do governo pombalino e da ilustração portuguesa, quando adquiriram maior centralidade⁵⁹. A vinda da família real para o Brasil, em 1808, foi responsável pela transplantação e criação de instituições necessárias ao pleno funcionamento do Estado português em terras tropicais. A necessidade de reconstruir em solo brasileiro parte do aparato administrativo e cultural da Corte de Lisboa, levou à criação deste lado do Atlântico, pelo então príncipe regente D. João, de instituições que teriam destaque ao longo do Oitocentos.

Foram criadas escolas profissionais que foram de grande importância para o desenvolvimento das ciências em território brasileiro, como a Academia Real Militar (1810), responsável pelo ensino superior das disciplinas física, matemática e geologia, e as Academias Médico-Cirúrgicas do Rio de Janeiro (1813) e da Bahia (1815), responsável pela formação de médicos cirúrgicos para atendimento da população das duas principais capitais do Império.⁶⁰

A transposição da Impressão Régia para o Brasil, em 1808, que pôs fim a proibição da impressão tipográfica ao longo de todo o período colonial, apesar da prática da censura e do

⁵⁸ Uma discussão sobre o significado de “République des Sciences” pode ser encontrada no dossiê consagrado ao tema em *Dix-huitième siècle*, 2008/1 n° 40. Disponível em: <http://www.cairn.info/revue-dix-huitieme-siecle-2008-1.htm> Acesso em : 23/03/2014.

⁵⁹ Consideramos aqui iniciativas por parte do Estado, o que não quer dizer que não exista relatos de práticas científicas anteriormente na colônia. Mas por conta dos objetivos almejados por este trabalho optou-se por fazer o corte cronológico a partir do século XVIII. Como alguns autores que tratam da ocorrência de práticas científicas no Brasil anteriormente a este período podemos citar: Elaine Cristina Deckmann Fleck e Steven J Harris. Cf. FLECK, Elaine Cristina Deckmann. Sentir, adoecer e morrer. Sensibilidade e devoção no discurso missionário jesuítico do século XVII. Tese de doutorado em História. Porto Alegre: PUC-RS, 1999; HARRIS, Steven J. “Mapping Jesuit Science: The Role of Travel in the Geography of Knowledge,” in O’MALLEY, John et al (orgs.). *The Jesuits: Cultures, Sciences, and the Arts, 1540-1573*. Toronto: University of Toronto Press, 1999. p. 212-240.

⁶⁰ Cf. RACHEL PINHEIRO: *O que nossos cientistas escreviam: algumas das publicações em ciências no Brasil do século XIX*. Tese de doutorado. Campinas: Universidade Estadual De Campinas, 2009; EDLER, Flavio. A medicina acadêmica imperial e as ciências naturais. In: Heizer, Alda; Videira, Antonio Augusto Passos. *Ciência, civilização e império nos trópicos*. Rio de Janeiro, Access, 2001. p.97-122; FIGUEIRÔA, Silvia. As ciências geológicas no Brasil: uma história social e institucional, 1875-1934. São Paulo: Ed.Hucitec, 1997; LOPES, Maria Margaret. O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus de ciências naturais no século XIX. São Paulo,. Hucitec, 1997; FERREIRA, Luiz Otávio. O nascimento de uma instituição científica: os periódicos médicos brasileiros da primeira metade do século XIX. Tese de doutorado. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências Humanas e Letras – USP, 1996.

controle estatal sobre ela, trouxe transformações culturais importantes. A publicação não só de documentos oficiais, mas de alguns livros, manuais escolares e também o primeiro jornal do Brasil, a *Gazeta do Rio de Janeiro*, possibilitou o surgimento de uma cultura escrita e letrada, mesmo que restrita a alguns grupos sociais.

Nos tipos móveis da Impressão Régia é que foram impressos os primeiros periódicos ditos científicos no Brasil que, segundo Maria Helena Freitas, podem ser considerados pelo que ela chama de “jornais literários”, dada a variedade de termos que eram atribuídos na época aos periódicos responsáveis pela divulgação de artigos de cunho científico. Ela afirma que a maioria desses periódicos trazia no nome a denominação de “jornal literário”, ou de “ciências e artes”, explicando esse fato pela miscelânea que caracterizava a estrutura do conhecimento e da cultura científica à época.⁶¹

Freitas aponta que no início do século XIX estes eram responsáveis pela comunicação científica através de “*várias observações sobre experimentos realizados, gráficos, tabelas e fórmulas. Traziam também vários artigos traduzidos de outros periódicos estrangeiros, comentários de outras obras e resumos de textos*”⁶². Entre os principais periódicos responsáveis pela disseminação da ciência neste período a autora aponta jornais como o *Patriota, Jornal Litterario, Político, Mercantil, etc do Rio de Janeiro* (1813-1814), os *Annaes Fluminenses de Sciencias, Artes e Literatura* (1822), entre outros.⁶³

Com a transferência da Corte para o Brasil em 1808 e a invasão de Caiena em represália à invasão de Portugal, são criados também dois jardins botânicos pelo governo português: no Rio de Janeiro e em Pernambuco.⁶⁴ Nelson Sanjad e Bediaga Begonha apontam a criação destes jardins botânicos como continuidade de uma política de Estado modernizadora que procurou incentivar o desenvolvimento na colônia das ciências úteis.⁶⁵ O

⁶¹ Cf. FREITAS, Maria Helena. Considerações acerca dos primeiros periódicos científicos brasileiros. *Revista Ciência da Informação*, v. 35, n. 3 (set-dez 2006). pp.54-66.

⁶² Idem. *Ibidem*. p. 57.

⁶³ Sobre uma análise mais detalhada sobre esse periódico cf. : KURY, Lorelai (Org.). Iluminismo e Império no Brasil: O Patriota (1813-1814). Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2007; FREITAS, Maria Helena. Origens do periodismo científico no Brasil. Dissertação (Mestrado em História da Ciência). São Paulo: Pontifícia Universitária Católica de São Paulo, 2005.

⁶⁴ Com a intenção de aclimatar espécies exóticas e receber os produtos naturais exportados do jardim botânico de Caiena, D. Rodrigo de Sousa Coutinho conseguiu estabelecer uma rede de intercâmbio entre estes 4 jardins e retomar seu antigo plano. O sucesso do estabelecimento do Jardim Botânico do Grão-Pará e a importância do complexo botânico de La Gabrielle contribuíram para isto. Cf. SANJAD, Nelson. Os Jardins Botânicos luso-brasileiros. *Ciência e Cultura*, v. 62, n.1. São Paulo, 2010. BEDIAGA, Begonha. Conciliar o útil ao agradável e fazer ciência: Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 1808-1860. *História, Ciências e Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 4, out.-dez., 2007. p. 1131-1157.

⁶⁵ Esta política também foi responsável pela criação da Tipografia do Arco do Cego (1798), considerado pela historiografia como polo disseminador de publicações científicas que visavam o desenvolvimento e disseminação dos conhecimentos práticos de ciências no Império Ultramarino, e pelo financiamento das chamadas viagens filosóficas, como as empreendidas por Alexandre Rodrigues Ferreira pela região amazônica

incentivo para criação de uma rede de jardins botânicos como forma de explorar novas espécies agrícolas através da aclimação, bem como a coleta e classificação de produtos naturais das colônias, tendo como centro desta rede o Jardim Botânico da Ajuda (1768). Sanjad aponta que na década de 1790 foram enviadas, por D. Rodrigo de Sousa Coutinho, ordens para diversos pontos do império determinando a construção de hortos botânicos e que no Brasil somente o governador do Grão-Pará conseguiu efetuar tal empreitada, criado em 1798.

Em 1818 é criado o Museu Real, que parte da historiografia considera como herdeiro da antiga Casa de História Natural ou Casa dos Pássaros⁶⁶, criada em 1784 com a função de colecionar, armazenar e preparar produtos naturais e adornos indígenas para enviar a Lisboa. Margaret Lopes aponta que apesar da conexão temporal feita entre essas duas instituições o Museu Real nasce com um propósito bem diferente de sua antecessora. Com a transferência da Corte para o Brasil, a função original da Casa de história natural não tem mais sentido e quando ocorre a sua extinção e consequente criação do Museu o que se tem em mente é uma instituição capaz de propagar os conhecimentos e os estudos das ciências naturais no Reino do Brasil.⁶⁷

Maria Rachel Fonseca indica ainda que outras instituições e associações científicas-literárias no cenário de aparelhamento científico-cultural da nova Corte, como a Real Sociedade Bahiense dos Homens de Letras (1810), o Instituto acadêmico das Ciências e Belas-Artes (1816), Academia Fluminense das Ciências e Artes (1821), entre outras.⁶⁸

Neste período é importante também a grande profusão de viajantes e naturalistas estrangeiros que aportaram no Brasil, após a abertura dos portos em 1808, e as explorações científicas das terras brasileiras que levou à constituição de um imenso acervo de

entre 1785-1792 e a de Frei José Mariano da Conceição Velloso pelas capitâneas de São Paulo e do Rio de Janeiro. Sobre os aspectos utilitaristas da ilustração luso-brasileira ver DIAS, Maria Odila da S. Aspectos da Ilustração no Brasil. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, v.278, 1968. Sobre o papel da imprensa periódica científica em Portugal cf. NUNES, Maria de Fátima. *Imprensa Periódica Científica (1772-1852)*. Lisboa: Estar Editora, 2001. Sobre as viagens filosóficas cf. PATACA, Ermelinda Moutinho. *Terra, água e ar nas viagens científicas portuguesas (1755-808)*. Tese (doutorado em Ensino e História das Ciências da Terra) – Instituto de Geociências, UNICAMP, Campinas, 2006. Disponível em: www.bibliotecadigital.unicamp.br. Acesso em: 03/05/2014.

⁶⁶ Margaret Lopes defende o vínculo entre estas duas instituições a partir da perspectiva de uma continuidade da política ilustrada de Portugal por d. João quando da transferência da Corte Portuguesa para o Brasil. Ela indica que o ideal ilustrado desta política de governo foi responsável pela criação da Casa dos Pássaros como parte do Museu de História natural do Paço da Ajuda, em 1784, e posteriormente pela criação do Museu Real em 1818. Cf. LOPES. O Brasil descobre a pesquisa científica. *Op.cit.*

⁶⁷ Lopes aponta ainda que a criação do Museu se relaciona com os interesses da futura Imperatriz, D. Leopoldina, pelas Ciências Naturais. Cf. *Idem. Ibidem.*

⁶⁸ Cf. FONSECA, Maria Rachel Fróes da. A institucionalização das práticas científicas na Corte do Rio de Janeiro. In: KURY, Lorelai; GESTEIRA, Heloísa (Orgs). *Ensaio de história das ciências no Brasil*. Rio de Janeiro: EdUerj, 2012. p. 30-40.

conhecimento científico sobre a natureza dos trópicos que teria grande influência sobre a identidade que seria construída nos anos posteriores para o Brasil. Entre os viajantes que passaram por aqui nos primeiros anos do século XIX temos Carl Phillip von Martius e Johann Baptist Ritter von Spix (1817-1821), Auguste de Saint-Hilaire (1816-1822) e o Príncipe Wied-Neuwied (1815-1817).⁶⁹

Posteriormente a 1822, com a independência do Brasil e a criação do Império, e as instituições fundadas pelo Estado português seriam mantidas ao longo do século XIX e marcariam profundamente o modo de fazer ciência nesse período. Neste sentido, é que Silvia Figueirôa e Maria Margaret Lopes apontam a importância do Estado português e depois brasileiro na promoção da ciência mediante a criação e financiamento de instituições científicas criadas por ele mesmo ou por iniciativa de particulares, patrocínio de estudantes, etc. como característico de um modelo de importação e adaptação de ideias e modelos institucionais internacionais.

Contudo, Figueirôa⁷⁰ explica que essa importação de modelos não se dá de forma passiva e como objetos imutáveis, mas sim referenciais teóricos para as instituições criadas em países periféricos e que atendiam as especificidades e demandas locais:

Neste sentido, a adoção de modelos externos europeus revelaria não a inferioridade ou a tendência imitativa local, mas uma intenção educativa, prospectiva, adiantando a própria realidade para o melhor conformá-la aos padrões almejados. No entanto, a recepção desses modelos foi um processo ativo que, à semelhança da aclimação de plantas exóticas, também adaptou e, em alguns casos, tingiu-os com as cores locais.⁷¹

Sendo assim, no Brasil oitocentista as instituições científicas, concebidas como canais mediadores entre produção científica e demandas sociais,⁷² ganham contornos mais complexos sendo necessária a exploração de suas especificidades. A atividade científica no Brasil Império, se torna importante como um dos instrumentos de construção de um Estado Nacional que pretendia ser sólido e civilizado, valorizada pelo governo imperial e por parte das elites letradas.

⁶⁹ Sobre a presença de viajantes-naturalistas no Brasil e a importância de suas investigações e relatos. Cf. KURY, Lorelai. Viajantes-naturalistas no Brasil oitocentista: experiência, relato e imagem. *História, Ciência, Saúde – Manguinhos*. Vol. VIII (suplemento), 2001. Cf. SUSSEKIND. O Brasil não é longe daqui. *Op. cit.*

⁷⁰ Cf. FIGUEIRÔA, Silvia F. de M. Mundialização da ciência e respostas locais: sobre a institucionalização das ciências naturais no Brasil. *Asclepsio*, v. 50, nº 2, 1998.

⁷¹ Id. *Ibidem*. p. 117-118.

⁷² Cf. FIGUEIRÔA, Silvia F. de M. “Ciência no torrão natal”: a adaptação de modelos estrangeiros e a construção de uma problemática científica nacional (1840-1870). In: GOLDFARB, A. M. A., MAIA, C. (orgs). *História da ciência: o mapa do conhecimento*. São Paulo: Edusp, 1995 (pp.773-784).

Ainda sob o ideal da Ilustração e com o intuito de garantir o desenvolvimento do país recém-criado é que nasce em 1827 a Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional (SAIN). Inspirada na “*Société D’Encouragement à L’Industrie Nationale*”, fundada em 1801 na França, a SAIN nasce com o objetivo de garantir o aumento e a prosperidade da indústria nacional, desenvolvendo atividades capazes de amarrar conhecimentos em ciências naturais e os objetivos do Estado de fazer progredir a produção agrícola. Responsável pela publicação do periódico o *Auxiliador da Indústria Nacional* (1833), a SAIN exerceu papel fundamental no incentivo as políticas científicas no Império do Brasil, sendo a responsável pela criação de instituições como o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838) e o Imperial Instituto Fluminense de Agricultura (1860).⁷³

Outra iniciativa importante deste período é a Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro (1829-1835), que por disposição de médicos como José Francisco Xavier Sigaud, Luiz Vicenti De-Simoni, José Martins da Cruz Jobim e Joaquim Cândido Soares Meirelles, nasce orientada pelo modelo da Academia de Medicina de Paris e tinha por objetivo organizar a profissão médica no Brasil segundo os preceitos e regras de cientificidade propugnados pelo campo da Higiene, visando fazer frente e enfraquecer a influência dos antigos cirurgiões portugueses e daqueles formados nas Academias Médico-Cirúrgicas do Rio de Janeiro e da Bahia:

Em torno da academia de Medicina uma elite médica empenhou-se, aguerridamente na produção de um conhecimento original sobre a patologia brasileira. Desde sua criação até meados do século, ela conseguiria monopolizar duas importantes tarefas: ao mesmo tempo que se impusera como instrumento da política imperial da saúde pública, tornara-se o principal árbitro das inovações médico-científicas, contribuindo tanto para sancionar novas tecnologias em diagnóstico e terapêutica quanto novos conceitos e teorias estritamente voltados para o conhecimento da patologia brasileira.⁷⁴

Tendo em vista o destaque e a importância política assumida pela SMRJ é que em 1832, sob seus auspícios, as Academias Médico-Cirúrgicas da Corte e da Bahia são transformadas em Faculdades de Medicina passando a oferecer os cursos de Medicina,

⁷³ Sobre a atuação da SAIN ver DOMINGUES, Heloísa Maria Bertol. “A Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional e as Ciências Naturais do Brasil Império”. In: DANTES, Maria Amélia. (org.) *Espaços da Ciência no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2001; BARRETO, Patrícia Regina Corrêa. *Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional: oficina de homens*. Rio de Janeiro: XIII Encontro de História. ANPUH, 2008.

⁷⁴ EDLER. *A Medicina Acadêmica Op. cit.* p. 109. Uma análise mais detalhada da atuação e dos objetivos da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro Cf. EDLER, Flavio Coelho. *Medicina no Brasil Imperial: clima, parasitas e patologia tropical*. Rio de Janeiro: Fiocruz Editora, 2011; KURY, Lorelai. *O império dos miasmas: a Academia Imperial de Medicina*. Dissertação de Mestrado. Niterói; UFF-ICHF - Departamento de História; 1990.

Farmácia e Partos.⁷⁵ Ainda foi de autoria da Sociedade o periódico *Semanário de Saúde Pública (1831-1835)*, que incorporou o primeiro periódico médico brasileiro *Propagador das ciências médicas (1827-1828)*, de autoria do médico francês Xavier Sigaud em parceria com o livreiro Pierre François Plancher.

Luiz Otávio Ferreira ao analisar os periódicos médicos da primeira metade do século XIX, aponta estes como elementos fundamentais na institucionalização da ciência médica no Brasil, indicando terem sido eles responsáveis por buscar a legitimação social da medicina através da difusão do conhecimento médico e da popularização desta, atuando como instrumento de cunho pedagógico sobre os próprios médicos.⁷⁶

Em 1835 a SMRJ passa a ser Academia Imperial de Medicina e recebendo financiamento governamental amplia sua força institucional e poder político como órgão do governo, tendo sua proposta inicial de autonomia e independência desvirtuados passando a depender da aprovação do governo a filiação de novos sócios. Edler aponta que até 1860, a AIM consegue manter o monopólio como interlocutora da medicina praticada em solo brasileiro, mas após as epidemias de febre amarela de 1849 e 1855 e a mudança epistemológica da medicina experimental, ela começa a perder a força institucional que detinha nos seus primeiros anos de existência e passa a concorrer com outras sociedades e periódicos médicos surgidos no país.⁷⁷

1.2- Ciência no Segundo Reinado: Sob a proteção do Imperador

O período do Segundo Reinado pós-1840, quando o Império encontra certa estabilidade política com o fim do período regencial e o regresso conservador, tem com o fortalecimento do poder central o momento propício para o desenvolvimento e consolidação de uma emergente comunidade científica que vinha se formando desde os tempos da colônia. O engajamento dos cientistas dos trópicos se confundia com os ideais políticos do Império que buscava um lugar entre as nações civilizadas. Esta consolidação passa pela reforma de instituições científicas já existentes e criação de novas:

(...) processo em que fazer ciência também significou construir nações (...) Esquadrinhar esse imenso território e suas gentes que haviam se

⁷⁵ Cf. EDLER. A medicina acadêmica. *Op. cit.*

⁷⁶ Cf. FERREIRA. O nascimento de uma instituição científica. *Op. cit.*

⁷⁷ Cf. EDLER. A medicina acadêmica. *Op. cit.*

transformado no paraíso dos naturalistas estrangeiros, apagar as legendas de “desconhecido” dos mapas do Brasil e da natureza brasileira, delimitar fronteiras, integrar o país a civilização, passaram se constituir, a partir de meados do século, em insígnias nacionais e científicas.⁷⁸

Integrantes de uma elite letrada, esses cientistas faziam parte de uma geração romântica que depositava na ciência seus maiores esforços para alcance do progresso da Luzes e conseqüente engrandecimento da nação. Ser capaz de fazer ciência era um dos pilares desejados para se constituir uma nação civilizada segundo os moldes iluministas das nações europeias. Além disso, essa ciência também era a mesma que poderia dar conta de integrar os diversos Brasis num só, a partir da construção de uma história, de um passado e de tradições que fizessem com que todas as partes se sentissem membros de uma mesma nacionalidade, compartilhando de uma mesma identidade:

(...) as instituições brasileiras do século XIX não estavam dissociadas dos padrões de cientificidade da época e que, com suas especificidades, procuravam manter contato com instituições de outros países. (...) Mais ainda, os estudos têm mostrado que as ciências eram valorizadas por setores das elites brasileiras e que, assim, a criação e a atuação das instituições imperiais não se deviam somente ao interesse e a condescendência de D. Pedro II.⁷⁹

Essa ciência para ser legítima e reconhecida por seus pares europeus deveria se dar no âmbito de espaços científicos que se espelhassem nos modelos europeus e que pudessem congregiar os homens ilustrados que almejavam o mesmo objetivo, e seguir as mesmas diretrizes de divulgação e publicação de seus trabalhos, para assim demonstrar que o Brasil também era capaz de fazer ciência. É uma ciência tropical, que calcada nos moldes europeus, mantinha suas especificidades enquanto ciência que deveria atender as demandas da nação brasileira. “*Essa comunidade buscava criar uma problemática científica própria, elegendo como objeto de investigação o Brasil*”⁸⁰

Aqui é preciso pensarmos como estes cientistas procuravam se articular dentro das instâncias de sociabilidade imperiais para alcançar seus objetivos e garantir a atenção do Imperador Pedro II para conseguir seu apoio e consentimento. A construção da imagem de um monarca sábio, oposta à de seu pai, e o seu constante interesse pelas ciências comprovado

⁷⁸ LOPES, Maria Margaret. O local musealizado em nacional: aspectos da cultura das ciências naturais no século XIX no Brasil. In: HEIZER e VIDEIRA. *Ciência, civilização*. *Op. cit.* p. 82.

⁷⁹ DANTES. As instituições imperiais. *Op. cit.* p.234.

⁸⁰ FIGUEIRÓA. Mundialização da ciência. *Op. cit.* p. 100.

pela sua intensa correspondência com cientistas estrangeiros e brasileiros, bem como sua atuação como mecenas de alguns destes⁸¹, por si só já se constitui em fator importante para se levar em conta o peso de sua figura para estruturação e consolidação desta comunidade científica emergente e as instituições científicas por ela promovidas e constituídas.

Sempre buscando o engrandecimento da pátria, os cientistas que compunham os quadros destas instituições contavam com o apoio, direto ou indireto, do Imperador. Sob os auspícios de D. Pedro II é que muitas destas instituições foram fundadas e por ele incentivadas. Mesmo não podendo afirmar a presença de Pedro II como onipresente e ele como único incentivador do progresso da ciência no Brasil, é necessário que se considere o papel fundamental de sua presença nos meios científicos. Como afirma Magali Romero Sá “o apoio do imperador a eventos e publicações científicas chancelava os empreendimentos promovidos pelos cientistas”⁸²

Pedro II, tomado como o centro aglutinador do império e da nação, assumia para si todos os assuntos que diziam respeito ao progresso e prosperidade da nação, e a isto diziam respeito também os assuntos de ciência. Sendo assim, aqueles que faziam ciência no Império deveriam estar atentos às regras e convenções sociais estabelecidas pelo Imperador para conseguirem espaço dentro desta intrincada realidade. Estar sob as recomendações do Imperador significava garantia de apoio financeiro e político para a realização de seus projetos.

Neste contexto, a instituição que ganha maior destaque, já pelas razões de sua criação, é o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), criado em 1838 pelo governo imperial com a finalidade de constituir para o país uma história e conhecer seu território e suas riquezas. Os intelectuais que engrossavam as fileiras do Instituto tinham como missão o forjar a nação enquanto afirmação de uma ciência nacional, como forma de reconhecimento científico da pátria frente aos moldes das nações civilizadas europeias.

Nos moldes das primeiras associações científicas europeias, surgidas no século XVI, O IHGB seria marcado pelo caráter pragmático das luzes que propagava as ciências pela sua utilidade. O maior referencial seria a Royal Society, criada em 1662, cuja estrutura organizacional de comissões de estudo especializado serviriam de modelo para as associações subsequentes. Ao longo do século XIX, esta tendência se mantém e marca a divisão dos

⁸¹ Cf. SCHWARCZ, Lília Moritz. As barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1999; SANTOS, Nadja P. dos. Pedro II, Sábio e Mecenas e Sua relação com a Química. *Revista da SBHC*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 54-64, jan./ jun. 2004. ; CARVALHO, Jose Murilo de. D. Pedro II ser ou não ser, São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

⁸² SÁ, Magali Romero. O botânico e o mecenas: João Barbosa Rodrigues e a ciência no Brasil na segunda metade do século XIX. *História, Ciências, Saúde – Magalhães*. Vol. VIII (suplemento), 2001.p. 2.

saberes entre as associações e toma Paris, centro das ciências francesas, como principal referencial para os cientistas brasileiros do Oitocentos.

Na esteira desta preocupação é que o IHGB patrocinaria todo tipo de trabalho que pudesse servir a escrita da História do Brasil, desde a distribuição de programas de teses para os sócios do Instituto até o financiamento de comissões de busca de documentos sobre o Brasil na Europa e expedições científicas pelas partes ainda desconhecidas do Império. O patrocínio destes trabalhos, além de atender aos interesses do Instituto enquanto instituição científica interessada na coleta de materiais que servissem a história do Brasil servia também aos interesses mais pragmáticos do Estado Imperial desejoso de ser reconhecido e respeitado por outras nações e prosperar econômica e politicamente.⁸³

Tomado como ícone maior deste período, o IHGB não estava sozinho no universo científico da Corte. Outras instituições dividiam espaço com ele na tarefa de demonstrar que o país também era capaz de fazer ciência como se fazia na Europa. Instituições criadas no início do século XIX, como a Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, a Academia Imperial de Medicina, O Museu Nacional, O Imperial Jardim Botânico e outras associações científicas menores espalhadas pela Corte e em outros lugares do Brasil, procuravam também fazer ciência segundo os moldes europeus e eram incentivadas pelo Imperador mecenas e fruto do interesse por parte da elite letrada.

O que é perceptível neste período é a consolidação das iniciativas científicas dos anos anteriores e sua conformação com o projeto político de construção da identidade nacional. Sem abandonar os interesses econômicos e políticos por detrás destas iniciativas Pedro II através de sua imagem de monarca sábio e bondoso para com seu povo aliado aos interesses da elite letrada consegue elevar a nível de prioridade o tornar civilizado um país de origens mestiças no Novo Mundo.

Um outro fator muito importante para compreender o ambiente cultural e intelectual do Segundo Reinado é a imprensa deste período. Paulo Knauss afirma que antes de tudo a imprensa do Segundo Reinado foi marcada pela liberdade de expressão.⁸⁴ Após o período

⁸³ Cf. GUIMARÃES, Manoel L.S. Nação e civilização nos trópicos: O IHGB e o projeto de uma História Nacional. Rio de Janeiro, *Estudos Históricos* 1(1) 1988; GUIMARÃES, Lucia Maria P. Debaixo da imediata proteção imperial: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838-1889). São Paulo: Annablume, 2011; GUIMARÃES, Manoel L. S. “História e natureza em von Martius: esquadrinhando o Brasil para construir a nação”. *História, Ciência, Saúde - Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 391-413, 2000; FERREIRA, Lucio Menezes. Ciência nômade: as viagens científicas no Brasil Imperial. *História, Ciência, Saúde - Manguinhos*. vol.13 no.2. Rio de Janeiro: Abr/Jun 2006.

⁸⁴ Cf. KNAUSS, Paulo. “Introdução”. In: KNAUSS, Paulo *et all* (org.). *Revistas Ilustradas: modos de ler e ver o Segundo Reinado*. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2011.

turbulento do Primeiro Reinado onde prevaleceu o jornalismo de situação, marcado pelas disputas políticas e pelo caráter agressivo dos panfletos de opinião e de denúncia⁸⁵, no Segundo Reinado a imprensa era palco da pluralidade cultural.

Knauss aponta que a liberdade de expressão combinada aos avanços tipográficos que permitiram a profusão de impressos de diversos tipos e formatos resultou na busca de um público mais abrangente, com interesses diversificados, através de diferentes enfoques sobre os costumes e curiosidades da sociedade imperial:

(...) é próprio da imprensa do período do Segundo Reinado a diversificação de público-alvo, de funções informativas e gêneros narrativos acompanhando as transformações históricas da sociedade. Esse modelo diversificado permitiu que os periódicos se tivessem mantido como suporte de maior importância no mundo dos impressos ao longo do século XIX.⁸⁶

Nesses periódicos o tema que perpassa todas as temáticas políticas do Segundo Reinado e que prepondera é a civilização, segundo Ana Luiza Martins:

(...) a palavra e a imagem impressas conheceram outro lugar, ganharam força e expressão, com escritos de toda ordem que se propagaram por múltiplas experiências periódicas, produzidas por agentes sociais diversos, que atuaram em favor do desejado cenário civilizatório do Império. A simples cobertura da rotina do Imperador pelos jornais e revistas já colocava em pauta a questão da civilização. Acentuou-se o projeto de inserção do Brasil na cultura ocidental, reforçado pela descendência europeia do monarca e pela ligação de nossas elites com o mundo das artes e das ciências, conforme disseminados pela França ou Inglaterra, países que inspiravam a pretendida agenda de uma sociedade de corte.⁸⁷

Este ideal civilizatório é expresso por uma imprensa periódica que desde o início do século buscava divulgar notícias e trabalhos relativos às ciências e às artes. Nestes jornais, segundo Freitas, um assunto recorrente é o estudo da natureza brasileira⁸⁸. Contribuindo para este interesse a partir da segunda metade do século temos o indianismo e nativismo típico do movimento romântico que também explorava a natureza edênica dos trópicos:

⁸⁵ Em referência a este período Isabel Lustosa cunhou a expressão “guerra de jornalistas”. Para uma análise mais detida desse período Cf. LUSTOSA, Isabel. *Insultos Impressos. A Guerra dos Jornalistas na Independência (1821-1823)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000; NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das. *Corcundas e constitucionais: a cultura política da Independência. (1820-1822)*. Rio de Janeiro: Revan/Faperj, 2003; NEVES, Lucia Maria Bastos P. et al. (Org.) *História e Imprensa: representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro: Faperj, 2006.

⁸⁶ KNAUSS. Introdução. *Op. cit.* p. 10.

⁸⁷ MARTINS, Ana Luiza. *Imprensa em tempos de Império*. In: DE LUCA, Tania Regina e MARTINS, Ana Luiza. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008. p.46.

⁸⁸ Cf. FREITAS. Considerações acerca dos primeiros periódicos. *Op. cit.*

A ideia de nação que se desenvolveu no Brasil naquela época criou uma imagem da nação associada às suas riquezas naturais: as riquezas, potencialmente econômicas que o país guardava em suas entranhas ainda inexploradas. O movimento romântico valorizou as riquezas naturais do país, fazendo-as marca da sua singularidade e símbolo da liberdade frente a espoliação que este havia sofrido da parte do colonizador metropolitano.⁸⁹

Moema Rezende aponta que esta valorização da natureza brasileira não aparece de forma despretensiosa:

No Brasil, o interesse científico sobre a natureza tinha um peso importante: era consenso entre a nossa elite letrada que a natureza brasileira era especial, e por sua vez nos fazia especiais também. (...) Os homens daquela geração não se cansavam de afirmar que a vegetação no Brasil era uma das mais admiráveis e, do ponto de vista científico, considerada a mais rica do mundo pela abundância e variedade das espécies. Na literatura, nossa flora era um “personagem” constante, conferindo cor local, cantada em prosa e verso, um dos elementos definidores da nacionalidade brasileira.⁹⁰

O discurso científico aparece dessa forma como instrumento civilizador dessa natureza exuberante, tropical e marcante do caráter nacional. Conforme afirma Lopes “*O período que se estende de 1839 a 1870 traz então a marca de um nítido esforço de associação entre natureza brasileira, investigações em ciências naturais e construção da nacionalidade pelo viés de concepções deterministas (...)*”⁹¹. Associado ao caráter plural da imprensa da segunda metade do Oitocentos, observamos uma abundância de publicações em ciências nos mais variados veículos de informação.

Desta forma, Rachel Pinheiro aponta que apesar de serem menos abundantes que na Europa, as publicações científicas no Segundo Reinado eram numerosas e valorizadas pelos cientistas como essenciais no fazer ciência. Em seu levantamento, Pinheiro indica ter encontrado mais de 40 periódicos, publicados entre 1840-1870, que evidenciavam através do seu título a presença de publicações científicas⁹².

⁸⁹ COSTA LIMA apud DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol. As ciências naturais e a construção da nação brasileira. *Revista de História*, 135, 1996 (2), São Paulo, FFLCH-USP. p. 42.

⁹⁰ REZENDE, Moema Vergara. A divulgação da Botânica no século XIX: o caso do jornal O Vulgarizador. In: KNAUSS *et al.* *Revistas Ilustradas. Op. cit.* p. 107.

⁹¹ LOPES. O local musealizado em nacional. *Op. cit.* p. 84.

⁹² Cf. PINHEIRO. O que nossos cientistas escreviam. *Op. cit.*

Pinheiro afirma que após uma leitura atenta destes periódicos é perceptível como seu principal objetivo a divulgação do talento intelectual brasileiro, bem como a inserção do país em um universo científico e literário moderno, e isso se traduzia nas páginas destes jornais como a atenção especial dada para a publicação de estudos sobre história natural que divulgassem as riquezas naturais do Brasil.⁹³

Em contrapartida a estas numerosas possibilidades de publicação, Freitas defende que a comunicação científica sistematizada nesse período só ocorre de forma estável e duradoura quando atrelada a instituições com certo nível de estabilidade e não como atividades isoladas. Esta afirmativa é corroborada pela análise dos periódicos da Sociedade Auxiliadora Nacional, O Auxiliador da Indústria Nacional (1833-1892), do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, A Revista do IHGB (1839), e os periódicos editados pela Academia Imperial de Medicina, no número de seis e que se sucederam mudando de nome, entre os anos de 1831-1902.⁹⁴ Freitas defende que o caráter duradouro da publicação desses periódicos:

(...)puderam garantir o oferecimento de seus produtos de forma estável e constante, fator que ajuda a garantir a formação de seus leitores e a divulgação sistemática de novas pesquisas e novas descobertas, tanto para o público leigo quanto para o público especialista.⁹⁵

Independentemente do caráter efêmero ou não dos periódicos que publicavam sobre ciência ao longo do Segundo Reinado, é importante chamar atenção para o que assinala Rachel Pinheiro sobre a existência numerosa destes veículos de informação, que para ela “*endossa o esforço existente em criar e manter espaços de publicação tão necessários para a prática científica. Foram várias as iniciativas, parte delas efêmeras, porém se analisadas em conjunto vemos que foram em número significativo.*”⁹⁶

Ao tratar da publicação em ciência na terceira fase da Revista Brasileira, Moema Vergara explora o tema da vulgarização científica e defende que esta, entendida como tradução, fez parte do processo de especialização das disciplinas científicas ao longo do século XIX. Na busca por legitimidade social, a vulgarização científica serviu ao papel de atribuir valor à prática científica:

A vulgarização científica e a especialização das disciplinas são processos correlatos. (...) O vulgarizador, em seu papel de “tradutor” da ciência junto ao público, foi um dos agentes responsáveis pela formação de um espaço

⁹³ Idem Ibidem.

⁹⁴ Cf. FREITAS. Origens do periodismo científico. *Op. cit.*

⁹⁵ Cf. Idem Ibidem.

⁹⁶ PINHEIRO. O que os nossos cientistas escreviam. *Op. cit.* p. 130.

para a ciência e a construção de uma forte confiança junto ao público. (...) os cientistas independentes eram uma minoria, a grande parte da comunidade científica recebia os seus salários das universidades ou do governo. O traço característico da prática científica que vai se constituindo mesmo antes de 1870 é estar profundamente comprometida com uma ampla difusão de suas descobertas; tanto para garantir o apoio do Estado, quanto para legitimar a prática científica na sociedade. Assim sendo, a vulgarização científica se constituiu em uma via de propaganda para garantir a autonomia atividade científica, que, para se manter e se desenvolver, requer auto-regulamentação e auto referência. Para tal, é preciso que a sociedade associe a ciência com progresso ou, de alguma maneira, reconheça o valor do trabalho científico. Este reconhecimento permite que o cientista obtenha prestígio social e consiga financiamentos para seus projetos.⁹⁷

De certa forma este caráter pedagógico da vulgarização científica pode ser percebida também nas iniciativas promovidas por Ladislau Netto ao assumir a direção do Museu Nacional a partir de 1875, com a promoção dos Cursos Públicos do Museu Nacional e a publicação do periódico “*Archivos do Museu Nacional*”, que tinham em si uma única finalidade promover a divulgação das atividades científicas do Museu, bem como a promoção da educação popular na área das ciências naturais.⁹⁸ Vergara aponta que a partir da década de 1870 a prática da vulgarização científica se intensifica e ganha força a ideia de que a ampliação do conhecimento científico do público leigo é um bem em si mesmo, refletindo que distintos grupos sociais percebem a ciência e sua presença em seu cotidiano de maneiras diferentes.⁹⁹

Como parte deste projeto pedagógico da ciência e dos ideais de civilização no século XIX temos as Exposições Universais, que tiveram como principal objetivo difundir e propagar as conquistas do progresso sobre as sociedades e a natureza.¹⁰⁰

Inspirada nas feiras de exposição e comércio que já aconteciam regionalmente na Inglaterra e na França desde fins do século XVIII, a primeira exposição universal foi realizada em 1851, em Londres, e foi divulgada como “*The Great Exhibition of the Work of Industry of*

⁹⁷ VERGARA, Moema Rezende. A Revista Brasileira: vulgarização científica e construção da identidade nacional na passagem da Monarquia para a República. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: PUC, Departamento de História, 2003. p. 13.

⁹⁸ Cf. SÁ, Magali Romero e Domingues, Heloisa Maria Bertol 'O Museu Nacional e o ensino de ciências naturais no Brasil no século XIX'. *Revista da Sociedade Brasileira de História da Ciência*, nº 15 (1996), pp. 79-87; SILVA, Paulo Vinício Aprígio da Silva; KUBRUSLY, Ricardo Silva. O Archivos do Museu Nacional e a promoção do Brasil oitocentista. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História*. São Paulo: ANPUH, julho 2011. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org>. Acesso em: 23/01/2014.

⁹⁹ Cf. VERGARA. A Revista Brasileira. *Op. cit.* p.12

¹⁰⁰ Cf. NEVES, Margarida de Souza. *As vitrines do progresso*. Rio de Janeiro: PUC, 1986 e SANTOS, Paulo Cesar dos. Um olhar sobre as exposições universais. *Anais do XXVII Simpósio Nacional de História*. Natal: ANPUH, julho 2013. Disponível em: <http://www.snh2013.anpuh.org/>. Acesso em: 23/01/2014.

All Nations” e reuniu vinte e cinco países e quinze colônias inglesas, que expuseram os avanços de suas indústrias e técnicas na exploração de suas riquezas naturais.¹⁰¹ Desde então e até 1900 foram realizadas mais dez exposições universais que a cada edição aumentava o número de países participantes e alimentavam expectativas de grandes novidades e construções magníficas, frutos do engenho humano, como o Palácio de Cristal construído para a exposição de 1851.¹⁰²

O caráter cosmopolita das Exposições Universais era expresso na vontade de catalogar e identificar todas as riquezas naturais espalhadas pelo mundo combinada a intenção de instrumentalizar este conhecimento para o progresso da humanidade e das sociedades civilizadas.¹⁰³ O domínio do conhecimento científico humano sobre as riquezas disponíveis em diversas partes do mundo era materializado através de discursos, fotos e construções apresentados nas exposições universais:

Como missão manifesta, elas objetivavam informatizar, explicar, inventariar e sintetizar (...) Catálogo do conhecimento humano acumulado, síntese de todas as regiões e épocas, as exposições funcionavam para seus visitantes como uma “janela para o mundo”. Ela exibia o novo, o exótico, o desconhecido, o fantástico, o longínquo. Nelas se exibiam as mais complexas máquinas, os mais recentes inventos, classificados cuidadosamente e organizados segundo preocupação didática e enciclopédica.¹⁰⁴

As Exposições Universais cumpriam o papel de vitrine para os países que buscavam mostrar estarem trilhando os caminhos do progresso e da civilização, divulgando seus conhecimentos científicos e tecnológicos.¹⁰⁵ Estas exposições eram parte integrante da agenda intelectual do século XIX que defendia a importância de não só acompanhar o progresso, mas também de difundi-lo, no objetivo de contribuírem para a construção do progresso mundial.¹⁰⁶

¹⁰¹ Cf. Idem. *Ibidem*.

¹⁰² O Palácio de Cristal foi um marco das grandes exposições universais e é apontado por Marshall Bergman como o grande símbolo da modernidade, como indicam PESAVENTO (1997), SANTOS (2013) e FERREIRA (2011). Entre outros símbolos e marcos desses grandes eventos estes autores também indicam a Torre Eiffel, que servia de entrada da Exposição Universal de 1889 em Paris, a construção da Estátua da Liberdade, demonstrada através de fotos na Exposição Universal de Paris de 1878, entre outros.

¹⁰³ Cf. NEVES. *As vitrines do progresso*. *Op. cit.*; SANTOS. Um olhar sobre as exposições universais. *Op. cit.*

¹⁰⁴ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Exposições universais. Espetáculos da modernidade no século XIX*. São Paulo: Hucitec, 1997. p. 45.

¹⁰⁵ Cf. FERREIRA, Cristina Araripe. *Difusão do conhecimento científico e tecnológico no Brasil na segunda metade do século XIX: a circulação do progresso nas exposições universais e internacionais*. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde). Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, 2011.

¹⁰⁶ Cf. PINHEIRO. o que os nossos cientistas escreviam. *Op. cit.* p. 98.

Os cientistas brasileiros reconheciam a importância da presença brasileira nas exposições e para tanto reuniu esforços para recolher objetos naturais e artificiais que pudessem representar o Brasil de forma ideal. Apesar de só ter tomado parte neste espetáculo da ciência a partir de 1862, desde 1851 foram enviados observadores para relatar os últimos avanços da ciência no Velho Mundo.¹⁰⁷ A marca da participação brasileira nas exposições universais¹⁰⁸ é apontada por Paulo Santos como a definição do território e da identidade nacional do país:

Ao buscar seu “lugar entre os países civilizados” o Brasil se apresentava como uma nação de um rico e vasto território, esta universalização da nação passava pela diversidade das províncias. Para ser universal o Brasil teria primeiro de resolver sua diversidade interna. Unificação e universalização só poderiam ser efetuada por um terceiro termo diferente e superior a ambos: o Estado Nacional. Foi através do patrocínio do Imperador Dom Pedro II que o Brasil participou das exposições. A configuração da nação se pautava na diversificação da natureza, na divisão do espaço nacional e na presença do Estado Monárquico. O Brasil deveria construir um discurso/imagem na totalidade de seu espaço de modo que o particular ficasse subtendido ao todo.¹⁰⁹

1.3- Um botânico na Corte

“*Eu na idade de 76 anos passados, doente e cansado, devo retirar-me e esperar o término de minha existência*”¹¹⁰ Assim termina Freire Allemão seu relato autobiográfico em fevereiro de 1874, nove meses antes de seu falecimento. Preocupado em deixar para posterioridade um relato sobre si, Freire Allemão registra em nota que esta notícia sobre sua vida deveria ser enviada a um certo Dr. Mello Moraes¹¹¹. Freire Allemão refere-se ao médico

¹⁰⁷ Ferreira indica que a SAIN teve importante atuação no esforço de fazer com que o Brasil participasse desses eventos. Ela relata que nas páginas do Auxiliador se encontram notícias sobre as exposições de 1851 e 1855, bem como as justificativas do porquê o Brasil não tomou parte nas mesmas. Entre os observadores enviados pelo Governo Imperial para acompanhar as exposições estão Guilherme de Capanema, Giacomo Raja Gabaglia e Gonçalves Dias que acompanharam a exposição de Paris em 1855 e deixaram registradas suas impressões sobre a mesma e a forma como deveria o Brasil figurar nestes eventos. Cf. FERREIRA. Difusão do conhecimento científico. *Op. cit.*

¹⁰⁸ Ao longo do Segundo Reinado o Brasil participou das exposições de 1862 (Londres), 1867 (Paris), 1873 (Viena), 1876 (Filadélfia) e 1889 (Paris).

¹⁰⁹ SANTOS. Um olhar sobre as exposições universais. *Op. cit.* p. 10-11.

¹¹⁰ ALLEMÃO, Francisco Freire. Notícia sobre minha vida. [Rio de Janeiro, 1874]. Divisão de Manuscritos/FBN. I-28,05,090 n°001-002.

¹¹¹ Cf. Idem. *Ibidem.*

escritor Alexandre José de Mello Morais (1816-1882) que logo após sua morte publicou “*A vida e a morte do exmo. sr. conselheiro Francisco Freire Allemão Cysneiro.*”¹¹²

O ato de uma escrita de si é apontada por Foucault como a constituição de um corpo, a materialização das palavras em verdade.¹¹³ É a escolha do nascimento à morte, a decisão implícita de uma necessidade de reconhecimento coletivo. Pierre Bourdieu chama atenção para o cuidado que devemos ter com este tipo de escrita, dada a sua intencionalidade ela pode resultar na “ilusão biográfica”, levando a crer na continuidade lógica retrospectiva carregada da fabricação de sentido que o indivíduo atribui a sua trajetória. Desta forma torna-se indispensável a reconstrução minuciosa do contexto, a “superfície social”, pluralidade de campos em que transita o indivíduo.¹¹⁴

Dois são os principais documentos legados a nós por Freire Allemão no exercício de constituição de uma imagem de si. São eles “Notícia sobre minha vida” e “Apontamentos biográficos”, somando mais de cinquenta páginas de rascunhos narrando episódios da vida do autor. A partir destes documentos é que desenvolve-se o esboço biográfico aqui apresentado, não preocupado necessariamente com a veracidade dos fatos somente privilegamos a ótica do botânico cotejando com outras fontes biográficas as informações que interessam a este trabalho no sentido da formação de sua identidade de cientista.

Francisco Freire Allemão nasceu na freguesia de Nossa Senhora do Desterro de Campo Grande, no Rio de Janeiro, atual bairro de Campo Grande, em 24 de julho de 1797. Filho de lavradores, João Freire Allemão e Feliciano Angélica do Espírito Santo, teve acesso à educação nos primeiros anos por intermédio três benfeitores.

Primeiro com seu padrinho padre Antonio do Couto de Fonseca, dono do engenho do Medanha, onde seus pais trabalhavam, e com quem morou até 1810, tendo recebido a instrução primária até o seu falecimento, o que o levou de volta a casa dos pais. Segundo, do padre Luiz Pereira Duarte, que o acolheu para livrar sua mãe do sofrimento de ver o filho convocado para tomar parte no conflito da região cisplatina. Com padre Duarte morou até 1814, servindo como seu sacristão, e abandonou-o por problemas de convivência.¹¹⁵ Por fim,

¹¹² Cf. MORAIS, Alexandre José de Melo. *A vida e a morte do exmo. Sr. Conselheiro Francisco Freire Allemão Cysneiro* escrita em vista das notas por elle proprio fornecidas. Rio de Janeiro: Typographia de Quirino F. de Espírito Santo, 1874.

¹¹³ “(...) a escrita transforma a coisa vista ou ouvida “em forças e em sangue” (in vires, in sanguinem). Ela transforma-se, no próprio escritor, num princípio de ação racional. Em contrapartida, porém, o escritor constitui a sua própria identidade mediante essa recoleção das coisas ditas.” Cf. FOUCAULT. *Escrita de si*. Op. cit. p. 143-144.

¹¹⁴ Cf. BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina. (org.). *Usos & abusos da história oral*. 8.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. pp.183-191.

¹¹⁵ Damasceno relata que Freire Allemão não possuía boas relações com o padre Duarte e não conseguia se adaptar aos seus métodos de ensino e cita nota do botânico “*Eu era só, o Padre sem me ajudar, dava-me à seleta*

tomou lições de latim com o ex-soldado, e depois padre, Diogo Antônio dos Santos, professor de Antônio Pereira Durão, filho do novo proprietário da fazenda do Medanha. Boas lembranças e gratidão do padre Couto e do padre Diogo guardava Freire Allemão. Do primeiro, inclusive fez pesquisas sobre a vida e deixou seu agradecimento registrado quando leu uma memória no IHGB.¹¹⁶

Padre Diogo, por sua conta, seria responsável por conseguir uma vaga de numerista¹¹⁷ para Freire Allemão no Seminário São José, importante escola secundarista da Corte, onde estudou até meados de 1820, quando recebeu o aviso de que teria de decidir pela vida sacerdotal ou abandono do curso. Em suas anotações Freire Allemão relata ter tido no Seminário aulas de Latim, Filosofia, História Eclesiástica, Teologia Dogmática e Moral, Física, Mecânica, Francês e Grego. Sobre a importância da educação oferecida pelo Seminário no contexto do Brasil do século XIX informa Crenivaldo Junior:

Na falta de escolas regulares, o seminário era o principal instrumento de disciplina e educação básica para os jovens, fossem ou não seguir a carreira eclesiástica. O acesso às aulas, nos seminários ou nas aulas régias, dava a estes estudantes secundaristas a formação básica para se habilitarem a uma vaga na Universidade de Coimbra, de outro modo restrita aos jovens das elites que podiam arcar com as despesas de uma longa permanência no reino.¹¹⁸

Além de ter fornecido a Freire Allemão a educação necessária para depois realizar os exames para a Academia de Medicina do Rio de Janeiro, o seminário foi onde conheceu Evaristo da Veiga, com quem compartilhou as aulas de Filosofia, e Candido Batista de Oliveira, que o ajudou nas lições de física e matemática¹¹⁹. No seminário também foi onde o jovem Francisco viu despertar o “*sonho de ir a Europa estudar*”¹²⁰, incentivada por seu professor de grego frei Custódio de Campos Oliveira, que próximo ao rei D. João VI, prometeu interceder a seu favor para conseguir ir para Portugal concluir seus estudos, tendo seus planos frustrados pela revolução portuguesa ocorrida naquele momento.¹²¹

marcando a lição e deixava-me, indo dizer sua missa em Coqueiros. (...) Quando voltava para acasa ao meio-dia, pedia -me a lição, que eu nunca pude saber. Ele enfurecia-se, ralhava, dizendo que eu não servia para aquilo, que fosse aprender outro ofício, etc. Eu me afligia, chorava e maldizia -me”. ALLEMÃO apud DAMASCENO e CUNHA. Os manuscritos do botânico. Op. cit. p. 12.

¹¹⁶ DAMASCENO e CUNHA. Os manuscritos do botânico. Op. cit. p. 10-11.

¹¹⁷ Numerista era a designação dada aos alunos pobres mantidos pelo próprio Seminário.

¹¹⁸ VELOSO JUNIOR Os curiosos da natureza. Op. cit. p. 27.

¹¹⁹ Cf. ALLEMÃO. Notícia. Op. cit.

¹²⁰ Idem. Ibidem.

¹²¹ A revolução portuguesa a qual se refere Freire Allemão em seus escritos é o movimento liberal responsável pela convocação das Cortes para elaboração de uma Constituição e que levou ao retorno de D. João VI à Portugal afim de garantir a manutenção da sua Coroa. Cf. NEVES. Corcundas e constitucionais. Op. cit.

Tendo malogrado sua ida a Europa neste tempo e decidindo por não seguir carreira sacerdotal, Freire Allemão então abandona o seminário e, para se sustentar na Corte e não voltar a morar com os pais no Mendanha, passa a ensinar latim a moços e primeiras letras a meninas. Nesta época, estando seu irmão mais velho Antônio trabalhando como enfermeiro no Hospital da Santa Casa da Misericórdia, meio pelo qual conseguiu matrícula como aluno interno da Escola de Cirurgia da Corte¹²², Freire Allemão se juntou a ele no intuito de também estudar Medicina e começou o estudo de osso.

Em 1822, Freire Allemão consegue ingressar na Academia Médico-Cirúrgica da Corte e, com ajuda financeira e incentivo de seu irmão Antonio, durante seis anos lá permaneceu para obter seu título de “*Cirurgião Formado*” e assim poder “*curar em medicina*”.¹²³ Durante o tempo que esteve na Academia, Freire Allemão conta que também frequentava o curso de química na Academia Militar, tendo como lente o professor João da Silva Caldeira. Para concluir seus estudos em Medicina, Freire Allemão contou com, além da ajuda financeira de seu irmão, o patrocínio do governo imperial, que segundo ele naquela época fornecia pensão “*aos moços que se sugeitavão[sic] a servir como cirurgião Militar*”¹²⁴. Quanto a isso, Freire Allemão se viu em apuros quando em 1827, convocado a viajar com Pedro I para o sul e com planos de ir a França concluir seus estudos em Medicina “se fez esquecido” e não se apresentou. Tendo depois de recorrer a João Bandeira de Gouveia, “*empregado de uma secretaria e homem importante*”, para se livrar de punição.¹²⁵

Os planos de Freire Allemão de estudar na Europa, de fato só se realizariam em 1830, quando por intermédio do médico francês, professor da Academia, José Francisco Xavier Sigaud (1796-1856), que informando Freire Allemão que o governo francês fornecia passagem de graça, em seus navios de guerra, para jovens brasileiros que quisessem ir estudar na França, conseguiu uma vaga para Freire Allemão no navio *L'Arrivée*.¹²⁶ Sobre a necessidade de ir a Europa obter o título de Doutor em Medicina, Crenivaldo Junior explica que

O ensino médico no Brasil era incipiente, nem mesmo possuía o reconhecimento para a total habilitação ao exercício da prática e da docência, sendo necessária a complementação dos estudos na Europa. As

¹²² Cf. DAMASCENO e CUNHA. Os manuscritos do botânico. *Op. cit.* p. 13.

¹²³ ALLEMÃO. Notícia. *Op. cit.*

¹²⁴ ALLEMÃO. Notícia. *Op. cit.*

¹²⁵ Freire Allemão foi professor de primeiras letras das filhas de João Bandeira de Gouveia. Cf. ALLEMÃO. Notícia. *Op. cit.*

¹²⁶ ALLEMÃO. Notícia. *Op. cit.*

primeiras gerações de professores eram formadas em Universidades estrangeiras (Coimbra, Paris, Edimburgo).¹²⁷

Desta forma, apesar de em 1828 Freire Allemão ter recebido sua carta de Cirurgião Formado¹²⁸, esta habilitação possuía limitações quanto a exercício da prática médica. Luiz Otávio Ferreira explica que em função do projeto colonial português, só existiu em todo o vasto território transcontinental português uma única faculdade de medicina, a de Coimbra. E que deste modo no Brasil até 1832, coube aos cirurgiões o papel de representantes da medicina europeia. Ferreira indica que “*nas sociedades europeias, em qualquer de suas expressões nacionais, o cirurgião era, quer social quer culturalmente, inferior ao médico. Sua competência estava restrita às chamadas “doenças cirúrgicas” (ferimentos, fraturas, operações em geral).*”¹²⁹

Até 1832, quando as Academias Médico-Cirúrgicas do Rio de Janeiro e da Bahia seriam transformadas em Faculdades de Medicina, a formação em medicina oferecida na Corte era precária e precisava ser complementada na Europa, caso o indivíduo quisesse se libertar das limitações que a carta de cirurgião lhe impunha na prática da medicina.¹³⁰

Sendo assim, em outubro de 1828 com a ajuda de Sigaud, Freire Allemão embarcava para a França afim de complementar seus estudos em medicina e obter o diploma de Doutor. Com a ajuda financeira enviada pelo irmão Antonio, Freire Allemão permaneceria em Paris até 1831, quando defendeu sua tese sobre o bócio endêmico¹³¹ e retornaria ao Brasil com o título de Doutor em Medicina pela Faculdade de Medicina de Paris.¹³² Durante sua estada em Paris, Freire Allemão teve contato e pode estudar com grandes nomes da ciência na época:

Era inverno estavam as Escolas abertas, e comecei a frequenta-las ouvindo as brilhantes lições, na Escola de Medicina, de Chimica de Orfila, e Phisica de Pelletan, de Hygiene de Andral, de Botanica de Clarion, de Physiologia de Dumeril, de Anatomia de Crouveiller. No Hotel de Dieu segui a Clinica de Dupuytren; de Chomel e de outros. Na Sorbonne ouvia as lições de

¹²⁷ VELOSO JUNIOR. Os curiosos da natureza. *Op. cit.* p. 29.

¹²⁸ ACADEMIA MEDICO-CIRURGICA DA CORTE. Carta passada em favor de Francisco Freire Alemão de Cisneiro pelo barão de Inhomirim, diretor da Academia Médico Cirúrgica da Corte. Rio de Janeiro, 26/04/1828. Divisão de Manuscritos/FBN. I-28,05,030.

¹²⁹ FERREIRA. O nascimento de uma instituição científica. *Op. cit.* p. 52.

¹³⁰ Sobre uma perspectiva mais detalhada sobre as diferenciações entre a formação de cirurgiões e médicos no Brasil durante a primeira metade do século XIX cf. FERREIRA. O nascimento de uma instituição científica. *Op. cit.*

¹³¹ Uma discussão mais detalhada sobre a importância da tese defendida por Freire Allemão no campo médico Cf. MORAIS, Rita de Cássia de Jesus. Nos verdes campos da ciência: a trajetória acadêmica do médico e botânico brasileiro Francisco Freire-Allemão (1797-1874). Dissertação (Mestrado em História das Ciências da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ. Rio de Janeiro, 2005.

¹³² FACULDADE DE MEDICINA DE PARIS. Diploma expedido pelo conde de Montalivet em favor de Francisco Freire Alemão. Paris, 30/12/1831. Divisão de Manuscritos/FBN. I-28,05,032.

Thenerage, e Gay Lussac e Puillet. Em outras Escolas ouvi as lições brilhantes do Barão de Cuvier, de Say e de outros. Em outras como Santa Genoveva, ouvi as lições de Chimica de Dumas, as de Physiologia experimental de Magendie, e de muitos outros; em diferentes Faculdades de cujos nomes me não lembro agora.¹³³

De volta ao Brasil em 1832, Freire Allemão se depararia com algumas mudanças, como a abdicação de Pedro I¹³⁴ e a transformação das Academias Médico-Cirúrgicas da Bahia e do Rio de Janeiro em Faculdades de Medicina, havendo uma reformulação nos currículos, que levaria Freire Allemão a participar do concurso para a cadeira de Botânica e Zoologia Médicas. De fato, a matéria de Botânica e Zoologia médica só seria incluída no currículo de formação dos futuros médicos a partir de 1832.¹³⁵ Sendo assim, pode-se afirmar que o primeiro contato que Freire Allemão teve com a botânica foi após sua temporada na França.

Tendo sido aprovado no concurso da cadeira de Botânica e princípios de Zoologia para Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro¹³⁶, Freire Allemão começaria a lecionar naquela instituição em março de 1834, permanecendo até 1853, data de sua jubilação,¹³⁷ voltando a lecionar cinco anos depois na Escola Central, antiga Academia Real Militar, assumindo a cátedra de Botânica e Zoologia.¹³⁸ Em março de 1840, Freire Allemão se tornaria ainda médico da Câmara Imperial, após ter prestado socorro ao Imperador num ataque cerebral¹³⁹.

Esta nomeação lhe abriria ainda muitas portas e a proximidade com a Família Real, permitira a Freire Allemão ter acesso à Biblioteca Imperial onde pode consultar as obras raras “*e outros livros de subido merecimento, que só Elle possui no Brasil*”, e usufruir da companhia de Pedro II para uma excursão botânica feita pelas matas do Andaraí.¹⁴⁰ Freire

¹³³ ALLEMÃO. Notícia. *Op. cit.*

¹³⁴ Sobre isso, Freire Allemão comenta rapidamente, indicando inclusive que teria visto Pedro I em Paris no verão de 1831 durante as comemorações pelo aniversário da queda da Bastilha.

¹³⁵ Cf. FERREIRA. O nascimento de uma instituição científica. *Op. cit.*

¹³⁶ REGENCIA DO IMPERIO DO BRASIL. Carta nomeando Francisco Freire Alemão lente da cadeira do Botânico Médica o Princípios Elementares de Zoologia da Escola de Medicina do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 10/06/1833. Divisão de Manuscritos/FBN. I-28,05,037.

¹³⁷ Cf. ALLEMÃO. Notícia. *Op. cit.*; PEDRO II IMPERADOR DO BRASIL. Carta de jubilação como lente em Botânica Médica e Princípios Elementares de Zoologia expedida por D. Pedro II em favor de Francisco Freire Alemão. Rio de Janeiro, 10/12/1853. Divisão de Manuscritos/FBN. I-28,05,066.

¹³⁸ COELHO, Jerônimo Francisco. Título de nomeação de Francisco Freire Alemão para o lugar de lente de Botânica e Zoologia da Escola Central. Rio de Janeiro, 20/04/1858. Divisão de Manuscritos/FBN. I-28,05,074.

¹³⁹ “Sendo S.M. O Imperador, acometido repentinamente de um ataque cerebral, estando ausente o medico da Camara, fui eu chamado para o ver, por morar ali perto. E sendo estilo da casa fiquei considerado Medico da Camara”. Segundo Saldanha da Gama, Freire Alemão residia na rua da Assembleia nesta época. Cf. ALLEMÃO. Notícia. *Op. cit.*; GAMA, J. de Saldanha. Biografia e Apreciação dos Trabalhos do Botânico Francisco Freire Allemão. Revista do IHGB, 1875.

¹⁴⁰ Cf. DAMASCENO e CUNHA. Os manuscritos do botânico. *Op. cit.* p. 19.

Allemano foi ainda nomeado médico oficial da comitiva encarregada de ir à Nápoles, em 1843, acompanhar a vinda da futura Imperatriz do Brasil, e princesa das Duas Sícilias, Tereza Cristina de Bourbon (1822-1889).

Sujeita a acasos e venturas do destino parece ter sido feita a trajetória de Francisco Freire Allemano, ou pelo menos assim quis que remetesse ao escrever seus relatos autobiográficos. Longe de julgar como verdade ou mentira os fatos relatados pelo botânico, cabe aqui entender que sua trajetória é feita antes de escolhas do que subjugada às sortes de seu destino. Como defende Giovanni Levi, toda ação social

(...) é o resultado de uma constante negociação, manipulação, escolhas e decisões do indivíduo, diante de uma realidade normativa que, embora difusa, não obstante oferece muitas possibilidades de interpretações e liberdades pessoais.¹⁴¹

A preocupação em constituir uma imagem de cientista através do seu relato faz com que Freire Allemano por vezes omita acontecimentos sociais, políticos e econômicos que presenciou, optando por dar maior ênfase a sua trajetória acadêmica e científica. Esta estratégia parece ter algum efeito, quando analisado os relatos feitos por seus biógrafos que sempre se atêm à imagem calma e serena do botânico¹⁴², um sábio nato:

Freire Allemano representa um caso típico de vocação científica, que só o acaso salvou de perda completa. Circunstâncias fortuitas permitiram que viesse a ser, no conceito autorizado de Artur Neiva, “o maior botânico que o Brasil possui”, e segundo Miguel Lilo, “o maior da América do Sul”¹⁴³

A estratégia acionada por Freire Allemano ao construir sua biografia se encerra na lógica retrospectiva por ele criada para dar sentido a sua trajetória. Num exercício de compreensão de si mesmo e no ato seletivo das coisas e fatos que gostaria que fossem lembrados sobre si, ele constrói uma identidade de um indivíduo gestado para ciência, que venceu as dificuldades impostas pelo destino e aproveitou as oportunidades a ele oferecidas,

¹⁴¹ LEVI, Giovanni. “Sobre a micro-história” In: BURKE, Peter (org). A escrita da história: novas perspectivas. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.p. 133-161.

¹⁴² Os biógrafos aqui referenciados são Saldanha da Gama (1875), Darcy Damasceno e Waldir Cunha (1961) e João Francisco Sousa (1948), que numa leitura comparativa de seus trabalhos biográficos com a autobiografia de Freire Allemano nos é perceptível a reprodução da lógica do autobiografado, com pequenas diferenças referentes a detalhes da trajetória fornecidos por um ou por outro.

¹⁴³ VENÂNCIO, F. apud SOUSA, João Francisco de. Freire Allemano, o botânico. Rio de Janeiro, Pongueti, 1948. p. 1

não sem esforço pessoal, e nunca fugindo de sua personalidade tranquila e avessa aos jogos de interesse político.

Por outro lado, o que é perceptível através da análise dos registros documentais legados pelo botânico é que ele galgou seu espaço no cenário científico do Segundo Reinado, através de laços e redes de contatos que estabeleceu ao longo de sua trajetória. Da infância pobre no Mendanha a cientista renomado na Corte, Freire Allemão soube ativar as redes de sociabilidade que foi construindo ao longo dos anos e que se apresentavam plausíveis para os homens de ciência naquele momento.

Tomou parte em diversas associações e instituições científicas no Brasil e na Europa, foi sócio da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional (SAIN)¹⁴⁴, da Academia Imperial de Medicina¹⁴⁵, do IHGB¹⁴⁶, do Institut Historique de Paris¹⁴⁷, da Academia Pontaniana¹⁴⁸, entre outras. Foi sócio fundador da Sociedade Velloziana e da Sociedade Palestra Científica¹⁴⁹.

Em carta ao Sr. Jean Goncet¹⁵⁰, Freire Allemão faz questão de elencar todos quesitos que gostaria que figurassem na parte, da obra biográfica editada por Goncet, que lhe cabia. Assim ele lista todas as instituições e associações científicas a quais estava afiliado como o Royal Institut d'Encouragement des Sciences Naturelles de Nápoles, a Sociedade Farmacêutica de Lisboa, a Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional e a Academia Imperial de Medicina. Além disso, Freire Alemão também relaciona as plantas cuja identificação e classificação são de sua autoria e publicação.¹⁵¹

Foi chefe da seção Botânica e Presidente da Comissão Científica de Exploração (1859-1861)¹⁵², participou da Exposição Universal de 1867, em Paris, onde apresentou trabalho sobre as madeiras do Brasil, redigido juntamente com Saldanha da Gama, Custódio Alves

¹⁴⁴SOCIEDADE AUXILIADORA DA INDUSTRIA NACIONAL. Diploma em nome do Freire Alemão, nomeando-o seu sócio efetivo. Rio de Janeiro, 22/12/1836. Divisão de Manuscritos/FBN. I-28,05,040.

¹⁴⁵SOCIEDADE DE MEDICINA DO RIO DE JANEIRO. Diploma em favor de Francisco Freire Alemão, nomeando-o seu membro titular. Rio de Janeiro, 24/05/1832 Divisão de Manuscritos/FBN. I-28,05,033.

¹⁴⁶INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAFICO BRASILEIRO. Ofício a Francisco Freire Alemão, comunicando-lhe que fora elevado à categoria de Sócio Honorário. Rio de Janeiro, 23/07/1875. Divisão de Manuscritos/FBN. I-28,05,089.

¹⁴⁷INSTITUT HISTORIQUE. Diploma expedido em nome de Francisco Freire Alemão. Paris, 25/07/1835. Divisão de Manuscritos/FBN. I-28,05,038

¹⁴⁸ACADEMIA PONTANIANA. Diploma de membro da Academia Pontaniana expedido em favor de Francisco Freire Alemão. Nápoles, 06/07/1843. Divisão de Manuscritos/FBN. I-28,05,051.

¹⁴⁹ Sobre a Sociedade Velloziana e a Palestra Científica ver Capítulo II.

¹⁵⁰ Não foram encontradas informações biográficas sobre o mesmo.

¹⁵¹ Carta de Freire Allemão a Jean Goncet. Rio de Janeiro, 2/06/1866. Divisão de Manuscritos/FBN 13,02,015, doc. 38.

¹⁵² Sobre a Comissão Científica de Exploração ver Capítulo III.

errão e Ladislau Netto¹⁵³. Publicou diversos trabalhos em periódicos, sendo apontado por Rachel Pinheiro em seu estudo como um dos mais produtivos cientistas da época:

Olhando o conjunto de publicações tratadas aqui, salta aos olhos a produção de Francisco Freire Allemão, tanto em quantidade, quanto em qualidade. As suas várias descrições e artigos sobre a Fisiologia Vegetal, quase sempre acompanhados de ilustrações, dialogam com os botânicos europeus da época de forma muito consistente.¹⁵⁴

Em outra carta a Jean Goncet, ao relacionar mais alguns trabalhos publicados por ele, e concluindo “*c’est tout que j’ai fait jusqu’ici pour aller à l’immortalité*”¹⁵⁵, Freire Allemão deixa claro para nós ter consciência do papel que a publicação assumia como uma das formas de reconhecimento e legitimação de sua prática.

Inserido nos principais meios científicos da época Freire Allemão participou ativamente do processo de institucionalização e consolidação da ciência ao longo do Segundo Reinado. Membro da emergente comunidade científica brasileira, ele buscava se integrar a uma “*République des Sciences*” em busca de legitimação e reconhecimento da sua prática. No processo de inserção nas redes de sociabilidade, uma ferramenta utilizada por Freire Allemão ganha destaque: sua prática epistolar.

As relações epistolares de Freire Allemão permitem visualizar como este botânico estabelece relações junto a redes de sociabilidade importantes para sua circulação no meio letrado da época. Correspondentes como Guilherme Schüch de Capanema, Frederico Leopoldo César Burlamaqui, entre outras figuras de destaque no meio intelectual da época nos demonstra como ele se articulava junto a seus contatos para estar informado do mundo científico de sua época, bem como para realização de suas pesquisas.

1.4- Entre plantas e saberes: relações epistolares de Freire Allemão

A correspondência de Freire Allemão pode dizer muito mais sobre como este botânico conseguiu se estabelecer no emergente meio científico brasileiro e obter legitimidade da sua prática não somente pelos seus pares no Brasil mas também no exterior. A troca de correspondência entre letrados é instituída desde o século XVI como um postulado de

¹⁵³ ALLEMÃO, Francisco Freire *et all.* Breve notícia sobre a collecção das madeiras do Brasil apresentada na Exposição internacional de 1867, pelos Srs. F. Freire Allemão, Custodio Alves Serrão, Ladisláo Netto e J. de Saldanha da Gama. Tipografia Nacional, 1867.

¹⁵⁴ PINHEIRO. O que escreviam nossos cientistas. *Op. cit.* p.195.

¹⁵⁵ Carta de Freire Allemão a Jean Goncet, 1865. Divisão de Manuscritos/FBN. 13,02,015 doc. 37.

colaboração e reciprocidade¹⁵⁶. A carta assume neste contexto uma tripla função: legitimação, mediação e informação¹⁵⁷. E para além desses usos a análise da correspondência científica permite mapear as redes de sociabilidade de um cientista e os meios sociais onde este circula, podendo também identificar os múltiplos interesses e objetivos por trás das missivas.

Peter Burke ao investigar os rumos de uma história social do conhecimento, aponta para a especificidade de uma sociabilidade intelectual que procura afirmar identidades de um grupo. Os “*homens de saber*”, especialistas do conhecimento, que não almejavam ou não conseguiam obter posições na burocracia, buscaram autonomia e meios de se distinguir de outros grupos sociais. Burke indica que desde o século XV a necessidade de afirmação destes letrados de pertencerem a uma comunidade que transcendia fronteiras nacionais, uma comunidade imaginária, levou ao desenvolvimento de costumes e mecanismos próprios de comunicação e legitimação. Entre estes mecanismos podemos mencionar a prática epistolar.¹⁵⁸

Patrice Bret ao analisar a correspondência científica de dois químicos membros da Academia de Ciências, artes e belas-letas de Dijon no final do século XVIII, aponta a importância da “periferia” para difusão e consolidação do conhecimento científico. Ele defende o importante papel da correspondência na construção de novas formas de sociabilidade e de novos saberes

À bien de égards, quoique à des degrés divers, la question de la communication interesse effectivement toutes les catégories de l'Académie (...) au-dellá de la collecte et de la circulation des informations, la correspondance entre les membres constitue un indispensable laboratoire pour éprouver les idées. (...) le rôle épistémologique du Voyage, de la correspondance et, plus généralement, de la circulation des faits et des interprétations, nécessaire à la construction des savoirs et à la validation des théories.¹⁵⁹

O conjunto de cartas trocadas por Freire Allemão e que constituem parte do espólio de sua coleção, depositada no setor de manuscritos da Biblioteca Nacional, reúne no total 486 missivas, entre enviadas, recebidas e de terceiros(ver gráfico 1). Neste conjunto algumas lacunas são encontradas, principalmente entre a correspondência recebida, onde notamos a

¹⁵⁶ Cf. BUNGENER. Un botaniste dans la République des Sciences. *Op. cit.* p. 156.

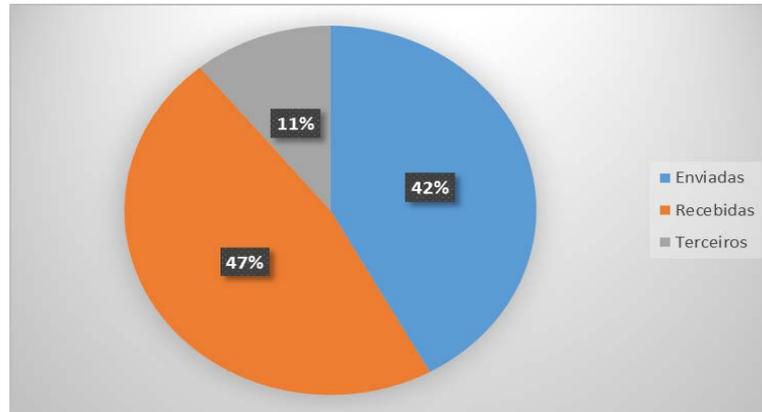
¹⁵⁷ Cf. PASSERON. La République des Sciences. *Op. cit.* p. 15.

¹⁵⁸ Cf. BURKE, Peter. Uma história social do conhecimento: de Gutemberg a Diderot. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

¹⁵⁹ BRET, Patrice. “Ils ne forment tous qu'une même République ». Académiciens, amateurs et savants étrangers dans la correspondance des chimistes à la fin du 18e siècle”. In: *Dix-huitième siècle*, 2008/1 n° 40, p. 266.

falta de cartas de personagens importantes do período e que provavelmente ficaram em poder dos familiares do nosso botânico pelo valor simbólico e financeiro que estas possuem¹⁶⁰.

Gráfico 1 – Correspondência Freire Allemão



Freire Allemão era consciente do papel que as relações epistolares assumiam no reconhecimento e legitimidade de sua prática científica e se utilizou muito bem destas para este fim. Entre assuntos corriqueiros, questões administrativas e assuntos familiares grande parte da correspondência de Freire Allemão trata de temas ligados a botânica e a história natural. Através das cartas do botânico é perceptível como a sua expertise em Botânica o definiu como um profissional dinâmico e com atuação e influência em diversos espaços.

Como professor na Escola de Medicina e na Escola Central recebia cartas pedindo favorecimentos em exames, e convites para participar de solenidades e concursos.¹⁶¹ Como membro de instituições científicas do Império, é designado para tomar parte em comissões e conselhos. Pelo IHGB foi designado como membro da Comissão Científica de Exploração. Pela SAIN, foi designado para estudar e dar seu parecer sobre a questão da depreciação do chá brasileiro e a praga que atacava os cafezais do Rio de Janeiro.¹⁶²

¹⁶⁰ Como tratarei mais à frente, as cartas de importantes nomes da ciência no século XIX, como Martius e Alphonso de Candolle, com os quais Freire Allemão estabeleceu relações epistolares importantes, não são encontradas entre as cartas depositadas no setor de Manuscritos da Biblioteca Nacional.

¹⁶¹ Cf. Carta de Miguel Antonio da Silva Junior a Freire Allemão. Rio de Janeiro, 05/11/1860. Divisão de Manuscritos/FBN. I-28,03,052 (Microfilme MS 548 (1) doc.244); Cartas de Nicolau Tolentino de Vasconcelos a Freire Allemão. Fortaleza de Cabedele da Paraíba, 01/08/1861 e Ceará, 25/09/1861. Divisão de Manuscritos/FBN I-28,03,088 e 089 (Microfilme MS 548 (1) doc.282 e 283).

¹⁶² Cf. Carta de Freire Allemão a Caetano Alberto Soares e a Lourenço Vieira de Sousa Meireles.[S.l.], 26/11/1848. Divisão de Manuscritos/FBN I-28,01,018 (Microfilme MS 548 (1) doc.018); Carta de Freire Allemão a Manuel Felizardo de Souza e Mello. Divisão de Manuscritos/FBN I-28,02,002 (MS 548 (1) doc.098); Carta de Freire Allemão ao Ministro da Agricultura. [Rio de Janeiro], 25/02/[1862]. Divisão de Manuscritos/FBN I-28,02,004 (Microfilme MS 548 (1) doc.100); Carta de Freire Allemão a Luís Alves Leite de

Como médico da Câmara Freire Allemão viu sua rede de sociabilidade ser ampliada e seu status como cientista ser elevado. Com a responsabilidade de cuidar da saúde do Imperador e de sua família, Freire Allemão trabalhava em regime de escala semanal com José Francisco Xavier Sigaud (1796-1856) e José Martins da Cruz Jobim (1802-1878), dois nomes importantes da medicina do Império.¹⁶³

Interessante é perceber que com ambos os médicos as relações parecem ter sido iniciadas anteriormente à nomeação como médico da Câmara. Freire Allemão já desfrutava da simpatia de Sigaud quando obteve ajuda para embarcar para a Europa, e com Jobim já trocava cartas desde 1837, quando este lhe pede que envie amostras de erva mate, e assina como “o velho Jobim”¹⁶⁴. Talvez, por meio destas relações aqui constatadas, a lembrança do nome de Freire Allemão como médico para socorrer o imperador em momento de agonia não se tenha dado por acaso.

A proximidade com a Família Real garantiu também a Freire Allemão ganhar a confiança e simpatia da Imperatriz Tereza Cristina, registrada na carta de Isidoro Pamplona Corte, que em nome da Imperatriz, envia nota de uma planta vinda de Nápoles, para que Freire Allemão diga como esta é conhecida no Brasil¹⁶⁵, e em outra enviada por Amélia Guilhermina de Oliveira, onde Freire Allemão aparece como intermediário na entrega de sapotis¹⁶⁶ para S. M. Imperial.¹⁶⁷ Além disso, Freire Allemão foi responsável por ensinar botânica às princesas imperiais¹⁶⁸.

No cruzamento dos diversos papéis sociais que assumia é que Freire Allemão vai pouco a pouco constituindo suas redes de sociabilidade científica e a centralidade assumida

Oliveira Bello. São João de Príncipe, 04/04/1862. Divisão de Manuscritos/FBN I-28,02,006 (Microfilme MS 548 (1) doc.102); Cartas do Conde de Baependi a fazendeiros do Rio de Janeiro. [Rio de Janeiro], 10/02/1862. Divisão de Manuscritos/FBN I-28,05,006 - 017 (Microfilme MS 548 (2) doc.108 – 221); Carta de Freire Allemão a Praxedes. [S.l.] [S.d.]. Divisão de Manuscritos/FBN I-28,02,048 (Microfilme MS 548 (1) doc.144); Carta de Emilio Joaquim da Silva Maia a Freire Allemão. Rio de Janeiro, 06/09/1848. Divisão de Manuscritos/FBN I-28,02,064 (Microfilme MS 548 (1) doc.160); Carta de Lourenço Vieira de Sousa Meirelles a Freire Allemão. [S.l.] [S.d.]. Divisão de Manuscritos/FBN I-28,04,073 n°001 (Microfilme MS 548 (2) doc.083); Carta de Caetano Alberto Soares a Freire Allemão. Santa Catarina, 08/12/1848. Divisão de Manuscritos/FBN I-28,04,073 n°002 (Microfilme MS 548 (2) doc.083).

¹⁶³ Cf. Cartas de José Martins da Cruz Jobim para Freire Allemão. Rio de Janeiro, 19/03/1855 e 22/03/1855. Divisão de Manuscritos/FBN I-28,02,087 - 088 (Microfilme MS 548 (1) doc.184 e 185); Carta de José Francisco Xavier Sigaud para Freire Allemão. [S.l.] 09/08/1849. Divisão de Manuscritos/FBN I-28,02,069 (Microfilme MS 548 (1) doc.165).

¹⁶⁴ Cf. Carta de José Martins da Cruz Jobim para Freire Allemão. Rio de Janeiro, 25/01/1837. Divisão de Manuscritos/FBN I-28,02,055 (Microfilme MS 548 (1) doc.151).

¹⁶⁵ Cf. Carta de Isidoro Pamplona Corte Real a Freire Allemão. Rio de Janeiro, 15/06/1857. Divisão de Manuscritos/FBN. I-28,03,010 (Microfilme MS 548 (1) doc.197).

¹⁶⁶ Fruto do sapotizeiro. Muito usado para fazer doces, sucos e sorvetes.

¹⁶⁷ Cf. Carta de Amélia Guilhermina de Oliveira a Freire Allemão. Niterói, 15/08/1856. Divisão de Manuscritos/FBN. I-28,03,008 (Microfilme MS548 (1) doc.195).

¹⁶⁸ GAMA. Biografia e apreciação. *Op. cit.* p. 105.

pela botânica e pela história natural na vida de Freire Allemão, desde sua volta da Europa e ascensão a cadeira de botânica na Faculdade Medicina, faz com que o botânico se afaste da prática médica e cada vez mais se dedique ao estudo prático e de campo de um naturalista.

Desta forma é que Freire Allemão vê a necessidade de buscar legitimidade frente aqueles que toma como mestres e sábios. A distância que o separa da Europa, tomada como centro irradiador da civilização, é superada através das cartas. É através da escrita epistolar que Freire Allemão procura se articular no meio científico europeu obtendo a avaliação de seus trabalhos, o acesso a obras e trabalhos de outrem, bem como a multiplicação de suas redes sociais e científicas. A importância destas relações epistolares é expressa pelo ato do botânico de copiar e guardar as cartas trocadas com “*sábios e naturalistas da Europa*”¹⁶⁹.

No rastro destes vestígios deixados nestas cartas são descobertas quatro grandes fluxos de importantes comunicações científicas do botânico brasileiro com o Velho Mundo. Com correspondentes na Itália, França, Alemanha e Inglaterra, Freire Allemão soube se aproveitar muito bem das relações encetadas ainda no Brasil para divulgar e comunicar seus estudos na Europa. Em algumas das cópias das cartas enviadas, ele deixa registrado a forma como foi estabelecido contato com estes destinatários ilustres, ou mesmo quem era responsável por fazer a troca da correspondência, o que revela a importância dos espaços sociais ocupados por Freire Allemão no Brasil.

No caso da Itália, suas relações certamente se iniciaram em função da viagem à Nápoles na comitiva designada para buscar a princesa das Duas Sícilias e oficializar o casamento real, em 1842. A ida à Nápoles permitiu a Freire Allemão estabelecer novos vínculos científicos na Europa que seriam mantidos através de intensa correspondência com diversos cientistas napolitanos.

Embora Nápoles não fosse considerada um dos grandes centros da ciência europeia, como Paris e Londres, possuía uma importância fundamental como ponto nevrálgico da vida econômica, política e econômica da península itálica, desfrutando de grande tradição intelectual em todos os campos do pensamento desde a fundação de sua universidade em 1224, por Frederico II.¹⁷⁰ Como reflexo desta tradição serve de exemplo a educação da princesa Teresa Cristina, que segundo seus biógrafos, compartilhava com Pedro II o grande

¹⁶⁹ Entre os documentos que compõem a coleção de Freire Allemão encontramos um códice, identificado com a letra do botânico, com o seguinte título “*Copia da correspondencia com varios sabios e naturalistas da Europa*”. Divisão de Manuscritos/FBN – 13,02, 015.

¹⁷⁰ Para mais informações sobre a tradição intelectual de Nápoles Cf. AVELLA, Aniello Angelo. Teresa Cristina Maria de Bourbon, uma imperatriz silenciada. *Anais do XX Encontro Regional de História: História e Liberdade* - ANPUH/SP .UNESP-Franca. São Paulo: set. 2010.

interesse pela ciência e artes em geral¹⁷¹. A importância cultural de Nápoles naquela época é atestada pelo relato de Freire Allemão que cita ter conhecido importantes lugares para a cultura ocidental, como Igrejas, Palácios, Bibliotecas, gabinetes de antiguidades, Pompeia e o Vesúvio; e ter ido a Roma, onde visitou o Vaticano e beijou- o anel do Sumo Pontífice¹⁷².

Entre 1844 e 1865, foram trocadas 20 cartas com intelectuais napolitanos¹⁷³, comunicando nomeações como sócio correspondente de importantes instituições científicas da Corte, como o IHGB e a Academia Imperial de Medicina, a entrega de presentes enviados ao Imperador, agradecendo o envio de trabalhos e obras sobre ciências naturais bem como a nomeação como sócio correspondente de instituições científicas de Nápoles.

Entre os nomes napolitanos que surgem como correspondentes de Freire Allemão, a partir de 1843, estão Ferdinand de Luca (1783-1869), geógrafo e advogado, Teodoro Monticelli (1759-1845), matemático interessado em mineralogia e agricultura, Giovanni Sémmola (1793-1865), médico e farmacêutico, Giovanni Pagano, médico, Pasquale Stanislao Mancini (1817-1888), jurista e estadista, Salvador de Renzi (1800-1872), médico interessado em história da medicina, e Michele Tenore (1780-1861), naturalista.¹⁷⁴

Com Michele Tenore parece ter se desenvolvido a relação mais profícua, para quem Freire Allemão enviou trabalhos e ensaios botânicos para sua avaliação e manteve contato entre 1843 e 1865.¹⁷⁵ Michele Tenore (1780–1861) foi um importante naturalista napolitano, que ajudou na criação do Jardim Botânico de Monte Oliveto (1805), e em 1809 iniciou uma série de expedições nos Apeninos, a fim de enriquecer as coleções botânicas do jardim e cujos

¹⁷¹ Cf. GUIMARÃES, Lucia Maria Paschoal. Teresa Cristina de Bourbon (1822-1889): a face oculta da imperatriz silenciosa. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo: USP, julho 2011.*

¹⁷² Cf. ALLEMÃO. Notícia. *Op. cit.*

¹⁷³ Cf. Cartas de Freire Allemão a Michele Tenore. Rio de Janeiro, 20/12/1845, 07/12/1847, [S.l.][1865], [S.l.][S.d.]. In: DAMASCENO e CUNHA. Os Manuscritos do botânico. *Op. cit.* p.118-120 e Divisão de Manuscritos/FBN 13,02,015 n.012, I-28,02,016 e I-28,02,040 n°003 (Microfilme MS 548 (1) doc.112 e 136); Cartas de Freire Allemão a Ferdinand de Luca. [S.l.] 10/05/1844, [S.d.] e [S.l.][S.d.]. Divisão de Manuscritos/FBN I-28,01,002 e 006 e 034 n°001; (Microfilme MS 548 (1) doc.002, 006 e 126); Carta de Freire Allemão a Francesco Cervelleri. [S.l.] 10/05/1844. Divisão de Manuscritos/FBN I-28,01,003 (Microfilme MS 548 (1) doc.003); Carta de Freire Allemão a Antonio Nanula. [S.l.] 10/05/1844. Divisão de Manuscritos/FBN I-28,01,004 n°001 e 034 n°003 (Microfilme MS 548 (1) doc.004 e 126); Carta de Freire Allemão a Giovanni Pagano. [S.l.], 1844. Divisão de Manuscritos/FBN I-28,01,004 n°002 (Microfilme MS 548 (1) doc.004); Carta de Freire Allemão a Giovanni Sémmola. [S.l.], 10/05/1844 e [S.l.][S.d.]. Divisão de Manuscritos/FBN I-28,01,005 e I-28,02,040 n°001 (Microfilme MS 548 (1) doc.005 e 136); Carta de Freire Allemão a Vincenzo Stellati. [S.l.] [S.d.]. Divisão de Manuscritos/FBN I-28,01,007 (Microfilme MS 548 (1) doc.007); Carta de Freire Allemão a Luigi Rizzi. [S.l.][S.d.]. Divisão de Manuscritos/FBN I-28,02,030 n°001 (Microfilme MS 548 (1) doc.126); Carta de Freire Allemão a Pasquale Stanislao Mancini. [S.l.] [S.d.]. Divisão de Manuscritos/FBN I-28,02,030 n°003 (Microfilme MS 548 (1) doc.126); Carta de Freire Allemão a Teodoro Monticelli. [S.l.][S.d.]. Divisão de Manuscritos/FBN I-28,01,034 n°002 (Microfilme MS 548 (1) doc.126); Carta de Freire Allemão a Samantini. [S.l.] [S.d.]. Divisão de Manuscritos/FBN I-28,02,040 n°002 (Microfilme MS 548 (1) doc.136).

¹⁷⁴ Todas essas informações biográficas foram retiradas de “Trecanni, L’Enciclopedia Italiana”. Disponível em : <http://www.treccani.it/>. Acesso em: 04/04/2014.

¹⁷⁵ Cf. Cartas de Freire Allemão a Michele Tenore, *Op. cit.* e Carta de Freire Allemão a Martius. Rio de Janeiro, 12/1845. In: DAMASCENO e CUNHA. Os Manuscritos do botânico. *Op. cit.* p. 120-121.

estudos foram publicadas na Flora Napolitana. Além de sido reitor da Universidade de Nápoles (1844-1845) e presidente da Academia Pontaniana.

Outro nome importante da península Itálica, com quem Freire Allemão se correspondeu foi Giovanni de Brignoli di Brunnhoff (1774 -1857). Brignoli foi um ilustre botânico italiano, colaborador de obras botânicas de grande vulto como a “Flora Italica” de Antonio Bertolini¹⁷⁶, o “Prodromus systematis naturalis regni vegetabilis” de Augustin Pyramus de Candolle (1778-1841)¹⁷⁷ e da obra “Flora Italiana” de Filippo Parlatore (1816-1877)¹⁷⁸. Nas duas cartas em 1840 e 1841.¹⁷⁹ trocadas com Brignoli, e enviadas através de Henrique de Beaupaire Rohan (1812-1894)¹⁸⁰, Freire Allemão responde a uma demanda do botânico italiano por trabalhos nacionais sobre a natureza brasileira, dizendo que ela ainda é melhor investigada pelos estrangeiros devido ao pouco interesse despertado nos brasileiros pelo estudo das Ciências Naturais.

Com a França, Freire Allemão teve seu primeiro contato com o mundo científico europeu ainda em Paris, quando para lá viajou afim de obter seu diploma de doutor. Provavelmente nesta ocasião é que estabeleceu contato com botânicos franceses que manteria contato ao longo de sua vida. Com Alphonse de Candolle¹⁸¹, Freire Allemão estabeleceu relações desde cedo com a primeira carta datada de 1854¹⁸². Botânico suíço que introduziu novos métodos de investigação e análise de fitogeografia, Candolle sucedeu a seu pai, o eminente botânico Augustin Pyrame de Candolle, para a cadeira de botânica e como o diretor dos jardins botânicos da Universidade de Genebra (1842-1893). Com ele, Freire Allemão realizou trocas de espécimes botânicos e enviou trabalhos seus para avaliação, como os

¹⁷⁶ BERTOLINI, Antonii. Flora italica, sistens plantas in Italia et in insulis circumstantibus sponte nascentes. 10 volumes. Napoli: 1833-1854.

¹⁷⁷ CANDOLLE, Augustin Pyramus de. Prodromus systematis naturalis regni vegetabilis, sive, Enumeratio contracta ordinum generum specierumque plantarum huc usque cognitarium, juxta methodi naturalis, normas digesta. Parisii :Sumptibus Sociorum Treuttel et Würtz, 1824-1873.

¹⁷⁸ PARLATORE, Filipo. Flora italiana; ossia, Descrizione delle piante che crescono spontanee o vegetano come tali in Italia e nelle isole ad essa aggiacenti; disposta secondo il metodo naturale. Napoli: 1848-1896.

¹⁷⁹ Cf. Cartas de Freire Allemão a Giovanni dei Brignoli. Rio de Janeiro, 24/08/1841 e 30/07/1840. Divisão de Manuscritos/FBN 13,02,015 n.001 e 002.

¹⁸⁰ Militar, político, membro do IHGB e da SAIN, e membro fundador da Sociedade Vellosiana. Cf. Carta de Freire Allemão a Brignoli. 30/07/1840. In: DAMASCENO e CUNHA. Os manuscritos do botânico. *Op. cit.* p. 113.

¹⁸¹ Alphonse Pyrame de Candolle (1806-1893) editou os últimos 10 volumes do Prodromus Systematis Naturalis Regni Vegetabilis (17 vol., 1824-1873). Publicou *Géographie botanique raisonnée*, 2 vol. (1855) e *Origine des plantes cultivées* (1883).- Cf. verbete Alphonse Pyrame de Candolle. Encyclopaedia Britannica. Disponível em: <http://www.britannica.com/EBchecked/topic/92468/Alphonse-Pyrame-de-Candolle>. Acesso em: 24/02/2014.

¹⁸² Cf. Carta de Freire Allemão a Alphonse de Candolle. Rio de Janeiro, 11/1854. In: DAMASCENO e CUNHA. Os manuscritos do botânico. *Op. cit.* p. 146-147.

trabalhos da CCE, e também trabalhos de outros naturalistas brasileiros, como a *Flora Fluminensis* de Frei Velloso¹⁸³.

De Henri Ernest Baillon¹⁸⁴, Louis Édouard Bureau¹⁸⁵ e Nestor León Marchand¹⁸⁶, Freire Allemão parece ter chamado atenção em função da Comissão Científica, já que as cartas enviadas para estes, já em fins da década de 1860, sempre tratam do interesse destes pelos resultados da expedição entre outros assuntos¹⁸⁷. Estes três personagens eram naturalistas franceses que faziam parte de instituições científicas importantes do território francês, e portanto interessados em acompanhar os resultados da primeira expedição científica brasileira.

Além de manter contato com estes naturalistas franceses, Freire Allemão tentou estabelecer comunicação com dois nomes de grande importância na ciência Botânica ao longo do século XIX: Achille Richard (1794-1852) e Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853). Achille Richard atuou como curador do Herbário de Benjamin Delessert e no Muséum d'Histoire Naturelle em Paris (1817-1831) e publicou importantes obras botânicas de grande referência para o século XIX, entre elas *Nouveaux éléments de botanique* (1819) e *Botanique médicale* (1823)¹⁸⁸. Auguste de Saint-Hilaire, viajou pelo Brasil entre 1816 e 1822, e escreveu importantes obras sobre a flora, a fauna e os costumes brasileiros do início do século XIX, sendo referenciado hoje em dia como representante do modelo de viajante-naturalista difundido ao longo do oitocentos¹⁸⁹.

¹⁸³ Cf. Cartas de Freire Allemão a Alphonse de Candolle. Rio de Janeiro, 30/01/1863, 15/01/1867 e 20/01/1863. Divisão de Manuscritos/FBN 13,02,015 n.035 e 040, I-28,02,012 (Microfilme MS 548 (1) doc.108)

¹⁸⁴ Henri Ernest Baillon (1827-1895) - foi um botânico e médico francês. Baillon passou sua vida profissional como professor de história natural, e publicou numerosos trabalhos sobre botânica. Ele foi nomeado para a Legião de Honra em 1867 e se juntou à Royal Society em 1894. Baillon editou o "Dictionnaire de Botanique" (1876-1892). Cf. BRUMMITT, R. K. POWELL, C. E. *Authors of Plant Names*. Kew: Royal Botanic Gardens, 1992.

¹⁸⁵ Louis Édouard Bureau (1830 - 1918) - Foi um médico e botânico francês. Foi professor no Museu Nacional de História Natural de Paris (1874 -1905).Foi contribuidor das obras de Baillon , dictionaire de Botanique, de Martius, Flora Brasiliensis. Cf. JAUSSAUD, Philippe and BRYGOO, Édouard-Raoul. *Du Jardin au Muséum en 516 Biographies*. Paris: Publications scientifiques du Muséum national d'Histoire naturelle, 2004.p. 120-121.

¹⁸⁶ Nestor León Marchand (1833-1911) foi um médico, farmacêutico e botânico francês. Conhecido pelos estudos sobre a família de plantas Anacardaceae. Autor de *Du Croton tiglium : recherches botaniques et thérapeutiques* (1861) e *Recherches organographiques et organogéniques sur le Coffea arabica L.* (1864). Disponível em: <http://www.shp-asso.org/index.php?PAGE=marchand> . Acesso em: 20/01/2014.

¹⁸⁷ Cf. Cartas de Freire Allemão a Henri Baillon. [S.l.], 1869, 01/08/1871 e [1872]. Divisão de Manuscritos/FBN 13,02,015 n.043, 046 e; I-28,02,020 (Microfilme MS 548 (1) doc.117); Carta de Freire Allemão a Louis Bureau. [S.l.] 07/09/1869. Divisão de Manuscritos/FBN 13,02,015 n.044; Carta de Freire Allemão a León Marchand. [S.l.] 20/09/1869. Divisão de Manuscritos/FBN 13,02,015 n.045.

¹⁸⁸ Cf. ACHILLE RICHARD(1794-1852). Disponível em : <http://plants.jstor.org/> Acesso em: 20/01/2014.

¹⁸⁹ KURY, Lorelai. Auguste de Saint-Hilaire, viajante exemplar. Revista Intellectus. Ano II, n.I, 2003. Disponível em: <http://www.intellectus.uerj.br/Textos/Ano2n1/Texto%20de%20%20Lorelai%20Kury.pdf>. Acesso em: 15/09/2013.

Contudo a importância, reconhecida por Freire Allemão, de ter contato com estes dois naturalistas franceses, o botânico brasileiro deixa registrado nas cópias das cartas enviadas não ter obtido repostas e nem mesmo certeza de que as cartas foram entregues, talvez por inconstâncias que rodeavam a troca de correspondência entre os dois continentes naquele período, ou mesmo pela proximidade que as datas de envio das missivas mantêm com o ano de falecimento dos mesmos.¹⁹⁰

Na Inglaterra, Freire Allemão manteve correspondência com John Miers (1789-1879) e Daniel Hanbury (1825-1875). Miers foi um botânico e engenheiro inglês que realizou viagens e estudos sobre a flora do Chile e da Argentina. Miers esteve no Brasil na década de 1830 para realizar trabalhos de engenharia e aqui abriu um estabelecimento, por onde Freire Allemão mantinha contato com ele após o retorno para Londres¹⁹¹. Através de Miers, Freire Allemão parece ter tido contato com Daniel Hanbury, farmacêutico inglês que estudou a farmacopeia de várias regiões do mundo em viagens juntamente com Joseph Dalton Hooker (1817-1911) e George Bentham (1800-1884), importantes botânicos ingleses, ambos membros do Royal Botanic Gardens de Kew e da Royal Society de Londres, que publicaram juntos a obra *Genera Plantarum* (1862-1883).¹⁹² Sendo Através de Miers e Hanbury, Freire Allemão tentou entrar em contato com Hooker e Bentham, para os quais enviou trabalhos da Velloziana e da Comissão Científica.¹⁹³

A importância das redes e contatos que Freire Allemão mantinha no Brasil ficam evidentes nos esforços que o botânico fazia para movê-las a seu favor. Na falta de um contato mais intenso e direto com seus pares europeus, principalmente em Londres e Paris, ele explora todos os espaços e oportunidades que se apresentavam possíveis na tentativa de constituir suas redes de sociabilidade e estar em contato com aquilo que era tido como referência na produção de conhecimento sobre Ciências Naturais. Sendo assim, é importante ressaltar o peso da sua presença contínua no Paço Imperial. Certamente, esta presença foi o que permitiu que Freire Allemão tivesse contato com Paulo Barbosa da Silva e José Ribeiro da Silva, dois nomes importantes para as relações científicas de Freire Allemão.

Paulo Barbosa da Silva foi mordomo-mor da Casa Imperial do Brasil após a saída de José Bonifácio do cargo. Envolvido em querelas com alguns políticos do Segundo Reinado,

¹⁹⁰ Cf. Cartas de Freire Allemão a Achille Richard. Rio de Janeiro, 23/06/1846 e 24/11/1851. Divisão de Manuscritos/FBN 13,02,015 n.007 e 019; Carta de Freire Allemão a Saint-Hilaire. [S.l.], 25/11/1851. Divisão de Manuscritos/FBN 13,02,015 n.018.

¹⁹¹ Cf. JOHN MIERS (1789-1879). Disponível em: <http://oxfordindex.oup.com/>. Acesso em 20/01/2014.

¹⁹² Cf. "JOSEPH HOOKER COLLECTION" Disponível em: <http://www.kew.org/>. Acesso em: 20/01/2014.

¹⁹³ Cf. Cartas de Freire Allemão a John Miers. [S.l.], 12/1853, 01/1863 e [S.d.]. Divisão de Manuscritos/FBN 13,02,015 n.032 - 033 e I-28,02,035 (Microfilme MS 548 (1) doc.131); Carta de Freire Allemão a Daniel Hanbury. [S.l.] 05/11/1862. Divisão de Manuscritos/FBN 13,02,015 n.031.

Paulo Barbosa da Silva viu-se forçado a exercer cargo na diplomacia, estando na Rússia, Alemanha, Áustria e na França, onde se demitiu em 1851, retornando ao Brasil em 1854.¹⁹⁴ José Ribeiro da Silva também foi um diplomata do Império, e participou da missão diplomática responsável por contratar o casamento de D. Pedro II, juntamente com o conselheiro Bento Lisboa¹⁹⁵.

Através destas duas personagens Freire Allemão estabeleceu uma outra ponte de intermediação com a Europa. Nas 18 cartas trocadas com ambos¹⁹⁶ é possível perceber como eles foram responsáveis por divulgar os trabalhos botânicos de Freire Allemão na Europa, enviando e recebendo trabalhos e amostras sobre botânica e também encetando relações com botânicos europeus. Barbosa da Silva, por exemplo, foi responsável por iniciar a comunicação e intermediar as cartas entre Freire Allemão e Friedrich von Fischer¹⁹⁷, diretor do Jardim Botânico de São Petersburgo, com quem Freire Allemão trocou amostras botânicas, ensaios e trabalhos sobre plantas¹⁹⁸. Para von Fischer Freire Allemão expressou o sentimento de lisonja por estar recebendo atenção dos homens de ciência da Europa e a possibilidade de poder colocar a prova destes seus trabalhos:

Tomo a liberdade de oferecer a Vossa Excelência um exemplar de meus trabalhos botânicos. É isto apenas uma preparação, uma tentativa, e um meio de consultar a opinião dos sábios europeus. Começo a provar a indizível satisfação de me ver elogiado e estimulado por homens eminentes nas ciências, o que considero como o melhor prêmio de minhas fadigas, e que me impõe o dever de continuar com mais zelo e obstinação. No isolamento, em que me encontro, tendo necessidade de penetrar nas florestas virgens, de

¹⁹⁴ VASCONCELLOS, Francisco de. Paulo Barbosa da Silva, que tanto fez pela fundação de Petrópolis. Disponível em : http://www.ihp.org.br/lib_ihp/docs/fjrv20001126t.htm. Acesso em: 12/06/2014.

¹⁹⁵ GUIMARAES, Lucia Maria Paschoal. Teresa Cristina de Bourbon (1822-1889): a face oculta da imperatriz silenciosa. In: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, Jul. 2011. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org>. Acesso em: 04/05/2014.

¹⁹⁶ Cf. Cartas de Freire Allemão a Paulo Barbosa da Silva. Rio de Janeiro, 1845, 13/05/1847, 10/12/1847, 21/03/1848, 09/1849, 15/12/1850, 23/11/1851 e 22/11/1852. Divisão de Manuscritos/FBN I-28,01,009, 011, 013, 017, 021, 024, 031 e 038 (Microfilme MS 548 (1) doc.009, 011, 013,017, 021, 024, 031 e 038); Carta de Paulo Barbosa da Silva a Freire Allemão. Paris, 31/01/1852. Divisão de Manuscritos/FBN I-28,02,075 (Microfilme MS 548 (1) doc.171); Cartas de Freire Allemão a José Ribeiro da Silva. Rio de Janeiro, 23/03/1848, 21/03/1848, 06/1850, 20/11/1850, 12/1851, 22/11/1852. Divisão de Manuscritos/FBN I-28,01,015, 016, 022, 023, 032 e 037 (Microfilme MS 548 (1) doc.015, 016, 022, 023, 032, 037); Cartas de José Ribeiro da Silva a Freire Allemão. São Petersburgo, 17/11/1847, 15/04/1853 e Paris, 31/01/1852. Divisão de Manuscritos/FBN I-28,02,062, 074 e 079 (Microfilme MS 548 (1) doc.158, 170 e 176).

¹⁹⁷ Friedrich Ernst Ludwig von Fischer (1782-1854) - foi um botânico russo, nascido na Alemanha. Foi diretor do jardim botânico de São Petersburgo. Publicou Catalogue du jardin des plantes de son excellence monsieur le comte Alexis de Razoumoffsky, à Gorenki. (Moscou, Impr. de N. S. Vsevolojky, 1812). Fonte: <http://plants.jstor.org/> Acesso em: 20/01/2014.

¹⁹⁸ Cf. Cartas de Freire Allemão a Paulo Barbosa da Silva.Op. cit.; Cartas de Freire allemão a Friederich von Fischer. Rio de Janeiro, 13/05/1847 e 07/12/1847. Divisão de Manuscritos/FBN 13,02,015 n.008 e 011.

descrever, desenhar, dessecar as plantas, enfim, de tudo fazer, até litografar e cuidar da impressão, meu trabalho é penoso, e deve caminhar lentamente.¹⁹⁹

No mesmo sentido que o espaço social do Paço Imperial possibilitou a Freire Allemão estar em contato com personagens importantes na constituição de suas redes de sociabilidade, a presença em instituições científicas imperiais também participou deste processo. Por exemplo, uma importante comunicação científica estabelecida com Carl Friederich von Martius (1794 - 1868), que ampliaria sua rede para outros domínios europeus: a Alemanha.

Martius foi um médico, botânico, antropólogo e um dos mais importantes pesquisadores alemães que estudaram o Brasil e especialmente a região da Amazônia. Von Martius junto com Johann Baptiste von Spix (1781-1826) viajou em expedição pelo Brasil entre 1823-1831. Publicou diversas obras sobre a natureza brasileira, entre elas *Viagem pelo Brasil* (1823-1831), *Flora Brasilienses* (1840 -1906), *Historia Naturalis Palmarum* (1823-1850), entre outras. O grande interesse e proximidade que desenvolveu com o Brasil desde sua viagem, fez de Martius um dos grandes estudiosos sobre o país no século XIX.²⁰⁰

A comunicação científica muito profícua entre os dois botânicos foi iniciada por carta de Martius em agosto de 1843 e pela qual Freire Allemão demonstra grande sentimento de lisonja²⁰¹. É possível que Martius tenha tomado conhecimento de Freire Allemão após o concurso, lançado em 1840 pelo IHGB, sobre o melhor plano para se escrever a história do Brasil. Freire Allemão fez parte da comissão julgadora e deu seu parecer favorável à monografia de Martius.²⁰² Sua monografia intitulada “*Como se deve escrever a História do Brasil*”, escrita em 1843 e publicada em 1844, foi vencedora do concurso.²⁰³

Embora não tenham sido muitas as cartas trocadas entre os dois botânicos, entre os rascunhos de Freire Allemão encontram-se 17 cópias de cartas enviadas a Martius²⁰⁴, e não estejam entre elas as missivas de Martius para o botânico brasileiro, o que pôde ser analisado

¹⁹⁹ Carta de Francisco Freire Allemão a Friedrich von Fischer. Rio de Janeiro, 13/05/1847. In: DAMASCENO e CUNHA. Os manuscritos do botânico. *Op. cit.* p. 121-122.

²⁰⁰ RODRIGUES, Neuma Brilhante. “Como se deve escrever a história do Brasil”: uma leitura de von Martius. In: Anais do XXIV Simpósio Nacional de História – História e multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos. São Leopoldo: Unisinos, 2007.

²⁰¹ Cf. Carta de Freire Allemão a Martius. In: DAMASCENO e CUNHA. Os manuscritos do botânico. *Op. cit.* p. 114-116.

²⁰² Cf. Carta de Manuel Ferreira Lagos a Freire Allemão. [s.l.], 27/03/1847. Divisão de Manuscritos/FBN I-28,02,060 (Microfilme MS 548 (1) doc.156); Carta de M. J. da Silva a Freire Allemão. [S.l.], 29/04/1847. Divisão de Manuscritos/FBN I-28,02,061 (Microfilme MS 548 (1) doc.157).

²⁰³ Cf. RODRIGUES. “Como se deve escrever a história do Brasil”. *Op. cit.*

²⁰⁴ As cartas foram enviadas no período de 1844 a 1867, com alguns intervalos.

são cartas extensas, com importantes informações sobre espécimes botânicos, esclarecimento de dúvidas de ambas as partes, e riquíssimas em detalhes e descrições.

Através das missivas enviadas a Martius, é perceptível um Freire Allemão, no começo lisonjeado e admirado pelo interesse do bávaro por suas investigações, mas que pouco a pouco vai ganhando confiança e exprime inclusive algumas críticas sobre trabalhos de europeus:

Os trabalhos, que tenho visto do Senhor Gaudichaud, sobre a teoria dos merítalos, ou do seu phyton, não são bem desenvolvidos, para dar uma ideia cabal dos fundamentos ou provas da sua doutrina; é ela engenhosa e sedutora; mas acho-lhe um não sei quê de poético, ou fictício. Quanto a mim (fraco juiz, é verdade) toda essa grande polêmica se reduz a questão de nomes.²⁰⁵

Nas longas cartas escritas a Martius, Freire Allemão faz considerações botânicas sobre dúvidas apresentadas por Martius e fala de seus interesses no campo da Botânica, como seus estudos sobre madeiras e árvores brasileiras²⁰⁶. Ele envia trabalhos para avaliação de Martius e também recebe trabalhos deste para dar seu parecer:

Quer Vossa Senhoria o meu juízo sobre essa sua obra [Sistema de Matéria Médica Vegetal Brasileira], e observações sobre alguns pontos ainda duvidosos: em primeiro lugar agradeço muito a Vossa senhoria tanta benevolência e atenção; mas não posso, nem devo aceitar o ser juiz, mas sim respeitoso admirador de suas obras (...) Quanto porém posso asseverar a Vossa Senhoria é que o seu livro me tem servido muito; aí achei muitas plantas, que não vindo em outras obras, que eu conheço, as tinha por novas no meu herbário; nenhuma planta conheço de alguma virtude medicinal, que aí se não compreenda: é pois um excelente resumo das nossas úteis; e a tabela comparativa que vem no fim, me parece de uma grande vantagem. Considerações sobre algumas plantas que ainda não são ainda bem estudadas eu as irei submetendo ao juízo de Vossa Senhoria à proporção que me forem ocorrendo; assim achará Vossa Senhoria algum interesse na minha correspondência, do que tenho tão grande necessidade.²⁰⁷

Sobre a mesma demanda por considerações críticas ao seu trabalho, Freire Allemão responde a Martius em 1859 que precisa de tempo para analisar e estudar com calma os

²⁰⁵ Cf. Carta de Freire Allemão a Martius. In: DAMASCENO e CUNHA. Os manuscritos do botânico. *Op. cit.* p. 128-129.

²⁰⁶ Cf. Cartas de Freire Allemão a Martius . 13/05/1847; 07/12/1847; 23/11/1853. In: DAMASCENO e CUNHA. Os manuscritos do botânico. *Op. cit.* passim

²⁰⁷ Carta Freire Allemão a Martius. Anais, vol 8 In: DAMASCENO e CUNHA. Os manuscritos do botânico. *Op. cit.* p. 116-117.

fascículos da *Flora Brasiliensis* que o bávaro remeteu, para emitir sua opinião.²⁰⁸ A estima pela qual Martius tinha Freire Allemão é expressa também em trecho de carta enviada ao Cônego Fernandes Pinheiro²⁰⁹ e que Freire Allemão teve autorização para copiar:

Bem sei que ainda muitas plantas úteis do Brasil ainda não são scientificamente illustradas; mas razão disto he a riqueza imensa do paiz. (...) Espero que as observações dos ilustres botânicos nacionais, principalmente do digníssimo Srs. Allemão e seo filho²¹⁰, e do Sr. Capanema hão de aumentar felizmente as observações que os botânicos viajantes da Europa podião fazer somente de passagem.²¹¹

Outro tema importante nas cartas trocadas entre os dois botânicos foi a questão da prática da história natural no Brasil. Freire Allemão expressa dificuldade de se fazer coleções e estudos de plantas no Brasil²¹² e se mostra sempre muito interessado em obter ajuda de Martius para colher informações sobre brasileiros que estudavam as riquezas naturais do país

Se V. S. me pudesse mandar uma lista dos autores que têm escrito sobre ciências naturais do Brasil, principalmente brasileiros, era muito especial favor: assim como se tiver algumas obras desses autores e quiser desfazer-se delas, indicar-me a ver aquellas, de que precisamos.²¹³

Além de solicitar ajuda sobre tal assunto, Freire Allemão também faz questão de comunicar ao bávaro as iniciativas de naturalistas brasileiros e as suas próprias de fazer prosperar as ciências naturais em território brasileiro. Desta forma é que ele comenta sobre Antonio Moniz de Souza, o “homem da natureza”²¹⁴, “*sujeito curioso que tem viajado pelos*

²⁰⁸ Martius passa a enviar os fascículos da *Flora Brasiliensis* para Freire Allemão, após este informar que não tem mais condições financeiras, em função da jubilação como professor da Faculdade de Medicina em 1851, de assinar a obra. Cf. Cartas de Freire Allemão a Martius 23/11/1851 e 25/11/1859. In: DAMASCENO e CUNHA. Os manuscritos do botânico. *Op. cit.* p. 137; p.150-152.

²⁰⁹ Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro (1825-1876): Secretário particular do bispo, conde de Irajá. Lecionou no Seminário Episcopal do Rio de Janeiro, cônego da Capela Imperial; doutorou-se em Teologia, em Roma. Vice-reitor e capelão do Instituto dos Meninos Cegos (1854). Sócio correspondente (1854) e primeiro secretário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1859). Cf. Arquivos e Coleções Particulares In: <http://www.ihgb.org.br/>. Acesso em 06/04/2014.

²¹⁰ Martius se referia a Manoel Freire Allemão de Cysneiros, que tomou parte na CCE juntamente com Francisco Freire Allemão, mas era seu sobrinho e não seu filho.

²¹¹ “Extractos de uma cartas do Dr. Martius escritas ao Conego Pinheiro, o qual m’as mostrou e consentio que eu copiasse alguns parágrafos que me dizião respeito.” Divisão de Manuscritos/FBN 13,02,015 doc. 36.

²¹² Cf. Carta Freire Allemão a Martius . 20/12/1845. In: DAMASCENO e CUNHA. Os manuscritos do botânico. *Op. cit.* p. 118-120

²¹³ Carta Freire Allemão a Martius 20/07/1844. In: DAMASCENO e CUNHA. Os manuscritos do botânico. *Op. cit.* p. 116-118

²¹⁴ Antônio Moniz de Souza (1782-1857) Nas primeiras décadas do século XIX, percorreu algumas localidades do território brasileiro, observando, catalogando e coletando produtos dos três reinos da natureza. Baiano, obteve seus conhecimentos sobre explorações naturais com Frei Mariano da Conceição Velloso. Cf. SANTOS, Laura

sertões do Brasil”²¹⁵. Fala sobre Frei Mariano da Conceição Velloso e seu pioneirismo na descrição de algumas plantas descritas em sua obra *Flora Fluminensis*²¹⁶ e desfaz as confusões feitas entre este personagem e outro de nome Joaquim Velloso de Miranda²¹⁷. Sobre sua admiração por Velloso, Freire Allemão ainda comunica a Martius o desejo de fundar uma Sociedade que se dedique as Ciências Naturais em homenagem ao mesmo: a Sociedade Vellosiana.²¹⁸

A cartas trocadas por Francisco Freire Allemão com Martius e outros botânicos europeus são riquíssimas e muito importantes para a percepção de como este botânico estabeleceu suas redes de sociabilidade no Velho Mundo e as mantinha como meio de legitimar seu trabalho e também ter acesso ao que lá era produzido no âmbito das ciências naturais. Contudo os esforços observados nas cartas trocadas pelo nosso botânico com “sábios europeus” também é característico no que tange a estabelecimento de redes nacionais. Freire Allemão além de garantir o reconhecimento de seu trabalho frente ao mundo científico europeu, desejava o mesmo para o Brasil enquanto nação civilizada que também produzia ciência. Para tanto, ele buscava estar em contato com estudiosos de ciências naturais no Brasil.

Como bem explicita em carta de 1849 a Antonio Paulino Nogueira, a promoção de uma rede científica nacional era necessária para que o Brasil pudesse fazer frente a produção de conhecimento científico sobre suas riquezas feita na Europa: “*He necessario que nos cuidemos nas cousas de nossa terra, e não os deixemos ao gênio pesquisador do estrangeiro[sic] que faça nos reviver a memória dos nossos e a prioridade de seus trabalhos*”²¹⁹

Embora a correspondência com Martius tenha sido a mais rica analisada até aqui, Freire Allemão também se correspondeu com outros cientistas de origem alemã, como Karl

Carvalho dos. Antônio Moniz de Souza, o 'Homem da Natureza Brasileira': ciência e plantas medicinais no início do século XIX. In: História, Ciências e Saúde – Manguinhos. Vol.15, n.4. Rio de Janeiro: Oct./Dec. 2008; KURY, Lorelai Brilhante. Manuel Arruda da Câmara: a República das Letras nos sertões. In: KURY, Lorelai (org.) Sertões adentro: viagens nas caatingas, séculos XVI a XIX. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio Editorial, 2012. p. 160-203.

²¹⁵ Carta Freire Allemão a Martius. 30//08/1848. DAMASCENO e CUNHA. Os manuscritos do botânico. *Op. cit.* p.127-133

²¹⁶ Cf. Carta Freire Allemão a Martius. 30/11/1849. DAMASCENO e CUNHA. Os manuscritos do botânico. *Op. cit.* p. 134-137

²¹⁷ Carta Freire Allemão a Martius. 20/01/1863. Anais BN, vol. 81, DAMASCENO e CUNHA. Os manuscritos do botânico. *Op. cit.* p. 155-156

²¹⁸ No segundo capítulo faço uma análise mais detalhada sobre a Sociedade Vellosiana. Cf. Cartas Freire Allemão a Martius. 30/11/1849; 22/12/1852. DAMASCENO e CUNHA. Os manuscritos do botânico. *Op. cit.* p.134-137; p. 140-143

²¹⁹ ALLEMÃO, Freire. Carta a Antonio Paulino Nogueira, Engenho Velho em 08/07/1849. Divisão de Manuscritos/FBN. I-28,01,20. (Microfilme MS 548 (1) doc.20)

Ludwig von Blume (1789-1862) e o Príncipe de Wied-Neuwied (1782-1867). Von Blume foi diretor do Jardim Botânico nacional de Leiden, nos Países Baixos, e enviou para Freire Allemão algumas de suas obras e recebeu dele alguns de seus trabalhos e amostras botânicas²²⁰. O Príncipe de Wied-Neuwied por sua vez, realizou viagem pelo Brasil entre 1815 e 1817, publicado em 1820, e obteve de Freire Allemão algumas amostras botânicas e informações sobre seu estudo sobre as árvores florestais do Rio de Janeiro.²²¹

De fato, a correspondência de Freire Allemão analisada à luz de outros documentos e informações é uma fonte muito importante para o entendimento de como ele se articula socialmente para ter sua prática científica e de seus conterrâneos reconhecida frente aos moldes científicos vigentes. Através dela, foi observado também a forma como Freire Allemão é visto por seus pares, seja através dos seus trabalhos ou mesmo da imagem que esse procura constituir para si.

Freire Allemão correspondeu-se com importantes personagens do campo da história natural, para os quais enviou cartas, trabalhos e amostras botânicas. Seja remetendo trabalhos publicados para avaliação de seus pares, trocas de amostras e informações sobre espécimes botânicos e solicitações de informações biográficas sobre cientistas brasileiros, Freire Allemão claramente se utilizou das cartas como meio de promover seu nome e seus trabalhos no âmbito dos estudos de história natural.

No Brasil, Freire Allemão mantinha contato com qualquer pessoa que lhe pudesse fornecer informações sobre ciências naturais, seja sobre espécimes ou amostras botânicas, bem como informações sobre personagens que estudaram os três reinos da natureza. Além disso, era procurado para dar seu parecer e opinião sobre assuntos relacionados a botânica, tendo reconhecida nacionalmente sua expertise por curiosos e letrados.

Entre estes correspondentes aparecem o Dr. Rebello de Porto Alegre e Ignácio Accioli de Cerqueira e Silva (1808-1865), aos quais Freire Allemão parabeniza pela iniciativa de escrever trabalhos sobre Ciências Naturais²²². Os irmãos Marques, que fornecem informações a Freire Allemão sobre um Jequitibá existente em suas terras, e aos quais o botânico dá orientações sobre a correta forma de coletar amostras botânicas.²²³ Em outra carta, agora ao

²²⁰ Cf. Carta de Freire allemão a von Blume. [S.l.], 25/11/1853. Divisão de Manuscritos/FBN 13,02,015 n.023.

²²¹ Cf. Cartas de Freire Allemão ao Príncipe de Wied-Neuwied. Rio de Janeiro, 20/11/1853 e 10/06/1855. Divisão de Manuscritos/FBN 13,02,015 n.024 e 028.

²²² Carta Freire Allemão a Dr. Rebello. 18/12/1846. Divisão de Manuscritos/FBN. I-28,01,010; Carta de Freire Allemão a Ignácio Accioli de Cerqueira e Silva. Rio de Janeiro, 01/12/1849. Divisão de Manuscritos/FBN13,02,015 n.015.

²²³ Cf. Carta Freire Allemão aos irmãos Marques. 29/07/1854. Divisão de Manuscritos/FBN. I-28,01,052

Sr. Moniz (homem da natureza), Freire Allemão pede informações sobre o Frei José Mariano da Conceição Velloso, com quem Moniz conviveu no Convento de Santo Antonio.²²⁴

Entre os letrados da Corte, Freire Allemão manteve correspondência com o Visconde de Beupaire-Rohan (1812-1894), com quem trocou informações sobre os estudos de madeiras de construção do Rio de Janeiro e São Paulo, e emitiu opinião sobre trabalho botânico da Paraíba do Norte.²²⁵ A Frederico Leopoldo Cesar Burlamaqui (1803-1866) e Eusébio de Queiroz (1812-1868), Freire Allemão expõe sua opinião sobre a questão do ensino de agricultura e ciências agrônômicas em escolas primárias e secundárias no Rio de Janeiro²²⁶.

Além destes nomes, muitos outros importantes aparecem na correspondência de Freire Allemão e que uniram esforços junto com ele para constituir para o Brasil a imagem de um país civilizado e que possuía pessoas qualificadas para estudar suas próprias riquezas e território. Esta temática fica mais clara e rica quando o foco é voltado para a Sociedade Velloziana do Rio de Janeiro Sociedade Vellosiana, concebida e fundada por Freire Allemão, e analisada mais detidamente no próximo capítulo, onde são esmiuçados seus objetivos e significativa atuação no cenário científico nacional.

²²⁴ Carta Freire Allemão ao Sr. Moniz (Homem da natureza). 20/04/1854. Divisão de Manuscritos/FBN. I-28,01,050

²²⁵ Cf. Carta de Freire Allemão a Beupaire-Rohan. [S.l.][S.d.]. Divisão de Manuscritos/FBN I-28,01,044 (Microfilme MS 548 (1) doc.044); Carta de Beupaire-Rohan a Freire Allemão. Rio de Janeiro, 21/09/1860. Divisão de Manuscritos/FBN I-28,03,037 (Microfilme MS 548 (1) doc.235).

²²⁶ Cf. Carta de Freire Allemão a Frederico Burlamarqui. [S.l.], 11/1861. Divisão de Manuscritos/FBN I-28,01,086 (Microfilme MS 548 (1) doc.092); Cartas de Freire Allemão a Eusébio de Queiroz. [S.l.], 08/01/1862. Divisão de Manuscritos/FBN I-28,02,001 n°001 – 002 (Microfilme MS 548 (1) doc.097).

Capítulo 2 - A “Vellosiana”: construindo um espaço para a história natural no Brasil

O objetivo deste capítulo é esmiuçar os mecanismos acionados por Freire Allemão para legitimação da sua prática científica de naturalista no contexto do Brasil do Segundo Reinado. A partir da investigação das fontes documentais sobre Freire Allemão é identificado um espaço institucional fundamental para o processo de construção e afirmação de sua identidade como botânico e cientista brasileiro: a Sociedade Vellosiana.

Os indícios e pistas identificados nas fontes permitem visualizar como Freire Allemão buscou estabelecer um ambiente para discussão e prática da atividade de naturalista, espaço privilegiado de sociabilidade científica, colocando em contato os estudiosos de história natural. Além disso, é perceptível seu empenho em dar visibilidade à Sociedade, a fim de obter legitimidade científica para sua prática frente aos parâmetros de cientificidade vigentes, que se espelhavam na prática de cientistas europeus.

A partir de uma análise macroscópica sobre os caminhos e descaminhos do processo de institucionalização da História Natural no mundo ocidental a partir do século XVIII, procurar-se-á entender como o Brasil se enquadra nesse contexto e de que forma assimila essa tradição para fins de construção e consolidação do Estado Nacional.

A relação entre ciência e nação é examinada com base na compreensão da dinâmica de funcionamento e dos interesses da Sociedade Vellosiana, buscando identificar os modos como se vinculam a atuação de Francisco Freire Allemão no campo científico e as estratégias de construção da identidade nacional no Brasil oitocentista.

Marco na busca por legitimação dentro do universo científico brasileiro das práticas de história natural, a Sociedade Vellosiana participa também de um movimento mais amplo de constituição do que se pode chamar de uma “República de cientistas”, que procura demonstrar que o Brasil também é capaz de fazer ciência. Além disso, entende-se que a atuação de Freire Allemão em prol da Sociedade Vellosiana constitui uma das formas de sua automodelação como cientista brasileiro e como botânico.

2.1- A constituição do campo da História Natural

O início da prática da História Natural e seus respectivos ramos é geralmente datada no século XVIII, quando durante as chamadas Luzes, se dá o florescimento e sistematização de diversos conhecimentos como uma tendência da época em todos os ramos do saber. O projeto totalizante promovido pelo Iluminismo buscava a sistematização de todos os conhecimentos e saberes desenvolvidos pelo homem até então, inventariar todas as obras resultantes da razão humana era a tarefa, que teve como maior exemplo o empreendimento da *Encyclopédie* levada a cabo por Diderot e D'Alembert e seus colaboradores.

As transformações pelos quais passaram os diversos ramos do saber que integram a prática e o estudo da História Natural, bem como as reformulações conceituais de suas teorias e de suas funções que ocorreram ao longo do século XVIII vão determinar e definir a prática científica da História Natural ao longo do século XIX, quando se consolida de fato a institucionalização e reconhecimento de seus ramos como campos autônomos de saber.

Jean-Marc Drouin afirma que no século XVIII um dos grandes problemas enfrentados pelas ciências que se ocupavam do estudo da natureza era a definição dos limites entre os saberes. Segundo ele, o termo “natureza” associado à ciência de muito já era usado no século XVIII e se referia à descrição dos três reinos da natureza: mineral, vegetal e animal. Citando Cuvier, ele aponta o lugar que as ciências da natureza ocupavam no contexto científico da época:

Placées entre les sciences mathématiques et les sciences morales, [les sciences naturelles] commencent [là] où les phénomènes ne sont plus susceptibles d'être calculés avec exactitude, elles finissent, lorsqu'il n'y a plus à considérer que les opérations de l'esprit et leur influence sur la volonté²²⁷

Essa dificuldade de definição de campos e suas fronteiras no âmbito dos estudos sobre a natureza pode ser percebida pela dificuldade de definição de um termo específico que as designe, confundindo-se nessa época os termos História Natural e Ciências Naturais²²⁸. A tendência sistematizadora, tão característica do período das Luzes, leva ao surgimento de

²²⁷ CUVIER, G. apud DROUIN, Jean-Marc. L'Histoire naturelle: problèmes scientifiques et engouement mondain. In: CORVOL, André e RICHEFORT, Isabelle (orgs.), Nature, environnement et paysage. L'héritage du XVIIIe siècle. Paris: L'Harmattan, 1995 (pp. 19-27). p.20.

²²⁸ Neste texto os dois termos acabam por se confundir por ocasião dos autores referenciados.

métodos e teorias no âmbito da História Natural que iriam fornecer subsídios junto com outros fatores, para a busca por reconhecimento da utilidade social, econômica e política desta, como afirma Drouin:

La place de l'histoire naturelle au tournant du XVIII et du XIX siècle n'est pas une mode passagère, c'est un phénomène européen profondément ancré dans la culture de l'époque et qui, en tout état de cause crée les conditions de possibilité des grands bouleversements théoriques du XIX siècle.²²⁹

Ele aponta como dois grandes nomes de destaque nesse período no campo da história natural, e que serviriam de modelos para a posteridade: Buffon e Lineu. O empenho destes dois naturalistas em apontar estilos e maneiras de inventariar e classificar o mundo vivente, passou pela tendência da época do trabalho de classificar e definir padrões de nomear os elementos da natureza, cuja tarefa de investigação e estudo cabia ao naturalista.

Georges-Louis Leclerc, conde de Buffon (1707-1788), nasceu em Montbard na França. Formado em Direito e Medicina ganhou destaque como naturalista a partir da publicação de sua *Histoire Naturelle* (1749). Personalidade de grande notoriedade intelectual e política na França era membro da Academia de Ciências de Paris e Diretor do *Jardin du Roi*. Como frequentador destacado da corte de *Versailles* e próximo do rei Luís XV, conseguiu diversas vezes o financiamento de várias melhorias para o Jardim.

Numa reflexão sobre a história natural muito próxima da filosofia natural, Buffon defendia um estudo global da diversidade das formas da natureza. Para ele nenhum método ou sistema de classificação seria capaz de captar a natureza nela mesma, sendo que essas divisões meramente artificiais e impostas pelo observador não eram suficientes para descrever a variedade e complexidade do mundo natural. Para ele, o mais importante de se obter no estudo da história natural era a distribuição geográfica, as variações de meio e de clima que evidenciariam as nuances, continuidades e gradações dos seres. A apreensão da diversidade da natureza, com suas continuidades, nuances e gradações deveria ser o objetivo do naturalista para Buffon. Segundo esses preceitos é que ele aponta o sistema classificatório proposto por Lineu como simplista e reducionista.²³⁰

²²⁹ DROUIN. L'Histoire naturelle. *Op. cit.* p. 27.

²³⁰ Cf. LOPES, Maria Margarete. Cultura das Ciências Naturais. In: Ciência e Educação, v. 11, n. 3, p. 457-470, 2005.

Carlos Lineu, conhecido também como Carl von Linné ou Carolus Linnaeus, (1707 – 1778) nasceu em Stenbrohult, na província de Småland no sul da Suécia. Formado médico, teve seus primeiros estudos botânicos através do currículo médico, que obrigava que todo estudante tinha que preparar e prescrever drogas derivadas de plantas medicinais. Nomeado professor na Universidade de Upsala em 1741, inspirou uma geração de estudantes e foi responsável por enviar dezenove de seus alunos em viagens de comércio e exploração, a fim de estudarem a flora de várias partes do mundo.

Em sua época, além de suas propostas para classificação e nomenclatura dos seres vivos, Lineu acreditava num equilíbrio e harmonia da natureza através da interação balanceada entre as espécies, defendendo ser a economia da natureza como *“a mui sábia disposição dos seres naturais, instituída pelo soberano criador segundo a qual eles tendem para fins comuns e têm funções recíprocas”*²³¹.

Crete na ordem estática da natureza, crença comum à sua época, Lineu buscou apreender a universalidade da natureza através das tarefas de identificar, ordenar, classificar e nomear. Baseado nas tradições de naturalistas como Tournefort, Ray e Celsapino, propunha um sistema classificatório baseado em caracteres essenciais que deveriam refletir as etapas do procedimento taxonômico, acreditando que este seria capaz de representar a *“ordem da criação”*.

Ao sistematizar o tema da economia da natureza, e baseado na crença que Deus criou a natureza para que o homem explore a sua utilidade e glorifique a Ele, Lineu, de acordo com Drouin, teria posto em evidência a utilidade social do naturalista de apontar as utilidades a serem exploradas nos recursos naturais. Além disso, ao enfatizar a interação equilibrada entre os seres, Lineu teria destacado a complementariedade dos diferentes ramos da história natural favorecendo a circulação de conhecimentos entre eles.²³²

A importância destes nomes para a História Natural se explica pelo papel político assumido por ela no século XVIII, que põe em evidência a necessidade de gerenciamento da grande profusão de recursos naturais encontrados no Novo Mundo e no Pacífico e que deveriam ser identificados e ordenados. O exato conhecimento da natureza se fazia necessário para exploração de suas utilidades para o homem. Nesse sentido é que um ramo específico da história natural ganha destaque dentro da política expansionista europeia: a botânica.

Londa Schiebinger ao tratar da importância da botânica para a expansão dos impérios europeus no século XVIII sustenta que com o florescimento da botânica moderna e o

²³¹ KURY, L. apud LOPES, Ibidem, p. 467.

²³² DROUIN. L'Histoire naturelle. *Op. cit.* p. 23.

aparecimento da taxonomia, da nomenclatura e dos sistemas “puros” de classificação, a botânica ganha uma importância política fundamental no conhecimento da natureza, adquirindo um valor por si mesma, deixando de ser considerada apenas como uma ciência auxiliar:

These developments have often been portrayed as the coming of age botany as a Science where “knowledge about plants as plants [came to have] a value of its own apart from economic or medical considerations”²³³

2.1.1 - A botânica nos séculos XVIII e XIX

Muitas tradições botânicas coexistem no Setecentos, no que mais tarde seria dividido em botânica aplicada (economia botânica e botânica médica), horticultura e agricultura, e botânica teórica (taxonomia e nomenclatura). Na figura do botânico confluíam estas várias tradições botânicas existentes, como agentes do império eles funcionavam como instrumentos da ordem europeia em busca do “ouro verde”.

O principal objetivo da ciência botânica nesse período é o uso, a utilidade das plantas, como muito bem definido pela *Encyclopédie*, que explica a botânica como o ramo da história natural que distingue os usos, características, classes, ordens, gêneros e espécies das plantas, e o botânico como o inquiridor da natureza e das propriedades dos vegetais, aquele que deveria estar voltado para a investigação das qualidades úteis dos mesmos.

A necessidade de gerenciar a profusão de plantas encontradas no Novo Mundo exigiu uma padronização na nomeação e identificação para seu melhor aproveitamento. Muitos foram os sistemas de nomenclatura propostos ao longo dos setecentos. Nomes como Tournerfort, Buffon, entre outros são conhecidos pelas tentativas de estabelecer regras de nomenclatura na história natural através da sistematização de modelos que coexistiam no período. Contudo é o modelo proposto por Lineu que ganha força no final do século e se torna a referência que será seguida pela maioria de seus contemporâneos e pela posteridade:

One could, however, see the rise of Linnaen systematics also as a form of what some botanists have called “linguistic imperialism”, a politics of naming that accompanied and promoted European global expansion and colonization²³⁴

²³³ SCHIEBINGER, Londa. *Plants and Empire: Colonial Bioprospecting in the Atlantic World*. Cambridge: Harvard University Press, 2004. p. 5.

²³⁴ Idem. *Ibidem*, p.195.

Assim, grande referência para estudos sobre a história da História Natural, Lineu é conhecido hoje como o pai da botânica moderna. A taxonomia vegetal e nomenclatura binomial propostas em sua obra *Systema Naturae*, em 1735, revolucionaram os modos de se fazer botânica do século XVIII em diante. Acusado por muitos de seus opositores de ter criado um sistema artificial e sem nenhuma conexão direta com a planta, Lineu foi responsável por padronizar as múltiplas formas de nomenclatura utilizadas até então, e que resultavam numa Babel de nomes botânicos:

Linnaeus emphasized in his *Critica botanica* the urgency of developing a strict and standardized “Science of names”, by which he meant a set of rules regulating how names should be created and maintained. He judge the reigning practices a “Babel” of tongues and with characteristic flourish warned (...).²³⁵

A nomenclatura proposta por Lineu atribui a cada espécie viva um nome duplo de origem latina, no qual a primeira parte é o nome do gênero e a segunda um epíteto característico da espécie. Lineu atribuiu ao primeiro termo apenas a função de facilitar a localização da espécie dentro de um grupo específico. Dessa forma, a primeira palavra, que constitui a identificação de uma espécie, em nada precisava fazer referência a planta em si, ficando a critério do naturalista definir um nome que seria de fácil identificação posteriormente.

Contudo, apesar de não haver relação direta desta identificação com o objeto de estudo, Lineu defendia que estes nomes deveriam celebrar a obra de grandes homens, mais especificamente de grandes homens da botânica, garantindo-lhes a glória e a imortalidade através da ciência: “*what Linnaeus proposed was a naming system abstract in relation to the properties of plants but concret in relation to the history of botany in Europe*”²³⁶

Ainda como um dos critérios para adoção de sua nomenclatura binomial, Lineu propunha que o latim fosse utilizado como único idioma na nomeação de plantas. O latim era naquele momento a língua oficial das trocas acadêmicas, dos homens cultos. Assim, o botânico sueco reivindicava para toda a tradição de conhecimentos botânicos o status de ciência.

²³⁵ Idem. Ibidem, p. 199-200.

²³⁶ Idem. Ibidem, p. 201.

Ciente da resistência que seu modelo de nomeação das plantas sofreria por parte dos seus contemporâneos, Lineu procurou justificar a adoção de suas orientações como uma forma de consolidar as tradições de conhecimentos, garantindo assim que a história da botânica ficasse registrada nos trabalhos produzidos desde então, figurando como uma prática memorialística e honorífica da ciência feita pelos grandes homens.

Esse modelo de nomenclatura binomial padronizada por Lineu é apontada por Schiebinger como uma das formas de legitimação da ciência botânica e como resultado da hegemonia ocidental. Essa prática de celebração dos grandes nomes através da nomenclatura, seria uma das razões pelas quais a padronização de nomes ajudou a garantir a defesa de que a botânica deveria ser praticada por profissionais, delimitando assim as fronteiras profissionais até então tênues entre botânicos (naturalistas) e outros profissionais como médicos e jardineiros. Lembrando que o trabalho do naturalista não era solitário, mas engendrado numa rede ampla de contatos e incentivadores, ela afirma:

(...) botanists were not lone wanderers but, like modern-day directors of laboratories, heads of large expeditions, gardens, and herbaria. For botanists to be successful abroad, they needed financiers, ship captains, assistants, illustrators, local guides, and carriers. For success in Europe, they needed gardeners, correspondents, keepers of herbaria, and suppliers of specimens. When it came to naming plants, however, these support people were often over-looked in favor of more prestigious European-educated males.²³⁷

Lineu como outros do seu tempo, afirmou que o propósito da história natural era servir ao Estado e foi esse o papel que a botânica assumiu nos séculos XVIII e XIX, apontada como uma das causas do sucesso da expansão europeia, a botânica também se expande e se consolida junto com estes impérios:

The botanical sciences served the colonial enterprise and were, in turn, structured by it. Global networks of botanical gardens, the laboratories of colonial botany, followed the contours of empire and gardens often served its needs²³⁸

²³⁷ Idem. Ibidem, p. 211.

²³⁸ Idem. Ibidem, p. 11.

2.1.2 - A História Natural e a Botânica no Brasil

Tratar da História Natural no Brasil, é encaixar este dentro do contexto mais amplo do Império Ultramarino Português e posteriormente do Império Brasileiro. Sendo assim, atendendo a afirmação de que a história natural, bem com a Botânica, tem seu desenvolvimento nos séculos XVIII e XIX associados diretamente aos interesses do Estado e da elite letrada que o compunha. Como já explicitado anteriormente, a ciência no Brasil oitocentista se constituiu como aliada no processo de construção do Estado Nacional. A História Natural de uma forma geral, não escapa a este intuito, bem como as instituições científicas dedicadas ao seu estudo.

As linhas gerais lançadas por Lineu, Buffon e seus contemporâneos no século XVIII seriam desenvolvidas ao longo do século XIX, com a crescente especialização dos botânicos e complexificação dos sistemas classificatórios, que passam a considerar múltiplos fatores em sua organização²³⁹. Como afirma Lorelai Kury:

Ser especialista em plantas nas primeiras décadas do século XIX passa a exigir outras práticas, não estabilizadas no século anterior. Por exemplo, as grandes viagens científicas do Iluminismo deixaram com saldo uma infinidade de plantas classificadas, provenientes dos quatro cantos do mundo. Os herbários formados nos grandes centros europeus passam a ser referenciais para os estudos. Além disso, a quantidade de obras publicadas aumentou enormemente.²⁴⁰

Se para a Europa dos séculos XVIII e XIX a História Natural, e principalmente a Botânica, serviriam como instrumento para expansão de seus Impérios, para o Brasil Imperial a História Natural se constituiria como um dos alicerces para construção da nação que se reconhecera como independente.

É neste contexto de estabelecimento e consolidação do Império brasileiro que a natureza acaba por assumir um papel de destaque para o forjar da identidade nacional, e o desenvolvimento das ciências no Brasil. Em um país de economia agrícola e natureza exuberante, como sempre explicitado pelos viajantes que por aqui passaram, a História

²³⁹ A obra *Genera Plantarum* de Antoine Laurent de Jussieu, de 1789, é que propõe novos critérios de classificação que no século XIX iriam substituir aqueles propostos por Lineu. A partir da obra de Jussieu uma ampla gama de caracteres distintivos passam a ser considerados em detrimento da classificação lineana que se baseava apenas nos órgãos sexuais das plantas.

²⁴⁰ KURY, Lorelai. *O naturalista Veloso*. p. 8-9. No prelo.

Natural, que pelo seu viés utilitarista poderia fornecer os conhecimentos necessários para exploração das riquezas e inúmeras possibilidades econômicas desta natureza, ganha grande atenção desses cientistas e do Estado.

A associação entre natureza brasileira, estudos em História Natural e construção da nacionalidade é uma estratégia nitidamente perceptível quando analisada as intenções e caminhos trilhados pelos cientistas e os trabalhos dedicados a ela no Brasil. Estudos de cunho geográfico, geológico, botânico, antropológico entre outros se multiplicavam dentro das instituições científicas existentes. A busca pelas origens perdidas, o estágio de civilização das populações indígenas, estudos de suas línguas e produtos naturais produzidos por estes eram recorrentes aos intelectuais da época. Como afirmou Lorelai Kury:

(...) a natureza brasileira ocupou um lugar de destaque como elemento simbólico da especificidade nacional, as ciências naturais e a disseminação de suas teorias no seio da elite letrada adquiriram relevância para além das questões estritamente científicas²⁴¹

Essa valorização das ciências naturais pode ser vista também do ponto de vista da centralidade que as viagens de naturalistas estrangeiros, permitida a entrada deles no Brasil a partir de 1815, assumem para a constituição das disciplinas científicas em solo brasileiro. A viagem é em geral considerada pela História Natural como uma das etapas necessárias para a transformação da natureza em ciência. Como atividade múltipla, onde diversas ordens de percepções intervêm para formar o conjunto de seus resultados.

A viagem, além de instrumento para mapeamento do território e rastreamento de riquezas naturais, é um importante elemento na formação do naturalista, uma das formas de construção de seu olhar minucioso e hierarquizador, conforme o que era preconizado por Alexander von Humboldt.²⁴²

A importância das iniciativas e incentivo da política de Estado para o desenvolvimento das ciências naturais a partir de meados do século XIX, está diretamente associado à preocupação com uma integração territorial do Império, bem como com o inventário dos

²⁴¹ KURY, Lorelai. Ciência e Nação: Romantismo e História Natural na obra de E. J. da Silva Maia. História, Ciência e Saúde: Manguinhos. vol. V, no 2, jul.-out. 1998. p. 270.

²⁴² Grande defensor da importância para as ciências naturais das impressões estéticas experimentadas pelo viajante em cada região, o naturalista alemão defendia que essas sensações faziam parte da própria atividade científica e não poderiam ser substituídas por descrições ou amostras destacadas dos lugares onde foram coletadas. Para ele os seres vivos só podem ser compreendidos quando relacionados aos lugares onde vivem e aos outros seres com os quais coabitam.

recursos naturais deste que poderiam ser explorados de forma satisfatória a fim de contribuir para o aprimoramento da economia do país.

Neste contexto Maria Margaret Lopes, ao estudar o papel dos museus de História Natural na institucionalização das ciências naturais no Brasil, e numa contraposição aos estudos sobre o papel dos museus históricos na Europa do século XIX aponta, que na América Latina, os museus de História Natural é que vão assumir a tarefa de

(...) busca de representações da nação, naquilo que ela tem de “universal”, de válido para todo o homem civilizado, onde “nacional” significa civilização, valores partilhados, como no que significa que individualizam a construção de cada nação e a diferenciam das demais²⁴³

A preocupação de “inventariar” a nação e construir uma memória nacional diretamente associada a sua natureza e território se colocou como uma das linhas de frente da política imperial após o período regencial. Heloisa Maria Bertol Domingues ao examinar a relação da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional com as Ciências Naturais ao longo do XIX, chama a atenção para a perspectiva utilitarista e econômica por trás dessa preocupação nacional.

Domingues aponta que instituições como a Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional (SAIN), o Imperial Instituto Fluminense de Agricultura (IIFA) e o Imperial Jardim Botânico do Rio de Janeiro representavam, através de suas atividades, o viés econômico de construção e consolidação desse Estado Nacional pensando a ciência como aliada da política econômica do país, visando a prosperidade da nação²⁴⁴.

Warren Dean, em seu estudo sobre as relações entre a Botânica e a política Imperial, apesar de não reconhecer um caráter científico nas práticas de História Natural no Brasil enfatiza a constante relação entre a Botânica e a economia agroexportadora da colônia e posteriormente do Império. Comentando sobre as tentativas de aclimação e o incentivo do intercâmbio de espécies tropicais, além das instruções de melhorias da prática agrícola, Dean

²⁴³ LOPES. O local musealizado em nacional. *Op. cit.* p. 93-94.

²⁴⁴ Domingues aponta a botânica e a química ganhavam destaque nos estudos da SAIN como ciências auxiliares no processo de aperfeiçoamento agrícola do país. Cf. DOMINGUES. A Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional. *Op. cit.*

procura sempre enfatizar o papel político e econômico da Botânica para o Estado português e posteriormente o brasileiro.²⁴⁵

A importância que as ciências naturais assumem como práticas de conhecimento capazes de alavancar uma nação de economia agrícola, se revelam através do caráter pragmático atribuído a essas ciências a partir do pensamento iluminista do século anterior. O entendimento destas ciências como diretamente associado à prosperidade econômica e social da nação, contribuiu para que a História Natural adquirisse dimensões nacionais e conseqüentemente o aceleração do processo de especialização de diferentes ramos deste campo científico, como afirma Domingues:

O casamento entre as ciências naturais e a política que o governo imperial empreendeu em meados do século contribuiu para promover a integração territorial do Império e fazer a unidade político-nacional do Brasil, tanto quanto contribuiu para institucionalizar aspectos científicos novos e ainda muito pouco estudados, tal como a geografia, a geologia, a astronomia ou a etnografia, ou para reafirmar a importância da botânica e da zoologia naquele contexto.²⁴⁶

2.2- A comunidade científica oitocentista e a Sociedade Vellosiana do Rio de Janeiro

Tendo em conta a personagem que é o alvo central deste estudo, o botânico Francisco Freire Allemão, buscar-se-á a partir de agora elucidar como ele tomou parte nesse processo de especialização e legitimação da História Natural e mais especificamente da Botânica no Brasil. Através da análise das redes de sociabilidade estabelecidas por ele para garantir legitimidade à sua prática e a de seus contemporâneos, e da Sociedade Vellosiana, que ganhou esse nome com o intuito de homenagear o trabalho do Frei Mariano da Conceição Veloso.

A ação de Francisco Freire Allemão, ao mesmo tempo que era fruto das demandas e condicionamentos da comunidade científica de sua época, pois esteve sempre atento às condições e requisitos que confeririam legitimidade a sua prática, também era tomada como referência por seus contemporâneos, já que seu trabalho e atuação profissional eram

²⁴⁵ Cf. DEAN, Warren. A botânica e a política imperial: a introdução e domesticação de plantas no Brasil. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 216-218, 1991.

²⁴⁶ DOMINGUES. O local musealizado em nacional. *Op. cit.* p. 58.

reconhecidos nacional e internacionalmente. Como um homem bem quisto na Corte e bem relacionado nos meios letrados, Freire Allemão foi um membro ativo desta comunidade científica que lutava por reconhecimento e recursos para execução de sua prática de naturalista e botânico.

Aqui cabe explorar agora como Freire Allemão atuou como promotor de novas esferas de sociabilidade, tanto a partir de sua iniciativa individual, quanto junto a outros naturalistas, principalmente no âmbito da fundação da Sociedade Vellosiana e do estabelecimento de um espaço privilegiado para publicação dos trabalhos da agremiação. Investigar como Freire Allemão procurou articular uma rede de estudiosos de história natural no Brasil é importante para perceber como isto participou na construção e conformação de sua identidade como naturalista e botânico e ainda como cientista brasileiro.

2.2.1- Conhecer a própria natureza

Durante o curto período de dois meses podemos assegurar que se a Sociedade Vellosiana se não prestou ao estudo da história natural do país serviços relevantíssimos não foi contudo infrutuosa. Na lista de seus membros vio serem inscriptos nomes que prometem muito; e por eles já foram apresentados alguns Trabalhos.²⁴⁷

Neste trecho do primeiro relatório sobre os trabalhos da Sociedade Vellosiana, publicado em 1851 nas páginas do Guanabara, e redigido pelo seu secretário de então Guilherme Schuch de Capanema, são perceptíveis as expectativas almejadas por aqueles que compartilhavam do desejo do idealizador de tal empreitada, Francisco Freire Allemão.

Instalada em 22 de outubro de 1850, a Sociedade Vellosiana nasceu de um forte desejo e empenho de Freire Allemão por estabelecer um local profícuo para estudo e debates sobre os objetos naturais da nação: *“Um pequeno número de pessoas, com capacidade e com vontade de trabalhar, formarão a reunião dos Curiosos da Natureza.”*²⁴⁸

Manifestada a vontade e o intento de nosso botânico desde 1845, quando diz ele ter encontrado em seus borrões referências a respeito²⁴⁹, fora ele desestimulado por amigos próximos a quem manifestou tal interesse:

²⁴⁷ CAPANEMA, Guilherme Schüch de. Relatório referente ao ano de 1850. In: Trabalhos da Sociedade Vellosiana. *Op. cit.* p.2

²⁴⁸ ALLEMÃO, Francisco Freire. Discurso pronunciado na Sociedade Vellosiana. [1870] Divisão de Manuscritos/FBN. I-28,09,080.

²⁴⁹ Cf. Idem. *Ibidem.*

Havia muito tempo que eu sentia a necessidade de uma Sociedade de Sciencias Naturaes. Sabia que eu já varias vezes se tinha tentado o estabelecimento de reunir níveis desta ordem, sem êxito, mas acreditava cá, que já agora era tempo de tentar de novo e cogitava nisso. Tenho comunicado a vários amigos, que me desanimarão, entre os quaes Fr. Custodio Alves Serrão.²⁵⁰

Embora a ideia do nosso botânico tenha sofrido resistência no começo, conseguiria ser concretizada anos depois, em 1850 quando após aprovação do imperador Pedro II, ele conseguiu que uma sala do Museu Nacional fosse cedida para se realizarem as reuniões da Sociedade. A partir de então a Sociedade Vellosiana, através de seu idealizador, toma parte no processo onde configuram-se especializações dos saberes científicos praticados no Império.

A intenção de Freire Allemão é sintomática dessa geração que compunha a elite letrada imperial que, apesar de compor um grupo deveras homogêneo, com formação e origens sociais similares²⁵¹, ao longo do século XIX começa a apresentar o amadurecimento de grupos intelectuais distintos. Estes passam a disputar entre si em prol de um objetivo comum: engrandecer a nação, buscando constituir espaços científicos independentes para suas práticas.

Inserido neste contexto e parte ativa neste processo de especialização da história natural e de consolidação de um Estado-Nação, Freire Allemão compartilhava da crença na ciência como um componente essencial para o alcance do progresso. Sendo assim, em 17 de setembro de 1850, começaram os trabalhos da sociedade que em seu nome pretendia homenagear um brasileiro ilustre: o frei José Mariano da Conceição Velloso.

Frei José Mariano da Conceição Velloso nasceu em São João del Rei, comarca de Rio das Mortes, atualmente Tiradentes em Minas Gerais, em 1742. Em 1766 foi ordenado como franciscano no convento de Santo Antônio, no Rio de Janeiro, onde estudou Filosofia e Teologia, tendo sido nomeado pregador em 1768. Em 1771 era docente de Geometria no convento de S. Paulo onde recebeu o título de confessor e posteriormente deu lições de História Natural no convento de Santo Antônio. Começou desde cedo a dedicar-se aos estudos de Botânica, tendo transformado a sua cela, no convento, num museu e herbário.

Entre 1783 a 1790 fez viagens filosóficas pela província do Rio de Janeiro, segundo ordens do vice-rei Luís de Vasconcelos e Sousa, para recolha de espécies animais, vegetais e minerais. Estas viagens forneceram a frei Velloso o material botânico que viria a ser incluído

²⁵⁰ ALLEMÃO. Notícia. *Op. cit.*

²⁵¹ Cf. CARVALHO, José Murilo de. A construção da ordem: a elite política imperial. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

na sua obra maior, a *Florae Fluminensis* (1825-27; 1831). Neste trabalho de recolha de espécimes Veloso era auxiliado por outros frades, entre os quais Francisco Solano, como desenhador-naturalista, e Anastácio de Santa Inês, que fazia a descrição das espécies vegetais. Veloso estava ainda encarregado de enviar espécimes para o Real Museu e Jardim Botânico da Ajuda, em Lisboa. Estas espécies eram devidamente acondicionadas, descritas e classificadas por Veloso, cujo trabalho foi muito elogiado quer pelo vice-rei quer pelos responsáveis pelo Museu e Jardim da Ajuda.

No final do mandato de Luís de Vasconcelos, em 1790, Mariano Veloso foi para Portugal com o ex vice-rei, levando consigo os textos originais da *Florae Fluminensis*, o herbário e material museológico com o objetivo primordial de proceder à publicação desta sua obra. Em Portugal tornou-se membro da Academia das Ciências de Lisboa e ocupou-se, na Academia e na Ajuda, com o estudo e classificação de espécies naturais. Dirigiu a Oficina Tipográfica, Tipoplástica e Calcográfica do Arco do Cego, onde levou a efeito um importante trabalho de edição de obras de divulgação das ciências e das técnicas, tendo publicado um total de 83 títulos, no curto espaço de três anos - entre 1779 e 1801, em diversas áreas, com destaque para *O Fazendeiro do Brasil*, espécie de enciclopédia em 11 volumes, que destinava-se a instruir os agricultores brasileiros.²⁵²

A escolha do nome de frei Velloso não se deu por acaso. A admiração pelo trabalho de Velloso, e principalmente pela *Flora Fluminensis*, se dava em função das buscas e pesquisas feitas por Freire Allemão sobre o estudo da História Natural por nacionais. Além disso, encontramos em sua notícia autobiográfica uma nota em que Freire Allemão relata ter ouvido, ainda muito pequeno, de familiares e amigos sobre as incursões de Frei Velloso nos arredores do Mendanha:

Eu ainda era muito menino quando estive em Medanha o padre Velloso fazendo coleções de Sciencias Naturaes. Meu tio Antonio tem lembranças fracas dele e seos companheiros. Quando eu já tinha alguma inteligência ouvi da gente de casa alguma coisa a esse respeito como que eles apanhavão borboletas e as comprimiam entre 2 papeis, onde ellas ficavam presas. Eu que então já andava na escola fiz algumas diligencias para imprimir borboletas.²⁵³

²⁵² Informações retiradas do verbete “José Mariano da Conceição Veloso (1742-1811)”. Ciência em Portugal. <http://cvc.instituto-camoes.pt/ciencia/index1.html>. Disponível em 13/02/2014. Mais informações sobre a trajetória de Frei Velloso e sua importância para a história natural Cf. KURY, Lorelai. O naturalista Veloso. No prelo; FILGUEIRAS, Carlos A. L. Frei José Mariano da Conceição Veloso, polímata do Brasil colonial. Departamento de Química, ICEX, UFMG, 2010; VALLE, Jose Ribeiro do. Frei Veloso: Insigne Botânico Brasileiro. *Revista da Sociedade Brasileira de História da Ciência*, n. 2, jun./dez. 1985.

²⁵³ Allemão, Francisco Freire. Notícia (...). Op. cit. nota 33.

Talvez como uma forma de tentar constituir para sua prática uma vocação e admiração nascidas ainda na infância, enquanto estratégia biográfica de se espelhar naquele a quem tinha como herói, Freire Allemão exprimi através desta nota que para além de uma vontade de resgatar a memória nacional, através de nomes ilustres da ciência, tomava para si isto como uma obrigação patriótica. E esta é expressa em carta a Antonio Paulino Nogueira “*He necessario que nos cuidemos nas cousas de nossa terra, e não os deixemos ao gênio pesquisador do extrangeiro[sic] que faça nos reviver a memoria dos nossos e a prioridade de seus trabalhos*”²⁵⁴.

Sendo assim é possível afirmar que o intuito de Freire Allemão de homenagear um homem de ciências do Brasil através da sociedade recém-fundada, se enquadra no que é identificado por Márcia Gonçalves como uma estratégia romântica dos usos das biografias pelos letrados no Brasil Imperial:

O que nos parece importante de ser atestado é a relevância e a diversidade de usos, formas e funções da escrita biográfica, que, tanto quanto outras estratégias da “expansão para dentro”, era um dos alicerces de fazer significar o império do Brasil nas galerias de brasileiros e brasileiras distintos e ilustres, elegeram-se os indivíduos cujas vidas em seus sentidos e realizações deveriam confundir-se com os da própria nação.²⁵⁵

A necessidade de afirmação de uma nação ainda jovem percebeu na ciência uma das faces a ser tonalizada pelas cores locais. E essas cores ganhavam formas através daqueles que eram eleitos como heróis nacionais. Enaltecer e trazer à luz os nomes daqueles que foram capazes de estudar suas próprias terras e riquezas era um dos mecanismos de marcar a especificidade nacional que, ao lado da história, constituir-se-iam em referências comuns capazes de compor o imaginário da nação²⁵⁶:

(...) as referências à história particular de cada povo, somadas a condicionamentos locais, entre eles o clima e os elementos constitutivos do mundo natural, assumiam centralidade nas estratégias explicativas sobre o caráter autêntico das produções letradas.²⁵⁷

²⁵⁴ Carta de Freire Allemão a Antonio Paulino Nogueira, Engenho Velho em 08/07/1849. Divisão de Manuscritos/FBN. I-28,01,20. (Microfilme MS 548 (1) doc.20)

²⁵⁵ GONÇALVES, Márcia de Almeida. Histórias de gênios e heróis: indivíduo e nação no Romantismo brasileiro. In: O Brasil Imperial. Vol. II. GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo (Orgs.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. p. 454.

²⁵⁶ Cf. ANDERSON. Comunidades imaginadas. *Op. cit.*

²⁵⁷ GONÇALVES. Histórias de gênios. *Op. cit.* p. 435.

Desta forma o objetivo principal da Sociedade, “*indagar, collegir e estudar todos os objetos pertencentes à História Natural do Brasil; e juntamente averiguar, e interpretar as palavras indígenas, com que forem designados.*”²⁵⁸, era condensado e traduzido no nome que lhe servia de adjetivo: Velloziana.

Embora para Freire Allemão a escolha do nome de Velloso se justifica-se por si só, outras alternativas são apresentadas pelos sócios da Sociedade para substituir o nome, como Sociedade da História Natural Brasileira ou Sociedade Excrutadora de História Natural, contudo Freire Allemão conseguira manter sua preferência.²⁵⁹

A esse assunto o botânico retornaria em 1870, em discurso proferido na tentativa de retomada dos trabalhos da Sociedade, relatando a resistência de alguns sócios quanto ao nome escolhido por ele para a associação, afirmando que esta discordância se explicava por não julgarem estes sócios que o nome de Velloso possuísse o prestígio necessário para batizar a nova Sociedade.²⁶⁰

2.2.2- A reunião dos “Curiosos da Natureza”²⁶¹

Aqueles que compunham e participaram da fundação da Sociedade, ao lado de Freire Allemão, compartilhavam com ele deste mesmo espírito nacional-romântico. Na intenção de constituir uma rede de informações e troca de experiências e práticas, Freire Allemão convidou a tomar parte na sociedade estudiosos de história natural de todos os cantos do Brasil.

Cabe aqui então ser analisado a composição deste quadro de sócios, de onde pode-se presumir algumas características importantes a serem exploradas neste estudo. Considerando-se os estatutos da associação os sócios poderiam ser de cinco tipos - efetivos, adjuntos efetivos, correspondentes, adjuntos correspondentes e honorários - e tinham como definição e pré-requisitos o seguinte:

²⁵⁸ Estatutos da Sociedade Velloziana do Rio de Janeiro. In: PAIVA, Melquíades Pinto. Associativismo Científico no Brasil Imperial: a Sociedade Velloziana do Rio de Janeiro. Brasília: Thesaurus, 2005. p. 20.

²⁵⁹ Crenivaldo Junior indica que estes nomes também tinham em vista a exaltação da ciência nacional. Cf. VELOSO JUNIOR. Os curiosos da natureza. *Op. cit.* p. 56.

²⁶⁰ Cf. ALLEMÃO. Discurso pronunciado. *Op. cit.*

²⁶¹ As informações de caráter biográfico e histórico das instituições aqui tratadas, quando não indicadas outras fontes, foram coletadas nas seguintes obras: BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. Dicionário bibliográfico brasileiro. Rio de Janeiro: Typ. Nacional, 1883-1902. 7 v.; Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930). Online. Disponível em <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br>; PAIVA. Associativismo Científico no Brasil. *Op. cit.*

Art. 3º - Só podem ser Socios effectivos as pessoas, que se occupão do estudo da Historia Natural, e que já tenham publicado, ou feito trabalhos originaes, ou importantes, em qualquer dos seus ramos, a saber: em Zoologia, Botanica e Mineralogia.

Art. 4º - Para Socio adjuncto effectivo requer-se, além de estudos em alguns dos ramos da Historia Natural, o conhecimento de Lingua selvática americana, principalmente da Lingua geral das Tribos brasileiras.

Art. 5º - Socio correspondente pode ser qualquer pessoa, que dando-se ao estudo da Historia Natural, possa ajudar a Sociedade na aquisição de periódicos, noticia, ou memorias scientificas que forem convenientes com o seu fim, e objeto.

Art. 6º - Socio adjuncto correspondente pode ser qualquer pessoa que (além de outras habilitações que serão especificadas no Regulamento) tiver conhecimentos da Lingua indígena.

Art. 7º - Só podem ser Socios honorarios pessoas respeitáveis, e distinctas por seu saber em Historia Natural; ou por serviços relevantes, feitos à Sciencia, em geral, ou em particular à esta Sociedade.

Art. 8º - Os Socios effectivos de ambas as classes devem ter residência, mais ou menos permanente, nesta Cidade.²⁶²

Dada sua criação e nomeação dos sócios efetivos os mesmos foram divididos em quatro comissões permanentes: Mineralogia: Frederico Leopoldo Cesar Burlamaque(1803-1866)²⁶³, Candido Teixeira de Azeredo Coutinho (m.1878)²⁶⁴, Custódio Alves Serrão (1799-1873)²⁶⁵ e Alexandre Antônio Vandelli (1784-1859)²⁶⁶; Botânica: Francisco Freire Allemão, Ludwig Riedel (1790-1861)²⁶⁷, Bernardo José de Serpa Brandão²⁶⁸ e Guilherme Shuch de Capanema (1824-1908)²⁶⁹; Zoologia: Emílio Joaquim da Silva Maia (1808-1859)²⁷⁰ e Jean

²⁶² Estatutos da Sociedade. In: PAIVA. Associativismo Científico no Brasil. *Op. cit.*, p. 21.

²⁶³ Frederico Leopoldo Cesar Burlamaque – Militar, doutor em Ciência Matemáticas e Naturais pela Academia Militar do Rio de Janeiro. Diretor do Jardim Botânico (1861-1862) e do Museu Nacional (1847-1866).

²⁶⁴ Cândido Teixeira de Azeredo Coutinho – Doutor em medicina pela Escola de Medicina do Rio de Janeiro. Foi professor de química da Academia Militar do Rio de Janeiro e provedor da Casa da Moeda.

²⁶⁵ Custódio Alves Serrão – Bacharel em Ciências Naturais pela Universidade Coimbra (1823), foi professor de Zoologia, Botânica e Mineralogia na Academia Militar do Rio de Janeiro (1825-1847). Diretor do Museu Nacional (1828-1846) e Diretor do Jardim Botânico (1858-1861).

²⁶⁶ Alexandre Antonio Vandelli naturalista português, naturalizado brasileiro em 1834, era filho de Domingos Vandelli, famoso professor e naturalista da Universidade Coimbra. Genro de José Bonifácio, se dedicou ao estudo de diversas assuntos do campo de história natural, com destaque para trabalhos em química e zoologia.

²⁶⁷ Riedel– Alemão, participou como botânico da expedição Langsdorff (1825-1830). Diretor da seção de Botânica, agricultura e artes mecânicas no Museu Nacional (1842), Diretor dos Jardins da Casa Imperial (1842) e do Passeio Público (1843) e diretor interino do Museu Nacional (1844).

²⁶⁸ Bernardo José de Serpa Brandão – Figura pouco conhecida, só se sabe que foi diretor do Jardim Botânico entre 1829 e 1851.

²⁶⁹ Guilherme Shuch de Capanema– Filho de Roque Schuch Capanema, professor do Museu Imperial de Viena, que veio acompanhando a Imperatriz Leopoldina e se tornou bibliotecário da Casa Imperial e um dos preceptores de Pedro II. Engenheiro formado pela Escola Politécnica de Viena(1846) e doutor em Ciências Físicas e Matemáticas pela Academia Militar do Rio de Janeiro (1849). Participou da Comissão Científica de Exploração (1859-1861) e da Comissão Argentino-Brasileira de Exploração de Território das Missões (1885-1886). Diretor do Jardim Botânico (1903).

²⁷⁰ Emílio Joaquim da Silva Maia– Bacharel em Filosofia Natural pela Universidade de Coimbra (1829), Bacharel em Ciências Físicas e Matemática e Doutor em Medicina pela Universidade de Paris (1833). Professor

Theodore Descourtilz (1796-1855)²⁷¹; Língua Indígena: Antônio Manuel de Mello (1802-1866)²⁷² e Ignácio José Malta (m.1868?)²⁷³. Posteriormente foram admitidos ainda como sócios efetivos Candido Batista de Oliveira (1801-1865)²⁷⁴ e João da Silveira Cadeira (1800-1854)²⁷⁵.

Quanto aos sócios correspondentes foram nomeados: Manuel Lourenço de Sousa²⁷⁶ – Pará; Antônio Correia de Lacerda²⁷⁷ – Maranhão; João José de Saldanha Marinho²⁷⁸ – Ceará; José Joaquim de Moraes Sarmiento²⁷⁹ – Pernambuco; Manuel Maurício Rebouças²⁸⁰ – Bahia; José Agostinho Vieira de Mattos²⁸¹ e Johannes Theodor Reinhardt²⁸² - Minas Gerais; Carlos Engler²⁸³, Henrique Pedro Carlos de Beaupaire Rohan²⁸⁴ e Theodore Johannes Heinrich

catedrático de Ciências Naturais e médico do Colégio Pedro II. Diretor da Seção de Anatomia Comparada e Zoologia do Museu Nacional (1847).

²⁷¹ Jean Theodore Descourtilz– Francês, médico em uma das Armadas Francesa, chegou ao Brasil em 1830, onde fixou residência. Foi naturalista viajante do Museu Nacional (1854). Produziu importantes trabalhos sobre a avifauna brasileira.

²⁷² Antonio Manoel de Mello - militar, doutor em Matemática e Ciências Físicas formado na Academia Militar do Rio de Janeiro (1846), onde se tornou professor catedrático em 1850. Foi Ministro da Guerra em duas ocasiões: 1847-1848 e 1863-1864.

²⁷³ Ignácio José Malta - Figura pouco conhecida, só se sabe que foi presidente da Sociedade Farmacêutica do Rio de Janeiro (1865-1868).

²⁷⁴ Cândido Batista de Oliveira– Bacharel em Matemática e Filosofia pela Universidade de Coimbra, foi professor catedrático de Mecânica Racional na Academia Militar do Rio de Janeiro. Ministro da Fazenda e dos Negócios Estrangeiros(1839), Diplomata em São Petersburgo e Viena (1840-1843), Ministro da Marinha (1847-1848) e diretor do Jardim Botânico (1851-1859).

²⁷⁵ João da Silveira Cadeira - Doutor em Medicina pela Universidade de Edimburgo, Escócia, tendo se destacado de fato na área de Química. Anteriormente, aos 19 anos, estagiou em Paris com renomados cientistas como os químicos Louis Nicolas Vauquelin (1763-1829) e André Laugier (1770-1832) e o mineralogista René Just Haüy (1743-1822). Foi diretor do Museu Nacional (1823-1827), professor de Química da Academia Militar do Rio de Janeiro e provedor da Casa da Moeda.

²⁷⁶ Não foram localizadas informações biográficas sobre ele.

²⁷⁷ Antônio Correia de Lacerda (1777-1852) – Português naturalizado brasileiro. Médico formado pela Universidade de Coimbra (1807), veio para o Brasil em 1818 e foi cirurgião-mor no Pará até emigrar para os EUA. Voltando em 1836 passou a residir em São Luís, no Maranhão, onde exerceu a clínica médica.

²⁷⁸ Não foram localizadas informações biográficas sobre ele.

²⁷⁹ José Joaquim de Moraes Sarmiento (n.1804) – Português naturalizado brasileiro. Doutor pela Faculdade de Medicina de Paris, quando chegou ao Brasil se instalou em Recife onde exerceu a clínica médica. Foi um dos fundadores da Sociedade de Medicina de Pernambuco (1841).

²⁸⁰ Manuel Maurício Rebouças (1799-1866) – Doutor em Medicina pela Faculdade de Paris. Foi professor de Botânica e Zoologia na Faculdade de Medicina da Bahia (1832-1866).

²⁸¹ José Agostinho Vieira de Mattos (1809-1875) – Doutor em Medicina pela Faculdade de Medicina de Paris (1831). Exerceu a clínica médica em Minas Gerais, estudioso da flora brasileira e sua aplicação na medicina.

²⁸² Johannes Theodor Reinhardt (1816-1882) – Zoologista dinamarquês, esteve no Brasil na expedição científica da corveta Galathea (1845-1847) e depois a serviço do Real Museu de História Natural de Copenhague (1850-1852 e 1854-1856).

²⁸³ Karl von Engler (1800-1855) – Austríaco chegou ao Brasil em 1820. Engenheiro formado pela Universidade Viena, trabalhou no Viveiro da Lagoa Rodrigo de Freitas (depois Jardim Botânico), mudando-se depois para São Paulo, onde trabalhou como engenheiro auxiliar de minas em uma fábrica de ferro. Dedicou-se aos estudos de botânica aplicada à medicina.

²⁸⁴ Henrique Pedro Carlos de Beaupaire Rohan (1812-1894) – Militar, bacharel em Ciências Físicas e Matemáticas pela Academia Militar do Rio de Janeiro. Presidente das províncias do Pará (1856) e da Paraíba (1857), ministro da Guerra (1864-1865) e ministro do Supremo Tribunal Militar (1893). Realizou estudos sobre cartas geográficas e fez explorações fluviais, participando da Comissão de Levantamento da Carta Geral do Brasil (1866).

Langgaard²⁸⁵ – São Paulo; Augusto João Manoel Leverger²⁸⁶ – Mato Grosso; Arminio de Blumenau²⁸⁷ – Santa Catarina e Virgil von Helmerinchen zu Brunnfeld²⁸⁸ – engenheiro austríaco residente no Rio de Janeiro.

Tabela 1 – Instituições e associações científicas das quais fizeram parte membros da Sociedade Vellosiana entre 1840 e 1856.

<u>Sócio</u>	IHGB	SAIN	SEB	AIM	MN	SFB	JB	AM
Antônio Manoel de Mello	x							x
Antônio da Silveira Caldeira					x			x
Bernardo José de Serpa Brandão							x	
Candido Batista de Oliveira	x						x	x
Cândido T. de Azeredo Coutinho	x	x						x
Custódio Alves Serrão	x	x			x			x
E. J. Silva Maia	x	x		x	x			
Frederico L. C. Burlamaque		x			x			
Guilherme S. de Capanema	x		x					
Ignacio Jose Malta		x				x		
Jean Theodore Descourtilz					x			
Ludwig Riedel	x				x			
Antonio Correia de Lacerda	x							
A.J. M. Leverger	x							
Henrique P. C. Beaupaire Rohan	x							
Jose A. Vieira de Mattos	x							
Manuel M. Rebouças	x							
V.H. Brunnfeld	x							

Siglas: IHGB-Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838); SAIN –Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional (1831); Sociedade de Estatística do Brasil (1850 -?); AIM -Academia Imperial de Medicina (1829); MN-Museu Nacional (1818); SFB-Sociedade Farmacêutica Brasileira (1851-1878?); JB-Jardim Botânico (1808); AM-Academia Militar do Rio de Janeiro (1810).

²⁸⁵ Theodore Johannes Heinrich Langgaard (1813-1883) – Dinamarquês naturalizado brasileiro. Doutor em medicina pela Universidade de Copenhague. Emigrou para o Brasil em 1842, residindo por muito tempo em Campinas (SP) onde exerceu a clínica médica.

²⁸⁶ Augusto João Manoel Leverger (1802-1880) – Francês naturalizado brasileiro (1844). Militar, participou das guerras de Independência e do Prata, chefiando a resistência na cidade Melgaço (Mato Grosso) contra a invasão paraguaia. Foi diplomata em Assunção (1841-1843). Produziu importantes trabalhos sobre hidrografia da região do Mato Grosso.

²⁸⁷ Não foram localizados dados biográficos sobre ele.

²⁸⁸ Virgil von Helmerinchen zu Brunnfeld (1804-1852) – Austríaco, engenheiro de minas pelo Colégio de Minas de Schemnitz. Veio para o Brasil em 1836 para trabalhar para British Mining Company, viajou pelo Brasil com auxílio do governo austríaco.

Quanto aos sócios honorários nenhum foi nomeado. Em carta a Alphonse de Candolle em 1854, Freire Allemão comenta sobre os trabalhos da Velloziana e informa que ainda não teria sido possível eleger membros honorários, mas assim que o fosse “*ela se apressará em se abrigar sob os nomes ilustres da ciência, e vós Senhor, estarei entre os primeiros, se vos dignar a conceder-nos tal favor*”²⁸⁹.

Com certeza, além de Candolle, outro a ser convidado seria Martius, já que Freire Allemão mantinha correspondência com ele e foi um dos primeiros a quem ele informou sobre o desejo de fundar a Sociedade Velloziana.²⁹⁰ Assim como buscava estabelecer contatos com cientistas do Velho Mundo, os sábios da Europa²⁹¹, a fim de submeter seus trabalhos para apreciação e divulgação, Freire Allemão também buscou fazer isso internamente, no Brasil, através da Sociedade Velloziana.

Esta intenção é claramente perceptível quando se observa os nomes que compõem o grupo de sócios efetivos e nota-se que todos são personagens influentes do meio intelectual da Corte. E que, além da Velloziana, ocupam outras instituições de saber do período, revelando assim o restrito círculo científico frequentado por Freire Allemão. Eles se esbarraram pelos corredores do IHGB, da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional (SAIN), da Academia Militar, do Museu Nacional, da Academia Imperial de Medicina, entre outras (ver tabela 1).

Freire Allemão reuniu esforços na busca incessante, por sócios que pudessem de alguma forma contribuir para as discussões da Sociedade. Estes eram a todo tempo incentivados a buscar e fornecer material a ser estudado e discutido nas reuniões da associação e quando o faziam serviam de exemplo para os demais:

Não limitou-se somente aos trabalhos científicos o concurso dos nossos consocios: a benevolencia em prol desta nascente Sociedade os fez depositarem no recinto deste edificio as primeiras ofertas para criação de uma biblioteca: he pequeno o numero de obras dest'arte colhidas; há manuscriptos originaes e ineditos do nosso illustre consocio o Snr. A.A. Vandelli; manuscriptos filhos de árduas fadigas, de longas locubrações, e de ardente amor das sciencias; há obras de José Bonifacio de Andrada e Silva, e de alguns outros brasileiros e estrangeiros; e foram oferecidas pelo Snr. A.A. Vandelli.²⁹²

²⁸⁹ Carta de Freire Allemão a Alphonse de Candolle. Rio de Janeiro, novembro de 1854. In: DAMASCENO e CUNHA. Os manuscritos do botânico. *Op. cit.* p. 144.

²⁹⁰ Carta de Freire Allemão a Martius. Rio de Janeiro, 21/09/1848. Divisão de Manuscritos/FBN. 13,02,015 doc. 14.

²⁹¹ Em um códice com cópias de cartas com diversos intelectuais europeus, consta a identificação, com a letra de Freire Allemão, na capa “Correspondência com vários sábios e naturalistas da Europa”. Este cuidado de identificação demonstra a importância e atenção diferenciada dada por Freire Allemão a essa correspondência.

²⁹² MALTA, Ignacio José. Relatório Annual do Secretario. Lido na primeira sessão de 1852. Rio de Janeiro, 26 de março de 1852. In: Trabalhos da Sociedade Velloziana. *Op. cit.* p. 88.

Se os sócios efetivos da Velloziana pertenciam ao seletivo grupo de intelectuais da Corte e tinham em comum o interesse pelas Ciências Naturais e seu estudo, os sócios correspondentes também compunham um seletivo grupo de interessados em fazer ciência pelo Brasil.

A análise dos nomes dos treze sócios correspondentes, e a atenção sobre suas respectivas localidades, possibilita a constatação da preocupação de Freire Allemão de integrar todas as regiões do país nas discussões realizadas na Sociedade, tendo pelo menos um representante de cada região. Este fato pode confirmar a preocupação e consciência do botânico de abarcar todo o conhecimento sobre a enorme diversidade natural do Brasil, tendo em vista a vastidão de seu território.

Além disso, outro fato que chama a atenção é a presença de quatro estrangeiros entre os correspondentes. Theodor Reinhardt foi um zoólogo dinamarquês, Carl Engler, engenheiro austríaco, Theodore Langaard, médico dinamarquês, Augusto Leverger, militar francês que produziu importantes trabalhos sobre hidrografia da região do Mato Grosso, e Brunfeld engenheiro de minas austríaco. A presença destes estrangeiros na Velloziana, é sintomático da intenção de Freire Allemão de legitimar e ao mesmo tempo divulgar os trabalhos da Sociedade frente à comunidade científica internacional, principalmente a Europa.

Outro fato importante é que todos esses sócios correspondentes, apesar de não estarem no ambiente da Corte, centro político e econômico do país, eles eram representantes de elites intelectuais e políticas locais. Por exemplo, o médico José Sarmiento foi um dos fundadores da Sociedade de Medicina de Pernambuco em 1841. Manuel Rebouças foi professor de Botânica e Zoologia na Faculdade de Medicina da Bahia (1832-1866). Beaupaire Rohan, militar, foi presidente das províncias do Pará (1856) e da Paraíba (1857).

Tendo em vista estas informações o que fica perceptível é a intencionalidade por detrás da Velloziana, de expandir para além da Corte os espaços de sociabilidade científica que aqui já estavam constituídos e sistematizar o conhecimento em Ciências Naturais que era produzido em terras brasileiras. Sobre esta questão Silvia Figueiroa afirma:

(...) desde os primeiros momentos da vida da Sociedade, houve um esforço deliberado do secretário para ampliar o quadro de associados. Tal fato, normal em qualquer associação, torna-se entretanto digno de nota em virtude de as pessoas escolhidas serem naturalistas residentes em diferentes províncias do Império, que aparentemente desenvolviam seus trabalhos de modo isolado. Praticamente todos eram brasileiros, e no caso de

estrangeiros, possuíam estreita vinculação ao país. Dentre esses sócios muitos são nomes desconhecidos da historiografia das ciências no Brasil.²⁹³

Sendo assim, o que fica evidente é que o esforço em constituir a Vellosiana em um espaço exclusivo de discussão sobre aspectos científicos do campo de história natural tinha como um dos principais recursos a escolha de seus membros.

2.2.3- A Vellosiana e o espaço intelectual da Corte

Outros espaços institucionais também se ocupavam do estudo das ciências naturais no mesmo período, porém de formas diferenciadas. No caso do IHGB, a apresentação de trabalhos sobre história natural servira como forma de ilustrar e criar uma memória territorial de uma nação para a qual estava sendo construída uma identidade, que se vinculava a natureza tropical exuberante que deveria ser conhecida²⁹⁴. Na Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional (SAIN), e nos Jardins Botânicos do Pará e do Rio de Janeiro as ciências naturais eram vinculadas diretamente a política econômica do país visando a prosperidade da nação, esperando um retorno financeiro a curto prazo.²⁹⁵

A maneira como era entendido pelo governo imperial as ciências naturais e sua importância para a nação, como ferramentas para revelar as riquezas naturais do país, e como tais se limitavam a extrair de seus objetos um retorno financeiro e útil a curto prazo, pode ser reforçada quando consideramos como se deu a passagem de dois membros da Vellosiana, que no mesmo período de existência da sociedade, ocuparam o cargo de diretor no Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

O primeiro deles foi Bernardo José de Serpa Brandão, que dirigiu a instituição entre 1829 e 1851, e logo depois Cândido Batista de Oliveira assumiu o cargo em 1851, permanecendo até 1859. Segundo Bediaga Begonha este período no Jardim Botânico foi marcado por inúmeras tentativas destes dois personagens em obter aumento nas verbas destinadas à instituição de forma a financiar o desenvolvimento e implementação de projetos

²⁹³ FIGUEIROA. Ciência no Torrão natal. *Op. cit.* p. 781-782.

²⁹⁴ Sobre as formas como se relacionavam as ciências naturais e a história no IHGB Cf. KODAMA, Kaori. Os filhos das brenhas e o império do Brasil: a etnografia no Instituto Histórico e Geográfico do Brasil (1840-1860). Tese (Doutorado em História) - PUC. Rio de Janeiro, 2005; FERREIRA. Ciência nômade. *Op. cit.*; GUIMARÃES. Nação e civilização nos trópicos. *Op. cit.*

²⁹⁵ Cf. DOMINGUES. A Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional. *Op. cit.* DOMINGUES, Heloísa Maria Bertol. "O Jardim Botânico do Rio de Janeiro". In: DANTES. Espaços da Ciência. *Op. cit.*; BEDIAGA. Conciliar o útil ao agradável. *Op.cit.*; SANJAD, Nelson Rodrigues. Nos jardins de São José: uma história do Jardim Botânico do Grão-Pará, 1796-1873. Tese de doutorado. São Paulo: Instituto de Geociências / Universidade Estadual de Campinas, 2001.

que visavam o incentivo a pesquisa científica na área de botânica e agricultura. Candido Batista inclusive, buscou obter financiamento para criação de uma Escola de Agricultura nos terrenos do Jardim, objetivo que frustrado como os muitos outros almejados também por seu antecessor. Begonha então conclui que tanto Serpa Brandão, quanto Candido Batista, frente as dificuldades enfrentadas junto ao governo, viram ser limitada a instituição à tarefa de conservar e embelezar as coleções do arboreto.²⁹⁶

Desta forma, pode-se afirmar que as expectativas alimentadas pelos membros da Vellosiana se resumiam em encontrar nela um espaço pleno de exercício de suas investigações mais detidas em história natural, um local onde seus intentos de pesquisa pudessem ganhar espaço mais privilegiado.

Neste sentido, Silvia Figueirôa defende ser a Sociedade Vellosiana “uma tentativa de iniciar-se um movimento de especialização ao nível das ciências, organizando um espaço próprio para as ciências naturais”.²⁹⁷ Num movimento de especialização que deve ser visto como a tentativa de formalizar a prática da História Natural no Brasil, o que contribuiria para uma legitimação deste campo científico.

Sendo assim, a fundação da Sociedade Vellosiana tinha como intenção incentivar o estudo das ciências naturais pelo viés teórico. Ao lado da Academia Militar do Rio de Janeiro e do Museu Nacional, a Vellosiana engrossava as fileiras daqueles que buscavam um espaço profícuo para discussão e prática das ciências naturais enquanto disciplinas acadêmicas.

Boa parte dos membros da Vellosiana tinham alguma ligação com a Academia Militar do Rio de Janeiro. Fundada em 1810, a Academia Militar tem especial importância, pois representa o início do ensino superior institucional das disciplinas física, matemática e geologia no Brasil. Marcada por tentativas de conciliação do ensino militar e o de engenharia, em 1858, passou a chamar-se Escola Central e a dedicar-se, exclusivamente, à Engenharia, apesar de continuar subordinada ao Ministério da Guerra. Em 1874, a Escola Central se tornaria a Escola Politécnica, ocasião em que o vínculo com a área militar foi totalmente desfeito.²⁹⁸

Burlamarque, Beaupaire-Rohan, Capanema e Manoel e Mello se formaram por esta instituição de ensino e os dois últimos se tornaram ainda professores da mesma. Capanema, foi professor de Mineralogia e Manoel de Mello, foi professor catedrático de Matemática e Ciências Físicas (1850-1866). Além destes dois, Azeredo Coutinho, lecionou Química, Alves

²⁹⁶ Cf. BEDIAGA. Conciliar o útil ao agradável. *Op.cit*

²⁹⁷ FIGUEIROA. Ciência no Torrão natal. *Op. cit.* p. 780.

²⁹⁸ Para mais informações sobre a Academia Militar do Rio de Janeiro Cf. PINHEIRO. O que os nossos cientistas escreviam. *Op. cit.*; FIGUEIROA. As Ciências Geológicas no Brasil. *Op. cit.*

Serrão, foi professor de Zoologia, Botânica e Mineralogia (1825-1847), Cândido Batista, professor catedrático de Mecânica Racional (1827-1847), e Silveira Caldeira, professor de Química. A partir de 1858 Freire Allemão também se tornaria lente de Botânica e Zoologia da Academia, permanecendo lá até 1866.

No que tange ao Museu Nacional, Margaret Lopes aponta como uma das instâncias que buscou maior prestígio e destaque para as ciências naturais no contexto do Brasil Imperial, que desde o início da década de 1830, foi planejada uma reformulação do Museu, para que oferecesse cursos no campo das ciências naturais. Aponta ainda que entre 1834 e 1851 o governo e a elite científica da Corte discutiram a possibilidade de instalar uma Faculdade de Ciências Naturais no museu, já que as disciplinas da área eram consideradas acessórias na Faculdade de Medicina e na Escola Militar.²⁹⁹

Essa intrínseca relação entre estas duas instituições é evidenciada quando as instalações do Museu são escolhidas para local onde devem ser realizadas as reuniões da Vellosoiana e quando é observado a relação direta de alguns dos membros da Vellosoiana com o Museu.

Foram diretores do Museu Silveira Caldeira (1823-1827) e Custódio Alves Serrão (1828-1846) e são apontados por Margaret Lopes como responsáveis pela organização das primeiras coleções e pelo início do trabalho científico na instituição. Caldeira foi ainda o responsável pela criação do Laboratório Químico do Museu Nacional (1824). Foi um dos responsáveis pelo acompanhamento da publicação da Flora Fluminensis de Frei Velloso, entre 1825 e 1829.³⁰⁰ Além destes dois, Ludwig Riedel foi diretor da seção de Botânica, agricultura e artes mecânicas (1842) e diretor interino (1844), Silva Maia foi diretor da Seção de Anatomia Comparada e Zoologia (1847), e Theodore Descourtilz foi naturalista viajante do Museu (1854).

Se em outros espaços o estudo da história natural servia primeiramente a interesses econômicos a serem alcançados em curto prazo, a Sociedade Vellosoiana ao lado do Museu Nacional, era um local profícuo para exercício das ciências naturais, onde a dedicação ao tema deveria se dar não somente em seus termos utilitários. Como afirma Margaret Lopes:

(...) [O Museu Nacional e a Sociedade Vellosoiana] integraram os esforços que os homens de ciências fizeram, então, para consolidar sua atividade científica, como campo de conhecimentos autônomo que lhes conferisse prestígio político e reconhecimento profissional, de forma não dissociada da

²⁹⁹ Sobre o papel do Museu Nacional Cf. LOPES. O Brasil descobre a pesquisa. *Op. cit.*

³⁰⁰ Cf. Idem. *Ibidem.* p.48-51.

pretensão de contribuir para as ciências universais que, julgavam, não tinham pátria.³⁰¹

Neste sentido, observando-se a exigência de que os sócios efetivos deveriam possuir trabalhos relevantes na área de História Natural e a formação e histórico de atuação dos membros da Vellosoiana é evidente que a ideia de criação de uma associação que reunir-se estudiosos das ciências naturais se explicava na necessidade de agrupar tudo o que se pesquisava sobre o assunto no Brasil, como forma de sistematização e melhor aproveitamento destes conhecimentos para o bem da nação.

2.2.4- Nos rastros de uma memória científica nacional

Em 1851, Freire Allemão como presidente da Vellosoiana, tem a iniciativa de nomear quatro comissões com membros da sociedade para coletar dados e compor uma memória daquilo que foi feito nos ramos da história natural no Brasil.

A primeira era composta por Freire Allemão, Vandelli, Burlamaque e Descourtiz, e deveria formar um catálogo cronológico de todos os autores nacionais e estrangeiros que tenha escrito sobre a história natural do Brasil; Da segunda comissão faziam parte Emilio Joaquim da Silva Maia, Capanema e José Malta, que deveriam escrever uma história circunstanciada das tentativas de criar, no Brasil, estabelecimentos científicos de história natural; Azeredo Coutinho, Alves Serrão e Antonio Mello integravam a terceira comissão que era responsável por escrever a biografia dos naturalistas brasileiros; e por fim, a quarta comissão, da qual faziam parte Riedel, Serpa Brandão e Joaquim Maia, deveria averiguar as plantas e animais introduzidos no Brasil depois do descobrimento.³⁰²

A intenção por trás desta proposta de Freire Allemão nos fica clara quando a percebemos como vontade de fazer história, constituir uma tradição para a ciência que aqueles que integravam a sociedade praticavam. Foi uma das formas de buscar legitimidade para sua prática frente a um contexto de construção de uma identidade nacional calcada na história e na natureza exuberante que juntas compunham o elemento unificador dos povos sob a égide do império do Brasil.

Como membros dessa geração romântica que se via como construtora do Brasil, os cientistas da Vellosoiana tencionavam adicionar a especificidade de sua prática como

³⁰¹ Idem. *Ibidem*, p. 325

³⁰² Cf. MALTA. Relatório Anual. *Op. cit.* p. 86.

componente fundamental desta identidade. Como afirma Margaret Lopes isso era possível pois

(...) esses ainda pouco integrantes da comunidade emergente de estudiosos do país, especialmente dedicados à História Natural, consideravam as ciências que forjavam como um ramo de conhecimento já instituído entre nós, que tinha história para ser contada, e que lhes cabia estabelecer sua tradição. Nos moldes talvez do IHGB, que criava a história do país, eles se propunham também à tarefa de sistematizar a história da natureza do país e de suas próprias contribuições científicas para ela.³⁰³

Dentro dessa mesma perspectiva é que Freire Allemão ao conceber a ideia de estabelecer uma sociedade para estudo de história natural no Brasil, também tinha por desejo editar o primeiro periódico especializado da área no país, como manifestou em carta à Martius quando o informou da vontade reunir estudiosos da história natural em associação:

O mais difícil da empresa é a publicação de um periódico científico, que me parece elemento indispensável para estabilidade de Sociedade. Como deve vir acompanhada de “estampas”, será muito dispendiosa, e não podemos contar com assignantes que cubram as despesas. Este jornal ou periódico será chamado o Precursor, como primeiro deste gênero no Brasil.³⁰⁴

Mesmo após a criação da Sociedade e as dificuldades enfrentadas para mantê-la, Freire Allemão não desistia de seu intento e dividia com seus companheiros a frustração de não tê-lo conseguido concretizar:

Senhores não concebo existência duradoura em uma associação científica da natureza desta nossa, sem a publicação de seus trabalhos. E a divulgação destes que a pode tornar conhecida e fazel-a conceituada na opinião do publico, e que ao mesmo tempo será para os membros dela poderoso estímulo. Infelizmente é este objeto um dos grandes embaraços que esta Sociedade tem encontrado em sua marcha. Tendo-se considerado impossível a manutenção de um periódico dedicado unicamente ao culto das Sciencias Naturaes, ainda tão pouco apreciadas em nossa terra, aceitamos algumas páginas, que nos foram generosa e expontaneamente oferecidas pelos redactores do Guanabara para a edição dos nossos trabalhos. Com efeito assim se vão praticando, apesar de alguma outra dificuldade, como a de gravura das estampas, de que pela maior parte devem ser acompanhadas.³⁰⁵

³⁰³ LOPES. O Brasil descobre a pesquisa. *Op. cit.* p. 132.

³⁰⁴ Carta de Freire Allemão a Martius. Rio de Janeiro, 21/09/1848. Divisão de Manuscritos/FBN 13,02,015 doc. 14.

³⁰⁵ ALLEMÃO, Francisco Freire. Relatório Secretário – 1853. In: Trabalhos da Sociedade Velloziana. *Op. cit.* p. 119.

De fato, a Vellosiana nunca conseguiria editar um jornal próprio dedicado exclusivamente às ciências naturais. Contudo conseguiu divulgar alguns trabalhos pelo periódico Guanabara, e no caso de Freire Allemão publicaram-se trabalhos sobre novas espécies botânicas e algumas estampas, apesar das dificuldades. Embora o Guanabara não fosse um periódico especializado em ciências, seus objetivos e linha editorial condiziam com os ideais românticos que alimentavam as inspirações nacionalistas daqueles que compunham o quadro da Sociedade Vellosiana, que estavam imbuídos de todas as esperanças e empenhos pela nação, já demonstrados aqui.

Assim, concordam José Everaldo Castello e Antonio Candido ser a revista Guanabara continuação das expressões do grupo que fundou a Revista Niterói – Revista Brasiliense, ícone máximo e tido como inaugurador do romantismo no Brasil.³⁰⁶ Estes apontam que o grupo fundador da Revista Niterói, procuravam incensar nos intelectuais brasileiros os embalos renovadores do romantismo europeu, primeiro com a Revista Niterói (1836), depois com a Minerva Brasiliense (1843-1845) e por fim com a Revista Guanabara (1849-1855), tinham por objetivo “(...) *refletir sobre objetos do bem comum, e de glória da pátria*” vendendo a “*marchar na estrada luminosa da civilização, e tocar ao porto da grandeza, que a providência lhe destina*”.³⁰⁷

Neste sentido é que Antonio Candido afirma:

Amparados pelo Instituto Histórico, instalados nas três revistas mencionadas, deram-lhe viabilidade, aproximando-a do público e dos figurões, aos quais se articularam em bem montados cliques, nelas escudando a sua obra e sua pessoa. Era grande a comunidade de interesses entre os brasileiros cultos de toda idade e orientação, voltados para o progresso intelectual como forma de desdobramento da Independência. Por isso, toda produção de espírito era bem-vinda. (...) Sobre o terreno comum do Nacionalismo, abraçavam-se as boas intenções.³⁰⁸

Rachel Pinheiro aponta que apesar da Guanabara não ser um periódico especializado em ciências foi uma grande colaboradora para divulgação dos trabalhos de nossos cientistas. Ela afirma que a proximidade dos editores da Revista com naturalistas brasileiros contribuiu para um maior espaço dedicado à história natural nas páginas do periódico³⁰⁹.

³⁰⁶ Cf. CANDIDO. Formação da Literatura. Op. cit.; CASTELLO, José Aderaldo. A literatura brasileira: origens e unidade: 1500-1960. São Paulo: Edusp, 1999.

³⁰⁷ Ao Leitor. Niterói – Revista Brasiliense, Paris, Dauvin et Fontaine, 1836, t I, n.1, p.5-6. *Apud* CASTELLO. *Ibidem*. p. 181-182

³⁰⁸ CANDIDO. Formação da Literatura. Op. cit. p. 368.

³⁰⁹ Cf. PINHEIRO. O que nossos cientistas escreviam. Op. cit.

Freire Allemão inclusive era muito próximo de Manoel Araújo Porto-Alegre, um dos editores da Revista. Um sinal dessa amizade é o poema escrito por Porto-Alegre em homenagem a Freire Allemão, e publicado na Revista Brasileira em 1857³¹⁰. Além disso, Freire Allemão trocava cartas com o poeta e ao que parece chegou a enviar trabalhos para serem apresentados em instituições europeias.³¹¹

Sendo assim, mesmo que contrariado por não poder dispor de um jornal exclusivo para a Sociedade Vellosiana, Freire Allemão se dá por satisfeito ao oferecimento dos editores da Guanabara, tendo em vista os interesses comuns destes com os da Vellosiana, e manifesta em carta a Emílio da Silva Maia:

Recebi do Capanema huã carta em que me comunicava que os Editores da Guanabara, contando com duração de seu jornal, se offerecerão, até mesmo augmentando o formato da folha, a publicar os nossos trabalhos. (...) me deliberei só por nisso respondendo que nenhuma dúvida já tinha a respeito dessa publicação, que em todo caso a duração do jornal, dando-se huã programação regradada, e mesmo valores com aumento do formato, dispostos a fazerem para mas huã tiragem à parte, nos ficou muito vantajosa.³¹²

Vencida a primeira barreira para publicação dos trabalhos nascidos no seio da Vellosiana, e mesmo tendo em vista as dificuldades encontradas nesse processo³¹³, Freire Allemão procurava se utilizar deste meio para divulgar os trabalhos da sociedade entre seus pares na Europa. Na falta de um periódico especializado e próprio, e que seria direcionado a público científico, ao qual se interessava alcançar pelos membros da Sociedade, Freire Allemão enviava os trabalhos publicados na Guanabara para os seus correspondentes e solicitava aos mesmos que divulgassem em entre os seus:

Conseguí estabelecer aqui, como já havia prevendo a V. S. em minha carta de 21 de setembro de 1848, huã associação de História Natural, a que dei o nome de Sociedade Vellosiana. (...) Por ora seus fracos trabalhos vamos

³¹⁰ Cf. PORTO-ALEGRE, Manuel Araújo. O Giquitibá da Serra de Santa Anna. Poema dedicado ao botânico Francisco Freire Allemão. *Revista Brasileira*, 1857, p. 407.

³¹¹ Cf. Cartas de Freire Allemão a Manoel Araújo Porto-Alegre. [S.l.] [S.d.] Divisão de manuscritos/FBN. I-28,02,020 -023 (Microfilme MS548 (1) docs.116, 118 e 119)

³¹² Carta de Freire Allemão a Joaquim da Silva Maia. [S.l.], 13/01/1851. Divisão de Manuscritos/FBN. I-28,01,025 (Microfilme MS 548 (1) doc.025)

³¹³ Tendo em vista as dificuldades financeiras da Sociedade sempre propaladas nos relatórios, algumas exigências de uma publicação científica nem sempre podiam ser atendidas, como por exemplo, a publicação de estampas. Ao que parece no caso de se precisar publicar estampas junto aos trabalhos, as mesmas deveriam ser custeadas pela própria Sociedade e senão pelo autor do trabalho publicado, já que achamos em carta de Freire Allemão a Paula Brito o questionamento de quantos exemplares seria a tiragem do jornal, para que mandasse imprimir um mapa que deveria acompanhar uma memória que seria publicada. Cf. Carta de Freire Allemão a Paula Brito. [S.l.], [S.d.]. Divisão de Manuscritos/FBN. I-28,02,028 (Microfilme - MS 548 (1) doc.124)

publicando em periodico que aqui temos com o nome de Guanabara (...) remeto a V.S. hum exemplar, por não poder agora dispor de maior numero. Para o anno que vem mandarei outro a Real Sociedade de Ratisbona.³¹⁴

E em carta a John Miers:

Tenho a honra de remeter a Vossa Senhoria os papéis, que acompanham esta minha carta para que Vossa Senhoria tenha a bondade de os fazer chegar ao muito illustre Senhor George Bentham. Nesses papéis se compreende tudo que eu tenho publicado aqui dos meus trabalhos botânicos. É para mim muito honroso e lisonjeiro o acolhimento com que eles tem sido recebidos pelos mais distintos botânicos da Europa, entre os quais se contam os senhores seu pai, e George Bentham, a quem não tenho expressões com que lhes mostre todo o meu agradecimento. Nessa coleção há falta de alguma coisa: mas de pouca importância. Falta o texto da primeira planta que publiquei (*Drypetes Sessiliflora*) na *Minerva Brasileira*, e da qual tirei para mim poucos exemplares do texto, que já tenho todos distribuídos; faltam também as páginas 77 a 84 da *Bibliotheca Guanabarensis* (Trabalhos da Sociedade Velloziana).³¹⁵

Esta última carta parece ter sido escrita em agradecimento a uma nota publicada por George Bentham sobre a Sociedade Velloziana em um jornal de Londres, editado por Joseph Hooker, e ao qual faz menção Freire Allemão em nota a uma carta enviada ao Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied em novembro do mesmo ano.³¹⁶

2.2.5- As dificuldades da empreitada

A despeito de todo entusiasmo, planos e objetivos bem definidos por trás da empreitada de constituir uma associação de naturalistas em terras tropicais, a realidade pareceu ser mais dura do que esperavam os arrebatados membros da Velloziana, em particular Freire Allemão, seu idealizador e maior incentivador. O fato é que desde o primeiro ano de existência da sociedade foi exposto em seus relatórios as dificuldades de manter tal estabelecimento:

Senhores, estamos ainda na infância a todos os respeito; o nosso berço e construído de contrariedades e tropeços; a pobreza é nosso ambiente (...).

³¹⁴ Carta de Freire Allemão a Martius. Rio de Janeiro, 22/12/1852. Divisão de Manuscritos/FBN. I-28,01,042. (Microfilme - MS 548 (1) doc.042).

³¹⁵ Carta de Freire Allemão a João Miers. [S.l.] Dezembro de 1853. In: DAMASCENO e CUNHA. Os Manuscritos do botânico. *Op. cit.* p. 143.

³¹⁶ Carta de Freire Allemão ao Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied. Rio de Janeiro, 20/11/1853. In: DAMASCENO e CUNHA. Os Manuscritos do botânico. *Op. cit.* p. 142.

Não obstante tudo isso, o amor das sciencias naturaes e o patriotismo (...) dar-nos hum cabal triumpho na batalha que peleiamos para atingir à virilidade, e é por isso que cheio de satisfação vos posso dizer neste momento que nossa sociedade progride a despeito de todas as carências que nos rodeam: as vossas luzes, a vossa benevolencia, e as vossas fadigas a escudam.³¹⁷

Atribuída muitas vezes por Freire Allemão a desavenças com alguns sócios, em especial Capanema, e a falta de incentivo financeiro por parte do governo, os problemas enfrentados pela Velloziana por vezes estavam além do alcance de resolução direta por seus membros. Os frequentes desentendimentos entre Freire Allemão e Capanema não tem seus motivos muito bem esclarecidos.

O estopim parece ter sido a discordância sobre a publicação ou não de uma memória que não tratava de assuntos sobre o país³¹⁸, que levaria Capanema a se desligar da sociedade em 1852. Contudo, em carta de 1851 Freire Allemão já roga a Capanema que não tome decisões precipitadas em relação à Sociedade e lembra-o que também é “pai da Velloziana”.³¹⁹

No ano seguinte a saída de Capanema, Freire Allemão já anunciava em seu relatório anual que as atividades no ano interior não teriam acontecido como planejado:

Em todo o tempo útil do anno, as sessões, que puderam ter lugar, foram somente seis; e essas nem sempre muito concorridas. Se attendermos porém aos nossos consócios, além de mui poucos numerosos, são todos homens ocupados; e à que distancias no Rio de Janeiro são hoje um grande impedimento às reuniões; acrescendo a isso a dificuldade de acharmos um dia, e uma hora convenientes para todos, havemos de reconhecer que ainda assim houve diligencia em reunirmos.³²⁰

Neste mesmo ano, numa tentativa de vencer os problemas que assolavam a Velloziana e garantir sua continuidade, foi requerido ao IHGB, por Freire Allemão, a anexação da sociedade como uma sessão para ela pudesse continuar seus trabalhos e ter local onde abrigar

³¹⁷ Relatório Anual do Secretário. Primeira sessão de 1852. In: Trabalhos da Sociedade Velloziana. *Op. cit.* p. 85.

³¹⁸ Cf. ALLEMÃO. Discurso pronunciado. *Op. cit.*

³¹⁹ Cf. Carta de Freire Allemão a Capanema. Rio de Janeiro, 18/10/1851. Divisão de Manuscritos/FBN I-28,01,030 (Microfilme MS 548 (1) doc.030)

³²⁰ ALLEMÃO, Francisco Freire. Relatório. abril de 1853. In: Trabalhos da Sociedade Velloziana. *Op. cit.* p. 117.

os livros e documentos da mesma³²¹. Isto, porém, não se concretizou, embora o parecer do Instituto tenha sido favorável à junção. Sendo assim, a Velloziana continuou seus trabalhos de forma cambaleante, ainda com problemas entre os sócios, descrentes na sociedade.

Muito próximo de Emílio da Silva Maia, tesoureiro da Velloziana, Freire Allemão por vezes compartilhou com ele as dificuldades de ser o único responsável por solucionar questões burocráticas para conseguir sustentar a existência da Sociedade. Em carta a Silva Maia, Freire Allemão conta de uma “revolução ocorrida em uma reunião por conta da desconfiança dos sócios sobre o destino dos rendimentos da Sociedade.”³²² Ainda em outra carta, provavelmente também destinada a Silva Maia, Freire Allemão comunica a mudança de data da próxima reunião da Velloziana e assina como “Burro de carga”.³²³

Associada a estas dificuldades burocráticas e práticas de manutenção da Sociedade, Freire Allemão em seu discurso, na tentativa de retomada dos trabalhos da Velloziana, lembra de outros fatos que desestabilizaram a sociedade e levaram alguns sócios debandarem para outra associação, criada em 1856 por Capanema, a Palestra Científica³²⁴.

A Palestra Científica, criada por Capanema, tinha por objetivo se dedicar ao “*estudo das sciencias physicas e mathematicas, principalmente com aplicação ao Brasil*”³²⁵. Esta conseguiria além do aval do governo para funcionamento apoio direto do Imperador, que participaria de quase todas as suas reuniões e financiaria o único número de seu periódico, a *Revista Científica*.³²⁶

Muitos dos membros da Palestra eram membros também da Velloziana, inclusive Freire Allemão³²⁷, que justificou sua adesão à nova sociedade para não criar desavenças explícitas e esvaziar a sociedade Velloziana.³²⁸ Parece ter sido esse o golpe final na Velloziana, que neste ano teve o ultimo de atividades até a tentativa de retomada da mesma

³²¹ Cf. Documentos referentes a junção da sociedade Velloziana, que se ocupa de historia natural do Brasil e línguas indígenas, com o IHGB. 1853. Coleção Instituto Histórico. IHGB, lata 342, pasta 4; e ALLEMÃO. Discurso pronunciado. *Op. cit.*

³²² Cf. Carta de Freire Allemão a Joaquim da Silva Maia. [S.l.] [S.d.]. Divisão de Manuscritos/FBN. I-28,01,067 (Microfilme MS 548 (1) doc.067).

³²³ Cf. Carta de “Burro de carga” para destinatário desconhecido. [S.l.] [S.d.]. Divisão de Manuscritos/FBN I-28,04,081 (Microfilme MS 548 (2) doc.091)

³²⁴ Cf. ALLEMÃO. Discurso pronunciado. *Op. cit.*

³²⁵ Decreto n. 1820, de 13 de setembro de 1856. Estatutos da Sociedade Palestra Científica. Coleção Leis do Império. Disponível em <http://www2.camara.leg.br>. Acesso em 18/02/2014.

³²⁶ LOPES. O Brasil descobre a pesquisa. *Op. cit.* p. 135.

³²⁷ Entre os membros da Palestra Científica se encontravam: Candido Batista de Oliveira, Antonio Manuel de Mello, Frederico Burlamaque, e Ignacio José Malta.

³²⁸ Cf. ALLEMÃO. Discurso pronunciado. *Op. cit.*; ALLEMÃO. Notícia. *Op. cit.*

em 1870, quando foram reformulados seus estatutos e novos sócios se juntaram à Sociedade.³²⁹

O que se pode perceber é que o ponto de vista de Freire Allemão sobre os motivos de dissolução da Sociedade Velloziana e sobre a postura de Capanema perpetuou-se em relatos de seus biógrafos, que reproduziram as opiniões legadas a nós pelo botânico em suas memórias³³⁰. As disputas individuais e de prestígio dentro da sociedade estavam para além da limitada sala do Museu Nacional, onde esses naturalistas se reuniam, como afirma Margaret Lopes:

Rapidamente, as dificuldades financeiras e as divergências entre os sócios se agravaram. Freire Alemão atribuiu “a malquerenças e desconfianças” o que nos parece visões diferentes dos objetivos da sociedade. Visões diferentes do que fossem os critérios de cientificidade e mesmo exemplos dos cuidados milimétricos que parcelas da elite do Império tomavam com a construção de certa imagem do país no exterior.³³¹

A falta de financiamento do governo, ao contrário do que foi feito em prol da Palestra Científica, pode se explicar pelos interesses diretos que o governo buscava em associações deste tipo. Como já explicitado acima, o caráter estritamente pragmático e utilitário atribuído às ciências naturais pelos membros do governo imperial, demonstra o maior interesse deste por estudos ligados a mineralogia e a física, ciências capazes de obter indícios e conhecimentos sobre a mineralogia, cuja exploração seria capaz de trazer um retorno rápido e lucrativo para o governo³³².

Em 1856, ano em que foi fundada a Palestra Científica e quando parece ter sido o fim da Velloziana até as tentativas de retorno na década seguinte, não por acaso foi apresentada em uma das sessões do IHGB a proposta de se criar uma comissão de naturalistas brasileiros para exploração das províncias do norte.

A Comissão Científica de Exploração (CCE), da qual fez parte Francisco Freire Allemão como presidente, teve como motivação provar que o Brasil era capaz de fazer

³²⁹ Em 1870, por iniciativa de Ladislau Netto as atividades da Sociedade Velloziana foram retomadas, mas não temos muitos registros desse período, a não ser o novo estatuto e a comissão nomeada em 1873 para avaliar a obra “Dicionário de botânica brasileira” de Joaquim de Almeida Pinto.

³³⁰ Entre os trabalhos biográficos sobre Freire Allemão que foram analisados percebe-se que os mesmos acabaram por reproduzir a imagem construída pelo botânico para si mesmo. Na análise destes textos percebe-se claramente as mesmas características, opiniões e visões de mundo expressas por Freire Allemão em seu relato autobiográfico. Cf. NEIVA, Arthur. Esboço histórico sobre a botânica e zoologia no Brasil. Brasília: EdUnB, 1989; GAMA. Biografia e apreciação. *Op. cit.*; SOUSA. Freire Allemão. *Op. cit.*; DAMASCENO e CUNHA. Os manuscritos do Botânico. *Op. cit.*; ALLEMÃO. Notícia. *Op. cit.*

³³¹ LOPES. O Brasil descobre a pesquisa. *Op. cit.* p. 135.

³³² Quem também defende tal ideia é VELLOSO JUNIOR. Os curiosos da natureza. *Op. cit.*

ciência, pode ser considerado um exemplo do pragmatismo que se esperava da prática científica. Tendo por objetivos a coleta de materiais que servissem a história do Brasil e o reconhecimento do território brasileiro, mapeando as riquezas nacionais e as populações que deveriam compor a nação, a CCE tomou como primeiro destino a província do Ceará, escolhida como ponto de inicial da viagem por conta dos relatos de existir grandes riquezas minerais em seu solo.³³³

Nascida do entusiasmo de “patriotas” que desejavam desmentir as consideradas falsas impressões de estrangeiros sobre a terra e o povo brasileiro, a CCE se torna um exemplo da preocupação claramente evidenciada de atender aos interesses do Estado, devendo-se sempre estar atenta a possibilidades de exploração da natureza, ou mesmo do povo, para o desenvolvimento da indústria e comércio nacionais estavam explicitadas nas instruções de viagem da CCE. Este deveria ser um dos objetivos fundamentais da Comissão. Tendo depositada em sua empreitada muita expectativa tanto por parte da sociedade brasileira quanto pela comunidade científica internacional, a CCE recebeu apoio fundamental do Imperador Pedro II e de intelectuais respeitados no meio científico como Martius e Saint-Hilaire.

Enfim, embora a Sociedade Vellosiana também tenha contado com esse entusiasmo no início de suas atividades, viu os mesmos se desmanchando em função dos problemas surgidos. Tendo em vista, que todas as características da Vellosiana aqui analisadas estavam diretamente associadas ao empenho de Freire Allemão de fazê-la dar certo, podemos dizer que apesar de seus méritos pela tentativa de inaugurar no Brasil um espaço privilegiado de pesquisa em ciências naturais, a mesma teve que lidar com problemas fora de sua alçada e necessitavam de armas que Freire Allemão não sabia usar, ou pelo menos assim não desejava.

Preferindo resignar-se, Freire Allemão viu na Comissão Científica a possibilidade de se ver realizado em sua prática e possivelmente revigorar os ânimos da Sociedade. Assim como a Vellosiana contribuiu para constituição do botânico Freire Allemão, a Comissão Científica também participaria nesse processo de modelação do cientista.

³³³ Cf. BRAGA, Renato. História da Comissão Científica de Exploração. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2004; KURY, Lorelai (org.) Comissão Científica do Império – 1859-1861. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio Editorial, 2009.

Capítulo 3 - Entre “cobras e lagartos”: a Comissão Científica de Exploração e a ciência Imperial

Neste capítulo o objetivo é tratar de uma experiência singular para formação da identidade de naturalista de Francisco Freire Allemão: a Comissão Científica de Exploração (CCE). Pretende-se aqui analisar como a experiência da viagem pelo sertão cearense junto a CCE contribuiu para uma mudança de percepção de Freire Allemão sobre a sua prática científica e o ajudou a ampliar suas redes de sociabilidades.

A Comissão Científica nasceu do entusiasmo de cientistas brasileiros em mostrar ao mundo que o Brasil era capaz de fazer ciência por si mesmo. A máxima de que o Brasil seria melhor conhecido por brasileiros é levada ao extremo no empenho de organizar uma expedição que fosse responsável por explorar aquela parte do território nacional ainda pouco conhecida, mas que guardava importantes riquezas naturais: o Norte.

Primeiramente é apresentado um panorama amplo sobre as expectativas e os interesses em torno da criação da Comissão. A partir da compreensão do momento histórico no qual se alinham o objetivo de uma emergente comunidade científica brasileira de obter legitimidade para sua atuação, o ímpeto de uma elite política³³⁴ em busca da descoberta de novas riquezas naturais a serem exploradas e os desejos românticos oriundos de um projeto político imperial de construção de uma identidade nacional.

Por fim, é analisado como a participação na Comissão contribui para a formação de naturalista/botânico de Freire Allemão. Os relatos de memória deixados por Freire Allemão e as cartas trocadas durante o período da expedição permitem observar sua sensibilidade científica aflorada pela experiência da viagem. Além disso, a CCE possibilitou ao botânico ampliar suas redes de contato no Brasil e a estreitar laços com cientistas estrangeiros, com quem já se relacionava.

3.1- A Comissão Científica de Exploração

E não vos parece, senhores, que já era tempo de entrarmos, sem auxílio estranho, no exame e investigação deste solo virgem, onde tudo é maravilhoso? De desmentirmos esses viajantes de má fé ou levianos que nos

³³⁴ Aqui concordamos com a definição de José Murilo de Carvalho sobre a elite política nacional, burocrática em sua essência e formada em grande parte por letrados com formação jurídica. Cf. CARVALHO, José Murilo de. A construção da Ordem/Teatro das sombras. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira: 2003.

tem ludibriado e caluniado? De mostrarmos finalmente, ao mundo, que não nos faltam talentos e as habilitações necessárias para as pesquisas científicas?³³⁵

Esta provocação assertiva é feita por Manuel Ferreira Lagos, ao comentar com certa ironia e sarcasmo a obra resultante da viagem do conde de Castelnau às regiões centrais da América do Sul, em uma sessão do Instituto em maio de 1856. No intuito de sugerir a nomeação de uma expedição científica nacional que desmentisse equívocos e falsos juízos de viajantes que por aqui passaram nas primeiras décadas do século XIX, é que Lagos propõe que o IHGB solicite ao governo imperial os recursos necessários para que tal empreitada possa ser levada a cabo e permitir a exploração de:

(...) algumas das províncias menos conhecidas do Brasil, com a obrigação de formarem também para o Museu Nacional uma coleção de produtos dos reinos orgânico e inorgânico, e de tudo quanto possa servir de prova do estado de civilização, indústria, usos e costumes dos nossos indígenas.³³⁶

Nascia assim aquela que seria a primeira expedição científica, formada exclusivamente por brasileiros, com o objetivo de explorar as províncias do norte e nordeste do Brasil e formar um acervo de coleções que servissem ao Museu Nacional. Assim “o esforço de construção de uma identidade nacional extrai suas bases do próprio pensamento europeu: a ciência no Brasil deveria constituir-se como ciência tropical.”³³⁷

Após a sua proposição na sessão de 30 de maio de 1856, a Comissão Científica de Exploração, como seria denominada oficialmente, não tardou a ser aprovada recebendo o aval do ministro do Império Sr. Visconde de Sapucaí em ofício que comunicava o acolhimento da proposta na reunião de 13 de junho do mesmo ano. Autorizava a organização da comissão e encarregava o IHGB pela nomeação de seus membros³³⁸.

A aprovação de tal empreitada tornava-se para a grande maioria da intelectualidade local e internacional uma grande oportunidade de se consolidar uma emergente comunidade científica nacional, que tinha na comissão a sua “menina dos olhos”. Desta forma conjuntamente com o objetivo pragmático de atender as necessidades políticas e econômicas de expandir a influência da corte para as outras partes do Império, integrando-as de maneira a

³³⁵ BRAGA. História da Comissão. *Op. cit.* p.20

³³⁶ Idem Ibidem. p.18.

³³⁷ KURY. Ciência e nação. *Op. cit.* p.4

³³⁸ PINHEIRO, Rachel. As histórias da Comissão Científica de Exploração (1856) na correspondência de Guilherme Schüch de Capanema. Dissertação de mestrado. Instituto de Geociências/Unicamp, 2002. p. 20.

consolidar uma identidade nacional em construção, e também garantir que todos os recursos naturais fossem explorados e rendessem bons frutos ao Estado, a Comissão contribuía para o “*delineamento das estratégias de construção de uma ciência nacional*”³³⁹.

Essa premissa fica bem clara quando analisamos o discurso propositor da Comissão feito por Ferreira Lagos na sessão de 1856. Como justificativa e incentivo para a aprovação da empreitada, Lagos afirma:

Tudo seria do mais alto interesse nessa exploração; conhecimentos positivos da topografia, dos cursos dos rios, dos minerais, plantas e animais, dos costumes, língua e tradições dos autóctones, cuja catequese seria também mais facilmente compreendida. (...). Alcançar-se-iam, igualmente, observações importantes sobre atmosferologia e climatografia, assim como a aquisição de preciosas coleções dos reinos orgânico e inorgânico para o nosso Museu. (...). A expedição seria, portanto, gloriosa para o Brasil, como não menos para os que a empreendessem, e o bom resultado da primeira serviria para excitar novas explorações.³⁴⁰

Como já explicitado nos capítulos anteriores, o estudo e a prática da História Natural no século XIX tornava urgente que toda Nação desejosa de integrar o mundo civilizado possuísse um acervo de coleções naturais que permitisse a produção de conhecimento científico nos moldes como era determinado pelo naturalismo científico. No Brasil o pensamento não era diferente. Segundo Lopes, o Museu Nacional, instituição criada em 1818 por D. João VI com o objetivo de “*propagar os conhecimentos e estudos das Ciências Naturais no Reino do Brasil*”³⁴¹, se constituiria ao longo do século XIX o centro aglutinador das iniciativas de consolidação das ciências naturais no Brasil. O próprio ministro Couto Ferraz ao dar conta dos trabalhos do Instituto Histórico em 1856, se mostra esperançoso dizendo: “*é de se esperar que o Museu muito se enriqueça com os produtos que serão por ela [a Comissão Científica] colhidos nos três reinos da natureza (...), convencido de que vai preencher uma lacuna que há muito tempo sentíamos.*”³⁴².

Dessa forma a importância da comissão residiria na coleta de materiais para o Museu Nacional, instituição científica do Império que deveria se igualar as suas contemporâneas europeias e formar acervos que permitissem o desenvolvimento de estudos científicos no

³³⁹ KURY, Lorelai. A Comissão Científica de Exploração (1859-1861). A ciência imperial e a musa cabocla. In HEIZER e VIDEIRA. Ciência, Civilização. *Op. cit.* p. 38.

³⁴⁰ BRAGA. História da Comissão. *Op. cit.* p. 18-19.

³⁴¹ Decreto de fundação do museu. Ver SÁ, Magali Romero, DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol. O Museu Nacional e o ensino de ciências naturais no Brasil no século XIX. Revista da Sociedade Brasileira de História da Ciência, n. 15, jan./jun. p. 79-87, 1996, p. 1.

³⁴² LOPES, Maria Margaret. "Mais vale um jegue que me carregue, que um camelo que me derrube... lá no Ceará". *História, Ciências e Saúde - Manguinhos*. 1996, vol.3, n.1, p. 53.

Brasil, habilitando os brasileiros a realizarem estudos sobre as potencialidades da natureza brasileira, privilégio até então outorgado a estrangeiros. “*Tratava-se então de mobilizar o “imenso mundo” que eram as próprias províncias brasileiras mais desconhecidas*”³⁴³. A Comissão de fato contribuiria para o aprimoramento das coleções do Museu, trazendo cerca de 14 mil amostras de exemplares botânicos, 16 mil exemplares animais e mais materiais coletados pela seção geológica, além dos instrumentos científicos e livros utilizados pela Comissão³⁴⁴.

Considerando ainda a afirmação de Braga de que o imperador Pedro II, pelo seu puro e simples amor à Ciência, tenha patrocinado a Comissão por querer se igualar aos grandes reis e imperadores da Europa que deram maior lustre à realeza, amparando expedições, pode-se somar os ganhos reais, em termos concretos, que se esperavam ganhar com a aprovação de tal expedição. Pragmatismo progressista que aparece na voz de Lagos, idealizador da Comissão:

O governo imperial ficaria melhor habilitado para conhecer as urgências do interior e decretar a abertura de novas vias de comunicação, que aumentariam as relações comerciais, e por consequência, a renda nacional; muitas estradas já estão prontas pela natureza, só falta conhecê-las para por elas escorregarem as locomotivas. (...) e quem sabe se talvez a descoberta de algum produto que em breve se tornasse rival dos mais lucrativos. Basta a descoberta de uma baga ou da folha de um arbusto para enriquecer qualquer Estado.³⁴⁵

É certo que se não considerando os benefícios em termos materiais, e não somente simbólicos, que o Estado Imperial ganharia com o apoio a Comissão, talvez a mesma nem tivesse passado de mero ideal.

A grande expectativa pública em torno da Comissão após o seu anúncio girava em torno da descoberta de produtos, fossem eles minerais, agrícolas ou outro qualquer, que rendessem bons frutos ao Estado. A “*terra onde tudo que se planta dá*” carecia de ser explorada devidamente para recompensa do governo. Agregado a isto se junta a preocupação de se reconhecer e delimitar as fronteiras do território do recente Estado Imperial que já havia passado por guerras em função de disputas de territórios³⁴⁶, e que nos tempos coloniais sofreu invasões e teve de lidar com revoltas separatistas que almejavam a independência. Era preciso

³⁴³ Idem Ibidem, p. 62

³⁴⁴ Idem Ibidem, p. 58-59.

³⁴⁵ BRAGA. História da Comissão. *Op. cit.* p. 19.

³⁴⁶ Guerra da Cisplatina 1825 -1828, disputa pelo território da Província Cisplatina, atual Uruguai, que terminou em perda para o Brasil que teve que reconhecer a independência do mesmo território.

fazer-se presente em todas as províncias, a fim de evitar novas conspirações, levar a Corte aos limites do Império ampliando a visão do Governo para os interesses além Rio de Janeiro.

A esta premissa de consolidação do espaço científico brasileiro pela via das ciências naturais e a busca de riquezas e possíveis ganhos econômicos por parte do Estado Imperial, além da defesa do território e consolidação de suas fronteiras, se somava a busca pelo prestígio social da atividade científica enquanto campo de conhecimento autônomo, e conseqüentemente de seus praticantes, que almejavam a obtenção da proteção do Imperador e do Estado Imperial para o desenvolvimento de suas atividades.

3.1.1- A escolha dos membros da Comissão³⁴⁷

A escolha daqueles que comporiam a Comissão, incumbência do Instituto Histórico, não passou despercebida destas questões levando em consideração figuras de destaque no quadro intelectual da corte e que já se haviam mostrado fiéis ao Estado Imperial no exercício de funções públicas. O então visconde de Sapucaí, presidente do Instituto e Ministro do Império, atento a estas questões, ao nomear Guilherme Schüch de Capanema, Francisco Freire Allemão, Antônio Gonçalves Dias, Manuel Ferreira Lagos e Giacomo Raja Gabaglia, declara:

O Instituto compraz-se de poder lembrar a nomeação destes indivíduos, não só pelo conhecimento que tem de sua inteligência e de se ocuparem com predileção dos ramos da ciência acima designados para cada um, mas ainda atendendo a que sua atividade e provado zelo pelo progresso do País são garantias suficientes do bom êxito da árdua empresa³⁴⁸.

Por questões óbvias os nomes de Francisco Freire Allemão, objeto de estudo de todo esse trabalho, e designado como chefe da Seção Botânica e Presidente da Comissão, e Guilherme Shuch de Capanema, nomeado chefe da Seção de Mineralogia e Geologia, já terem sido tratados em outras partes desta dissertação, iremos nos ater agora somente as biografias dos outros membros da Comissão, afim de delinear suas ligações e inserções na comunidade científica e letrada do Segundo Reinado.

O nome mais conhecido dos membros da Comissão, cuja memória até hoje está ligada a sua pessoa era o poeta Antônio Gonçalves Dias. Nascido em 1823 em Caxias no Maranhão,

³⁴⁷ As informações biográficas utilizadas neste capítulo, foram retiradas de BRAGA. História da Comissão. *Op. cit.* p. 26-39, *passim*.

³⁴⁸ Idem *Ibidem*. p. 26

era um dos maiores representantes do indianismo literário, professor do Colégio Imperial D. Pedro II e oficial da Secretaria de Estrangeiros, grande erudito e nas palavras de Josué Montello aquele em que “*houve a conciliação do homem de letras com o homem de ciências*”, comparando-o a Goethe, “*derradeiro homem universal (...) ambos saíram da arte para a técnica, e desta para os domínios da ciência, impelidos pela ânsia de saber e de criar*”³⁴⁹. Um grande estudioso de nossa história e particularmente dos nossos índios, tinha no trabalho seu refúgio para problemas pessoais³⁵⁰, vivendo muito tempo na Europa a serviço do governo. Foi escolhido para chefiar a seção de Etnografia e Narrativa de Viagem.

O idealizador da Comissão, Manuel Ferreira Lagos, ficaria responsável pela seção de Zoologia. De personalidade versátil e temperamento intelectual bem eclético, Lagos era chefe da seção de Anatomia Comparada e Zoologia do Museu Nacional, cargo que acumulava com o de oficial-arquivista da Secretaria de Estado dos Negócios Estrangeiros, “*funcionário discreto e competente, gozou de confiança de todos os ministros*”³⁵¹. Nascido no Rio de Janeiro em 1816, Lagos concluiu com louvor o curso de Medicina na Escola de Medicina da corte, não obtendo o título de doutor por não ter apresentado tese. Apesar de possuir biblioteca ampla e “*sem similar na capital do império*”³⁵², Na interpretação de Freire Allemão, Lagos não se dedicava profundamente a nenhum assunto, deixando poucos trabalhos escritos, era mais afeito a conversar e aproveitar a vida com talento natural para a diplomacia.

Giacomo Raja Gabaglia nasceu na província cisplatina em 1826, quando esta ainda fazia parte do Império brasileiro, filho de italianos era oficial da Marinha, onde fez o curso naval e foi nomeado lente substituto em 1844, formando-se bacharel em Matemática pela Escola Militar em 1853. Residiu na Europa de 1854 até 1859, quando regressou a Brasil para viajar como membro da Comissão, estudando Hidráulica aplicada a portos e canais a serviço do governo. Um dos mais distintos matemáticos daquele tempo, foi escolhido para chefiar a seção Astronômica e Geográfica da Comissão.

Por fim, foi decidido integrar a Comissão um pintor capaz de ilustrar os espécimes estudados pela seção Botânica e Zoológica e as paisagens observadas, provavelmente com a intenção de publicar um álbum pitoresco com estas imagens. O escolhido foi José dos Reis

³⁴⁹ MONTELLO, Josué (Introd.). *Gonçalves Dias na Amazônia*. Rio de Janeiro: ABL, 2002, p. IX.

³⁵⁰ Conforme carta de Dias para Capanema: “essa superabundância de estudos e de trabalhos não me leva nem a amor da ciência (...) mas que os tomo simplesmente como um meio de matar ou subjugar a todo custo o pensamento”, S.I., 3/5/57. DIAS, Gonçalves A.. 1964. Correspondência ativa. Anais da Biblioteca Nacional, vol. 84, p. 213-214.

³⁵¹ Idem Ibidem, p. 34

³⁵² Idem Ibidem, p. 34

Carvalho, professor de desenho na Escola de Marinha, foi um dos fundadores da Classe de pintura da Academia Imperial de Belas-Artes, estudando com Debret e Araújo Porto-Alegre. Em pinturas orientadas pelos viajantes, Carvalho realizou imagens direcionada às questões da seca e dos costumes locais.³⁵³

Todos esses homens se destacavam no meio intelectual da época e compunham o quadro social das duas Instituições intelectuais mais importantes da Corte, o Museu Nacional e o IHGB, com exceção de Gabaglia que só depois de integrar a Comissão viria a fazer parte do IHGB como membro correspondente. Inseridos na emergente comunidade científica brasileira, eles tinham na Comissão uma oportunidade de se promoverem como homens de ciência. Como Marlyse Meyer afirma, esses intelectuais impregnados pelo nacionalismo romântico e pela ideologia do progresso “*estavam dispostos a apoiar-se na matéria prima que era ofertada pela realidade, dando eles sua versão da nacionalidade e partindo para a descoberta do Brasil concreto*”³⁵⁴.

3.1.2- A escolha do destino: por que o Ceará?

No início ainda não se havia definido um destino exato para a Comissão, apenas falava-se em explorar partes do Império menos conhecidas, apontando para o Norte do país, que nessa época se entendia pelas atuais regiões Norte e Nordeste. Dentre as nove províncias a serem escolhidas como ponto de partida da exploração, porque a escolha do Ceará?

Braga comenta que a hipótese levantada por Melo Leitão em seu livro sobre expedições científicas brasileiras, de que a escolha pelo Ceará teria sido feita em função do flagelo da seca não teria muito sentido, tendo em vista que a última grande seca vista, pelos

³⁵³ Sobre uma análise mais detalhada sobre a obra de José Reis de Carvalho cf. ALVES, Cláudio José. Ciência e arte em José dos Reis Carvalho: A pintura na Comissão Científica de Exploração ao Ceará (1859 - 1861). Dissertação de Mestrado em História da Ciência, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006; ASSIS JÚNIOR, H. José Reis Carvalho: obras naturalísticas, etnográficas e naturezas-mortas. In: 2º Encontro de História da Arte, 2006, Campinas. Atas do II Encontro de História da Arte no IFCH Unicamp. Campinas : Unicamp, 2006. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/chaa/eha/atas/2006/DE%20ASSIS%20JUNIOR,%20Heitor%20-%20IIEHA.pdf>>. Acesso em: 05/04/2013; ASSIS JÚNIOR, H. Ciência e arte nas pinturas de José dos Reis Carvalho. In: 1º Simpósio de Pesquisa em Ensino e História de Ciências da Terra, 2007, Campinas. Atas do 1º Simpósio de Pesquisa em Ensino e História de Ciências da Terra, 2007. v. 1, p. 321-325. Disponível em <<http://www.ige.unicamp.br/simposioensino/simposioensino2007/artigos/023.pdf>>. Acesso em: 05/04/2013.

³⁵⁴ PORTO ALEGRE, Maria Sylvania. Comissão das Borboletas: a ciência do império entre o Ceará e a Corte (1856-1867). Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2003, p. 26.

intelectuais que integravam a comissão, teria ocorrido em 1844-45, não estando este flagelo na perspectiva de estudo do Império.³⁵⁵

Ele afirma que o Ceará habitava o imaginário popular desde os tempos coloniais devido a indicações em diversos documentos de haverem riquezas minerais em abundância no seu solo. Existindo inclusive amostras de alguns desses minerais no Museu Nacional. Desta forma isso teria contribuído significativamente para sua escolha como ponto inicial das explorações.

Lorelai Kury ainda aponta que o momento tornava mais profícuo esta esperança de encontrar em solo brasileiro fontes minerais abundantes da mesma forma que se vivia o florescer do *gold rush* com a descoberta de ouro na Califórnia nos anos de 1849 e 1850. Desejavam os brasileiros também poderem usufruir desta prosperidade com as descobertas da Comissão Científica.³⁵⁶

Reconstituindo as notícias sobre riquezas minerais do Ceará, Braga aponta como início dos rumores a notícia de que um tal de Martim Soares Moreno havia retirado metais preciosos de Itarema na serra da Taquara, o que levou os holandeses, ainda no século XVII, procurar ouro e prata no Nordeste por cerca de vinte anos, sem nenhum sucesso. Fala ainda da tentativa feita por Antônio Gonçalves de Araújo que encontrou em suas explorações apenas resquícius de cobre e chumbo, e da descoberta de ouro de lavagem nas minas de São Jose dos Cariris Novos, descoberta por volta de 1750, e que não correspondeu às expectativas não compensando nem mesmo os gastos com a exploração.³⁵⁷

A influência da crença popular em minas de ouro no Ceará para a escolha do destino da Comissão encontra-se muito bem indicada nos Trabalhos da Comissão, publicados logo após a volta desta para o Rio de Janeiro, em meados de 1861. No Proêmio destes, escrito por Gonçalves Dias explicita-se de forma clara os motivos para a escolha do Ceará: “(...) *a opinião de que existem grandes depósitos de metais preciosos no Ceará corria incontroversa. (...) pareceu portanto, e era acertado, verificar-se de uma vez por todas o que nisso haveria de real.*”³⁵⁸

Apesar destas histórias presentes no imaginário popular, a maior influência para escolha das terras cearenses talvez tenha sido os trabalhos do naturalista João da Silva Feijó, que durante muito tempo realizou pesquisas e explorações em solo cearense em serviço do governo deixando dezenas de trabalhos sobre aquela província.

³⁵⁵ BRAGA. História da Comissão. *Op. cit.* p. 41

³⁵⁶ KURY, Lorelai. Explorar o Brasil In: KURY. Comissão Científica *Op. cit.* p. 28

³⁵⁷ BRAGA. História da Comissão. *Op. cit.* p. 397-398

³⁵⁸ Idem *Ibidem*, p. 177

No mesmo Proêmio, Dias comenta sobre os trabalhos de Feijó que incubido da tarefa, por D. Maria I, de examinar as minas do Ceará a fim de atestar a crença de tempos antigos de ser esta província rica em minerais preciosos. Os trabalhos deste naturalista contribuiriam para a “*crença geralmente aceita de ser o solo do Ceará porventura o mais metalífero de todo o Brasil*”³⁵⁹.

João da Silva Feijó nasceu em 1760 no Rio de Janeiro, formado engenheiro pela Academia Real de Marinha de Lisboa. Contemporâneo de Alexandre Rodrigues Ferreira, Feijó trabalhou juntamente com este em missões na mina de carvão de Buarcos e como secretário de governo no arquipélago de Cabo Verde, onde escreveu alguns trabalhos sobre História Natural. Em 1799, seria nomeado Sargento-Mor das Milícias da Capitania do Ceará, por decreto assinado pela Rainha Dona Maria, lá permanecendo até 1817. No Ceará Feijó ficou responsável por dar prosseguimento aos estudos mineralógicos e botânicos iniciados por Manuel de Magalhães Pinto e Velar de Barreto, iniciados em 1785. Em carta de 1 de janeiro de 1800, Dom Bernardo Manuel de Vasconcelos, governador da capitania do Ceará, explicita quais seriam os afazeres de Feijó no Ceará, consistindo na localização e estudo das minas de salitre, recomendando ainda o exame de todas as produções dos três reinos da natureza. Durante o tempo que permaneceu no Ceará, Feijó realizou diversos trabalhos de exploração nas serras cearenses, chegando a instalar um laboratório para extração de salitre em Tatajuba, transferida mais tarde para Pindoba, ficando também encarregado pelas explorações das nitreiras localizadas nas proximidades da vila de Granja³⁶⁰.

Ao longo do período que realizou estudos na província do Ceará, Feijó escreveu diversos trabalhos cujos temas se referiam ao Ceará. Para o nosso objetivo os mais importantes teriam sido suas memórias sobre a notícia de minas de ouro e ferro, além dos trabalhos em que versa sobre as possibilidades de desenvolvimento econômico do Ceará, onde cita a grande importância da exploração mineral nas terras cearenses.

Os trabalhos de Feijó com certeza tiveram grande influência na escolha do Ceará como ponto de partida da Comissão, citado mais de uma vez nas instruções da Comissão, ele foi um dos responsáveis pela criação do mito do eldorado, presente no imaginário popular do povo cearense, tantas vezes percebido e relatado por nossos viajantes em suas memórias e correspondências.

³⁵⁹Idem Ibidem, p. 176

³⁶⁰ PAIVA, Melquíades Pinto. Os naturalistas e o Ceará: I - João da Silva Feijó (1760-1824). *Revista Trimestral do Instituto Histórico do Ceará*. t. CV (1991), p. 21-22

Sendo assim, escolhido seu destino e seus integrantes se iniciaria os preparativos para a efetivação da Comissão. Previa-se a partida para meados de 1857, mas outros ventos sopraram e a tão esperada Comissão só iniciaria seus trabalhos em 1859, segundo determinação do Imperador.

Escolhido o seu destino e aqueles que comporiam a Comissão Científica de Exploração, como era chamada oficialmente, era de urgência dá início aos seus preparativos para que o quanto antes partisse do Rio de Janeiro em direção ao Norte. Desde a elaboração das instruções de cada seção da Comissão, a compra de equipamentos, instrumentos e os livros necessários para o perfeito andamento dos trabalhos da “Científica”, tudo deveria ser feito com a maior agilidade e urgência, pois se previa a partida já para meados do ano de 1857.

Apesar do apoio da grande maioria da intelectualidade carioca, os membros da Comissão também encontravam alguma oposição de parte da população e da elite. Isto foi expresso na correspondência de Gonçalves Dias mais de uma vez. Seu amigo Gabaglia comenta a impressão geral que se teve, por exemplo, das Instruções quando publicadas no *Jornal do Comércio* “*Dizem que são colossais e saberia lá o que ajuntam? – Ouvi: Nenhum dos membros da Comissão é capaz de os executar. Em geral se duvida do êxito*”³⁶¹. O próprio Dias demonstra sua indignação com a ideia que fazem de trabalhos científicos no Brasil em carta a Capanema:

Tu dizes aqui na Europa: o governo do Brasil vai mandar uma Comissão Científica para explorar o interior do Brasil! E estes homens entusiasmam-se ou pelo menos conservam-se curiosos à espera do resultado. Diz-se isso aos nossos grandes homens diplomatas! É indizível o sorriso de compaixão com que eles acolhem ideias e pessoas!³⁶²

Quanto a isso os científicos já estavam prevenidos e antes mesmo da viagem já como declarava Gabaglia:

(...) resta-nos um único caminho, provar por meio de sacrifícios reais de nossa parte que cada um fará, quanto humanamente couber em as próprias forças. Nós talvez temos de fazer decidir a opinião que se deve prestar aos

³⁶¹ Carta de Giacomo Raja Gabaglia a Gonçalves Dias. Londres, 07/02/1857. In : DIAS. Correspondência passiva. Anais da Biblioteca Nacional, vol.91,1971. p.99.

³⁶² Carta Gonçalves Dias a Capanema. Munique, 25/5/1857. In DIAS. Correspondência ativa. *Op. cit.*, p. 217

moços...e talvez mesmo aos brasileiros em geral, em trabalhos de tal natureza³⁶³

Esta concepção geral que se fazia da Comissão aliada à demora prolongada na partida da Comissão, que devido a alguns fatos foi estendida para idos de 1859, já começara a alimentar a descrença com relação a ela. Embora os membros da Comissão se vissem empenhados em fazer dela um grande acontecimento, alguns imprevistos, percalços e dificuldades fariam dela um grande motivo de piada e ceticismo aos olhos de muitos.

3.1.3- Da Corte à Europa: os preparativos para a viagem

A elaboração das Instruções foi dada ao cargo do Instituto em outubro de 1856, que por sua vez responsabilizou os respectivos chefes de seção, com exceção de Gonçalves Dias e Raja Gabaglia que se encontravam na Europa, elaborando as instruções das seções Etnográfica e Astronômica Manuel Araújo Porto-Alegre e Cândido Batista de Oliveira, respectivamente. Estas, depois de redigidas, passaram pelo crivo do Governo sendo aprovadas em abril de 1857.

Estas instruções já mostram claramente as intenções que presidiram a criação da Comissão, sendo importante uma breve análise destas. Como bem observou Margaret Lopes, as instruções previam de forma geral um amplo e detalhado mapeamento botânico, geológico, geográfico, climático e etnológico das regiões visitadas³⁶⁴, onde deveriam se congregar objetivos pragmáticos e científicos, já explicitados no primeiro capítulo e agora vistos à luz da análise crítica das Instruções .

Primeiramente podemos notar ao longo do texto das instruções a preocupação claramente evidenciada de atender aos interesses do Estado, devendo-se sempre estar atento a possibilidades de exploração da natureza, ou mesmo do povo, para o desenvolvimento da indústria e comércio nacionais. Este deveria ser um dos objetivos fundamentais da Comissão, tendo em vista seu patrocínio pelo Governo Imperial.

Francisco Freire Alemão, responsável pela seção de Botânica, descreveu de forma sucinta e objetiva os propósitos da seção a seu cargo. Aponta para o estudo detalhado dos vegetais silvestres e cultivados “*com o fim de concorrer para o delineamento da geografia*

³⁶³ Carta Giacomo Raja Gabaglia a Gonçalves Dias. In : DIAS. Correspondência passiva. *Op. cit.* p. 99.

³⁶⁴ LOPES, Maria Margareth. A Comissão Científica de Exploração uma “Expansão para Dentro”. In: KURY. Comissão Científica. *Op. cit.* , p.58.

botânica do Brasil”³⁶⁵, e para especial atenção aquelas espécies que de alguma forma poderiam ter uso na medicina, na arte e na indústria.

A seção Geológica, caberia talvez uma das mais importantes tarefas a esse respeito, a descoberta de minas e jazigos metalíferos, tão esperado por todos que acompanhavam o andamento da Comissão. Por todo o texto das instruções desta seção perpassa a preocupação com esse item. Até mesmo nas instruções gerais é marcada a preocupação com esta questão: “*É muito recomendada na província do Ceará a exploração minuciosa de suas principais serranias do Ibiapaba e do Araripe, onde a tradição coloca ricas minas de metais*”, recomendada a devida cautela em caso de alguma descoberta frutífera em relação a este quesito³⁶⁶.

O chefe da seção Zoológica, Manuel Ferreira Lagos, em seu longo e minucioso texto, onde descreve detalhadamente os processos e autores adotados durante a execução de seus trabalhos, disserta sobre a importância da Zoologia para além da descrição simples e rigorosa de animais “*ela ocupa-se também, e é o mais essencial, do proveito que as artes, a medicina e a economia doméstica podem tirar das numerosas legiões de viventes que povoam o ar, a água e a terra.*”³⁶⁷.

As instruções das seções Astronômica e Etnológica também não se abstiveram de explicitar seus objetivos pragmáticos. A primeira aponta para a importância da investigação e praticabilidade de se obter água através da abertura de poços artesianos e também da conveniência da “*abertura de comunicações fáceis entre os centros de produção do interior da província do Ceará e seus portos*”³⁶⁸, bem como o melhoramento dos mesmos portos. Aos estudos etnológicos caberia a tarefa do mapeamento das populações indígenas primitivas remanescentes em território brasileiro, visto seu processo de extinção nos próximos 200 anos. A coleta de informações sobre estes indivíduos permitiria chamá-los a “*comunhão brasileira (...) se empregarmos os meios consentâneos com a sua índole e constituição fisiológica*”³⁶⁹, e conhecimento das “*suas queixas e receios fundamentais, para estudar os meios de remover estes obstáculos com o fim de chamar à indústria tantos braços perdidos e diminuir o número de inimigos internos*”³⁷⁰.

³⁶⁵ Instruções para a Comissão Científica encarregada de explorar o interior de algumas províncias do Brasil. Seção Botânica. In : BRAGA. História da Comissão. *Op. cit.*, p. 192

³⁶⁶ Instruções Gerais para a Comissão Científica encarregada de explorar o interior de algumas províncias do Império menos conhecidas. *Idem Ibidem*, p. 237 e 241

³⁶⁷ Instruções para a Comissão... . Seção Zoológica. *Idem Ibidem*, p p. 201.

³⁶⁸ Instruções para a Comissão... . Seção Astronômica e Geográfica. *Idem Ibidem*, , p. 226

³⁶⁹ Instruções para a Comissão... . Seção Etnográfica e Narrativa de Viagem. *Idem Ibidem*, p. 227

³⁷⁰ *Idem Ibidem*, p. 233

Percebida a importância que a Comissão tinha para o Governo, para seus fins econômicos e políticos, é preciso que agora atentemos para objetivos científicos da Comissão, que deveria resultar em um engrandecimento da Nação e conseqüentemente de sua comunidade científica, em grande parte reunida em torno do IHGB.

Neste quesito é possível observarmos o arcabouço teórico-científico em que se fundamentavam nossos científicos. Eles fazem questão em todo momento explicitarem os autores a quem seguem, seja no modo de proceder a investigação, coleta e preparo de amostras. Um deles em especial, Ferreira Lagos, não se limita a indicar suas referências, mas também se atém a tecer críticas contra trabalhos anteriores de naturalistas em questões sobre nomenclatura de espécimes, que segundo Lagos abusam do neologismo e confiam demais na nomenclatura popular o que possibilita a confusão de espécimes parecidos. Critica também as estampas e desenhos de animais que nem sempre atentam para a exatidão das cores, que acabam por se perder, apesar do uso dos melhores preparos, chegando mesmo a afirmar:

As estampas nas obras de História Natural não são requinte de luxo, como há quem acredite; a iconografia quase sempre economiza o tempo que pela simples leitura se perde em buscas enfadonhas e fatigantes e supre muitas vezes a dificuldade de exprimir ligeiras diferenças e caracteres inexprimíveis mesmo com o socorro da melhor terminologia.³⁷¹

Ao lado da demonstração de estarem seguindo os padrões científicos internacionais, quando explicitam seus teóricos, os membros da comissão também se permitem questionar trabalhos consagrados. Estas críticas alimentadas por Ferreira Lagos a trabalhos de naturalistas anteriores, nos serve de exemplo para a questão, já tratada anteriormente, da afirmação da comunidade científica nacional. Com estas críticas, ele procurava antes de tudo demonstrar que seus trabalhos procurariam corrigir estes erros e delimitar novos padrões na execução de práticas científicas internacionais.

Seguindo na busca de se inscreverem como membros de uma comunidade científica internacional, os membros da comissão procuram explicitar também nas suas Instruções a importância de se compor coleções nacionais de História Natural, marcando de forma destacada a intenção de se colher amostras botânicas, animais e objetos etnológicos para integrar e formar coleções para os Museus Nacionais de todo o País e mesmo do exterior. Elucidativa desta questão é a proposição de Lagos, quanto à coleta de animais vivos que:

³⁷¹ Instruções para a Comissão... . Seção Zoológica. In: *Idem Ibidem*, p. 214-215

Quando o governo Imperial não possa ainda realizar a ideia do digno diretor do Jardim Botânico, o Exmo conselheiro Candido Batista de Oliveira, de criar naquele estabelecimento um parque de zoologia, à imitação de existentes em outras nações cultas (...) serão esses animais oferecidos à Sociedade Imperial Zoológica de Aclimação, fundada em Paris, ou a algum outro núcleo do mesmo gênero, lucrando assim a ciência e a humanidade.³⁷²

Por fim uma questão que também perpassa todas as instruções elaboradas para a Comissão diz respeito à preocupação com o conhecimento popular da terra. Podemos notar nos textos a indicação de sempre levar em consideração o que a credence popular diz sobre os assuntos em questão. Deste modo é que Freire Alemão aponta que “*indagará dos homens práticos do lugar o nome indígena e vulgar de cada vegetal e seus usos populares*”³⁷³. E mesmo Capanema que diz “*devem ser atendidas as tradições reinantes nas diversas localidades sobre a existência de minerais, porque alguma lenda de ouro encantado, terrenos exalando cheiro sulfuroso, (...) podem conduzir a descoberta de minas*”³⁷⁴. Mais uma vez Lagos nos deixa claro a percepção que nossos naturalistas tinham desse conhecimento: “*Não se julgue futilidade o conhecimento dessas tradições teratológicas que a crença popular, sempre ávida do maravilhoso, vai transmitindo de boca em boca: arquivadas, quando mais não seja, servirão de tema para a poesia brasileira.*”³⁷⁵.

Percebe-se nestes trechos a valorização de um conhecimento popular para a prática científica. Como bem afirmou Lopes:

As instruções interconectavam o interesse científico de investigação e preservação das marcas de culturas locais em vias de extinção e a possibilidade de colocar o que restava das mesmas sob o controle do nacional que se construía na corte³⁷⁶.

A valorização da ciência nacional, calcada em parâmetros internacionais, bem como a urgência de dar conhecimento ao mundo e ao próprio Brasil de suas entranhas mostra-se claramente nos textos que orientariam os trabalhos da *Científica*. O contexto em que se criaram os membros da Comissão fica claramente perceptível, o ideal romântico de constituição de uma identidade nacional bem construída e desejo de progresso material para a

³⁷² Idem Ibidem, p. 216

³⁷³ Instruções para a Comissão... . Seção Botânica. *Idem Ibidem*, p. 191

³⁷⁴ Instruções para a Comissão... Seção Geológica e Mineralógica. *Idem Ibidem*, p. 195

³⁷⁵ Instruções para a Comissão... Seção Zoológica. *Ibi Idem Ibidem*, dem, p. 210

³⁷⁶ LOPES. A Comissão Científica. *Op. cit.*, p. 69

Nação que ainda era mal vista aos olhos de estrangeiros. A Comissão de Exploração se constituía, aos olhos destes intelectuais, como pedra fundamental na construção desse ideal. Como bem declarou Dias em carta ao seu amigo Teófilo “*um momento de felicidade, e podemos até mudar a face do Brasil!*”³⁷⁷.

Tendo sido escolhido para a incumbência de aquisição dos materiais necessários à Comissão, o Sr. Capanema, o mesmo tratou de solicitar a dois de seus companheiros de viagem, que se encontravam na Europa a serviço do Governo, da compra dos materiais que só lá teriam acesso e qualidade.

Gonçalves Dias e Giacomo Raja Gabaglia, responsáveis pelas respectivas seções de Etnografia e Astronomia, dividiram-se então na tarefa de solicitar junto aos melhores fabricantes os melhores preços e prazos para a compra dos instrumentos, entre aparelhos geodésicos, magnéticos, meteorológicos e microscópios, além de vidros, papéis e produtos químicos específicos para conservação de animais e plantas, e outros. Era de vital importância ainda a compra de bibliografia especializada para que “*a Comissão esteja em dia com esses trabalhos, para não dar o triste espetáculo de isolamento científico e ignorância do que se tem escrito sobre o próprio País.*”³⁷⁸. Na Corte, Manoel Ferreira Lagos, ficou responsável por adquirir os objetos que ali se obteriam com mais facilidade, qualidade e bom preço.

Autorizadas essas atividades em fevereiro de 1857, sua execução demoraria em função de alguns contratempos. A demora no recebimento das ordens autorizando as compras, bem como a especificidade dos instrumentos e aparelhos encomendados que sofriam alguma demora para serem confeccionados, principalmente os da Seção Astronômica, e também para a localização dos livros, em grande parte raros. Destes problemas dá notícias Gonçalves Dias ao Imperador D. Pedro II:

O Sr. Ministro do Império encarregou ao Sr. Gabaglia e a mim de fazer algumas compras de objetos para uso da Comissão científica. (...)Essas ordens ficaram retardadas não sei aonde, (...) foi isso um triste acaso, porque muitas dessas compras precisam de tempo que assim se tornou mais espaçado.³⁷⁹

Somado a esses contratempos, Renato Braga aponta para um atraso estratégico na entrega de todo o material encomendado, calculado friamente em função da mudança política

³⁷⁷ Carta de Gonçalves Dias a Teófilo. Ceará, 15/12/1859. In: DIAS. Correspondência ativa. *Op. cit.*, p. 244-245.

³⁷⁸ Relatório do Sr. Dr. Capanema lido na sessão do IHGB, de 4/12/1857. In: BRAGA. História da Comissão. *Op. cit.*, p. 133

³⁷⁹ Carta de Gonçalves Dias a D. Pedro II. Viena, 03/06/1857. In: DIAS. Correspondência ativa. *Op. cit.*, p. 218.

ocorrida em maio do mesmo ano com a ascensão do gabinete do ministro Marquês de Olinda, adepto da “*velha política personalista, tão do agrado dos políticos militantes*”³⁸⁰. Capanema, que possuía algumas ressalvas em relação a este devido a problemas ocorridos com seu cunhado Porto-Alegre, caso que conta a Gonçalves Dias em carta de dezembro de 1857 onde diz:

Digo-te em todo segredo que será uma imprudência de nossa parte partir para o Sertão enquanto Olinda for Ministro. (...) Ora supõe tu que o velho Marquês quando estivermos lá no interior se lembre de repente que os cofres públicos não suportam tal expedição e sem mais nem menos nos suspenda? (...) devemos confiar ao I. que por nossa causa certamente não fará questão de gabinete, pois que em nós não está de certo a salvação da pátria. Pensa e reflecte bem e maduramente nestas circunstâncias e demorem as encomendas o que está nas mãos do Gabaglia sobretudo assim ganhamos tempo e iremos quando Deus nos favorecer.³⁸¹

Com tudo bem arquitetado e a cumplicidade de seu amigo Gonçalves Dias, Capanema apresentaria no Instituto um Relatório, onde justificaria o atraso na partida da Comissão pela demora na entrega dos instrumentos geodésicos.³⁸² Declararia ele posteriormente em carta ao seu amigo: “*Agora a respeito da nossa Comissão já terás lido o meu relatório ao Instituto a respeito dela, eu fiz com que o povo que a tomara por sonho tornasse a acreditar nela, mas tão bem ficou concebendo a causa das demoras*”³⁸³. Acertada estrategicamente a demora, a Comissão só partiria no início de 1859, após a queda do gabinete do Marquês de Olinda em dezembro de 1858.

3.1.4- A excursão tupi³⁸⁴ e suas peripécias pelo sertão

Em 26 de janeiro de 1859 partia a Comissão Científica em direção ao seu destino. E como recomendado nas Instruções Gerais para Comissão, a viagem até Fortaleza rápida e

³⁸⁰ BRAGA. História da Comissão. *Op. cit.*, p. 40

³⁸¹ Ver Carta de Capanema para Gonçalves Dias. Rio, 12/11/1857. In: DIAS. Correspondência passiva. *Op. cit.*, p. 151.

³⁸² Relatório do Sr. Dr. Capanema... In BRAGA. História da Comissão. *Op. cit.*, p. 133

³⁸³ Carta de Capanema a Gonçalves Dias. Praia Grande, 12/01/1858. In DIAS. Correspondência passiva. *Op. cit.*, p. 169.

³⁸⁴ Assim se referiam Gonçalves Dias e Capanema em suas cartas quando tratavam de assuntos da Comissão. Capanema por vezes a chamou de Comissão dos Argonautas ou 1ª Argonautica dos macacos.

tocou apenas alguns pontos do litoral, parando nas cidades de Salvador e Recife. Chegando a Fortaleza em 4 de fevereiro.

A Comissão ficou estacionada em Fortaleza os seis primeiros meses após sua chegada, em função da espera da preparação dos animais para a viagem e por recomendação dos habitantes locais que aconselhavam a passagem da época das “cheias”, ou inverno como eles chamavam, quando em razão da grande quantidade de chuvas se tornava quase impraticável o caminho em determinadas regiões do interior devido a “cheia” dos rios que impediam a passagem. Sendo assim como forma de evitar imprevistos os membros da Comissão preferiram anuir à recomendação.

Nesse período que ficaram estagnados na capital cearense os membros da Comissão procuraram realizar alguns trabalhos superficiais e de ritmo lento na cidade e seus arredores. Durante esse tempo alguns membros da Comissão também resolveram aproveitar a vida e fazer algumas incursões que alimentariam a criação de uma má fama da Comissão, que de Exploradora, passou a ser chamada Defloradora e das Borboletas.

Alguns membros da Comissão eram conhecidos por suas predileções pela vida desregrada, como Dias, Capanema e Lagos e que em Fortaleza deixaram-se levar pelos encantos das moças e se entregavam por vezes aos prazeres da boemia. Apesar do comprometimento demonstrado pelos membros da Comissão algumas histórias sobre o período em que estiveram estacionados em Fortaleza fugiram do círculo daquela cidade chegando aos ouvidos da corte, onde se passou a demonstrar a descrença na Comissão através da atribuição de alcunhas não muito favoráveis. Estas se referiam as aventuras sexuais dos membros da Comissão, a qual chamaram “defloradora” ou mesmo das “Borboletas” como citado em uma sessão do Senado. Segundo Braga as histórias que corriam de Fortaleza até a corte eram aproveitadas por desafetos de alguns membros da comissão, como Melo Morais que tinha contas a acertar com Capanema, Dias e Lagos.³⁸⁵

Não sendo o interesse deste trabalho explorar estas disputas, a verdade é que mesmo os próprios membros confirmam por vezes os boatos que movimentavam estas críticas. Capanema mais de uma vez em suas cartas ao seu amigo Dias, atribui a culpa destes boatos a Lagos que “*continua ser a pedra d’escândalo da comissão. O Oiapoque trouxe anedotas dele famosas que leva namorar em vez de trabalhar e isso com escândalo, outras acusações abundam*”³⁸⁶. Estes por sua vez também estavam incluídos nas histórias difamadoras, como mesmo atesta a correspondência trocada entre eles onde Capanema mais de uma vez expõe

³⁸⁵ Cf. BRAGA. História da Comissão. Op. cit., p. 59

³⁸⁶ Carta de Capanema a Gonçalves Dias. Bahia, 11/3/1859. In DIAS. Correspondência passiva. Op. cit., p. 201

seus planos de fazer uma Comissão a parte, junto com Gabaglia e Dias quando recomenda “*prepara-te para a nossa viagem ao Jaguaribe(...) faremos a nossa expedição a parte creio que faremos nós sós mais alguma coisa que outros unidos a nós. Não dizeis nada deste projeto aos outros.*”³⁸⁷

Dada essas peraltices dos nossos científicos e a má fama conquistada em razão delas, os problemas para a Comissão só haviam de começar. As desavenças entre os membros, por vaidade e outros motivos se somavam outros “causos” acontecidos ao longo dos dois anos e meio que os mesmos permaneceriam em viagem. Casos como os do processo Abel e da tentativa frustrada de aclimatação de dromedários só viriam a contribuir para o descrédito da Comissão e conseqüente desânimo de seus membros frente à empreitada.

Capanema procurava atacar as críticas através dos Zigue-Zagues que publicava no *Diário do Rio de Janeiro*, e onde através da personagem de Manoel Francisco de Carvalho, fictício ajudante da Seção Geológica, procurava responder as censuras que lhes eram feitas com ironia e certo tom de anedota. Gonçalves Dias preferiu se refugiar nas matas do Amazonas para fugir dos ataques, justificando sua ida ao Governo Imperial por não haver encontrado índios no Ceará que servissem aos seus estudos etnológicos.

Cortes financeiros sofridos ao longo dos dois anos e meio que permaneceram no Norte também vieram a impedir a conclusão satisfatória dos trabalhos da Comissão, bem como os problemas de saúde que alguns deles sofreram, chegando mesmo à morte de um dos ajudantes da seção geológica. O golpe final seria o naufrágio do barco “Palpite” que transportava a maioria do material coletado e redigido pela seção Geológica durante a expedição, o que levou Capanema a lamentar: “*perderam o seu valor as minhas colecções geológicas; restam-me apenas como uteis apontamentos algumas cartas escriptas a Pompeu e outros (...). Já se vê pois que eu nada faço. (...) portanto tu e o conselheiro tem que salvar a honra científica do Brasil.*”³⁸⁸

Os nossos científicos não estavam preparados para estes infortúnios. Ao contrário do que declarou Dias em carta a Pedro II “*não me iludo sobre os incômodos que teremos de passar nesta excursão*”³⁸⁹. Como bem atenta Margarete Lopes:

Para ir a campo não bastavam entusiasmo, apetrechos e instruções. As práticas de campo estavam e ainda estão subordinadas em grande parte às

³⁸⁷ Carta de Capanema a Gonçalves Dias. Rio de Janeiro, 6/2/1859. Idem Ibidem. , p. 197

³⁸⁸ Carta de Capanema a Gonçalves Dias. Fortaleza, 13/4/1861 . Idem Ibidem. , p. 329-331

³⁸⁹ Carta de Gonçalves Dias a D. Pedro II. Dresde, 4/1/1857. In DIAS. Correspondência ativa. Op. cit. ,p.204-205

condições específicas dos lugares onde ocorrem” e “especialmente as condições econômicas de seus financiadores”³⁹⁰.

3.2- A volta ao Rio e os resultados da Comissão

Decidida a volta da Comissão para o Rio de Janeiro em abril de 1861, após reunião com todos os membros da expedição, com exceção de Gonçalves Dias que se encontrava no Amazonas, onde as seções Botânica e Zoológica haviam declarado ter findado seus trabalhos, Capanema e Gabaglia por sua vez ainda não haviam concluído seus trabalhos mas frente aos problemas financeiros ocorridos e todas as pressões sofridas pelos boatos e críticas, resolveram-se por findar também a viagem. Partindo a 13 de julho e chegando no Rio em 26 do mesmo mês, era preciso dar continuidade aos trabalhos e dar conta dos resultados ao governo e ao Instituto.

Os resultados apresentados pela Comissão não foram muitos e nem satisfatórios, frente às expectativas do governo e da população em geral. Só as seções Botânica, Geológica e Zoológica apresentariam relatórios como era previsto na volta da viagem. Gonçalves Dias desiludido com a expedição científica e enfrentando graves problemas pessoais e de saúde, se limitaria a apresentar o Proêmio e a Parte Histórica, nada escrevendo sobre seus trabalhos etnográficos. Gabaglia por sua vez parece ter escrito alguma coisa, mas segundo indicação de Capanema teria se perdido em mãos particulares.³⁹¹

De certo, o tom que predomina nos trabalhos é de lamentação e melancolia. Os relatórios apresentados em algumas sessões do IHGB ainda em 1861, e que posteriormente seriam publicados sob o título “Trabalhos da Comissão Científica de Exploração – I – Introdução”, se limitavam a prestar contas da expedição aos seus financiadores: governo e Instituto.

Gonçalves Dias no Proêmio e Parte Histórica dos trabalhos, assume um tom de desculpas e justificativas ao longo do texto, citando as dificuldades impostas pelo clima, geografia e viagem que não estavam ao alcance do controle dos membros da Comissão:

Não disfarçavam o amargor das privações porque iam passar, e, cômicos do que os aguardava, não se persuadiram também que pudessem ser acoimados

³⁹⁰ LOPES. A Comissão Científica. Op. cit., pg. 69

³⁹¹ Cf. BRAGA História da Comissão. Op.cit., p. 100

de cúbido interesse, quando, sacrificando-se a seus cômodos, separando-se de suas famílias, do trato de seus amigos, expunham-se lá a todas as intempéries das estações, ao sol, ao relento, à chuva, à ausência da sociedade e à falta de abrigo, de alimento, e algumas vezes até de água.³⁹²

Queixa-se também dos problemas financeiros que sofreram os membros da Comissão, citando o caso de Gabaglia que foi privado de realizar diversos trabalhos por falta de verba, assim como outros membros da Comissão, entre os outros problemas sofridos. Procurando se defender dos ataques contra a Comissão procura sempre ressaltar o entusiasmo dos membros pela empreitada, comentando:

raras vezes se encontrará em tantos a abnegação, o desinteresse, o amor de bem servir como nesses, que, possuídos de louvável entusiasmo, apoiaram com calor a ideia de uma tal Comissão, e sentiram-se honrados de fazerem parte dela³⁹³.

Ferreira Lagos se juntou ao seu companheiro de viagem e iniciou seu relatório respondendo as críticas contra a Comissão, dizendo serem elas “*movidias quase sempre por paixões particulares, ou por pouco conhecimento da matéria*”³⁹⁴.

Mais reclusos em seus comentários, Capanema e Freire Alemão se ativeram de forma geral e superficial aos trabalhos realizados, mantendo o tom de lamentação, como notou Kury³⁹⁵. Freire Alemão tentou inclusive se isentar das dissensões dos colegas afirmando:

corre-me o dever de manifestar que por toda a província fomos bem-aceitos. Na choupana do pobre tivemos abrigo hospitaleiro, na habitação do rico acolhimento franco e cordial; e na administração desde os altos funcionários até empregados subalternos, todo o auxílio oficial; e particularmente, aqui falo por mim, obséquios e atenções, de que me confesso penhorado³⁹⁶.

³⁹² Trabalhos da Comissão Científica de Exploração. Proêmio. Idem Ibidem, p. 177-178.

³⁹³ Idem Ibidem, p. 177

³⁹⁴ LAGOS, Manuel Ferreira. Trabalhos da Comissão... . Relatório Seção Zoológica. Idem Ibidem, p. 360

³⁹⁵ Cf. KURY. A Comissão Científica. Op. cit., p. 35

³⁹⁶ ALEMÃO, Francisco Freire. Trabalhos da Comissão... . Relatório Seção Botânica, In: BRAGA. História da Comissão. Op. cit., p. 310

Mais uma crítica que achamos nos trabalhos da Comissão se relaciona ao desejo comunal de acharem-se minas de ouro no Ceará. Capanema e Lagos deixam bem claro sua opinião de que a possível existência de riquezas minerais em solo cearense traria mais males que benefícios. Lagos por sua vez censura:

apesar de possuírem já três ricas minas inesgotáveis, mais lucrativas do que se fossem de diamantes, de ouro e de platina; (...) falo da agricultura, criação do gado e pescaria, que pelas circunstâncias peculiares com que a Providência dotou aquela fertilíssima região, a podem tornar em poucos anos uma das mais abundantes províncias do império³⁹⁷.

Além dos relatórios publicados em 1862, foi apresentada uma exposição sobre produtos da indústria e costumes do Ceará colhidos por Ferreira Lagos em fins de 1861, merecendo até uma matéria especial no *Diário do Rio*, que ao que tudo indica expressa a opinião de Lagos acerca da Exposição.³⁹⁸ Somam-se a isso alguns textos lidos em sessões do IHGB, pelo próprio Lagos e por Capanema. De resto ou permaneceu manuscrito, como os trabalhos de Freire Alemão, ou mesmo nem chegou a ser escrito, restando algumas correspondências publicadas nos jornais por alguns membros da Comissão e mesmo os Zigue-Zagues de Capanema.

Não abandonando o objetivo inicial da Comissão que se propunha a desmentir falsos juízos de viajantes estrangeiros sobre as terras brasileiras, os científicos afirmam que para cumprimento de tal finalidade cabia a parte mais exaustiva e demorada dos trabalhos da Comissão, a análise dos materiais e notas colhidos durante a expedição, “*o que é negócio de meditação e tempo*”³⁹⁹.

Contudo as perdas significativas que teriam, afetaria seus planos posteriores de salvar a honra da Comissão. O naufrágio do barco Palpite, com toda a coleção organizada pela Seção Geológica, as perdas significativas nos vencimentos dos componentes da expedição após seu retorno ao Rio de Janeiro, a morte prematura de Freirinho, bem como os problemas de saúde que acometeram Gonçalves Dias e Freire Alemão, aliado ao desânimo geral por parte de todos com os trabalhos da científica frente aos diversos problemas que enfrentavam, cooperariam para que pouquíssima coisa fosse publicada.

³⁹⁷ LAGOS, Manuel Ferreira. Trabalhos da Comissão... . Relatório Seção Zoológica. Idem Ibidem, p. 369

³⁹⁸ Cf KURY. A Comissão Científica. Op. cit., p. 46

³⁹⁹ Trabalhos da Comissão... . Proêmio. BRAGA. História da Comissão. Op. cit., p. 179

De fato a Comissão não apresentaria mais trabalhos conclusivos sobre a expedição, com exceção de alguns membros que publicaram alguns trabalhos avulsos. Manoel Francisco, ou Freirinho como chamavam os colegas, seria o mais produtivo neste sentido publicando alguns trabalhos sobre a flora cearense, que foram interrompidos com sua morte prematura em 1863, o que afetou seriamente Freire Alemão, seu tio, que tinha no jovem botânico um grande ajudante. Gabaglia também publicou um trabalho sobre o porto de Fortaleza e Capanema alguns trabalhos sobre as secas no Ceará e uma memória sobre os costumes dos índios cearenses.

No exterior também permaneceria a espera ansiosa por parte da comunidade científica pelos trabalhos da “*extraordinária expedição que o governo brasileiro enviou (...) ao norte de seu país*”⁴⁰⁰. Ferdinand Denis, Martius e outros cobriam dos ‘científicos’ resultados nos anos posteriores à sua volta do Ceará.

A Comissão Científica de Exploração pereceu frente às expectativas de seus contemporâneos, ficando gravado na memória popular somente aquilo que dela se fazia chacota. As alcunhas de Comissão das Borboletas e Defloradora ao lado do fracasso da tentativa de aclimação dos dromedários e a ilustre participação do poeta Gonçalves Dias.

Abandonando-se a má fama atribuída à Comissão, podemos nos deparar com numeroso e profícuo material de pesquisa. O que aparece para nós nos relatos de memória deixados por nossos viajantes e seus trabalhos é a forma como cada um apreendeu o povo cearense com a experiência e convivência que mantiveram com ele durante a expedição. De que maneira eles interpretaram esse povo dentro do ideal de brasilidade que estava se construindo naquele momento.⁴⁰¹

Nos relatos e memórias deixados por nossos “científicos” o povo que aparece representado é aquele resultante da mistura entre brancos e índios, os caboclos são os coadjuvantes da expedição científica, foi com eles que os membros da comissão tiveram de lidar todo o tempo, tomando abrigo em suas casas, tomando-os como ajudantes e guias na empreitada.

A figura do negro, tão presente na Corte do Rio de Janeiro, porta de entrada do tráfico negreiro, quase não era vista pelos viajantes, ou pelo menos esses não aparecem tanto em seus registros a não ser como figurantes da cena cabocla. O próprio Freire Alemão nos deixou sua surpresa com este fato quando registrou que em Pacatuba a gente era em grande parte

⁴⁰⁰ Carta de A. Peterman a Gonçalves Dias. Dresde 11/1862. In DIAS. Correspondência passiva. Op. cit., p. 266

⁴⁰¹ Cf. SILVA, Marcellly Pedra Rezende. Ciência e Nação: Os “científicos” e a descoberta do povo brasileiro. Trabalho de conclusão de curso. Rio de Janeiro: IFCH/UERJ, 2011. Disponível em:

“acabocladada” onde se preservava de forma geral o tipo americano com apenas alguns pretos ou mulatos⁴⁰².

De fato como aponta Kaori Kodama, a discussão vigente entre letrados dirigentes do Império, após 1850, com o fim do tráfico negreiro, era em que termos se daria a herança da escravidão sobre a formação do povo brasileiro, já que os negros eram vistos como raça inferior.⁴⁰³ Dessa forma percebe-se a exaltação da mistura entre brancos e índios como ideal requerido para o tipo brasileiro, pois sendo o indígena uma raça em decadência, como previu Martius⁴⁰⁴, pelos menos se conservava aquilo de bom que ele tinha a oferecer ao povo brasileiro, sua bravura e gosto pelo trabalho.

Capanema, por exemplo, via com bons olhos a herança indígena nos povos mestiços do Norte, acreditava que somente lhes faltava um impulso para saírem do estado de prostração frente aos problemas que se encontravam. Está aí a segunda vertente de que se compõe a concepção do povo por Capanema. Ao lado da exaltação do caboclo como sagaz e engenhoso, coloca também sua crítica a acomodação do mesmo, que para ele em parcela é culpa do governo que só “*dá sinais de vida é quando manda intimar os matutos para votarem, ou quando os agrava com alguns novos impostos*”⁴⁰⁵.

Sendo assim, os poucos textos publicados, os manuscritos de alguns membros, assim como a correspondência trocada entre eles torna-se riquíssima fonte de informações sobre a personalidade intelectual de cada um bem como da mentalidade científica do período.

3.3- Freire Allemão: entre infortúnios e descobertas

Freire Allemão, assim como os outros membros da Comissão, não pode deixar muita coisa publicada como resultado de sua passagem pela expedição, mas é possível analisar muito da sua participação através dos diários e cartas deixados pelo botânico. Através destes documentos é possível recuperar os rastros e vestígios da passagem de Freire Allemão pela Comissão Científica, que parece ter sido marcada por insatisfações, surpresas e infortúnios em relação a desentendimentos, críticas negativas e obrigações que envolviam a expedição.

⁴⁰² ALEMÃO, Francisco Freire. Diário de Pacatuba, 13/05/1859. Divisão de Manuscritos/FBN. Ms-548(5)

⁴⁰³ KODAMA, Kaori. Em Busca da Gênese do Brasil nas províncias do norte: Gonçalves Dias e os trabalhos etnográficos da Comissão Científica de Exploração. In: KURY. Comissão Científica. Op. cit., p. 119.

⁴⁰⁴ Cf. VON MARTIUS, C.F., *Como se deve escrever a História do Brasil*. Revista do IHGB. Rio de Janeiro. Janeiro de 1845, vol. 6 (24): 389 - 411.

⁴⁰⁵ Idem Ibidem, p. 209

A correspondência trocada no período que Freire Allemão servia a Comissão reúne um total de 160 cartas. Nestas missivas ficaram registradas a relação de Freire Allemão com os outros membros da Comissão, com autoridades locais e da Corte e o relato a familiares e amigos de suas impressões do Ceará. Além disso, é possível visualizar todas as responsabilidades e obrigações burocráticas por trás da expedição e que cabiam a Freire Allemão gerenciar enquanto Presidente da CCE.

Temas como o pagamento dos rendimentos dos comissionados e ajudantes, compra de suprimentos e aluguel de imóveis para estadia dos cientistas, relatórios sobre o andamento dos trabalhos da expedição, entre outros assuntos de caráter burocrático. As insatisfações do botânico em acumular sozinho as responsabilidades deste trabalho, e algumas desavenças com Ferreira Lagos e Gonçalves Dias, em função das maledicências sobre a Comissão e que envolviam o nome dos dois cientistas e a falta de ajuda que Dias deveria dar com os relatórios e expensas, parecem ter levado Freire Allemão a querer abandonar a expedição.

Entre as cartas do botânico encontram-se três rascunhos de requerimentos enviados ao Imperador solicitando autorização para sair do Ceará. Em dois deles, de agosto e setembro de 1859, Freire Allemão pede exoneração do cargo de membro da Comissão, alegando motivos de saúde e pessoais, e autorização para fazer estudos nas florestas de Goiás e do Amazonas. Após receber a primeira negativa ao seu pedido, que informa em carta a desconhecido, Freire Allemão volta a pedir 3 meses de licença para estudar as florestas do Amazonas, desta parece não ter tido resposta⁴⁰⁶.

A par dos problemas enfrentados por Freire Allemão e que provavelmente o levaram a pedir a exoneração e depois a licença, o que chama atenção nestes pedidos é o desejo do botânico de estudar a floresta amazônica. A razão desse interesse está diretamente relacionada ao fascínio que a Amazônia exercia sobre os naturalistas da época, dada a sua proclamada diversidade natural, e Freire Allemão de certo desejava poder conhecer este oásis da diversidade para estar no mesmo nível de conhecimento daqueles que admirava e com quem mantinha relações, como o botânico alemão Martius. Ou mesmo para realizar um estudo comparativo entre floresta amazônica e a mata atlântica, de acordo com sua experiência de investigação pelas matas do Rio de Janeiro.

Para além, das frustrações sofridas pelo botânico sua correspondência também registra o status e atenção que a Comissão Científica atraiu para Freire Allemão. Quando o botânico

⁴⁰⁶ Cf. Cartas de Freire Allemão a destinatário desconhecido. Aracaty, 11/09/[1859?]. Divisão de Manuscritos/FBN I-28,01,071 nº 001-002 e I-28,01,073 (Microfilme MS 548 (1) doc.073 e 075); Carta de Freire Allemão ao Imperador Pedro II. Fortaleza, 20/05/1861. Divisão de Manuscritos/FBN I-28,01,082 (Microfilme MS 548 (1) doc.088)

vaijou para o Ceará já possuía algum prestígio como cientista tanto na Corte como na Europa, o fato de estar envolvido em uma expedição nacional só fez aumentar o interesse pelos resultados de suas investigações e também pelas facilidades que poderia ter enquanto Presidente da CCE.

Sendo assim, Freire Allemão foi alvo de diversas cartas pedindo favores e beneficências em função da CCE. Entre as cartas encontram-se pedidos de esmola e ajuda financeira, como os de Antonio Ferreira Lima, que se identifica como músico⁴⁰⁷, e de Vicente Alves, detento de uma cadeia local⁴⁰⁸.

Essa atenção possibilitou também a Freire Allemão uma aproximação com uma elite cearense que via com admiração o trabalho dos cientistas que tinham por missão desbravar o sertão. Freire Allemão esteve em contato com importantes nomes do Ceará como o senador Thomas Pompeu de Sousa Brasil (1818-1877)⁴⁰⁹, o tenente-coronel João Franklin de Lima⁴¹⁰ e José Antonio da Costa e Silva (1792-1866).⁴¹¹

Estes nomes foram importantes apoiadores do trabalho da Comissão frente à imagem negativa que se tinha dos científicos. Por exemplo, sobre esse assunto Freire Allemão trocou carta com Thomaz Pompeu, em 1861, comentando das maledicências sobre a CCE, afirmando que no Rio de Janeiro se dizia dela “cobras e lagartos”, e agradecendo o apoio dado ao trabalho desta.⁴¹² O senador Pompeu, como ficou conhecido, foi um importante interlocutor dos membros da Comissão Científica⁴¹³.

Franklin de Lima era outro entusiasta dos trabalhos da Comissão como deixou claro em carta Freire Allemão, também em 1861, ao comentar orgulhosamente sobre a notícia da exposição de produtos cearenses organizada por Lagos na Corte⁴¹⁴. Em outra carta Franklin

⁴⁰⁷ Cf. Carta de Antonio Ferreira Lima a Freire Allemão. Ceará, 19/03. Divisão de Manuscritos/FBN I-28,04,066 (Microfilme MS 548 (2) doc.076)

⁴⁰⁸ Carta de Vicente Alves Ferreira a Freire Allemão. [S.l.] [S.d.]. Divisão de Manuscritos/FBN I-28,04,061 (Microfilme MS 548 (2) doc.071).

⁴⁰⁹ Importante político brasileiro e representante do Partido Liberal no Ceará, o senador Pompeu, como ficou conhecido, Professor de Geografia e História, escreveu diversas obras sobre o clima e a geografia cearense. Cf. Verbete: Tomás Pompeu de Souza Brasil. Disponível em: <http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias>. Acesso em 01/06/2014.

⁴¹⁰ Importante fazendeiro da região de Pacatuba, dono do Engenho de Monguba. Cunhado de Tristão Gonçalves de Alencar de um dos revolucionário Revolução Pernambucana (1817) e da Confederação do Equador (1824). Cf. <http://www.ceara.pro.br/>. Acesso em 01/06/2014.

⁴¹¹ José Antonio da Costa e Silva foi um importante fazendeiro cearense, considerado o precursor da comercialização do café no Ceará. Dono do sítio Boa Vista, localizado na serra do Aratanha. Pai de Juvenal Galeno da Costa e Silva, folclorista brasileiro. Cf. GALENO, Juvenal (Org. Raymundo Netto). Cronologia comentada de Juvenal Galeno. Fortaleza: Comercial, 2010.

⁴¹² Cf. Carta Freire Allemão a Thomaz Pompeu. 31/10/1861. Divisão de Manuscritos/FBN. I-28,01,085.

⁴¹³ Cf. Pádua, Jose Augusto. Um sopro de destruição: pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista (1786-1888). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2004.

⁴¹⁴ Cf. Carta de Franklin de Lima a Freire Allemão. Engenho de Monguba, 17/10/1861. Divisão de Manuscritos/FBN I-28,04,003 (Microfilme MS 548 (2) doc.003)

tentar conseguir um emprego de escriturário na expedição para seu filho⁴¹⁵. A relação de Freire Allemão com Franklin, assim como com José da Costa e Silva, parece ainda ter se estreitado para além da estada do botânico no Ceará. Ambos mantêm correspondência com o botânico dando notícias familiares e de acontecimentos ocorridos na província nordestina.⁴¹⁶

Além do interesse de personagens locais, Freire Allemão também foi alvo das demandas de cientistas europeus, que alardeados sobre a expedição brasileira, desejavam ter acesso aos resultados das investigações dos sábios brasileiros. Martius em cartas a outros dois cientistas brasileiros contemporâneos de Freire Allemão deixa registrado seu interesse nos estudos e resultados obtidos pelo botânico brasileiro no Ceará, primeiro ao Cônego Pinheiro em 1863:

Hei de receber com summo agrado tanto o relatório da Comissão Scientifca do Ceará, como amostras das plantas por elle [Freire Allemão] descobertas, e que devião entra na Flora Brasileira, naturalmente, com seu nome.⁴¹⁷

E depois a Ladislau Netto em 1867:

Se V.S. falar com o Sr. Conselheiro Freire Allemão, peço que lhe dê mil lembranças e que lhe pedisse comunicação de suas descobertas (não entendo porque justamente estas não me forão confiadas). É na que não sabemos nada sobre esta expedição no Ceará.⁴¹⁸

Solicitações que foram atendidas prontamente em duas cartas enviadas a Martius, em 1863 e 1867, através das quais Freire Allemão remete os folhetos que conseguiu publicar sobre plantas do Ceará, em resposta às demandas do botânico alemão sobre a expedição⁴¹⁹.

A Alphonse de Candolle, Freire Allemão escreveu quando ainda estava na província nordestina, em 1859, e outra carta ao primo Francisco Alves, pede que encaminhe um

⁴¹⁵ Cf. Carta de Franklin de Lima a Freire Allemão. Ceará, 10/09/1859. Divisão de Manuscritos/FBN I-28,03,024 (Microfilme MS 548 (1) doc.213).

⁴¹⁶ Cf. Carta de Costa e Silva a Freire Allemão. Boa Vista, 17/10/1861. Divisão de Manuscritos/FBN I-28,04,002 (Microfilme MS 548 (2) doc.002); Cartas de Franklin de Lima a Freire Allemão. Engenho de Monguba, 19/05/1862, 25/05/1861 e 10/09/1859. Divisão de Manuscritos/FBN I-28,04,010, I-28,03,024 e 077 (Microfilme MS 548 (2) doc.012 e MS 548 (1) doc.213 e 269); Cartas de Freire Allemão a Franklin de Lima. Icó, 10/10/1859 e Fortaleza, 26/05/1861. Divisão de Manuscritos/FBN I-28,01,072 n°001 – 002 e 083 (Microfilme MS 548 (1) doc. 074 e 089).

⁴¹⁷ Cf. "Extractos de umas cartas do Dr. Martius escritas ao Conego Pinheiro, o qual m'as mostrou e consentio que eu copiasse alguns paragrafos que me dizem respeito." [S.l.], 11/04/1863 e 25/10/1863. Divisão de Manuscritos/FBN 13,02,015 n°036.

⁴¹⁸ Cf. "Extractos de uma carta escrita pelo Dr. Martius ao Dr. Aldislao Neto, em dezembro de de 1866." [S.l.] -- /12/1866. Divisão de Manuscritos/FBN 13,02,015 n°042.

⁴¹⁹ Cf. Cartas de Freire Allemão a Martius. Rio de Janeiro, 20/01/1863 e 14/01/1867. In: DAMASCENO e CUNHA. Os manuscritos do botânico. Op. cit. p. 155-158.

embrulho de plantas ao botânico suíço. De volta ao Rio de Janeiro Freire Allemão volta a escrever a Candolle, em 1863 e 1867, encaminhando os folhetos sobre plantas do Ceará e comentando sobre as dificuldades encontradas pela CCE para desenvolver seus trabalhos⁴²⁰. O botânico brasileiro envia também seus trabalhos sobre a flora cearense para Londres aos cientistas George Bentham e Joseph Hooker, através de John Miers⁴²¹, personagens que já detinham algum conhecimento sobre a flora do Ceará através do botânico George Gardner, que esteve no Brasil entre 1836 e 1841.

Sendo assim, pode-se afirmar que embora a participação na Comissão Científica de Exploração não tenha correspondido de todo as expectativas do botânico brasileiro, e por vezes tenha lhe acarretado alguns aborrecimentos, por outro lado rendeu a Freire Allemão uma ampliação da sua rede de contatos e espaços de sociabilidade, garantindo que sua figura pudesse ter um alcance maior.

Entre as atividades de herborização, tendo ele coletado cerca de 12 mil exemplares de plantas no Ceará, sobre as quais só publicou 3 folhetos, acontecimentos políticos, a idade avançada e a morte do sobrinho Manuel Freire Allemão, que cercearam de alguma forma a sua atividade científica⁴²², a experiência da viagem garantiu a Freire Allemão experimentar a sensação que os naturalistas pelos quais tinha admiração já haviam passado.

Viajar era uma experiência transformadora para o naturalista que decidia ir a campo ver de perto aquilo que ele estudava no aconchego do seu gabinete. Explorar os territórios e o habitat natural de onde eram colhidas e retiradas as amostras que iriam compor os herbários e os acervos dos museus de história natural. A viagem é em geral considerada pela história natural como uma das etapas necessárias para a transformação da natureza em ciência:

Les grands voyages scientifiques n'ont pas seulement participé à une circulation des hommes et de choses, ils ont contribué aux perfectionnements de l'astronomie et de la géographie et au développement de l'histoire naturelle. Leur signification fécondite intellectuelle de la collecte systématique, de la mesure et de l'observation *in situ*⁴²³

⁴²⁰ Cf. Cartas de Freire Allemão a Alphonse de Candolle. *Op. cit.*

⁴²¹ Cf. Cartas de Freire Allemão a John Miers. *Op. cit.*

⁴²² Cf. DAMASCENO e CUNHA. Os manuscritos do botânico. *Op. cit.*

⁴²³ DROUIN, Jean-Marc. Les grands voyages scientifiques. Conférence présentée à l'Universidad de verano de Adeje (Tenerife), le 14 juillet 2003. p. 17. Disponível em: <http://humboldt.mpiwg-berlin.mpg.de/10.drouin.pdf>. Acesso em: 15/12/2013.

O exemplo mais bem conhecido do viajante para quem a experiência da viagem é insubstituível é certamente Alexander von Humboldt⁴²⁴. Grande defensor da importância para as ciências naturais das impressões estéticas experimentadas pelo viajante em cada região. O naturalista alemão defendia que essas sensações faziam parte da própria atividade científica e não podem ser substituídas por descrições ou amostras destacadas dos lugares onde foram coletadas. Para ele os seres vivos só podem ser compreendidos quando relacionados aos lugares onde vivem e aos outros seres com os quais coabitam.⁴²⁵

A grande preocupação da época girava em torno da conciliação entre as explicações sobre as origens da humanidade e a distribuição das espécies animais e vegetais sobre o planeta. As concepções biogeográficas disseminadas por Humboldt colocavam a viagem como atividade central na busca dessa conciliação. A viagem como atividade múltipla, onde diversas ordens de percepções intervêm para formar o conjunto de seus resultados. A abordagem humboldtiana da natureza previa que o viajante medisse de maneira sistemática e precisa os fatores físicos que intervêm em cada lugar estudado, tais como temperatura, altitude, pressão e umidade, bem como a interação do homem com a natureza.⁴²⁶

Este ideal da viagem como fundamental para a atividade do naturalista ainda traz em seu bojo a possibilidade e ideal de contribuição para um conhecimento universal da natureza. “*Le missions scientifiques essayaient souvent de montrer l’aspect général et universel de la Science et des lumières*”.⁴²⁷ Segundo Kury, muitos são os aspectos que participam do universo da viagem científica: a difusão dos valores civilizados, exploração de territórios pouco conhecidos, avaliação das riquezas naturais locais e o enriquecimento de estabelecimentos científicos, entre outros.⁴²⁸

Freire Alemão era o mais velho do grupo, e talvez por isso tenha sido o que mais sentimentalmente se tocou com povo cearense, tomando nota de tudo aquilo que lhe parece curioso. Seus diários de viagem, cheios de histórias e referências curiosas, guardam as memórias do Conselheiro de forma singular.

Por todo lugar que passa faz questão de registrar os tipos raciais que encontra, como em Aracati onde encontra “*poucos índios, muitos pretos e mestiços ou pardos que dão ao povo*

⁴²⁴Cf. KURY, Lorelai. “Viajantes-naturalistas no Brasil oitocentista: experiência, relato e imagem”. *História, Ciência, Saúde – Manguinhos*. Vol. VIII (suplemento), 2001.

⁴²⁵ Sobre a biogeografia de Humboldt cf. PRATT, Mary Louise de. Humboldt e a reinvenção da América. In: *Os Olhos do Império: Relatos de viagem e transculturação*. Bauru: Edusc, 1999.

⁴²⁶ Além de Humboldt outro naturalista do período que se dedicavam a este campo de conhecimento era Augustus Pyramides de Candolle. Cf. DROUIN. *L’histoire naturelle.. Op. cit.*

⁴²⁷ Cf. KURY, Lorelai. Voyages et missions: l’appropriation de la nature exotique. In: *Histoire naturelle et voyages scientifiques (1780-1830)*. Paris: L’Harmattan, 2001. p.150.

⁴²⁸ Cf. Idem Ibidem.

um caráter especial”⁴²⁹ ou mesmo que ao se afastar dali em direção ao Jaguaribe vê “*muita gente branca e alva*”⁴³⁰. Num período em que a discussão em voga girava em torno das consequências da miscigenação presente de forma marcante no povo brasileiro, Freire Alemão sempre exaltava o caboclo cearense elogiando-o: “*como é inteligente e perspicaz esta gente do Ceará, (...) me surpreende com suas perguntas, repentes e seus discursos. Não mais me admira (...) sua fraseologia, a profusão e propriedade dos termos, suas reflexões morais, etc.*”⁴³¹

Longe de se ater à questão racial, Freire Alemão guardava certo admiração pela linguagem do povo, como exemplificado acima, afirmando: “*é um gosto ver essa gente falar, explicam-se muito bem, com termos muito apropriados e pitorescos.*”⁴³². Objeto de sua atenção também era o modo como as mulheres, nos diferentes lugares se comportava, registrando quase sempre seu recolhimento nas famílias, observadas quase sempre na Igreja, se surpreendendo no Icó, onde critica de forma geral:

as meninas, moças e senhoras do Icó [que] se dão pouco ao trabalho; gostam muito da janela e me parecem loureiras. (...) Em geral têm pouca educação. (...) As senhoras casadas não gozam em geral boa fama na boca dos maldizentes e principalmente dos alcofas.⁴³³

Porém se encanta com o carinho e atenção que é tratado pelas sobrinhas e filha de Cândido, um morador de Icó, comentando: “*as três moças (...) são graciosas, duma conversa agradável e espirituosas, tão meigas e tão amáveis, que me interessam muito.*”⁴³⁴, a uma delas inclusive, Freire Alemão presenteou com dinheiro para compra de um vestido.

Simpatizante do povo cearense em geral, se mostra surpreso com ideia que fazem do Brasil que para esta gente “*é o Ceará, tudo o mais é estrangeiro*”, e ainda da ideia que fazem da corte mostrando-se “*invejosos e prevenidos contra o Rio de Janeiro; todas as desgraças de sua província são causadas ou amenos não remediadas pelo governo, que só trata do Rio de Janeiro*”⁴³⁵.

Freire Alemão, assim como os outros membros da Comissão, se depararam com uma realidade muito diversa daquela a que estavam acostumados na Corte. Interessante é a sua

⁴²⁹ ALEMÃO. Diário de viagem...Fortaleza-Crato. *Op. cit.*, p. 91

⁴³⁰ Idem Ibidem, p.120

⁴³¹ Idem Ibidem, p. 172

⁴³² Idem Ibidem, p. 206

⁴³³ Idem Ibidem, p. 169-170

⁴³⁴ Idem Ibidem, p. 184

⁴³⁵ Idem Ibidem, p. 82-83

reflexão sobre o conceito de sertão, após o choque de realidade sofrido pelo primeiro contato com essa região tão falada e discutida na Corte, expressa em carta a irmã Policena:

(...) quando nos achamos em pleno sertão, não pudemos deixar de ser singularmente impressionados tanto pelo aspecto particular do paiz, como pela surpresa, sendo inteiramente diverso da idea que fazíamos por informações incompletas, inexatas, ou exageradas. (...) Que contraste desta vida com a que tivemos na capital[Fortaleza], e seos arredores, ahi erão chuvas a aborrecer, erão frutas que apodrecião, andar fartos de leite, coalhadas, queijos etc. Os presentes de pão de milho verde, de doces, de frutas etc. E sucedião sem interrupção. Tudo era verde em torno de nós. E as meigas cearenses fazião mais suportável as saudades do Rio. Agora estamos queimados, sedentos, esfomeados, sem nenhum consolo! Mas viva a virgem! Estamos todos gordos! O sertão nos dizião os homens da Capital, no verão é um inferno, e um paraíso no inverno, mas tenho visto que nem é inferno, nem paraíso. São lugares pobres, muito atrasados, e os commodos da vida desconhecidos, ou mal apreciados!⁴³⁶

Compadece-se com a pobreza que encontra em diversos lugares e comenta não haver muitas diferenças entre ricos e pobres que partilham do mesmo tipo de alimentação “*a alimentação do trabalhador, ou, em geral, do povo, e mesmo da gente que está em certa posição, são a carne, a farinha e a rapadura, que comem como sobremesa com farinha*”⁴³⁷. Em Icó comenta: “*andam pelas ruas muitos pobres, cegos, aleijados a pedir e nós temos sempre a casa cheia destes miseráveis*”⁴³⁸. Cena mais triste e chocante, contudo presenciariam no sertão de Recife:

Não é possível haver coisa mais triste, não temos saural[sic] comparável a isto. É uma armação tosca, coberta com alguma folhas ou folhas de palmeiras, por cujas falas entra o sol a sua vontade = as paredes de fora são fechadas de paos a piques nus = so há um quartinho onde está a família q tem paredes torreadas ate altura d’um homem; esfuracada, e remendada com folhas de palmeira = a parte aberta onde estendemos nossas redes apenas a admittio = deitados nas redes estavam espoxtos ao sol, q entrava por toda a parte; Foi este um dia cruel. Devo porem dizer q a dona da casa, parda acabriolada moça casada, pejada com a barriga capaz de contar três creanças, nos recebeo afavel mostrando todo o desejo de obserquianos = e quando almoçou com seus filhos nos apontou quatro bananas a uma cuia, cobertas com uma toalha, pedindo me desculpa.⁴³⁹

⁴³⁶ Carta de Freire Allemão a Policena (irmã). Icó, 20/10/1859. Divisão de Manuscritos/FBN. I-28,01,070 B.

⁴³⁷ ALEMÃO. Diário de viagem...Fortaleza-Crato. *Op. cit.*, p. 73

⁴³⁸ Idem Ibidem, p. 156

⁴³⁹ ALEMÃO, Francisco Freire. "Viagem da Fortaleza até a Serra Grande". Curu, 13/10/1860. Divisão de Manuscritos/FBN. MS-65 (1)/MS-548 (5).

Apesar de sua admiração pelo povo em geral, tomando-o como inteligente e bons trabalhadores, choca-se com sua credulidade e superstição:

Essa gente do sertão, bem que inteligente, é por sua ignorância demasiadamente supersticiosa e muito crédula, engole todos os carapetões, como são anúncios de desgraças de secas, de dilúvios, etc. ficam aterrados, não falam em outra coisa e se fazem rezadores.⁴⁴⁰

Freire Alemão, mesmo chocando-se algumas vezes com o costume da gente do sertão, demonstra muita admiração pelo povo cearense. Conforme afirma Kury⁴⁴¹, ele possui a crença na unidade da nação, congregando-se pobres e ricos. Nas suas caminhadas pelo sertão sempre esteve muito próximo dessa gente, ouvindo suas histórias, tragédias e glórias. E apesar de sua fidelidade para com o Imperador, o que deixa marcado em várias passagens pelo diário, lamenta o Império deixar tão à margem estes lugares e essa gente⁴⁴².

O olhar botânico de Freire Allemão não se ateve exclusivamente a coletar e herborizar espécies sertão afora. Ele mostra-se preocupado em apreender o conhecimento dos habitantes locais sobre a flora das regiões pelas quais passa. O elemento local se torna particularmente importante para Freire Allemão em suas investigações sobre a prática agrícola e o cultivo de culturas locais. Entre os documentos sob a guarda Biblioteca Nacional encontramos numerosas notas e memórias de Freire Allemão sobre suas observações e investigações botânicas entre os habitantes das cidades por onde passavam.⁴⁴³

Por meio dos diários e cartas deixados por Freire Allemão sobre sua passagem pelo Ceará, é possível visualizar um naturalista com preocupações para além da atividade de herborização. O estabelecimento de contatos com importantes moradores locais e as investigações sobre aspectos culturais da cultura cearense complementavam o trabalho essencialmente botânico do cientista. Freire Allemão era consciente do significado que a expedição tinha para sua formação e carreira de cientista e explorou todas as oportunidades surgidas em função da mesma.

⁴⁴⁰ ALEMÃO. Diário de viagem...Crato – Rio de Janeiro. *Op. cit.* p. 107

⁴⁴¹ Cf. KURY, Lorelai. Francisco Freire Alemão, botânico e viajante. In: KURY. Comissão Científica. *Op. cit.*

⁴⁴² ALEMÃO. Diário de viagem...Crato-Rio de Janeiro. *Op. cit.*, p. 49-50.

⁴⁴³ Cf. DAMASCENO e CUNHA. Os manuscritos do botânico. *Op. cit.*

A experiência da viagem parece ter marcado de forma significativa o botânico, sendo responsável pelo adestramento do seu olhar. Nos relatos de experiência deixados por ele o que se percebe é a mudança de percepção pela qual passa ao longo da expedição. Suas impressões, ideias e pressupostos sobre as terras longínquas que explorou foram transformadas e ganharam novos significados após o contato com a tão diferente, e por vezes dura, realidade cearense.

Considerações finais

A trajetória de vida de Freire Allemão revela todos os caminhos e descaminhos que deveriam ser trilhados por aqueles que praticavam ciência no Brasil Imperial e desejavam obter reconhecimento e legitimação num mundo científico ainda em construção. A análise da correspondência de Freire Allemão nos permitiu visualizar de que maneira eram constituídas as redes de contato e de que modo se construía os espaços de sociabilidade científica neste período.

Através das cartas trocadas por Freire Alemão, juntamente com o exame dos seus diários de viagem, de seus relatos autobiográficos e dos escritos biográficos sobre sua vida e sua obra, pudemos observar como este constrói e molda sua identidade enquanto cientista e ao mesmo tempo a imagem que constitui para si do que é ser cientista, ou mesmo ser cientista no Brasil.

O estudo das cartas do botânico permitiu enxergá-lo como agente e objeto das redes e espaços de sociabilidade científica do oitocentos. As relações epistolares de Freire Allemão podem ser divididas em dois momentos distintos. Num primeiro momento podemos visualizar um Freire Allemão preocupado em se inserir nos espaços de sociabilidade do Brasil e da Europa afim de obter apoio e legitimação para o exercício de sua prática científica.

No caso do Brasil, Freire Allemão se viu exercendo diversos papéis necessários em busca deste respaldo e do reconhecimento de seu trabalho, bem como para obtenção de seu sustento. A cultura científica da época exigiu de Freire Allemão demonstrar sua utilidade enquanto naturalista. Através da correspondência do botânico percebemos ele como médico, atuando na Imperial Câmara, como professor na Faculdade de Medicina e na Escola Central, e ainda como um perito em botânica que deveria prestar seu serviço ao Estado através das instituições científicas as quais estava vinculado, como o IHGB e a SAIN.

O tempo, sempre exíguo, para a prática de campo da botânica, as caminhadas para herborização e estudo das plantas e cultivo do seu herbário era sempre celebrado em suas cartas, como quando conta ao amigo Ribeiro o desejo de aposentar-se do magistério e *“largar barcos e redes, e metter a cabeça no mato (...) e em fim [sic] aspiro pela liberdade como hum selvagem. Então me ocuparei melhor de flores.”*⁴⁴⁴

No impedimento de se dedicar exclusivamente ao trabalho de campo de naturalista, Freire Allemão soube utilizar-se muito bem das vantagens e oportunidades as quais tinha

⁴⁴⁴ Cf. Carta de Freire Allemão a José Ribeiro da Silva. Rio de Janeiro, 22/11/1852. Divisão de Manuscritos/FBN I-28,01,037 (Microfilme MS 548 (1) doc.037).

acesso em função do exercício das outras atividades a que se dedicava. Construindo relações e espaços de sociabilidade que o mantivessem mais próximo daquilo a que mais prazer tinha de se dedicar: a botânica.

Através de sua prática epistolar observamos como Freire Allemão buscou se inserir no meio científico europeu, tido como referência para a sua época, a partir de oportunidades e meios obtidos ainda no Brasil. Em nossa análise identificamos quatro grandes fluxos de comunicação estabelecidos por ele com o mundo científico europeu: Nápoles, Inglaterra, Paris e Alemanha. A importância destas trocas de missivas se estende para além das informações trocadas, Freire Allemão buscou ver e ser visto no mundo científico europeu através do contato com grandes nomes da ciência dos oitocentos.

Utilizando-se das cartas como meio de estar a par das discussões em História Natural em voga no período, Freire Allemão fez também de suas cartas o mais eficiente meio de divulgação de seus trabalhos e pesquisas. Ao entrar em contato com naturalistas europeus, seja por iniciativa própria ou por intermédio de conhecidos, Freire Allemão viu seu nome ser alçado as esferas científicas das principais capitais europeias. Ao se fazer conhecido no meio científico europeu, o botânico não só atraiu atenção para seus trabalhos como também para o trabalho de seus pares no Brasil.

Sendo assim, as cartas de Freire Allemão nos permitiu perceber um segundo momento de esforço por parte do botânico na busca por articular redes e criar espaços de sociabilidade científica que permitissem o pleno exercício da prática científica no Brasil, garantindo assim a consolidação de uma comunidade científica brasileira, bem como a inserção do Brasil no circuito europeu de ciência.

Desta forma, em terras tropicais Freire Allemão buscou estabelecer vínculos em prol do empenho de construir um espaço que permitisse exercitar suas pesquisas e estudos em História Natural e assim desenvolver e incentivar as iniciativas na área junto aos seus pares nacionais. A Sociedade Velloziana foi assim um esforço concreto na tentativa de constituir uma memória e uma tradição de uma prática científica em terras brasileiras. A especialização buscada na Velloziana se confundia assim com o desejo de enaltecer a nação e o resgate de uma herança científica.

Ao lado de seus pares na Velloziana Freire Allemão almejou inserir o Brasil no circuito científico da época, não somente como objeto, mas também como produtor de conhecimento. Na Velloziana Freire Allemão junto aos seus pares levou ao máximo a crítica em voga naquele período do pouco cuidado que os brasileiros tinham para com sua própria ciência. Ao nomear a Sociedade com o nome de um naturalista brasileiro, Freire Allemão

buscava salientar o sentimento romântico que caracterizava a identidade de uma nação que almejava conhecer a si em seus próprios termos.

A publicação dos trabalhos da Velloziana na Revista Guanabara é o que concretiza esse desejo, ao tornar palpável aquilo que buscou-se discutir nas sessões ocorridas no Museu Nacional. Embora a publicação de um periódico próprio não tenha sido possível, a Bibliotheca Guanabarensis, permitiu a divulgação do trabalho realizado na Velloziana para além-mar, o que é comprovado através das cartas escritas por Freire Allemão no período.

Contudo, a frustração em torno da efêmera vida que teve a Velloziana, em função das dificuldades e dos obstáculos encontrados no caminho, pareceu levar Freire Allemão a enxergar na Comissão Científica de Exploração (CCE) uma substituta na busca por alçar o Brasil no mundo científico europeu.

Embora a idade avançada pudesse ser um empecilho ao vigor que tal empreitada requeria, foi fator fundamental na maneira como Freire Allemão experimentou a viagem como parte de sua formação como naturalista. Através das cartas e diários deixados pelo botânico, como registro de sua experiência, percebemos como ele teve alterada sua percepção como naturalista.

Ainda que no final a Comissão Científica tenha sido responsável por muitas frustrações e tristezas para Freire Allemão, como relata em seus diários, a CCE, assim como a Velloziana, foi parte importante no esforço contínuo de Freire Allemão de constuir espaços e redes de sociabilidade científica de divulgação e prática da atividade científica no Brasil.

Numa via de mão dupla, a CCE contribuiu para a ampliação de horizontes e aprimoramento da prática científica de Freire Allemão e permitiu a expansão das redes de sociabilidade nacionais cultivadas pelo botânico, através das cartas deste período observamos a centralidade que uma elite letrada cearense assume como correspondente de Freire Allemão, demonstrando o interesse deste por apreender o conhecimento local como parte de sua prática científica.

Além disto, o nome de Freire Allemão, dada a sua reputação nesse momento, ajudou a conferir credibilidade, apoio e interesse pela expedição por parte de intelectualidade estrangeira que reconhecia a importância da iniciativa, embora os problemas surgidos ao longo do percurso e a falta de divulgação dos resultados obtidos. O que contribuiu para um estreitamento de algumas das relações científicas estabelecidas por Freire Allemão na Europa.

Levando ao extremo as considerações de Foucault e Gomes o que buscou-se neste trabalho foi esmiuçar as funções das cartas para além dos conteúdos nelas encontrados. O que tentamos aqui demonstrar é que embora as cartas de Freire Allemão não possuam muitas e

muitas páginas de considerações botânicas e científicas de sua época, elas devem ser enxergadas como vestígios das ações de seus autores e remententes.

A importância de considerar as ausências e lacunas encontradas nas fontes como combustível para o exercício da análise histórica foi o que permitiu delinear o tipo de *persona scientifica* que Freire Allemão representou. Para além de estar voltado somente para os assuntos estritamente científicos, Freire Allemão nos revela todas as facetas que compunham o ato de ser cientista no contexto do Brasil Imperial. Através da correspondência e das funções por ela exercida vislumbra-se um complexo campo de atuação onde se desenrolavam as atividades de um cientista naquele período.

Por fim, o que pretendeu-se aqui neste trabalho foi, a partir da trajetória de vida de um indivíduo em particular, esmiuçar os mecanismos de construção e consolidação de uma comunidade científica brasileira no oitocentos. Através da figura de Freire Allemão acreditamos ter sido possível destrinchar uma complexa rede de legitimação onde se imbricaram e confundiram duas realidades: a de nação brasileira enquanto capaz de fazer ciência a partir da experiência de um Estado-Nação nos trópicos, e a de cientista representante dessa particularidade mas capaz de dialogar com outros discursos e vivências.

Numa relação contraditória entre a concepção de uma ciência universal e uma ciência particular tropical, nosso botânico constituiu, para si e para os outros, sua identidade de cientista, identidade que se confundia com a identidade de uma nação romântica que almejava ser civilizada.

Referências

Fontes consultadas

ALEMÃO, Francisco Freire. Correspondência Ativa. *In: Coleção Freire Alemão*. Divisão de Manuscritos/FBN.

_____ Correspondência Passiva. *In: Coleção Freire Alemão*. Divisão de Manuscritos/FBN.

_____ Correspondência de Terceiros. *In: Coleção Freire Alemão*. Divisão de Manuscritos/FBN.

_____ Diário de viagem de Francisco Freire Allemão. Fortaleza – Crato, 1859. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006;

_____ Diário de viagem de Francisco Freire Allemão. Crato – Rio de Janeiro, 1859-1860. Fortaleza: Museu do Ceará, 2007.

_____ Diário de viagem de Francisco Freire Alemão (1859-1861). Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2011.

_____ Diário de Pacatuba, 13/05/1859. Divisão de Manuscritos/FBN. Ms-548(5)

_____ Discurso pronunciado na Sociedade Vellosiana. [1870] Divisão de Manuscritos/FBN. I-28,09,080.

_____ Notícia sobre minha vida. [Rio de Janeiro, 1874]. Divisão de Manuscritos/FBN. I-28,05,090 nº001-002.

_____ "Viagem da Fortaleza até a Serra Grande". Curu, 13/10/1860. Divisão de Manuscritos/FBN. MS-65 (1)/MS-548 (5).

_____ *et all.* Breve notícia sobre a collecção das madeiras do Brasil apresentada na Exposição internacional de 1867, pelos Srs. F. Freire Allemão, Custodio Alves Serrão, Ladisláo Netto e J. de Saldanha da Gama. Tipografia Nacional, 1867.

ACADEMIA MEDICO-CIRURGICA DA CORTE. Carta passada em favor de Francisco Freire Alemão de Cisneiro pelo barão de Inhomirim, diretor da Academia Médico Cirúrgica da Corte. Rio de Janeiro, 26/04/1828. Divisão de Manuscritos/FBN. I-28,05,030.

ACADEMIA PONTANIANA. Diploma de membro da Academia Pontaniana expedido em favor de Francisco Freire Alemão. Nápoles, 06/07/1843. Divisão de Manuscritos/FBN. I-28,05,051.

COELHO, Jerônimo Francisco. Título de nomeação de Francisco Freire Alemão para o lugar de lente de Botânica e Zoologia da Escola Central. Rio de Janeiro, 20/04/1858. Divisão de Manuscritos/FBN. I-28,05,074.

DAMASCENO, Darcy e CUNHA, Waldir da. Os manuscritos do botânico Freire Alemão – catálogo e transcrição. *Anais da Biblioteca Nacional* - vol. 81, 1961.

DAMASCENO. Darcy e CUNHA, Waldir da. Suplemento ao catálogo *Manuscritos do botânico Freire Alemão*. *Anais da Biblioteca Nacional* – vol. 114, 1994. p.197-208.

DECRETO n. 1820, de 13 de setembro de 1856. Estatutos da Sociedade Palestra Científica. Coleção Leis do Império. Disponível em <http://www2.camara.leg.br>. Acesso em 18/02/2014.

DIAS, Antonio Gonçalves. Correspondência ativa. *Anais da Biblioteca Nacional*, vol. 84, 1964.

DIAS, Antonio Gonçalves. Correspondência passiva. *Anais da Biblioteca Nacional*, vol.91,1971.

ESTATUTOS da Sociedade Vellosiana do Rio de Janeiro. In: PAIVA, Melquíades Pinto. *Associativismo Científico no Brasil Imperial: a Sociedade Vellosiana do Rio de Janeiro*. Brasília: Thesaurus, 2005.

FACULDADE DE MEDICINA DE PARIS. Diploma expedido pelo conde de Montalivet em favor de Francisco Freire Alemão. Paris, 30/12/1831. Divisão de Manuscritos/FBN. I-28,05,032.

GAMA, J. de Saldanha. *Biografia e Apreciação dos Trabalhos do Botânico Francisco Freire Alemão*. Revista do IHGB, 1875.

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAFICO BRASILEIRO. Ofício a Francisco Freire Alemão, comunicando-lhe que fora elevado à categoria de Sócio Honorário. Rio de Janeiro, 23/07/1875. Divisão de Manuscritos/FBN. I-28,05,089.

INSTITUT HISTORIQUE. Diploma expedido em nome de Francisco Freire Alemão. Paris, 25/07/1835. Divisão de Manuscritos/FBN. I-28,05,038

INSTRUÇÕES para a Comissão Científica encarregada de explorar o interior de algumas províncias do Brasil. Seção Botânica. In : BRAGA, Renato. *História da Comissão Científica de Exploração*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2004;

_____. Seção Zoológica. In : BRAGA, Renato. *História da Comissão Científica de Exploração*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2004;

_____. Seção Astronômica. In : BRAGA, Renato. *História da Comissão Científica de Exploração*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2004;

_____. Seção Etnográfica e Narrativa de Viagem. In : BRAGA, Renato. *História da Comissão Científica de Exploração*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2004;

_____. Seção Geológica e Mineralógica. In : BRAGA, Renato. *História da Comissão Científica de Exploração*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2004;

MORAIS, Alexandre José de Melo. *A vida e morte do exmo. Sr. Conselheiro Francisco Freire Alemão Cysneiro escripta em vista das notas por elle proprio fornecidas*. Rio de Janeiro: Typographia de Quirino F. de Espírito Santo, 1874.

PEDRO II IMPERADOR DO BRASIL. Carta de jubilação como lente em Botânica Médica e Princípios Elementares de Zoologia expedida por D. Pedro II em favor de Francisco Freire Alemão. Rio de Janeiro, 10/12/1853. Divisão de Manuscritos/FBN. I-28,05,066.

PORTO-ALEGRE, Manuel Araújo. O Giquitibá da Serra de Santa Anna. Poema dedicado ao botânico Francisco Freire Alemão. *Revista Brasileira*, 1857, p. 407.

RELATÓRIO do Sr. Dr. Capanema lido na sessão do IHGB, de 4/12/1857. In: BRAGA, Renato. História da Comissão Científica de Exploração. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2004;

REGENCIA DO IMPERIO DO BRASIL. Carta nomeando Francisco Freire Alemão lente da cadeira do Botânico Médica o Princípios Elementares de Zoologia da Escola de Medicina do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 10/06/1833. Divisão de Manuscritos/FBN. I-28,05,037.

SOCIEDADE AUXILIADORA DA INDUSTRIA NACIONAL. Diploma em nome do Freire Alemão, nomeando-o seu sócio efetivo. Rio de Janeiro, 22/12/1836. Divisão de Manuscritos/FBN. I-28,05,040.

SOCIEDADE DE MEDICINA DO RIO DE JANEIRO. Diploma em favor de Francisco Freire Alemão, nomeando-o seu membro titular. Rio de Janeiro, 24/05/1832 Divisão de Manuscritos/FBN. I-28,05,033.

SOUSA, João Francisco de. Freire Allemão, o botânico. Rio de Janeiro, Pongueti, 1948.

TRABALHOS da Comissão Científica de Exploração. Proêmio. In: BRAGA, Renato. História da Comissão Científica de Exploração. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2004;

_____. Relatório Seção Zoológica. In: BRAGA, Renato. História da Comissão Científica de Exploração. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2004;

_____. Relatório Seção Botânica. In: BRAGA, Renato. História da Comissão Científica de Exploração. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2004;

TRABALHOS da Sociedade Vellosiana. 1851. Biblioteca do Museu Nacional do Rio de Janeiro. Disponível em versão digital em: <http://www.obrasraras.museunacional.ufrj.br>. Acesso em: 05/02/2014.

Referências Bibliográficas

ALVES, Cláudio José. *Ciência e arte em José dos Reis Carvalho: A pintura na Comissão Científica de Exploração ao Ceará (1859 - 1861)*. Dissertação de Mestrado em História da Ciência, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006;

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*. São Paulo: Cia das Letras, 2008.

AZEVEDO, Fernando de (org.). *As Ciências no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1994.

BIAGIOLI, Mario. Galileu, cortesão: A prática da ciência na cultura do absolutismo. Porto Editora: Porto, 2003.

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Diccionario bibliographico brasileiro*. Rio de Janeiro: Typ. Nacional, 1883-1902. 7 v.;

BLOOR, David. *Conhecimento e imaginário social*. São Paulo: Edunesp, 2009.

BOURDIEU, Pierre. “[A ilusão biográfica.” In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina. (org.). *Usos & abusos da história oral*. 8.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. pp.183-191.

BRAGA, Renato. *História da Comissão Científica de Exploração*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2004;

CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira*. São Paulo: Martins, volume 2, 1959

CARVALHO, José Murilo de. *A construção da Ordem/Teatro das sombras*. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira: 2003.

_____. *D. Pedro II ser ou não ser*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CASTELLO, José Aderaldo. *A literatura brasileira: origens e unidade: 1500-1960*. São Paulo: Edusp, 1999.

CHARTIER, Roger. *As origens culturais da Revolução Francesa*. São Paulo: Editora da Unesp, 2009.

DANTES, Maria Amélia M. “As instituições imperiais na historiografia das ciências no Brasil”. In: HEIZER, Alda e VIDEIRA, Antonio Augusto Passos (orgs). *Ciência, civilização e império nos trópicos*. Rio de Janeiro: Access, 2001.

_____. “Introdução”. In: *Espaços de ciência no Brasil*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001.

DEAN, Warren. A botânica e a política imperial: a introdução e domesticação de plantas no Brasil. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 216-218, 1991.

DIAS, Maria Odila da S. Aspectos da Ilustração no Brasil. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, v.278, 1968.

DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol. “O Homem, as Ciências Naturais e o Brasil no Século XIX”. *Acervo*, Revista do Arquivo Nacional. Rio de Janeiro, Vol. 22, nº1 (jan./jun. 2009)

_____. “A Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional e as Ciências Naturais do Brasil Império”. In: DANTES, Maria Amélia. (org.) *Espaços da Ciência no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2001;

_____. “O Jardim Botânico do Rio de Janeiro”. In: DANTES, Maria Amélia. (org.) *Espaços da Ciência no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2001;

DROUIN, Jean-Marc. “L'Histoire naturelle: problèmes scientifiques et engouement mondain.” In: CORVOL, André e RICHEFORT, Isabelle (orgs.), *Nature, environnement et paysage. L'héritage du XVIIIe siècle*. Paris: L'Harmattan, 1995 (pp. 19-27).

EDLER, Flavio Coelho. *Medicina no Brasil Imperial: clima, parasitas e patologia tropical*. Rio de Janeiro: Fiocruz Editora, 2011;

_____. “A medicina acadêmica imperial e as ciências naturais”. In: Heizer, Alda; Videira, Antonio Augusto Passos. *Ciência, civilização e império nos trópicos*. Rio de Janeiro, Access, 2001. p.97-122;

ELIAS Norbert. *A Sociedade de Corte*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

FERREIRA, Luiz Otávio. O nascimento de uma instituição científica: os periódicos médicos brasileiros da primeira metade do século XIX. Tese de doutorado. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências Humanas e Letras – USP, 1996.

FIGUEIRÔA, Sílvia . As ciências geológicas no Brasil: uma história social e institucional, 1875-1934. São Paulo: Ed.Hucitec, 1997;

FIGUEIRÔA, Sílvia F. de M. “Ciência no torrão natal”: a adaptação de modelos estrangeiros e a construção de uma problemática científica nacional (1840-1870).” In: GOLDFARB, A. M. A., MAIA, C. (orgs). *História da ciência: o mapa do conhecimento*. São Paulo: Edusp, 1995 (pp.773-784).

FLECK, Elaine Cristina Deckmann. Sentir, adoecer e morrer. Sensibilidade e devoção no discurso missionário jesuítico do século XVII. Tese de doutorado em História. Porto Alegre: PUC-RS, 1999;

FONSECA, Maria Rachel Fróes da. “A institucionalização das práticas científicas na Corte do Rio de Janeiro”. In: KURY, Lorelai; GESTEIRA, Heloísa (Orgs). *Ensaio de história das ciências no Brasil*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

FOUCAULT, Michel. “Escrita de si”. In: *O que é um autor?*. Portugal: Veja/Passagens, 2002.

GALENO, Juvenal (Org. Raymundo Netto). *Cronologia comentada de Juvenal Galeno*. Fortaleza: Comercial, 2010.

GALVÃO, Walnice Nogueira.; GOTTIB, Nádia Battella (Orgs). *Prezado senhor, prezada senhora: um estudo sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000

GOMES, Angela de Castro. *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

GONÇALVES, Márcia de Almeida. “Histórias de gênios e heróis: indivíduo e nação no Romantismo brasileiro”. In: GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo (Orgs.). *O Brasil Imperial*. Vol. II. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

GREENBLATT, Stephen. *Renaissance Self-Fashioning: from More to Shakespeare*. Chicago: Chicago University Press, 1980.

GUIMARÃES, Lucia Maria P. Debaixo da imediata proteção imperial: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838-1889). São Paulo: Annablume, 2011;

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. “Nação e civilização nos trópicos: O IHGB e o projeto de uma História Nacional. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.1(n.1),1988.

GUINSBURG, J. (Org.). *O romantismo*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

HARRIS, Steven J. “Mapping Jesuit Science: The Role of Travel in the Geography of Knowledge,” In: O’MALLEY, John *et all* (orgs.). *The Jesuits: Cultures, Sciences, and the Arts, 1540-1573*. Toronto: University of Toronto Press, 1999. p. 212-240.

HEIZER, Alda e VIDEIRA, Antonio Augusto Passos (orgs). *Ciência, civilização e império nos trópicos*. Rio de Janeiro: Access, 2001.

HENRI ERNEST BAILLON (1827-1895) . BRUMMITT, R. K. POWELL, C. E. *Authors of Plant Names*. Kew: Royal Botanic Gardens, 1992.

JUNIOR, José Alcântara. O conceito de sociabilidade em Georg Simmel. *Ciências Humanas em Revista*. São Luís, vol. 3, nº 2, dezembro 2005

KNAUSS, Paulo. “Introdução”. In: KNAUSS, Paulo *et all* (org.). *Revistas Ilustradas: modos de ler e ver o Segundo Reinado*. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2011.

KODAMA, Kaori. Os filhos das brenhas e o império do Brasil: a etnografia no Instituto Histórico e Geográfico do Brasil (1840-1860). Tese (Doutorado em História) - PUC. Rio de Janeiro, 2005

KODAMA, Kaori. “Em Busca da Gênese do Brasil nas províncias do norte: Gonçalves Dias e os trabalhos etnográficos da Comissão Científica de Exploração.” In: KURY, Lorelai (org.) *Comissão Científica do Império – 1859-1861*. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio Editorial, 2009.

KUHN, Thomas S. A Estrutura das Revoluções Científicas. 7 ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.

KURY, Lorelai Brilhante (Org.). Iluminismo e Império no Brasil: O Patriota (1813-1814). Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2007;

_____. O império dos miasmas: a Academia Imperial de Medicina. Dissertação de Mestrado. Niterói; UFF-ICHF - Departamento de História; 1990.

_____. “Manuel Arruda da Câmara: a República das Letras nos sertões.” In: KURY, Lorelai (org.) *Sertões adentro: viagens nas caatingas, séculos XVI a XIX*. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio Editorial, 2012.

_____. O naturalista Veloso. No prelo;

_____. “A Comissão Científica de Exploração (1859-1861). A ciência imperial e a musa cabocla.” In HEIZER, Alda e VIDEIRA, Antonio Augusto Passos (orgs). *Ciência, civilização e império nos trópicos*. Rio de Janeiro: Access, 2001.

_____. (org.) *Comissão Científica do Império – 1859-1861*. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio Editorial, 2009.

_____. “Voyages et missions: l’appropriation de la nature exotique.” In: *Histoire naturelle et voyages scientifiques (1780-1830)*. Paris: L’Harmattan, 2001

_____. “Francisco Freire Alemão, botânico e viajante.” In: KURY, Lorelai (org.) *Comissão Científica do Império – 1859-1861*. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio Editorial, 2009.

LATOUR, Bruno. Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

LEVI, Giovanni. “Usos da biografia”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes. AMADO, Janaína (Coord.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006

_____. “Sobre a micro-história” In: BURKE, Peter (org). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

LOPES, Maria Margareth. “A Comissão Científica de Exploração uma “Expansão para Dentro”. In: KURY, Lorelai (org.) *Comissão Científica do Império – 1859-1861*. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio Editorial, 2009.

_____. O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus de ciências naturais no século XIX. São Paulo, Hucitec, 1997;

_____. O local musealizado em nacional: aspectos da cultura das ciências naturais no século XIX no Brasil. In: HEIZER, Alda e VIDEIRA, Antonio Augusto Passos (orgs). *Ciência, civilização e império nos trópicos*. Rio de Janeiro: Access, 2001.

LOUIS ÉDOUARD BUREAU (1830 - 1918) . In: JAUSSAUD, Philippe and BRYGOO, Édouard-Raoul. *Du Jardin au Muséum en 516 Biographies*. Paris: Publications scientifiques du Muséum national d'Histoire naturelle, 2004.p. 120-121.

LUSTOSA, Isabel. *Insultos Impressos. A Guerra dos Jornalistas na Independência (1821-1823)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000;

MARTINS, Ana Luiza. “Imprensa em tempos de Império.” In: DE LUCA, Tania Regina e MARTINS, Ana Luiza. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

MATTOS, Ilmar Rohloff de. *O Tempo Saquarema*. São. Paulo: Editora Hucitec, 2004.

MONTELLO, Josué (Introd.). *Gonçalves Dias na Amazônia*. Rio de Janeiro: ABL, 2002,

NEIVA, Arthur. *Esboço histórico sobre a botânica e zoologia no Brasil*. Brasília: EdUnB, 1989;

NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das. *Corcundas e constitucionais: a cultura política da Independência. (1820-1822)*. Rio de Janeiro: Revan/Faperj, 2003.

NEVES, Lucia Maria Bastos P. et al. (Org.) *História e Imprensa: representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro: Faperj, 2006.

NEVES, Margarida de Souza. *As vitrines do progresso*. Rio de. Janeiro: PUC, 1986.

NUNES, Maria de Fátima. *Imprensa Periódica Científica (1772-1852)*. Lisboa: Estar Editora, 2001.

OUTRAM, Dorinda. *The letters of Georges Cuvier*. London: BSHS, 1979

PÁDUA, Jose Augusto. *Um sopro de destruição: pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista (1786-1888)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2004.

PAIVA, Melquíades Pinto. *Associativismo Científico no Brasil Imperial: a Sociedade Vellosiana do Rio de Janeiro*. Brasília: Thesaurus, 2005.

_____. Os naturalistas e o Ceará: I - João da Silva Feijó (1760-1824). *Revista Trimensal do Instituto Histórico do Ceará*. t. CV (1991)

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Exposições universais. Espetáculos da modernidade no século XIX*. São Paulo: Hucitec, 1997.

PORTO ALEGRE, Maria Sylvia. *Comissão das Borboletas: a ciência do império entre o Ceará e a Corte (1856-1867)*. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2003,

PRATT, Mary Louise de. “Humboldt e a reinvenção da América”. In: *Os Olhos do Império: Relatos de viagem e transculturação*. Bauru: Edusc, 1999.

SALDAÑA, Juan José. Ciência e Identidade cultural: a história da ciência na América Latina. In: FIGUEIRÔA, Silvia. *Um olhar sobre o passado: História das ciências na América Latina*. Campinas: Ed. Unicamp, 2000.

SANJAD, Nelson Rodrigues. Nos jardins de São José: uma história do Jardim Botânico do Grão-Pará, 1796-1873. Tese de doutorado. São Paulo: Instituto de Geociências / Universidade Estadual de Campinas, 2001.

SCHIEBINGER, Londa. *Plants and Empire: Colonial Bioprospecting in the Atlantic World*. Cambridge: Harvard University Press, 2004.

SCHWARTZMAN, Simon. Um Espaço para a Ciência – A Formação da Comunidade Científica no Brasil, CNPq, Brasília, 2001.

SCHWARCZ, Lília Moritz. *As barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SILVA, Marcelly Pedra Rezende. Ciência e Nação: Os “científicos” e a descoberta do povo brasileiro. Trabalho de conclusão de curso. Rio de Janeiro: IFCH/UERJ, 2011.

SUSSEKIND, Flora. O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

VERGARA, Moema Rezende. “A divulgação da Botânica no século XIX: o caso do jornal O Vulgarizador”. In: KNAUSS, Paulo *et all* (org.). *Revistas Ilustradas: modos de ler e ver o Segundo Reinado*. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2011.

VERGARA, Moema Rezende. A Revista Brasileira: vulgarização científica e construção da identidade nacional na passagem da Monarquia para a República. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: PUC, Departamento de História, 2003.

VON MARTIUS, C.F., “Como se deve escrever a História do Brasil”. *Revista do IHGB*. Rio de Janeiro. Janeiro de 1845, vol. 6 (24): 389 - 411.

Referências Digitais

ALPHONSE PYRAME DE CANDOLLE. Encyclopedia Britannica. Disponível em: <http://www.britannica.com/EBchecked/topic/92468/Alphonse-Pyrame-de-Candolle>. Acesso em: 24/02/2014.

ASSIS JÚNIOR, H. José Reis Carvalho: obras naturalísticas, etnográficas e naturezas-mortas. In: 2º Encontro de História da Arte, 2006, Campinas. Atas do II Encontro de História da Arte no IFCH Unicamp. Campinas : Unicamp, 2006. Disponível em: <http://www.unicamp.br/chaa/eha/atas/2006/DE%20ASSIS%20JUNIOR,%20Heitor%20-%20IIEHA.pdf>. Acesso em: 05/04/2013

ASSIS JÚNIOR, H. Ciência e arte nas pinturas de José dos Reis Carvalho. In: 1º Simpósio de Pesquisa em Ensino e História de Ciências da Terra, 2007, Campinas. Atas do 1º Simpósio de Pesquisa em Ensino e História de Ciências da Terra, 2007. v. 1, p. 321-325. Disponível em <http://www.ige.unicamp.br/simposioensino/simposioensino2007/artigos/023.pdf> . Acesso em: 05/04/2013.

AVELLA, Aniello Angelo. Teresa Cristina Maria de Bourbon, uma imperatriz silenciada. *Anais do XX Encontro Regional de História: História e Liberdade* - ANPUH/SP .UNESP-Franca. São Paulo: set. 2010. Disponível em: www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/.../Aniello%20Angelo%20Avella.pdf Acesso em : 23/03/2014.

BARRETO, Patrícia Regina Corrêa. Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional: oficina de homens. Rio de Janeiro: XIII Encontro de História. ANPUH, 2008. Disponível em: http://encontro2008.rj.anpuh.org/resources/content/anais/1212685654_ARQUIVO_ARTIGO_REVISADO.pdf Acesso em: 23/01/2014.

BEDIAGA, Begonha. Conciliar o útil ao agradável e fazer ciência: Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 1808-1860. *História, Ciências e Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 4, out.-dez., 2007. p. 1131-1157. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v14n4/02.pdf> Acesso em: 23/01/2014.

BRET, Patrice. “Ils ne forment tous qu'une même République ». Académiciens, amateurs et savants étrangers dans la correspondance des chimistes à la fin du 18e siècle”. In: *Dix-huitième siècle*, 2008/1 n° 40. Disponível em: <http://www.cairn.info/revue-dix-huitieme-siecle-2008-1.htm> Acesso em : 23/03/2014.

CARVALHO, Maria Alice Rezende de. Temas sobre a organização dos intelectuais no Brasil. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 22, n° 65, outubro de 2007. Disponível em: www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v22n65/a03v2265.pdf Acesso em: 23/01/2014.

CAVALCANTE, Francisca Hisllya Bandeira. “O Brasil é o Ceará”: as notas de viagem de Freire Alemão e Capanema e suas impressões sobre o Ceará (1859-1861). Dissertação de mestrado. Centro de Humanidades/Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza:2012. Disponível em: <http://www.uece.br/mahis/dmdocuments/FRANCISCA%20HISLLYA%20BANDEIRA%20CAVALCANTE.pdf> Acesso em: 20/11/2013.

CHAMBERS, David Wade; GILLESPIE, Richard. Locality in the History of Science: Colonial Science, Technoscience, and Indigenous Knowledge. In: *Osiris*, 2nd Series, vol. 15 (Nature and Empire: Science and the Colonial Enterprise), 2000. Disponível em: http://www.academia.edu/2379225/Locality_in_the_History_of_Science_Colonial_Science_Technoscience_and_Indigenous_Knowledge . Acesso em: 23/01/2014.

DASTON, Lorraine. SIBUM, H. Otto. Introduction: Scientific Personae and Their Histories. *Science in Context* , 16 (1/2), 1–8 (2003). Disponível em:

<http://journals.cambridge.org/action/displayAbstract?fromPage=online&aid=150965&fileId=S026988970300067X>. Acesso em: 21/04/2014.

DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol. As ciências naturais e a construção da nação brasileira. *Revista de História*, 135, 1996 (2), São Paulo, FFLCH-USP. Disponível em: www.revistas.usp.br/revhistoria/article/viewFile/18795/20858 Acesso em: 23/01/2014.

DROUIN, Jean-Marc. Les grands voyages scientifiques. Conférence présentée à l'Universidad de verano de Adeje (Tenerife), le 14 juillet 2003. p. 17. Disponível em: <http://humboldt.mpiwg-berlin.mpg.de/10.drouin.pdf>. Acesso em: 15/12/2013.

FILGUEIRAS, Carlos A. L. Frei José Mariano da Conceição Veloso, polímata do Brasil colonial. Departamento de Química, ICEX, UFMG, 2010; Disponível em : <http://bibliotecaquimicaufmg2010.files.wordpress.com/2012/02/frei-josc3a9-mariano-da-conceic3a7c3a3o-veloso.pdf> Acesso em 06/04/2014.

FRIEDRICH ERNST LUDWIG VON FISCHER (1782-1854). Disponível em : <http://plants.jstor.org/> Acesso em: 20/01/2014.

FERREIRA, Cristina Araripe. Difusão do conhecimento científico e tecnológico no Brasil na segunda metade do século XIX: a circulação do progresso nas exposições universais e internacionais. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde). Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, 2011. Disponível em: www.ppghcs.coc.fiocruz.br/index.php/br/alunos/teses-e-dissertacoes Acesso em : 23/03/2014.

FERREIRA, Lucio Menezes. Ciência nômade: as viagens científicas no Brasil Imperial. *História, Ciência, Saúde – Manguinhos*. vol.13 no.2. Rio de Janeiro: Abr/Jun 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59702006000200005&script=sci_arttext Acesso em: 23/01/2014.

FIGUEIRÔA, Silvia F. de M. Mundialização da ciência e respostas locais: sobre a institucionalização das ciências naturais no Brasil. *Asclepsio*, v. 50, nº 2, 1998. Disponível em: <http://asclepio.revistas.csic.es/index.php/asclepio/article/viewArticle/338> Acesso em: 23/01/2014.

FRANCISCO FREIRE ALLEMÃO .Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930). Disponível em <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br>. Acesso em: 21/04/2014.

FREITAS, Maria Helena. Origens do periodismo científico no Brasil. Dissertação (Mestrado em História da Ciência). São Paulo: Pontifícia Universitária Católica de São Paulo, 2005. Disponível em: www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1632 Acesso em: 23/01/2014.

FREITAS, Maria Helena. Considerações acerca dos primeiros periódicos científicos brasileiros. *Revista Ciência da Informação*, v. 35, n. 3 (set-dez 2006). Disponível em: www.scielo.br/pdf/ci/v35n3/v35n3a06.pdf Acesso em: 23/01/2014.

GAVROGLU, Kostas et all. Science and Technology in the European Periphery; Some Historiographical Reflections. In: *History of Science*, 46 (2008): 153-175. Disponível em: www.eurocrit.eu/Download-document?gid=122. Acesso em: 23/01/2014.

GUIMARAES, Lucia Maria Paschoal. Teresa Cristina de Bourbon (1822-1889): a face oculta da imperatriz silenciosa. In: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, Jul. 2011. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org>. Acesso em: 04/05/2014.

GUIMARÃES, Manoel L. S. “História e natureza em von Martius: esquadrinhando o Brasil para construir a nação”. *História, Ciência, Saúde - Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 391-413, 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702000000300008 Acesso em: 23/01/2014.

JOAQUIM CAETANO FERNANDES PINHEIRO (1825-1876) In: Arquivos e Coleções Particulares Disponível em : <http://www.ihgb.org.br/>. Acesso em 06/04/2014.

JOSÉ MARIANO DA CONCEIÇÃO VELOSO (1742-1811). *Ciência em Portugal*. Disponível em: <http://cvc.instituto-camoes.pt/ciencia/index1.html>. Acesso em: 13/02/2014.

JOÃO FRANKLIN DE LIMA. Disponível em: <http://www.ceara.pro.br/>. Acesso em 01/06/2014.

KURY, Lorelai. Auguste de Saint-Hilaire, viajante exemplar. *Revista Intellectus*. Ano II, n.I, 2003. Disponível em: <http://www.intellectus.uerj.br/Textos/Ano2n1/Texto%20de%20%20Lorelai%20Kury.pdf>. Acesso em: 15/09/2013.

KURY, Lorelai. Viajantes-naturalistas no Brasil oitocentista: experiência, relato e imagem. *História, Ciência, Saúde – Manguinhos*. Vol. VIII (suplemento), 2001. Disponível em: www.scielo.br/pdf/hcsm/v8s0/a04v08s0.pdf Acesso em: 23/01/2014.

KURY, Lorelai. Ciência e nação: romantismo e história natural na obra de Silva Maia. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, vol. V, nº 2, jul.-out. 1998. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59701998000200001. Acesso em: 21/04/2014.

LOPES, Maria Margaret. Cultura das Ciências Naturais. *Ciência e Educação*, v. 11, n. 3, p. 457-470, 2005. Disponível em : http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-73132005000300009&script=sci_arttext Acesso em 06/04/2014.

LOPES, Maria Margaret. "Mais vale um jegue que me carregue, que um camelo que me derrube... lá no Ceará". *História, Ciências e Saúde - Manguinhos*. 1996, vol.3, n.1. Disponível em: www.scielo.br/pdf/hcsm/v3n1/v3n1a04.pdf Acesso em 06/04/2014.

MORAIS, Rita de Cássia de Jesus. Nos verdes campos da ciência: a trajetória acadêmica do médico e botânico brasileiro Francisco Freire-Allemão (1797-1874). Dissertação (Mestrado em História das Ciências da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ. Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: www.ppghcs.coc.fiocruz.br/index.php/br/alunos/teses-e-dissertacoes Acesso em : 23/03/2014.

PASSERON, Irène *et al.*. La République des sciences. Réseaux des correspondances, des académies et des livres scientifiques . Introduction. *Dix-huitième siècle*, vol. 1 nº40, 2008, p. 5-27. Disponível em: <http://www.cairn.info/revue-dix-huitieme-siecle-2008-1.htm> Acesso em : 23/03/2014.

PATACA, Ermelinda Moutinho. Terra, água e ar nas viagens científicas portuguesas (1755-808). Tese (doutorado em Ensino e História das Ciências da Terra) – Instituto de Geociências, UNICAMP, Campinas, 2006. Disponível em: www.bibliotecadigital.unicamp.br. Acesso em: 03/05/2014.

PINHEIRO, Rachel. As histórias da Comissão Científica de Exploração (1856) na correspondência de Guilherme Schüch de Capanema. Dissertação de mestrado. Instituto de Geociências/Unicamp, 2002. Disponível em: www.bibliotecadigital.unicamp.br Acesso em : 23/03/2014.

PINHEIRO, Rachel. O que nossos cientistas escreviam: algumas das publicações em ciências no Brasil do século XIX. Tese de doutorado. Campinas: Universidade Estadual De Campinas, 2009. Disponível em: www.bibliotecadigital.unicamp.br Acesso em: 23/01/2014.

PORTER, Theodore M. Is the Life of the Scientist a Scientist Unit? *Isis*, vol.97, 2006. Disponível em: www.jstor.org/stable/10.1086/512939 Acesso em: 23/01/2014.

RAJ, Kapil. Beyond Postcolonialism and Postpositivism: circulation and the Global History of Science. *Isis*, vol.104, nº2 (June 2013). pp.337-347. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/10.1086/670951>. Acesso em: 23/01/2014.

RODRIGUES, Neuma Brilhante. “Como se deve escrever a história do Brasil”: uma leitura de von Martius. In: Anais do XXIV Simpósio Nacional de História – História e multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos. São Leopoldo: Unisinos, 2007. Disponível em : <http://anpuh.org/anais/?p=13599> Acesso em: 20/01/2014.

SÁ, Magali Romero. O botânico e o mecenas: João Barbosa Rodrigues e a ciência no Brasil na segunda metade do século XIX. *História, Ciências, Saúde – Maguinhos*. Vol. VIII (suplemento), 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702001000500006. Acesso em: 21/04/2014.

_____ e Domingues, Heloisa Maria Bertol 'O Museu Nacional e o ensino de ciências naturais no Brasil no século XIX. *Revista da Sociedade Brasileira de História da Ciência*, nº 15 (1996), pp. 79-87; Disponível em: www.mast.br/arquivos_sbhc/156.pdf Acesso em: 23/01/2014.

SANJAD, Nelson. Os Jardins Botânicos luso-brasileiros. *Ciência e Cultura*, v. 62, n.1. São Paulo, 2010. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252010000100009 Acesso em: 23/01/2014.

SANTOS, Laura Carvalho dos. Antônio Moniz de Souza, o 'Homem da Natureza Brasileira': ciência e plantas medicinais no início do século XIX. In: História, Ciências e Saúde – Manguinhos. Vol.15, n.4. Rio de Janeiro: Oct./Dec. 2008; Disponível em : http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59702008000400008&script=sci_arttext Acesso em 06/04/2014.

SANTOS, Nadja P. dos. Pedro II, Sábio e Mecenas e Sua relação com a Química. *Revista da SBHC*, Rio de Janeiro, v. 2, n. I, p. 54-64, jan./ jun. 2004. Disponível em: www.sbhc.org.br/arquivo/download?ID_ARQUIVO=161 Acesso em: 23/01/2014.

SANTOS, Paulo Cesar dos. Um olhar sobre as exposições universais. *Anais do XXVII Simpósio Nacional de História*. Natal: ANPUH, julho 2013. Disponível em: <http://www.snh2013.anpuh.org/>. Acesso em: 23/01/2014.

SCHANDELER, Jean-Pierre. République des sciences ou fractures de la République des lettres?. *Dix-huitième siècle*, vol. 1 n°40, 2008. Disponível em: <http://www.cairn.info/revue-dix-huitieme-siecle-2008-1.htm> Acesso em : 23/03/2014.

SCHWARCZ, Lilia Moritz e DANTAS, Regina. O Museu do Imperador: quando colecionar é representar a nação. In: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n° 46, fevereiro de 2008. Disponível em: www.ieb.usp.br/publicacoes/doc/rieb46_site_1322178255.pdf Acesso em: 23/01/2014.

SILVA, Paulo Vinícius Aprígio da Silva; KUBRUSLY, Ricardo Silva. O Archivos do Museu Nacional e a promoção do Brasil oitocentista. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História*. São Paulo: ANPUH, julho 2011. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org>. Acesso em: 23/01/2014.

TOMÁS POMPEU DE SOUZA BRASIL. Disponível em: <http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias>. Acesso em 01/06/2014.

VALLE, Jose Ribeiro do. Frei Veloso: Insigne Botânico Brasileiro. *Revista da Sociedade Brasileira de História da Ciência*, n. 2, jun./dez. 1985. Disponível em: http://www.mast.br/arquivos_sbhc/199.pdf Acesso em: 23/01/2014.

VASCONCELLOS, Francisco de. Paulo Barbosa da Silva, que tanto fez pela fundação de petrópolis. Disponível em : http://www.ihp.org.br/lib_ihp/docs/fjrv20001126t.htm Acesso em: 12/06/2014.

VELOSO JÚNIOR, Crenivaldo Régis. Os “curiosos da natureza”. Freire-Allemão e as práticas etnográficas no Brasil do século XIX. Dissertação (Mestrado em História). Niterói: Departamento de História - Universidade Federal Fluminense, 2013. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/stricto/td/1697.pdf>. Acesso em: 11/07/2013.

ANEXO 1 – Correspondência Freire Allemão

Localização	Local e data	Destinatário	Remetente	Resumo	Observações
05,04,027 (Códice 84)	[S.l.], [S.d.]	Francisco Freire Allemão	M. T. Malet	Carta encaminhando o Tratado sobre ácido fênico de Júlio Lemoire.	
13,02,015 n.001	S.l. 30/07/1840	Giovanni dei Brignoli de Brunhoff	Francisco Freire Allemão	Carta informando que as riquezas naturais do Brasil, até o momento, foram melhor investigadas pelos estrangeiros e sobre a difícil locomoção no país por conta de sua extensão. Diz que no Brasil não se cultiva o interesse pelas ciências naturais.	Quem fez a comunicação entre os dois foi Beaupaire-Rohan.
13,02,015 n.002	Rio de Janeiro, 24/08/1841	Giovanni dei Brignoli de Brunhoff	Francisco Freire Allemão	Carta em resposta a segunda carta do Sr. Brignoli. Carta em latim.	Carta em latim. Título na capa do códice "Livro 6º - Cópia de sua correspondência com vários sábios e naturalistas da Europa".
13,02,015 n.003	Rio de Janeiro, 20/07/1844	Carl Friedrich Philipp von Martius	Francisco Freire Allemão	Carta agradecendo o folheto "Sistema de Matéria Médica vegetal brasileira". Diz não poder ser juiz de seu trabalho e que é um simples aprendiz dos viajantes naturalistas. Pede se possível lhe envie lista dos autores que escreveram sobre o Brasil.	Em nota, Freire Allemão informa que essa foi a resposta a primeira carta enviada por Martius, que iniciou a comunicação científica entre ambos.
13,02,015 n.004	Rio de Janeiro, 12/1845	Carl Friedrich Philipp von Martius	Francisco Freire Allemão	Carta enviando trabalhos publicados para serem analisados por Tenore e também para as sociedades científicas de Nápoles: Academia de Ciências, Sociedade Pontaniana e Instituto de Encorajamento.	Transcrição em Anais BN vol 81, p. 120-121.

13,02,015 n.005	Rio de Janeiro, 20/12/1845	Michele Tenore	Francisco Freire Allemão	Carta enviando seus primeiros trabalhos publicados para análise de Martius. Agradece o envio de folhetos de seu "Herbarium", e comenta da intenção de publicar uma obra mais completa com o auxílio do Imperador.	Transcrição em Anais BN vol 81, p.118-120.
13,02,015 n.006	Rio de Janeiro, 22/06/1846	Carl Friedrich Philipp von Martius	Francisco Freire Allemão	Carta remetendo duas descrições de plantas e um exemplar do Archivo Médico Brasileiro, e uma carta do Dr. Lapa.	Transcrição em Anais BN vol 81, p.121-122.
13,02,015 n.007	Rio de Janeiro, 29/06/1846	Achille Richard	Francisco Freire Allemão	Carta enviando 5 trabalhos publicados para sua análise. Informa que somente ele, Martius e Tenore estão tendo acesso a estes trabalhos para expressarem suas opiniões.	Carta foi enviada através do barão de Darcet, mas Freire Allemão não teve certeza se foi entregue, já que o Sr. Darcet sofre um acidente e morreu logo depois.
13,02,015 n.008	Rio de Janeiro, 13/05/1847	Friedrich Ernst Ludwig von Fischer	Francisco Freire Allemão	Carta agradecendo o exemplar enviado de sua obra e remetendo alguns estudos botânicos para análise. Comenta brevemente sobre o estudo das árvores, pelo qual tem tido predileção.	Transcrição em Anais BN vol 81, p. 123-124.
13,02,015 n.009	Rio de Janeiro, 13/05/1847	Carl Friedrich Philipp von Martius	Francisco Freire Allemão	Carta agradecendo o título de sócio correspondente da Sociedade de Ratisbona e remetendo alguns trabalhos publicados para a mesma. Esclarece algumas dúvidas sobre a descrição de algumas espécies e comenta sobre seu estudo de árvores e madeiras, há 5 anos.	Repetida em MS 548 (1) doc.012; I-28,01,012.
13,02,015	Rio de	Carl Friedrich	Francisco	Carta encaminhando dois exemplares	Transcrição em Anais

n.010	Janeiro, 07/12/1847	Philipp von Martius	Freire Allemão	de um trabalho publicado (um para a Ratisbona) e comenta sobre algumas espécies de árvores que está estudando.	BN vol 81, p.126-127.
13,02,015 n.011	[S.l.], 07/12/1847	Friedrich Ernst Ludwig von Fischer	Francisco Freire Allemão	Carta remetendo 2 ensaios botânicos sobre árvores para sua análise.	Transcrição em Anais BN vol 81, p.127.
13,02,015 n.012	[S.l.], 07/12/1847	Michele Tenore	Francisco Freire Allemão	Carta encaminhando quatro exemplares de um trabalho publicado, sendo um para o destinatário e um para cada uma das sociedades napolitanas das quais o destinatário é membro correspondente.	Carta em francês.
13,02,015 n.013	Rio de Janeiro, 30/08/1848	Carl Friedrich Philipp von Martius	Francisco Freire Allemão	Carta agradecendo os comentários sobre os seus trabalhos. Esclarece dúvidas sobre algumas espécies e tece algumas críticas sobre trabalhos de botânicos europeus. Comenta sobre o "Homem da Natureza" e pede informações sobre trabalhos de Frei Leandro.	Transcrição em Anais BN vol 81, p.127-133.
13,02,015 n.014	Rio de Janeiro, 21/09/1848	Carl Friedrich Philipp von Martius	Francisco Freire Allemão	Carta encaminhando uma coleção de trabalhos próprios para o Sr. Endlicher. Comenta sobre a intenção de fundar uma sociedade chamada Velloziana e um jornal para a mesma, O Precursor.	Transcrição em Anais BN vol 81, p.133-134.
13,02,015 n.015	Rio de Janeiro, 01/12/1849	Ignácio Accioli de Cerqueira e Silva	Francisco Freire Allemão	Carta agradecendo o envio de um exemplar da Memoria Historica Ethnographica da Província da Bahia, e elogiando a iniciativa do trabalho.	Consta nota: "Accioli morreu no Rio de Janeiro em junho ou julho de 1865".
13,02,015 n.016	Rio de Janeiro,	Carl Friedrich Philipp von	Francisco Freire	Carta informando ainda não ter conseguido fundar a tal sociedade.	Transcrição em Anais BN vol 81, p.134-137.

	30/11/1849	Martius	Alleão	Corrige alguns erros de impresso da Flora Fluminensis feita na França, e aponta a autoria pioneira de Velloso de algumas espécies descritas em trabalhos de sábios europeus.	
13,02,015 n.017	Rio de Janeiro, 23/11/1851	Carl Friedrich Philipp von Martius	Francisco Freire Alleão	Carta pedindo notícias se tem recebido as encomendas enviadas. Informa que terá que interromper a assinatura da Flora Brasiliensis por ter sido jubilado da Escola de Medicina e ter tido seu salário reduzido.	Transcrição em Anais BN vol 81, p.137.
13,02,015 n.018	[S.l.], 25/11/1851	Augustin François César Prouvençal de Saint-Hilaire	Francisco Freire Alleão	Carta enviando trabalhos seus sobre madeiras de lei do Brasil.	Transcrição em Anais BN vol 81, p.138-139.
13,02,015 n.019	[S.l.], 24/11/1851	Achille Richard	Francisco Freire Alleão	Carta enviando alguns ensaios botânicos para serem avaliados pelo destinatário.	Carta em francês. Consta nota: "Destas duas cartas mandadas a St. Hilaire e a Richard, não tive resposta nem sei se elas foram entregues."
13,02,015 n.020	Rio de Janeiro, 21/07/1852	Carl Friedrich Philipp von Martius	Francisco Freire Alleão	Carta informando estar feliz que a comunicação entre eles não foi interrompida, mas somente que teve problemas no recebimento das cartas.	Capanema aparece como intermediador entre os dois em três cartas.
13,02,015 n.021	Rio de Janeiro, 22/12/1852	Carl Friedrich Philipp von Martius	Francisco Freire Alleão	Carta dando notícias do exemplar da Flora Fluminensis que prometeu a Martius e também da fundação da Sociedade Velloziana e publicação de seus trabalhos na Rev. Guanabara. Descreve alguns tipos novos madeiras do Rio de Janeiro que encontrou e	Repetida em MS 548 (1) doc.042; I-28,01,042.

				agradece o envio de fascículos da Flora Brasiliensis.	
13,02,015 n.022	Rio de Janeiro, 23/11/1853	Carl Friedrich Philipp von Martius	Francisco Freire Allemão	Carta pedindo notícias se recebeu a última carta.	Transcrição em Anais BN vol 81, p.144.
13,02,015 n.023	[S.l.], 25/11/1853	Karl Ludwig von Blume	Francisco Freire Allemão	Carta agradecendo o envio do 1º volume de Museum Botanicum e comentando que seu herbário está desfalcado, mas que mesmo assim envia alguns exemplares para compor o Herbário Real. Conta que devido a dificuldade de manter o herbário tem estudado árvores.	Carta em francês.
13,02,015 n.024	Rio de Janeiro, 20/11/1853	Alexander Philipp Maximilian, Principe de Wied-Neuwied	Francisco Freire Allemão	Carta remetendo algumas amostras botânicas. Comenta estar se dedicando ao estudo das árvores florestais do Rio de Janeiro e da dificuldade de conseguir bons exemplares para amostras das mesmas.	Transcrição em Anais BN vol 81, p.143-144.
13,02,015 n.025	Rio de Janeiro, 20/02/1855	Carl Friedrich Philipp von Martius	Francisco Freire Allemão	Carta agradecendo o envio do fascículo 12 da Flora, mas diz não ter os dois anteriores (fascículos 10 e 11). Comenta estar muito feliz por seus trabalhos estarem agradando os sábios europeus e agradece as observações sobre a descrição de uma planta.	Transcrição em Anais BN vol 81, p.147-149.
13,02,015 n.026	Rio de Janeiro, 11/1854	Alphonse Pyrame de Candolle	Francisco Freire Allemão	Carta informando que não possui nenhum trabalho ou amostra para enviar, por estar seus papéis em desordem e seu herbário empobrecido.	Transcrição em Anais BN vol 81, p.146-147.

13,02,015 n.027	Rio de Janeiro, 04/06/1855	Carl Friedrich Philipp von Martius	Francisco Freire Allemão	Carta encaminhando uma remessa de amostras de ramos, madeiras, flores e frutos da Araucaria, enviada por Henrique de Beupaire Rohan do Paraná.	Transcrição em Anais BN vol 81, p.149
13,02,015 n.028	[S.l.], 10/06/1855	Alexander Philipp Maximilian, Prinz zu Wied- Neuwied	Francisco Freire Allemão	Carta agradecendo o envio da obra sobre plantas magras do príncipe Salm e se desculpa por não ter nenhum trabalho ou amostra para enviar no momento. Comenta sobre a venda de castanhas-do-maranhão no Rio de Janeiro e promete enviar amostras em breve.	Transcrição em Anais BN vol 81, p.150.
13,02,015 n.029	Rio de Janeiro, 25/01/1859	Carl Friedrich Philipp von Martius	Francisco Freire Allemão	Carta respondendo a reclamação de Martius sobre não enviar logo suas observações sobre a Flora, por precisar de tempo para analisar com calma e também não ser fácil conseguir plantas de restinga. Comenta não ter nenhum trabalho para enviar e sobre a CCE.	Transcrição em Anais BN vol 81, p.150-152.
13,02,015 n.030	[S.l.], 25/01/1859	Alphonse Pyrame de Candolle	Francisco Freire Allemão	Carta agradecendo os trabalhos enviados, e pede desculpas por não ter enviados trabalhos publicados pela Sociedade Velloziana, como prometeu há seis anos. Comenta sobre a Comissão Científica de Exploração (CCE). e seus propósitos e envia alguns de seus trabalhos e algumas amostras de plantas.	Carta em francês.
13,02,015 n.031	[S.l.], 05/11/1862	Daniel Hanbury	Francisco Freire Allemão	Carta informando que estava no Ceará e que não teve tempo de verificar se tinha em seu herbário alguns	Consta nota: "Hontem a noite (1 de 8bro de 1864) recebi, vindo pelo

				<p>exemplares das plantas este lhe pediu. Dá algumas informações sobre as árvores Myroxylon e Myrocarpus, está última muito rara.</p>	<p>correio, um masso de pequenas broxuras, vindas de Londres, e mandadas pelo Sr. Hanbury, impressas de 1853 a 1861= provavelmente são as q. me mandou o Sr. Hambury, e q estão esquecidas."</p>
13,02,015 n.032	[S.l.], -- /12/1853	John Miers	Francisco Freire Allemão	<p>Carta remetendo uma coleção de trabalhos seus publicados e da Bibliotheca Guanabarensis com trabalhos da Velloziana para ser entregue ao Sr. Miers (pai) e ao Sr. George Bentham.</p>	<p>Em nota Freire Allemão diz não ter tido resposta se esta carta, juntamente com o que remeteu, chegou ao seu destino.</p>
13,02,015 n.033	[S.l.], -- /01/1863	John Miers	Francisco Freire Allemão	<p>Carta enviando três exemplares do 1º folheto sobre plantas do Ceará, um para o destinatário e os outros para os srs. Bentham e Hooker. Remete também algumas publicações botânicas que foram editadas por um jornal literário e científico da Corte.</p>	<p>Consta nota: "Esta carta, e os impressos entreguei-os no estabelecimento de fundação dos Sr. Miers, na Gamboa, e para serem remetidos. Até hoje, 18 de 9bro de 1867, não tive resposta."</p>
13,02,015 n.034	Rio de Janeiro, 20/01/1863	Carl Friedrich Philipp von Martius	Francisco Freire Allemão	<p>Carta comentando sobre a CCE e enviando o primeiro folheto sobre plantas do Ceará para avaliação de Martius. Esclarece a confusão entre Frei Velloso e Padre Veloso de Miranda. Comenta do ócio da Velloziana.</p>	<p>Transcrição em Anais BN vol 81, p.155-156.</p>

13,02,015 n.035	Rio de Janeiro, 30/01/1863	Alphonse Pyrame de Candolle	Francisco Freire Allemão	Carta comentando da carta que recebeu no Ceará em 1859 de Candolle. Fala sobre a publicação da Flora Fluminensis e de alguns trabalhos sobre plantas do Ceará e remete alguns exemplares. Comenta os problemas enfrentados pela CCE e sobre a viagem de Gardner pelo Ceará.	Carta em francês.
13,02,015 n.036	[S.l.], 11/04/1863 e 25/10/1863	Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro	Carl Friedrich Philipp von Martius	"Extratos de umas cartas do Dr. Martius escritas ao Conego Pinheiro, o qual m'as mostrou e consentio que eu copiasse alguns paragrafos que me dizião respeito."	
13,02,015 n.037	[S.l.], --/-- /1865	Jean Goncet	Francisco Freire Allemão	Carta com um esboço biográfico de Freire Allemão, listando seus principais trabalhos e condecorações.	Carta em francês.
13,02,015 n.038	Rio de Janeiro, 2/06/1866	Jean Goncet	Francisco Freire Allemão	Carta corrigindo alguns erros sobre condecorações e nomes científicos no artigo sobre sua pessoa.	Carta em francês.
13,02,015 n.039	Rio de Janeiro, 14/01/1867	Carl Friedrich Philipp von Martius	Francisco Freire Allemão	Carta remetendo o 2º e 3º folhetos sobre plantas do Ceará e agradecendo os comentários sobre o 1º. Agradece a menção ao seu nome na Flora Brasiliensis, e lamenta a Câmara de Deputados ter suspenso o patrocínio a mesma.	Transcrição em Anais BN vol 81, p. 157-158.
13,02,015 n.040	Rio de Janeiro, 15/01/1867	Alphonse Pyrame de Candolle	Francisco Freire Allemão	Carta remetendo mais alguns trabalhos publicados sobre plantas do Ceará e perguntando se De Candolle recebeu as publicações anteriores juntamente com a Flora Fluminensis remetidas em 1865.	Carta em francês.
13,02,015	Rio de	Jean Goncet	Francisco	Carta informando que Goncet pode	Carta em francês.

n.041	Janeiro, 22/04/1867		Freire Allemão	mandar sua encomenda por qualquer brasileiro que esteja na Suíça por ocasião da Exposição Universal e que irá pedir a Manuel Ferreira Lagos esse favor.	
13,02,015 n.042	[S.l.] -- /12/1866	Ladislau Netto	Carl Friedrich Philipp von Martius	"Extractos de uma carta escrita pelo Dr. Martius ao Dr. Aldislao Neto, em dezembro de de 1866."	
13,02,015 n.043	[S.l.], 1869	Henri Ernst Baillon	Francisco Freire Allemão	Carta agradecendo as memórias botânicas que lhe foram remetidas e se desculpando por não poder enviar nada de seus trabalhos dada a desordem de seus papéis, mas prometendo fazer isso em breve.	Carta em francês.
13,02,015 n.044	[S.l.], 07/09/1869	Louis Édouard Bureau	Francisco Freire Allemão	Carta agradecendo as obras enviadas, e elogiando a monografia sobre a família das Bignoniaceae. Pede desculpas por não ter nenhum trabalho para enviar.	Carta em francês.
13,02,015 n.045	[S.l.], 20/09/1869	Nestor León Marchand	Francisco Freire Allemão	Carta agradecendo os belos trabalhos de botânica que lhe foram remetidos e se desculpando que não possa lhe enviar nenhum trabalho seu, já que seus rascunhos encontram-se desordenados e não conta com ajuda de auxiliares.	Carta em francês.
13,02,015 n.046	[S.l.], 01/08/1871.	Henri Ernst Baillon	Francisco Freire Allemão	Carta pedindo desculpas pela demora em responder. Comenta sobre algumas características do Vinhático, sua descoberta no Brasil e envia algumas anotações sobre seu fruto e suas flores. Lamenta estar muito velho e sem forças para continuar estudando.	Carta em francês.

MS 548 (1) doc.001; I- 28,01,001	[S.I.] 29/05/1844	Januario da Cunha Barboza	Francisco Freire Allemão	Carta informando que o procurou para entregar umas brochuras e que precisa de uma resposta para enviar pela fragata napolitana que partirá em breve.	
MS 548 (1) doc.002; I- 28,01,002	[S.I.], 10/05/1844	Ferdinand de Luca	Francisco Freire Allemão	Carta comentando sobre a memória de trabalhos geográficos encaminhada para ser lida numa sessão do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). Freire Allemão comenta sobre seu interesse pela geografia em geral, como a ciência que propicia um melhor modo de explorar a natureza.	Carta em francês. Entre as linhas em francês há a tradução para português da carta e uma observação no final "foi muito modificada".
MS 548 (1) doc.003; I- 28,01,003	[S.I.], 10/05/1844	Francesco Cervelleri	Francisco Freire Allemão	Carta agradecendo uma brochura sobre a utilidade da geologia.	Provavelmente Freire Allemão se refere à obra "dell'Utilità della geologia, de'suoi rapporti com le altre scienze e dell'importanza di uma carta geologica per l'Italia. Napoli: Festa, 1843."
MS 548 (1) doc.004; I- 28,01,004 n°001	[S.I.], 10/05/1844	Antonio Nanula	Francisco Freire Allemão	Carta encaminhando o diploma de membro correspondente da Sociedade da Indústria Nacional.	Antonio Nanula foi Professor da Royal University in Neaples.
MS 548 (1) doc.004; I- 28,01,004 n°002	[S.I.], 1844	Giovanni Pagano	Francisco Freire Allemão	Carta agradecendo os trabalhos remetidos e elogiando o tratado sobre banhos de mar.	
MS 548 (1) doc.005; I-	[S.I.], 10/05/1844	Giovanni Sémola	Francisco Freire	Carta comentando ter recebido sua última carta e a honra que é ter um	Carta em francês.

28,01,005			Allemao	sábio europeu como membro do IHGB e da Academia Imperial de Medicina. Comenta da intenção de publicar uma tradução de memória sobre farmacologia na revista médica assim que possível.	
MS 548 (1) doc.006; I- 28,01,006	[S.l.], [S.d.]	Ferdinand de Luca	Francisco Freire Allemao	Carta acusando o recebimento das brochuras sobre Essai sur geographie e informando que as entregou ao Instituto como combinado e que aguarda a chegada do diploma.	
MS 548 (1) doc.007; I- 28,01,007	[S.l.], [S.d.]	Vincenzo Stellati	Francisco Freire Allemao	Carta informando o recebimento do diploma de correspondente do Real Instituto del Jucaraggioment di Napoli.	Vincenzo Stellati foi professor de Medicina da Royal University of Naples. Autor de "Instituzione Botanica com alcune nozioni di fisiologi vegetabile. Napoli:1818"
MS 548 (1) doc.008; I- 28,01,008	[S.l.], -- /09/1845	Antonio Naclerio	Francisco Freire Allemao	Carta acusando recebimento de correspondência e dizendo-se feliz pela boa saúde da família. Agradece a recepção e serviços prestados quando esteve em Nápoles.	Carta em francês. Antonio Naclerio foi Vice-Consul (1845) e Consul-Geral (1854) em Nápoles. Membro do Corpo Diplomático e Consular nas Duas Sicílias. Fonte: Almanak administrativo, mercantil e industrial da côrte e provincia do Rio de Janeiro. 1845 e 1854.
MS 548 (1)	[S.l.], --/--	Paulo Barbosa da	Francisco	Carta comentando sobre os problemas	

doc.009; I-28,01,009	/1845	Silva	Freire Allemão	de saúde que o levaram a sair da capital e pedindo que envie uma carta a Nápoles. Envia também uma procuração para que Paulo receba seus honorários no Tesouro da Casa Imperial.	
MS 548 (1) doc.010; I-28,01,010	[S.I.], 18/12/1846	Dr. Rebelo (de Porto Alegre)	Francisco Freire Allemão	Carta incentivando o interesse pela História Natural e dos poucos trabalhos sobre a província de Porto Alegre. Remete algumas sementes de Jaca e pede que envie um exemplar de uma espécie botânica e um exemplar do livro Agricultura Michaelense.	
MS 548 (1) doc.011; I-28,01,011	[S.I.], 13/05/1847	Paulo Barbosa da Silva	Francisco Freire Allemão	Carta dando notícias familiares e agradecendo ter feito o contato para sua relação epistolar com o Diretor do Jardim Botânico de São Petersburgo. Comenta estar em contato também com Martius e com o Achille Richard.	
MS 548 (1) doc.013; I-28,01,013	[S.I.], 10/12/1847	Paulo Barbosa da Silva	Francisco Freire Allemão	Carta dando notícias familiares e sobre a saúde da Família Real. Remete carta para ser entregue ao Dr. Friedrich Ernst Ludwig von Fischer.	
MS 548 (1) doc.014; I-28,01,014	Marapicu, 13/01/1847	Desconhecido	Francisco Freire Allemão	Carta comunicando que não poderá comparecer à instalação da Junta revisora de qualificação da Paróquia de Engenho Velho.	
MS 548 (1) doc.015; I-28,01,015	[S.I.], 23/03/1848	José Ribeiro da Silva	Francisco Freire Allemão	Carta dando notícias da família e do Rio de Janeiro e comentando que continua se correspondendo com o Dr. Friedrich Ernst Ludwig von Fischer.	
MS 548 (1)	[S.I.],	José Ribeiro da	Francisco	Carta comentando das agitações	

doc.016; I-28,01,016	21/09/1848	Silva	Freire Allemão	políticas de Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro e da Câmara e do Senado sobre questões escravistas.	
MS 548 (1) doc.017; I-28,01,017	[S.I.], 21/09/1848	Paulo Barbosa da Silva	Francisco Freire Allemão	Carta comentando de assuntos familiares e do tratamento de uma doença do Imperador. Comenta também ter enviado duas cartas ao Dr. Friedrich Ernst Ludwig von Fischer.	
MS 548 (1) doc.018; I-28,01,018	[S.I.], 26/11/1848	Caetano Alberto Soares e Lourenço Vieira de Sousa Meireles	Francisco Freire Allemão	Carta encaminhando o esboço de um relatório sobre a depreciação do chá brasileiro.	
MS 548 (1) doc.019; I-28,01,019	[S.I.], 15/04/1849	Antonio Paulino Nogueira	Francisco Freire Allemão	Carta querendo estabelecer contato para obter informações sobre João da Silva Feijó e seus trabalhos botânicos, comenta ter encontrado um manuscrito da Flora Cearense deste e deseja maiores esclarecimentos sobre a obra.	
MS 548 (1) doc.020; I-28,01,020	Engenho Velho, 08/07/1849	Antonio Paulino Nogueira	Francisco Freire Allemão	Carta agradecendo as informações recebidas sobre Feijó e falando do desejo de importunar seu pai para obter informações sobre outras figuras nacionais importantes para os estudos botânicos.	Figuras nacionais citadas na carta: Sargento Pedro Pereira Correa de Senna, José Ferreira da Silva, de Sabará, e José Vieira do Couto.
MS 548 (1) doc.021; I-28,01,021	--/09/1849	Paulo Barbosa da Silva	Francisco Freire Allemão	Carta comentando os acontecimentos políticos da Europa e dando notícias dos amigos e da Família Imperial.	
MS 548 (1) doc.022; I-28,01,022	[S.I.], --/06/1850	José Ribeiro da Silva	Francisco Freire Allemão	Carta esclarecendo o motivo de sua ausência e agradecendo o tratado que enviou sobre o Cholera Morbus.	
MS 548 (1)	[S.I.],	José Ribeiro da	Francisco	Carta informando que descobriu que	

doc.023; I-28,01,023	20/11/1850	Silva	Freire Allemão	será transferido para Roma e dizendo que para resolver sobre a questão de suas terras precisa de uma procuração.	
MS 548 (1) doc.024; I-28,01,024	[S.I.], 15/12/1850	Paulo Barbosa da Silva	Francisco Freire Allemão	Carta dando notícias da família e lamentando não poder vê-lo pessoalmente esse ano de novo.	
MS 548 (1) doc.025; I-28,01,025	[S.I.], 13/01/1851	Emilio Joaquim da Silva Maia	Francisco Freire Allemão	Carta comentando ser vantajoso o oferecimento dos editores da Guanabara para publicação dos trabalhos da Vellosiana.	
MS 548 (1) doc.026; I-28,01,026	[S.I.], 07/03/1851	Desconhecido	Desconhecido	Carta comentando não ter muitas informações sobre as leis que regulam o ensino primário em determinada província, mas dá algumas informações sobre como funciona este ensino no Rio de Janeiro.	
MS 548 (1) doc.027; I-28,01,027.	[S.I.], 25/03/1851.	Nicolau Nogueira da Gama	Francisco Freire Allemão	Carta remetendo uma cópia da lista de madeiras enviada pelo major Camillo Faro e algumas notas sobre as mesmas.	
MS 548 (1) doc.028; I-28,01,028	[Rio de Janeiro], 04/05/1851	Florinda Narcisa Paula de Sá Chezen	Francisco Freire Allemão	Carta dando notícias da família.	
MS 548 (1) doc.029; I-28,01,029	[S.I.], 30/06/[1851]	Florinda Narcisa Paula de Sá Chezen	Francisco Freire Allemão	Carta dando notícias da família.	
MS 548 (1) doc.030; I-28,01,030	Rio de Janeiro 18/10/1851	Guilherme Schüch, Barão de Capanema	Francisco Freire Allemão	Carta informando ter que mudar a data da primeira reunião da Vellosiana em função de suas obrigações na Escola, pedindo que ele não tome decisões precipitadas e lembra que ele também é pai da Vellosiana.	

MS 548 (1) doc.031; I- 28,01,031	[S.I.], 23/11/1851	Paulo Barbosa da Silva	Francisco Freire Allemão	Carta felicitando-o pela boa saúde e pela notícia de que deve voltar ao Brasil em março do próximo ano. Dá notícias de familiares e amigos e manda lembranças a D. Francisca.	
MS 548 (1) doc.032; I- 28,01,032	[Rio de Janeiro], -- /12/1851	José Ribeiro da Silva	Francisco Freire Allemão	Carta contando as novidades da cidade, comenta sobre a reforma dos teatros e da epidemia de febre amarela.	
MS 548 (1) doc.034; I- 28,01,034 n°001 - 002	[S.I.], 04/1852	Pereira da Silva e Paulo Cândido	Francisco Freire Allemão	Cartas pedindo favores para o Dr. Ludgero da Rocha Ferreira Lapa, que pretende uma vaga na secretaria da Câmara dos Deputados.	
MS 548 (1) doc.033; I- 28,01,033	[S.I.], 10/03/1852	Manuel Felizardo	Francisco Freire Allemão	Carta pedindo um favor para Antonio Jose da Costa.	
MS 548 (1) doc.035; I- 28,01,035	Rio de Janeiro, 04/05/1852	Silveira	Francisco Freire Allemão	Carta comunicando a nomeação como sócio efetivo da Sociedade Vellosiana.	
MS 548 (1) doc.036; I- 28,01,036	[S.I.], 28/07/1852	Florinda	Francisco Freire Allemão	Carta dando notícias da família.	
MS 548 (1) doc.037; I- 28,01,037	Rio de Janeiro 22/11/1852	José Ribeiro da Silva	Francisco Freire Allemão	Carta informando do seu propósito de se aposentar para viver no campo. Promete enviar algumas amostras de plantas brasileiras desconhecidas na Europa.	
MS 548 (1) doc.038; I- 28,01,038	Rio de Janeiro, 22/11/1852	Paulo Barbosa da Silva	Francisco Freire Allemão	Carta felicitando pelo total restabelecimento da saúde de sua esposa Francisca e dá os pêsames pela morte de uma parenta e diz ter muitas saudades.	

MS 548 (1) doc.039; I- 28,01,039	Rio de Janeiro, 30/11/1852	Custódio Alves Serrão	Francisco Freire Allemão	Comunica a aceitação do destinatário como sócio da Sociedade Velloziana e pede sua colaboração para com a Sociedade que está passando por momento difícil.	
MS 548 (1) doc.040; I- 28,01,040	Rio de Janeiro, 30/11/1852	Francisco Cipriano Valdetário	Francisco Freire Allemão	Carta tratando de um manuscrito inédito de José Bonifácio De Andrada e Silva sobre [Mivera Mutaniti ?] e alerta sobre os cuidados que devem ser tomados na transcrição para publicação.	
MS 548 (1) doc.041; I- 28,01,041	Rio de Janeiro, 21/12/1852	Florinda	Francisco Freire Allemão	Carta informando o andamento dos interesses da remetente.	
MS 548 (1) doc.043; I- 28,01,043	Rio de Janeiro, 22/03/1853	Antonio Vandelli	Francisco Freire Allemão	Carta comentando os escritos de Vandelli e elogiando-o por seus trabalhos.	
MS 548 (1) doc.044; I- 28,01,044	[S.l.], [S.d.]	Henrique Pedro Carlos de Beaurepaire- Rohan, Visconde de Beaupaire- Rohan	Francisco Freire Allemão	Carta remetendo a lista que publicou de madeiras de construção do RJ. Comenta também sobre uma lista de madeiras de construção de SP que elaborou a partir do trabalho de Jose da Silva Lisboa. Pede se possível, que Rohan lhe remeta sementes, flores e frutos.	
MS 548 (1) doc.045; I- 28,01,045	[S.l.], [S.d.]	Desconhecido	Francisco Freire Allemão	Carta tratando de um possível negócio entre a Sociedade Velloziana e o IHGB.	
MS 548 (1) doc.047; I- 28,01,047	Rio de Janeiro, 14/12/1853	Emilio Joaquim da Silva Maia	Francisco Freire Allemão	Carta remetendo alguns documentos da Legação de Lacerda, um livro e um manuscrito para serem integrados ao Arquivo Velloziano. Comenta também	

				de um negócio envolvendo a Sociedade Vellosiana e cita Candido Batista e Domingos Rangel.	
MS 548 (1) doc.049; I- 28,01,049	Rio de Janeiro, 15/01/1854	Miguel Calmon du Pin e Almeida, Visconde de Abrantes	Francisco Freire Allemão	Carta comunicando que conseguiu a jubilação do cargo de Lente de Botânica da Escola Central e que vai se mudar para o campo. Encaminha uma porção de substância cero-resinosa enviada a ele por um curioso.	
MS 548 (1) doc.050; I- 28,01,050	[S.l.], 20/04/1854	Antônio Moniz de Souza	Francisco Freire Allemão	Carta pedindo informações sobre o Padre Velloso, com quem Moniz relata ter convivido por um tempo no convento de Santo Antônio.	Freire Allemão identifica o destinatário como "Sr. Moniz (homem da natureza)"
MS 548 (1) doc.051; I- 28,01,051	[S.l.], --/-- /1854	Luís Jacinto de Carvalho Freitas	Francisco Freire Allemão	Carta desculpando-se por não visitá-lo.	
MS 548 (1) doc.052; I- 28,01,050	Mendanha, 29/07/1854	Irmãos Marques	Francisco Freire Allemão	Cartas agradecendo os fragmentos de flor de uma árvore (Jequitibá) muito estimada e recomendando alguns cuidados para com ela a fim de que seja possível fazer a descrição correta de sua espécie, falando da importância do fruto para o estudo da planta.	
MS 548 (1) doc.053; I- 28,01,053	Mendanha, 08/09/1854	Domingos Lopes	Francisco Freire Allemão	Carta pedindo rapidez na construção de sua casa.	
MS 548 (1) doc.054; I- 28,01,054	Mendanha, 29/12/1854	José Matos	Francisco Freire Allemão	Carta agradecendo os serviços prestados por um escravo.	
MS 548 (1) doc.055; I- 28,01,055	Porangaba, 15/03/1855	Guilherme Schüch, Barão de Capanema	Francisco Freire Allemão	Carta elogiando a casa de campo deste e contando novidades sobre uma planta que descobriu por lá. Pede o favor de	Freire Allemão assina como "Eu cá sou sempre o Velloso"; Consta

				Capanema remeter sua resposta à carta de um médico de Petrópolis que lhe enviou uma planta para exame.	rascunho da resposta ao médico de Petrópolis.
MS 548 (1) doc.056; I- 28,01,056	Mendanha, 17/07/1855	Antônio	Francisco Freire Allemão	Carta dando notícias da família.	
MS 548 (1) doc.057; I- 28,01,057	[S.l.]; [S.d.]	Narciza Emilia de Andrada, Viscondessa de Sepetiba	Francisco Freire Allemão	Carta lamentando a morte de Aureliano [Visconde de Sepetiba?] e desejando pêsames pela perda.	Aureliano de Sousa Oliveira Coutinho, visconde de Sepetiba, faleceu em 25 de setembro de 1855.
MS 548 (1) doc.058; I- 28,01,058	Mendanha, 30/10/1855	Gregório de Castro Morais e Souza, Barão de Piraquara	Francisco Freire Allemão	Carta relatando preocupação com a saúde do destinatário e pedindo notícias sobre o estado da doença.	
MS 548 (1) doc.059; I- 28,01,059	Mendanha, 08/12	Antônio	Francisco Freire Allemão	Carta pedindo algum dinheiro emprestado, pois não pode ir à Corte receber seus ordenados.	
MS 548 (1) doc.060; I- 28,01,060	[S.l.], 10/12/1855	Gregório de Castro Morais e Souza, Barão de Piraquara	Francisco Freire Allemão	Carta parabenizando-o por sua recuperação.	
MS 548 (1) doc.061; I- 28,01,061 nº 001 - 002	[S.l.] 23/12/1855	Vigário de Marapicu; Vigário de Campo Grande	Francisco Freire Allemão	Cartas agradecendo as expressões de conforto pelo falecimento de um familiar.	
MS 548 (1) doc.063; I- 28,01,063	[S.l.], 29/03/1856	Oliveira Fausto	Francisco Freire Allemão	Carta reclamando um número do jornal que não recebeu e comunicando a mudança de endereço de seu irmão, para onde devem ser enviados o jornal e os papéis da Velloziana.	

MS 548 (1) doc.064; I- 28,01,064	[S.l.], 16/04/1856	Primo	Francisco Freire Allemão	Carta comunicando o falecimento de uma familiar.	
MS 548 (1) doc.065; I- 28,01,065	Mendanha, 18/11/1856	José Alexandre Carneiro Leão, Visconde de São Salvador de Campos	Francisco Freire Allemão	Carta lamentando o falecimento da marquesa de Maceió.	
MS 548 (1) doc.066; I- 28,01,066	Medanha, 13/01/1857	L. Taizon	Francisco Freire Allemão	Carta remetendo algumas amostras de sementes que lhe foram mandadas de São Gonçalo e que depois de estudadas e experimentadas no Mendanha manda para Taizon com algumas observações sobre seu plantio.	
MS 548 (1) doc.067; I- 28,01,067	[S.l.], [S.d.]	Emilio Joaquim da Silva Maia	Francisco Freire Allemão	Carta contando a "revolução" ocorrida na última sessão da Vellosiana por conta da desconfiança dos sócios sobre o destino dos rendimentos da mesma. Informa da proposta de prestar contas de todas as movimentações financeiras e pede cautela nesse serviço	
MS 548 (1) doc.068; I- 28,01,068	[S.l.], 19/03/1858	Desconhecido	Francisco Freire Allemão	Carta comunicando sobre a inauguração da estrada de Ferro D. Pedro II e comentando sobre a epidemia de febre amarela.	
MS 548 (1) doc.069; I- 28,01,069	[S.l.], -- /10/1858	Diretor da Escola Central	Francisco Freire Allemão	Carta informando sobre o desempenho dos trabalhos das disciplinas de Zoologia e Botânica e anunciando a sua viagem em breve pela Comissão Científica.	
MS 548 (1) doc.070; I-	Fortaleza, 22/06	Irmã	Francisco Freire	Carta enviando notícias de sua chegada.	

28,01,070			Allemano		
MS 548 (1) doc.071; I- 28,01,070 A	Fortaleza, 31/07/1859	Desconhecido	Francisco Freire Allemano	Exposição dos trabalhos da seção de Botânica nos últimos cinco meses e meio. Descreve, de forma geral, as regiões percorridas de Maranguape, Monguba e Pacatuba, os tipos de terreno e vegetação comparando algumas partes com o Rio de Janeiro.	
MS 548 (1) doc.072; I- 28,01,070 B	Icó, 20/11/1859	Policena Freire (irmã)	Francisco Freire Allemano	Carta comentando de sua viagem pelo Icó e pelo sertão cearense. Comenta estar desolado sobre a seca naquela região, o calor exacerbado e a pobreza do povo. Tece comentários sobre paisagem e suas impressões sobre a gente do lugar.	Transcrição em Anais BN vol 81, p.152-154.
MS 548 (1) doc.074; I- 28,01,072 nº001 - 002	Icó, 10/10/1859	João Franklin de Lima	Francisco Freire Allemano	Cartas esclarecendo um mal-entendido a respeito de uma nomeação para a CCE.	
MS 548 (1) doc.073; I- 28,01,071 nº 001	Ceará, 08/08/1859	Pedro II, Imperador do Brasil	Francisco Freire Allemano	Carta solicitando exoneração do cargo de membro da comissão e autorização para ir até as províncias do Pará e Maranhão por dois meses para estudar a flora das regiões. Alega motivos pessoais para a exoneração.	
MS 548 (1) doc.073; I- 28,01,071 nº 002	Aracaty, 11/09/[1859?]	Desconhecido	Francisco Freire Allemano	Requerimento solicitando exoneração como membro da Comissão, por motivos pessoais e de saúde, e autorização para fazer estudos em Goiás e no Amazonas por quatro meses.	
MS 548 (1) doc.075; I-	Icó, 20/10/1859	Desconhecido	Francisco Freire	Carta comentando estar resignado com a negativa do pedido feito a S. M. I.	No verso consta rascunho de um

28,01,073			Allemao		requerimento pedindo dois meses de licença para voltar ao Rio e observação de que o pedido foi reenviado em 11/02/1860, por acreditar que o primeiro tenha sido extraviado.
MS 548 (1) doc.076; I- 28,01,074	Icó, 29/10/--	João Silveira de Sousa	Francisco Freire Allemao	Carta parabenizando-o por sua transferência para o Maranhão.	
MS 548 (1) doc.077; I- 28,01,074 A	[Ceará]/ [1859]	Primo [Francisco Alves]	Francisco Freire Allemao	Carta contando detalhes da viagem até o Ceará e sua estadia por lá. Pede que remeta um embrulho de plantas ao Sr. De Candolle através do Consulado da Suíça.	
MS 548 (1) doc.078; I- 28,01,074 B	Crato, 20/02/1860	Ministro do Império	Francisco Freire Allemao	Carta encaminhando um relatório sobre a viagem de Fortaleza até o Crato e os trabalhos realizados ao longo deste percurso. Relata já ter colhido 4.000 amostras de plantas secas, 300 de espécies novas, 150 debulhas com descrições e notas botânicas.	
MS 548 (1) doc.080; I- 28,01,076	[S.l.], 23/05/1860	Joaquim Francisco Vianna	Francisco Freire Allemao	Carta intercedendo em favor de José Antonio Teixeira, coletor de rendas gerais de Lavras, implicado em irregularidades administrativas.	
MS 548 (1) doc.081; I- 28,01,076 A	Fortaleza, 05/09/[1860?]	Antônio Gonçalves Dias	Francisco Freire Allemao	Carta informando que o orçamento da comissão foi aprovado até o fim do deste ano, mas que se houver necessidade de algum chefe permanecer por mais tempo deverá ser apresentado	

				um relatório circunstanciado dos trabalhos até então realizados.	
MS 548 (1) doc.082; I-28,01,076 B	Sobral, 10/01/1861	Ministro do Império	Francisco Freire Allemão	Carta comentando da nova tabela de vencimentos dos membros da CCE aprovada pela Lei do Orçamento.	
MS 548 (1) doc.083; I-28,01,077	Sobral, 11/01/1861	Antônio	Francisco Freire Allemão	Carta comunicando que recebeu notícias da família.	
MS 548 (1) doc.084; I-28,01,078	Sobral, 12/01/--	Antonio Joaquim de Oliveira	Francisco Freire Allemão	Carta enviando correspondência que deve ser remetida para o Rio de Janeiro.	
MS 548 (1) doc.086; I-28,01,079	Fortaleza, 16/03/1861	Ministro do Império	Francisco Freire Allemão	Carta relatando sua excursão de cinco meses até Acarapé, Guariba e Paraíba.	
MS 548 (1) doc.086; I-28,01,080	Ceará, 13/04/1861	Ministro do Império	Francisco Freire Allemão	Carta informando que as seções Botânica e Zoológica já cessaram seus trabalhos, que as seções Geológica e de Astronomia desejam continuar seus trabalhos e que a seção Etnográfica encontra-se em viagem pelo Pará e Amazonas.	
MS 548 (1) doc.087; I-28,01,081	Ceará, 13/04/1861	Ministro do Império	Francisco Freire Allemão	Carta informando estar ciente das disposições administrativas a respeito da CCE.	
MS 548 (1) doc.088; I-28,01,082	Fortaleza 20/05/1861	Pedro II, Imperador do Brasil	Francisco Freire Allemão	Requerimento solicitando três meses de licença para estudar as florestas do Amazonas.	
MS 548 (1) doc.089; I-28,01,083	Fortaleza, 26/05/1861	João Franklin de Lima	Francisco Freire Allemão	Carta desculpando-se por não poder ser portador de uma encomenda, em vista da incerteza de sua ida ao Pará.	
MS 548 (1) doc.090; I-	Fortaleza, 09/07/1861	Ministro do Império	Francisco Freire	Carta solicitando uma passagem para a esposa de um membro da CCE.	

28,01,084			Allemano		
MS 548 (1) doc.091; I- 28,01,085	[S.I.] 31/10/1861	Thomaz Pompeu	Francisco Freire Allemano	Carta comentando as maledicências ditas sobre a comissão no Ceará.	
MS 548 (1) doc.092; I- 28,01,086	[S.I.], 11/1861	Frederico Leopoldo Cesar Burlamaqui	Francisco Freire Allemano	Carta dando seu parecer sobre trabalho que Burlamarque pretende apresentar ao Governo Imperial sobre o ensino de agricultura nas escolas secundárias.	
MS 548 (1) doc.093; I- 28,01,087	Rio de Janeiro, 15/11/1861	José Ildefonso de Sousa Ramos	Francisco Freire Allemano	Carta comunicando estar ciente da determinação para que os trabalhos da CCE sejam encerrados.	
MS 548 (1) doc.094; I- 28,01,088	[S.I.], [S.d.]	Ministro do Império	Francisco Freire Allemano	Carta informando ser impossível dar contas imediatamente dos trabalhos da Seção Botânica da CCE.	
MS 548 (1) doc.097; I- 28,02,001 nº001 - 002	[S.I.], 08/01/1862	Eusébio de Queiroz	Francisco Freire Allemano	Carta dando seu parecer sobre dois compêndios para ensino de ciências agronômicas no ensino primário do RJ. Para Freire Allemano, ambos os compêndios simplificam demais a ciência.	
MS 548 (1) doc.095; I- 28,01,089	[S.I.], [1861]	Desconhecido	Francisco Freire Allemano	Carta comentando sobre o interesse do professor De Candolle de possuir a parte recuperada do texto da Flora Fluminensis, e pede que consiga uma das cópias existentes na Biblioteca Pública para este naturalista.	
MS 548 (1) doc.096; I- 28,01,090	[S.I.], [S.d.]	Desconhecido	Francisco Freire Allemano	Carta solicitando o envio para o Rio de Janeiro de uma caixa com amostras botânicas deixada em Sobral.	
MS 548 (1) doc.098; I-	[S.I.], 07/02/--	Manuel Felizardo de Souza e Mello	Francisco Freire	Carta pedindo informações sobre o que foi resolvido a respeito dos negócios dos	

28,02,002			Allemano	cafezais.	
MS 548 (1) doc.099; I- 28,02,003	Rio de Janeiro, 24/02/1862	Antonio Manuel de Melo (Escola Central)	Francisco Freire Allemano	Carta comunicando ter sido designado para uma missao fora da Corte.	
MS 548 (1) doc.101; I- 28,02,005 n°001 - 002	Fazenda Boa Vista, 06/03/1862	Luis Alves Leite de Oliveira Bello	Francisco Freire Allemano	Carta informando sobre o sumico do oficial que o estava acompanhando.	
MS 548 (1) doc.100; I- 28,02,004	[RJ], 25/02/[1862]	Ministro da Agricultura	Francisco Freire Allemano	Carta informando que ira iniciar sua viagem para estudar as causas das pragas dos cafezais, conforme incumbencia do Governo Imperial.	
MS 548 (1) doc.102; I- 28,02,006	Sao Joao do Principe, 04/04/1862	Luís Alves Leite de Oliveira Bello	Francisco Freire Allemano	Carta comunicando que dispensou os servicos do soldado que o acompanhava na inspecao aos cafezais da provincia do Rio de Janeiro.	
MS 548 (1) doc.103; I- 28,02,007	Rio de Janeiro, 26/07/1862	Guilherme Schuch, Barao de Capanema	Francisco Freire Allemano	Carta solicitando a relacao dos materiais necessarios aos trabalhos da CCE.	
MS 548 (1) doc.104; I- 28,02,008	Rio de Janeiro, 26/07/1862	Pedro de Araujo Lima, Marques de Olinda	Francisco Freire Allemano	Carta solicitando mais um ano de vencimentos para Manoel Freire Allemano continuar auxiliando no trabalho de separacao e classificacao das plantas colhidas no Ceara.	
MS 548 (1) doc.105; I- 28,02,009	Rio de Janeiro, 26/07/1862	Pedro de Araujo Lima, Marques de Olinda	Francisco Freire Allemano	Carta submetendo oficio da Secao de Mineralogia da CCE, que pleiteava autorizacao para continuar seus trabalhos no Ceara.	
MS 548 (1) doc.106; I- 28,02,010	Rio de Janeiro, 16/09/1862	Pedro de Araujo Lima, Marques de Olinda	Francisco Freire Allemano	Carta comunicando que convocou os chefes das secoes da CCE para assistirem a abertura da caixa de	

				instrumentos e material coletado no Ceará.	
MS 548 (1) doc.107; I- 28,02,011 n°002	[S.l.]; [S.d.]	Francisco Xavier Lopes de Araújo	Francisco Freire Allemão	Carta recusando o convite para participar da Sociedade Cassino Militar, por morar fora da Corte.	
MS 548 (1) doc.108; I- 28,02,012	Rio de Janeiro, 20/01/1863	Alphonse Pyrame de Candolle	Francisco Freire Allemão	Carta pedindo desculpas por De Candolle não ter recebido as plantas que remeteu, enviando um exemplar impresso da Flora de Velloso e dando notícias da publicação de alguns estudos de plantas do Ceará pela CCE.	Nota: Ocorre versão em francês em 13,02,015 n°35.
MS 548 (1) doc.109; I- 28,02,013	[S.l.], -- /09/1864	José Clemente [Marques]	Francisco Freire Allemão	Carta desfazendo um negócio em torno de uma cabra.	
MS 548 (1) doc.110; I- 28,02,014	[S.l.], -- /11/1864	Desconhecido	Francisco Freire Allemão	Carta requerendo uma solução para seu pedido de melhora de sua jubilação.	
MS 548 (1) doc.111; I- 28,02,015	[S.l.], 27/03/1865	Guilherme Schüch, Barão de Capanema	Francisco Freire Allemão	Carta informando da determinação do Ministro do Império de ser providenciada uma exposição de trabalhos da CCE.	
MS 548 (1) doc.112; I- 28,02,016	[S.l.], [1865]	Michele Tenore	Francisco Freire Allemão	Carta desculpando-se com Tenore pela demora em responder suas cartas. Explica que esteve em viagem com a CCE, junto com seu sobrinho e manda alguns trabalhos sobre plantas do Ceará e pede que responda com sua opinião sobre os mesmos.	Carta em francês.
MS 548 (1) doc.113; I- 28,02,017	[S.l.], 26/01/1866	Pedro II, Imperador do Brasil	Francisco Freire Allemão	Carta solicitando sua exoneração do cargo de lente de Botânica e Zoologia da escola Central.	

MS 548 (1) doc.114; I- 28,02,018	[S.l.], 02/05/1867.	Joaquim Maria Nascentes de Azambuja	Francisco Freire Allemão	Carta remetendo três exemplares da obra que ele e seu sobrinho estão publicando às custas do Governo e que ainda não foi distribuída.	
MS 548 (1) doc.115; I- 28,02,019 n°001	Rio de Janeiro, 14/06/1867	Ministro do Império	Francisco Freire Allemão	Carta informando terem sido reunidas às coleções do Museu Nacional as coleções zoológicas da CCE.	
MS 548 (1) doc.115; I- 28,02,019 n°002	[S.l.], 19/05/1868	Desconhecido	Francisco Freire Allemão	Carta informando que as salas do Museu Nacional de que necessita a Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional (SAIN) estão ocupadas com coleções zoológicas de Manuel Ferreira Lagos e que se deve esperar seu retorno para liberação das mesmas.	
MS 548 (1) doc.116; I- 28,02,020	[S.l.], [S.d.]	Manuel de Araújo Porto- Alegre	Francisco Freire Allemão	Carta informando que esteve quase um ano doente por conta de ataque da cabeça e que parou seus trabalhos desde então e que foi nomeado diretor do Museu e, portanto não tem trabalhos para enviar para a Academia Real de Portugal	
MS 548 (1) doc.117; I- 28,02,020	[S.l.], [1872]	Henri Ernst Baillon	Francisco Freire Allemão	Carta pedindo desculpas pela demora em responder e dando informações sobre Baltazar da Silva Lisboa. Informa que este nasceu na Bahia e estudou ciências naturais, principalmente Botânica, com Vandelli e Dollabeli em Lisboa.	
MS 548 (1) doc.118; I- 28,02,022	[S.l.], [S.d.]	Manuel de Araújo Porto- Alegre	Francisco Freire Allemão	Carta mandando notícias de seu estado de saúde.	

MS 548 (1) doc.119; I- 28,02,023	[S.l.], [S.d.]	Manuel de Araújo Porto- Alegre	Francisco Freire Allemão	Carta informando da impossibilidade de visitá-lo em vista de seu precário estado de saúde.	
MS 548 (1) doc.120; I- 28,02,024	[S.l.], [1874?]	Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB)	Francisco Freire Allemão	Carta de despedida aos membros do IHGB, informando estar sua moléstia em estado avançado e que não tem esperanças de recuperação.	
MS 548 (1) doc.122; I- 28,02,026 n°001 - 002	[S.l.], [S.d.]	Desconhecido	Francisco Freire Allemão	Carta falando sobre assuntos da Escola Central.	
MS 548 (1) doc.121; I- 28,02,025 n°001	[S.l.], [S.d.]	Paulo Cândido	Francisco Freire Allemão	Carta tratando do trabalho Flora Cuiabana, o qual julga de péssima qualidade.	
MS 548 (1) doc.121; I- 28,02,025 n°002	[S.l.], [S.d.]	Silvério Fernandes de Araújo	Francisco Freire Allemão	Carta comentando o trabalho de Andrada Moraes, afirmando que este não tem habilitações para uma obra desse gênero.	
MS 548 (1) doc.123; I- 28,02,027	[S.l.], [S.d.]	Desconhecido	Francisco Freire Allemão	Carta pedindo ajuda para uma mulher e seu filho.	
MS 548 (1) doc.126; I- 28,02,030 n°001	[S.l.], [S.d.]	Luigi Rizzi	Francisco Freire Allemão	Carta informando que o Imperador recebeu presente com muito interesse. Congratula-o pela nomeação como sócio correspondente do IHGB e agradece a recepção e carinho com que foi tratado em Nápoles.	Carta em francês.
MS 548 (1) doc.124; I- 28,02,028	[S.l.], [S.d.]	Paula Brito	Francisco Freire Allemão	Carta sobre a publicação de uma memória na Revista Guanabara, na parte de trabalhos da Sociedade	

				Vellosiana.	
MS 548 (1) doc.125; I- 28,02,029	[S.l.], [S.d.]	Prima	Francisco Freire Allemão	Carta a prima falando de parentes e amigos atacados pela mesma moléstia.	
MS 548 (1) doc.126; I- 28,02,030 n°002	[S.l.], [S.d.]	Costa	Francisco Freire Allemão	Carta comunicando ter sido aceito como membro correspondente da Academia Imperial de Medicina.	
MS 548 (1) doc.126; I- 28,02,030 n°003	[S.l.], [S.d.]	Pasquale Stanislao Mancini	Francisco Freire Allemão	Carta informando que entregou ao Imperador o presente enviado.	
MS 548 (1) doc.126; I- 28,01,034 n°001	[S.l.], [S.d.]	Ferdinand de Luca	Francisco Freire Allemão	Carta informando o grande interesse com que foram recebidos seus presentes pelo Imperador e pelo IHGB e também que foi eleito membro honorário do Instituto e que em breve receberá seu diploma como tal.	Carta em francês.
MS 548 (1) doc.126; I- 28,01,034 n°002	[S.l.], [S.d.]	Teodoro Monticelli	Francisco Freire Allemão	Carta informando o grande interesse com que foram recebidos seus presentes pelo Imperador e que foi eleito membro honorário da Academia Imperial de Medicina e que em breve receberá seu diploma como tal em breve.	Carta em francês.
MS 548 (1) doc.126; I- 28,01,034 n°003	[S.l.], [S.d.]	Antonio Nanula	Francisco Freire Allemão	Carta comunicando que entregou seus presentes para a Academia Imperial de Medicina e para a Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional (SAIN) e também que foi aceito como membro correspondente das duas instituições.	

MS 548 (1) doc.127; I- 28,02,031	[S.l.], [S.d.]	Desconhecido	Francisco Freire Allemão	Carta tratando de um fato ocorrido na sessão da Faculdade no dia 29 de Fevereiro.	
MS 548 (1) doc.128; I- 28,02,032	[S.l.], [S.d.]	Giacomo Raja Gabaglia	Francisco Freire Allemão	Carta informando até quando podem durar os trabalhos da CCE e desculpando-se por não ter realizados os favores no RJ que pediu.	
MS 548 (1) doc.129; I- 28,02,033	[S.l.], [S.d.]	Burlamarque	Francisco Freire Allemão	Carta a propósito de uma vaga para o remetente no Instituto de Agricultura.	
MS 548 (1) doc.129; I- 28,02,033	[S.l.], 24/02/1862	Domingos Machado Homem de Gusmão	Francisco Freire Allemão	Carta informando sobre suas tentativas para conseguir uma vaga no Museu ou no Instituto Agrícola para o destinatário.	
MS 548 (1) doc.131; I- 28,02,035	[S.l.], [S.d.]	John Miers	Francisco Freire Allemão	Carta pedindo notícias se as encomendas enviadas a ele e aos senhores Bentham e Hooker foram recebidas.	Carta incompleta.
MS 548 (1) doc.132; I- 28,02,036 n°001	[S.l.], [S.d.]	Salvatore de Renzi	Francisco Freire Allemão	Carta informando que leu sua obra de homenagem em sessões da Imperial Academia de Medicina e do IHGB e que o apresentou como membro correspondente das duas instituições.	Carta em francês.
MS 548 (1) doc.132; I- 28,02,036 n°002	[S.l.], [S.d.]	Antonio Naclerio	Francisco Freire Allemão	Carta acusando recebimento de suas últimas cartas e lembrando-o dos serviços que Naclerio se encarregou de fazer para ele em Nápoles.	Carta em francês.
MS 548 (1) doc.133; I- 28,02,037	[S.l.], [S.d.]	Pedro de Araújo Lima, Marquês de Olinda	Francisco Freire Allemão	Carta apresentando as despesas da CCE e informando porque as despesas de Dias, que está doente, e Gabaglia, que está em comissão imperial, não foram relacionadas.	

MS 548 (1) doc.134; I- 28,02,038	[S.l.], [S.d.]	Desconhecido	Francisco Freire Allemão	Carta pedindo o endereço do Dr. Mello Moraes.	
MS 548 (1) doc.135; I- 28,02,039	[S.l.], [S.d.]	Redator da Revista Médica	Francisco Freire Allemão	Carta corrigindo uma questão zoológica publicada em número da Revista e que pôs em dúvida nomes célebres das ciências naturais.	
MS 548 (1) doc.136; I- 28,02,040 n°001	[S.l.], [S.d.]	Giovanni Sémmola	Francisco Freire Allemão	Carta informando ter lido sua obra numa sessão da Academia Imperial de Medicina e que o propôs como sócio correspondente da mesma.	Carta em francês.
MS 548 (1) doc.136; I- 28,02,040 n°002	[S.l.], [S.d.]	Samantini	Francisco Freire Allemão	Carta informando que as cartas enviadas por ele são recebidas pelo Sr. Cardoso Menezes e também que o propôs como sócio correspondente da Academia Imperial de Medicina.	Carta em francês.
MS 548 (1) doc.136; I- 28,02,040 n°003	[S.l.], [S.d.]	Michele Tenore	Francisco Freire Allemão	Carta informando ter chegado bem de viagem e que enviou algumas sementes para o Sr. Rielde, mas que algumas plantas que trouxe chegaram mortas por conta do calor da viagem. Promete enviar algumas plantas e frutos assim que possível.	Carta em francês.
MS 548 (1) doc.137; I- 28,02,041	[S.l.], [S.d.]	Desconhecido	Francisco Freire Allemão	Carta dizendo não poder deixar sua casa devido aos vários casos de ataque da moléstia que graça na cidade em moradores próximos. Lamenta a morte do amigo Aureliano.	
MS 548 (1) doc.138; I- 28,02,042	[S.l.], [S.d.]	Américo d' Urzedo	Francisco Freire Allemão	Carta solicitando informações diversas, tratando do ensino de medicina no final do século XVIII e início do XIX e da biografia de F. Leandro do Sacramento	

				encomendada pelo Instituto Histórico.	
MS 548 (1) doc.139; I- 28,02,043	[S.l.], [S.d.]	Redator	Francisco Freire Allemão	Carta em resposta a carta publicada de um aluno da Escola Médica sobre as "caçoadas" em calouros. Freire Allemão afirma que os praticantes das brincadeiras quase sempre são maus alunos.	
MS 548 (1) doc.140; I- 28,02,044	[S.l.], 17/09/1865	José Feliciano de Castilho	Francisco Freire Allemão	Carta desculpando-se por não ter comparecido a uma reunião.	
MS 548 (1) doc.141; I- 28,02,045	[S.l.], [S.d.]	Desconhecido	Francisco Freire Allemão	Carta lamentando não ter podido encontrá-lo e por não poder pegar a mesma fragata por problemas [...]	
MS 548 (1) doc.142; I- 28,02,046	[S.l.], [S.d.]	Desconhecido	Francisco Freire Allemão	Carta informando a que horas estará livre de obrigações.	
MS 548 (1) doc.143; I- 28,02,047	[S.l.], [S.d.]	Desconhecido	Francisco Freire Allemão	Carta respondendo algumas questões sobre produção científica e referências sobre botânica.	Trecho em destaque "Não falo de nova edição de 1839 porque não acrescento a esse vocabulário de Brotero (...)"p. 98
MS 548 (1) doc.144; I- 28,02,048	[S.l.], [S.d.]	Praxedes e "negociante"	Francisco Freire Allemão	Carta perguntando sobre a possível depreciação do chá brasileiro e suas causas, para atender a solicitação feita pelo presidente da província de São Paulo à Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional (SAIN), mais especificamente a Comissão de Indústria Agrícola	Consta anotação "Ver correspondência passiva: Meireles; Lourenço Vieira de S. Conego". Em nota F. Allemão indica ter recebido resposta de Praxedes como uma extensa memória sobre o assunto. Freire Allemão

					foi relator da referida Comissão.
MS 548 (1) doc.145; I-28,02,049	[S.l.], [S.d.]	Desconhecido	Francisco Freire Allemão	Carta intercedendo em favor de uma familiar.	
MS 548 (1) doc.146; I-28,02,050	[S.l.], [S.d.]	Desconhecido	Francisco Freire Allemão	Carta dando informações sobre a Mutamba.	
MS 548 (1) doc.147; I-28,02,051	[S.l.], [S.d.]	Francisco Freire Allemão	Augusto	Carta informando que entregou o presente a senhora conforme pediu.	
MS 548 (1) doc.148; I-28,02,052	[S.l.], [S.d.]	Francisco Freire Allemão	[Sociedade Defensora da Liberdade e Independência Nacional]	Carta comunicando ter sido aceito [Freire Allemão] como membro da Sociedade Defensora da Liberdade e Independência Nacional	
MS 548 (1) doc.149; I-28,02,053	[Rio de Janeiro], 20/02/1832	Francisco Freire Allemão	Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro	Carta acatando o pedido de Freire Allemão para ter quatro enfermos para aprimorar seus conhecimentos práticos.	
MS 548 (1) doc.150; I-28,02,054	[S.l.], 26/03/1832	Francisco Freire Allemão	Manoel Nascimento Castro e Silva	Carta comunicando ter sido Freire Allemão nomeado membro efetivo do Conselho da Sociedade Defensora da Liberdade e Independência Nacional, e que este dirigirá os trabalhos nos meses de abril, maio e junho.	
MS 548 (1) doc.151; I-28,02,055	Rio de Janeiro, 25/01/1837	Francisco Freire Allemão	José Martins da Cruz Jobim	Carta pedindo que envie algumas amostras da erva mate e defendendo o potencial econômico que essa erva tem.	Assina como "Velho Jobim". Consta nota ao fim da carta pedindo que mande notícias do bispo.
MS 548 (1) doc.152; I-	[S.l.], --/-- /1839	Desconhecido	Francisco Freire	Carta falando dos motivos para se eliminar candidatos faltosos do	

28,02,056			Allemano	concurso da Faculdade de Medicina.	
MS 548 (1) doc.153; I- 28,02,057	Rio de Janeiro, 08/02/1839	Francisco Freire Allemano	Domingos Ribeiro dos Guimarães Peixoto	Carta remetendo cópia de um aviso.	
MS 548 (1) doc.154; I- 28,02,058	[S.I.], 28/04/1845	Francisco Freire Allemano	José Fernando Rocha	Carta falando que teve notícias suas por Francisco Antônio de Azevedo, e parabenizando-o por ter se formado em Medicina e pedido que lhe faça uma visita na Vila do Patrocínio	
MS 548 (1) doc.155; I- 28,02,059	[S.I.], 24/07/1845	Francisco Freire Allemano	Francisco (primo)	Carta contando a briga ocorrida entre Augusto e um dos seus escravos	
MS 548 (1) doc.156; I- 28,02,060	[S.I.], 27/03/1847	Francisco Freire Allemano	Manuel Ferreira Lagos	Carta comunicando que Freire Allemano foi nomeado para integrar Comissão de julgamento da melhor memória sobre como se deve escrever a história do Brasil.	
MS 548 (1) doc.157; I- 28,02,061	[S.I.], 29/04/1847	Francisco Freire Allemano	M. J. da Silva	Carta acusando recebimento de duas memórias e que concorda com a opinião expressa nas mesmas e que pode contar com seu voto e de Antonio Thomas Gomes.	
MS 548 (1) doc.158; I- 28,02,062	São Petersburgo, 17/11/1847	Francisco Freire Allemano	José Ribeiro da Silva	Carta pedindo notícias sobre o Freire Allemano e sua família, e perguntando se respondera carta do diretor do Jardim Botânico [de São Petersburgo], Dr. Friedrich Ernst Ludwig von Fischer.	
MS 548 (1) doc.159; I- 28,02,063	Rio de Janeiro, 08/04/1848	Francisco Freire Allemano	José Feliciano de Castilho	Carta convidando Freire Allemano para ir a sua casa.	

MS 548 (1) doc.160; I- 28,02,064	Rio de Janeiro, 06/09/1848	Francisco Freire Allemão	Emilio Joaquim da Silva Maia	Carta solicitando, em nome da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional (SAIN), parecer a respeito da depreciação de chá na província de São Paulo.	
MS 548 (1) doc.161; I- 28,02,065	[S.I.], 03/10/1848	Francisco Freire Allemão	Augusto	Carta tratando da flora local e dizendo que envia algumas frutas.	
MS 548 (1) doc.162; I- 28,02,066	[S.I.], 19/05/1849	Francisco Freire Allemão	J. M. Velho da Silva	Carta perguntando se pode acompanhar o Imperador.	
MS 548 (1) doc.163; I- 28,02,067	Paço, 19/05/1849	Francisco Freire Allemão	José Maria Velho da Silva	Carta comunicando que Freire Allemão deve entrar como médico da semana com o Imperador.	
MS 548 (1) doc.164; I- 28,02,068	[S.I.], 09/07/1849	Francisco Freire Allemão	Antonio Pereira Freire	Carta comunicando o noivado da filha Cantilda.	
MS 548 (1) doc.165; I- 28,02,069	[S.I.], 09/08/1849	Francisco Freire Allemão	José Francisco Xavier Sigaud	Carta informando que já estava em condições de entrar de semana como médico do Imperador.	
MS 548 (1) doc.166; I- 28,02,070	Campo Grande, 26/01/1850	Francisco Freire Allemão	L. J. [Fausto?]	Carta informando onde Freire Allemão pode encontrar exemplares de Louro preto para examinar.	
MS 548 (1) doc.167; I- 28,02,071	Vila de São João do Príncipe, 03/07/1850	Francisco Freire Allemão	Florinda Narcisa Paula de Sá	Carta enviando notícias familiares.	
MS 548 (1) doc.168; I- 28,02,072	Rio de Janeiro, 30/08/1850	Francisco Freire Allemão	Luís Carlos da Fonseca	Carta informando que Freire Allemão foi nomeado juntamente com Joaquim Vicente Torres Homem e João José de Carvalho para apresentar um trabalho sobre determinado assunto.	

MS 548 (1) doc.169; I- 28,02,073	[S.l.], 01/09/1850	Francisco Freire Allemano	A. Ferreira Barros	Carta encaminhando exemplares de folhas e pequenos galhos para estudos.	
MS 548 (1) doc.170; I- 28,02,074	Paris, 31/01/1852	Francisco Freire Allemano	José Ribeiro da Silva	Carta contando de sua transferência de Paris para Rússia, e relatando a contribuição do Conde [Hessebrade] para sua nomeação. Comenta ainda sobre a magnífica estufa do Conde.	
MS 548 (1) doc.171; I- 28,02,075	Paris, 31/01/1852	Francisco Freire Allemano	Paulo Barbosa da Silva	Carta dando notícias de sua saúde.	
MS 548 (1) doc.172; I- 28,02,076	[S.l.], 06/05/1852	Francisco Freire Allemano	Francisco Mizandre ou Martins (?)	Carta pedindo desculpas pela demora em responder as cartas e assegurando que irá cumprir as ordens solicitadas. Envia uma fruta do jacarandá e amostra de sapucaia.	
MS 548 (1) doc.174; I- 28,02,077	Rio de Janeiro, 28/11/1852	Francisco Freire Allemano	José de Sousa Correa	Carta convidando-o, em nome do Colégio Pedro II, para assistir a uma solenidade.	
MS 548 (1) doc.175; I- 28,02,078	Petrópolis, 07/03/1853	Francisco Freire Allemano	José Martins da Cruz Jobim	Carta comentando sobre um assunto pessoal.	
MS 548 (1) doc.176; I- 28,02,079	São Petersburgo, 15/04/1853	Francisco Freire Allemano	José Ribeiro da Silva	Carta comentando sobre o custo de vida no Rio de Janeiro e sobre os melhoramentos de que a cidade precisa. Apóia a decisão de aposentadoria do botânico.	
MS 548 (1) doc.177; I- 28,02,080	Rio de Janeiro, 26/01/1854	Francisco Freire Allemano	Miguel José Tavares	Carta cobrando uma dívida decorrente de uma fiança.	
MS 548 (1) doc.178; I-	Petrópolis, 12/03/1854	Francisco Freire Allemano	Luís Carlos da Fonseca	Carta pedindo a tradução de uma lista de objetos pedidos pela princesa de	

28,02,081				Joinville.	
MS 548 (1) doc.179; I- 28,02,082	[S.I.], 25/07/1854	Francisco Freire Allemano	José Augusto	Carta informando que não poderá prestar certo serviço.	
MS 548 (1) doc.180; I- 28,02,083	Mendanha, 04/08/1854	Francisco Freire Allemano	Joaquim Barbosa de Moraes	Carta autorizando a retirada da quantidade de madeiras que precisar e de onde quiser.	
MS 548 (1) doc.183; I- 28,02,086	[S.I.], 23/04/1855	Francisco Freire Allemano	Lopes Gomes Sobrinho	Carta informando os valores e as peças de madeira disponíveis para compra.	
MS 548 (1) doc.184; I- 28,02,087	Rio de Janeiro, 19/03/1855	Francisco Freire Allemano	José Martins da Cruz Jobim	Carta comentando sobre a escala dos médicos da semana do Imperador.	
MS 548 (1) doc.182; I- 28, 02,085	[S.I.], 09/10/1854	Francisco Freire Allemano	Manuel Ferreira Lagos	Carta comentando sobre a sessão inaugural da sociedade Colombiana.	
MS 548 (1) doc.185; I- 28,02,088	Rio de Janeiro, 22/03/1855	Francisco Freire Allemano	José Martins da Cruz Jobim	Carta informando sobre a troca na escala dos médicos da semana do Imperador.	
MS 548 (1) doc.186; I- 28,02,089	[S.I.], 25/03/1855	Francisco Freire Allemano	José Antonio Pereira Suzano	Carta remetendo cinco dúzias de tábuas.	
MS 548 (1) doc.187; I- 28,02,090	Mendanha, 11/10/1855	Francisco Freire Allemano	Pedro José Arena.	Carta informando das melhoras de um doente.	
MS 548 (1) doc.188; I- 28,03,001	Bangu, 31/10/1855	Francisco Freire Allemano	Vicente José de Castro Silva	Carta enviando notícias do pai.	
MS 548 (1) doc.189; I- 28,03,002	[S.I.], 01/11/1855	Francisco Freire Allemano	Silva	Carta comunicando que fizera a entrega da carta solicitada.	

MS 548 (1) doc.190; I- 28,03,003	Niterói, 03/11/1855	Francisco Freire Allemão	Viscondessa de Sepetiba	Carta comentando sobre a morte do marido.	
MS 548 (1) doc.191; I- 28,03,004	Rio de Janeiro, 22/12/1855	Francisco Freire Allemão	Antonio Freire Allemão	Carta comentando da morte de Virginia.	
MS 548 (1) doc.192; I- 28,03,005	[S.l.], [S.d.]	Francisco Freire Allemão	Luísa Freire	Carta lamentando a morte de Virginia.	
MS 548 (1) doc.193; I- 28,03,006	[S.l.], 16/04/1856	Francisco Freire Allemão	Manuel Freire Allemão	Carta comentando da enfermidade de uma familiar.	
MS 548 (1) doc.194; I - 28,03,007	Dresda, 06/07/1856	Francisco Freire Allemão	Manoel Araújo Porto- Alegre	Carta pedindo a Freire Allemão que receba umas caixas de instrumentos e livros para o Museu Nacional e também que acolha seu filho como fotógrafo no Museu.	Freire Allemão era diretor do Museu nesse período, logo após a morte de Burlamarque.
MS 548 (1) doc.195; I- 28,03,008	Niterói, 15/08/1856	Francisco Freire Allemão	Amélia Guilhermina de Oliveira	Carta oferecendo sapotis nascidos no rio para S. M. Imperatriz	
MS 548 (1) doc.197; I- 28,03,010	Rio de Janeiro, 15/06/1857	Francisco Freire Allemão	Isidoro Pamplona Corte Real	Carta em nome da Imperatriz enviando nota de uma planta vinda de Nápoles, para que Freire Allemão diga como esta é conhecida no Brasil.	
MS 548 (1) doc.198; I- 28,03,011	[S.l.], 09/08/1857	Francisco Freire Allemão	Fortunata Maria Suzano	Carta tratando do transporte das madeiras.	
MS 548 (1) doc.200; I- 28,03,013	Barra Mansa, 17/09/1857	Francisco Freire Allemão	C. Dürr	Carta pedindo para fazer parte da CCE, para auxiliar no preparo das coleções de história natural. Dürr se apresenta como enviado de uma Sociedade Botânica de Genebra para	Carta em francês. Consta nota: "Respondida em 20 de 8bro"

				formar coleção de plantas do Brasil e diz estar passando dificuldades financeiras.	
MS 548 (1) doc.201; I-28,03,014	[S.I.], --/01/1858	Francisco Freire Allemão	Violante M. Ximenes de Bivar e Velasco	Carta questionando Freire Allemão quanto a resposta de uma carta.	
MS 548 (1) doc.202; I-28,03,015	[S.I.], 18/05/1858	Francisco Freire Allemão	Umbelino Alberto de Campo Limpo	Carta solicitando proteção a um estudante.	
MS 548 (1) doc.204; I-28,03,017 n°001 - 002	[S.I.], 21/11/1858	Francisco Freire Allemão	Carlos Burlamarque	Carta questionando sobre qual resposta dar ao marquês de Abrantes sobre a solicitação de emprego para certa pessoa na CCE.	
MS 548 (1) doc.199; I-28, 03,012	[S.I.], 09/09/1857	Francisco Freire Allemão	Desconhecido	Convite para o baile a ser oferecido, em Niterói, ao Imperador por ocasião da comemoração da Independência.	
MS 548 (1) doc.203; I-28,03,016	[S.I.], 03/08/1858	Francisco Freire Allemão	J. J. da Cunha	Carta solicitando uma certidão a fim de receber seus vencimentos.	
MS 548 (1) doc.205; I-28,03,018	[S.I.], 30/12/1858	Francisco Freire Allemão	Simão Tadeu Leal	Carta solicitando empréstimo de certa quantia.	
MS 548 (1) doc.206; I-28,03,019	[S.I.], 29/02/1859	Francisco Freire Allemão	Idalina	Carta enviando notícias familiares.	
MS 548 (1) doc.207; I-28,03,019 A	Rio de Janeiro, 19/05/1859	Francisco Freire Allemão	Sergio Teixeira de Macedo	Carta estipulando a quantia destinada as comedorias dos chefes de seção e adjuntos da CCE	
MS 548 (1) doc.208; I-28,03,020	Rio de Janeiro, 23/06/1859	Francisco Freire Allemão	Antonio Freire Allemão	Carta enviando notícias familiares.	

MS 548 (1) doc.209; I- 28,03,021	[S.l.], 06/07/1859	Francisco Freire Allemão	Antonio Freire Allemão	Carta solicitando que enviasse nova procuração.	
MS 548 (1) doc.210; I- 28,03,021 A	Fortaleza, 27/07/1859	Francisco Freire Allemão	Guilherme Schüch, Barão de Capanema	Carta pedindo uma colaboração mais estreita entre os membros da CCE para que ela tenha sucesso.	
MS 548 (1) doc.211; I- 28,03,022	Rio de Janeiro, 06/08/1859	Francisco Freire Allemão	Antonio Freire Allemão	Carta enviando notícias do Rio de Janeiro.	
MS 548 (1) doc.212; I- 28,03,023	[S.l.], 10/09/1859	Francisco Freire Allemão	D. J. V. Pacheco	Carta convidando para um almoço.	
MS 548 (1) doc.213; I- 28,03,024	Ceará, 10/09/1859	Francisco Freire Allemão	João Franklin de Lima	Carta pedindo o aproveitamento do filho como escriturário da CCE.	
MS 548 (1) doc.214; I- 28,03,025	[S.l.], [S.d.]	Francisco Freire Allemão	Imperador	Carta negando o pedido de saída de Freire Allemão da CCE e a solicitação de viajar até o Pará e o Maranhão	
MS 548 (1) doc.215; I- 28,03,026	[S.l.], 19/09/1859	Francisco Freire Allemão	Antonio Freire Allemão	Carta enviando notícias familiares.	
MS 548 (1) doc.216; I- 28,03,027	Ceará, 26/09/1859	Francisco Freire Allemão	Antonio Joaquim de Oliveira	Carta prestando contas de despesas da CCE e comentando o suicídio do Dr. Gaiose.	
MS 548 (1) doc.217; I- 28,03,028	Icó, 04/10/1859	Francisco Freire Allemão	Roberto Correia de Almeida e Silva	Carta tratando de uma compra de cavalos para a CCE.	
MS 548 (1) doc.218; I- 28,03,029	Ceará, 25/10/1859	Francisco Freire Allemão	Antonio Joaquim de Oliveira	Carta enviando notícias dos membros da CCE.	

MS 548 (1) doc.220; I- 28,03,030 n°001 - 002	São Benedito (Serra Grande), 15/02/1860	Francisco Freire Allemão	Giacomo Raja Gabaglia	Carta encaminhando uma cópia de um relatório da Seção de Astronomia e Geografia da CCE.	
MS 548 (1) doc.219; I- 28,03,030	Ceará, 11/01/1860	Francisco Freire Allemão	Antonio Joaquim de Oliveira	Carta enviando notícias dos membros da CCE.	
MS 548 (1) doc.221; I- 28,03,031	[S.I.], 21/02/1860	Francisco Freire Allemão	Antonio Freire Allemão	Carta enviando notícias familiares.	
MS 548 (1) doc.222; I- 28,03,032	[S.I.], 29/02/1860	Francisco Freire Allemão	Antonio Freire Allemão	Carta comentando de uma epidemia de febre amarela que grassava no Rio de Janeiro.	
MS 548 (1) doc.223; I- 28,03,033	[S.I.], 19/03/1860	Francisco Freire Allemão	Francisco Luís Gameleira	Carta pedindo auxílio financeiro.	
MS 548 (1) doc.224; I- 28,03,034	Ceará, 05/04/1860	Francisco Freire Allemão	Antonio Joaquim de Oliveira	Carta comentando de despesas da CCE.	
MS 548 (1) doc.225; I- 28,03,035	[S.I.], 20/04/1860	Francisco Freire Allemão	Irmão	Carta dando notícias da família.	
MS 548 (1) doc.226; I- 28,03,036	Russas, 26/04/1860	Francisco Freire Allemão	Francisco Carlos Lassance Cunha	Carta solicitando uma certidão de prestação de serviços a CCE.	
MS 548 (1) doc.227; I- 28,03,037	Rio de Janeiro, 21/05/1860	Francisco Freire Allemão	Antonio Freire Allemão	Carta enviando notícias familiares.	
MS 548 (1) doc.228; I- 28,03,038	Crato, 12/06/1860	Francisco Freire Allemão	Francisco Rodrigues Sette	Carta acusando recebimento de uma carta.	

MS 548 (1) doc.229; I- 28,03,039	Rio de Janeiro, 21/06/1860	Francisco Freire Allemão	Joaquim Antonio Guerreiro Lima	Carta solicitando um atestado em favor de Jose dos Reis Carvalho como membro da CCE.	
MS 548 (1) doc.230; I- 28,03,040	[S.l.], 23/06/1860	Francisco Freire Allemão	Leandro N. M. Ratisbona	Carta combinando um encontro.	
MS 548 (1) doc.231; I- 28,03,041	Sobra, 20/07/1860	Francisco Freire Allemão	Giacomo Raja Gabaglia	Carta informando sobre o andamento dos trabalhos da Seção de Astronomia e Geografia da CCE	
MS 548 (1) doc.232; I- 28,03,042	Ceará, 28/07/1860	Francisco Freire Allemão	Antonio Joaquim de Oliveira	Carta remetendo correspondência da CCE	
MS 548 (1) doc.233; I- 28,03,043	Rio de Janeiro, 07/08/1860	Francisco Freire Allemão	Francisco Emidio da Câmara	Carta solicitando a entrega de uma encomenda a certo portador.	
MS 548 (1) doc.234; I- 28,03,044	Ceará, 15/08/1860	Francisco Freire Allemão	Alexandrino Cristiano de Oliveira	Carta solicitando sua interferência no sentido de ser nomeado tabelião da Vila de Maranguape	
MS 548 (1) doc.235; I- 28,03,037	Rio de Janeiro, 21/09/1860	Francisco Freire Allemão	Henrique Pedro Carlos de Beaurepaire- Rohan, Visconde de Beaupaire- Rohan	Carta lamentando não ter conseguido se despedir do botânico antes de sua viagem pela CCE e não ter podido ter sua opinião sobre seu trabalho botânico sobre a Paraíba do Norte.	
MS 548 (1) doc.236; I- 28,03,045 A	Rio de Janeiro, 10/10/1860	Francisco Freire Allemão	João de Almeida Pereira Filho	Carta remetendo cópia da tabela de vencimentos do pessoal da CCE	
MS 548 (1) doc.237; I-	Lago Grande,	Francisco Freire Allemão	Giacomo Raja Gabaglia	Carta comentando o atraso para o recebimento de seus vencimentos e de	

28,03,046	10/10/1860			outros problemas. Pergunta detalhes de como se deve dar o encerramento dos trabalhos da CCE.	
MS 548 (1) doc.238; I- 28,03,047	Crato, 16/10/1860	Francisco Freire Allemão	Benedito da Silva Garrido	Carta solicitando um atestado de capacidade como boticário.	
MS 548 (1) doc.239; I- 28,03,048	Crato, 10/10/1860	Francisco Freire Allemão	Antonio F. Sucupira	Carta apresentado cumprimentos.	
MS 548 (1) doc.240; I- 28,03,049	Ceará, 16/10/1860	Francisco Freire Allemão	Antonio Joaquim de Oliveira	Carta informando precisar de procurações para retirar as quantias destinadas as Seções Astronômica e de Etnografia no Tesouro Imperial.	
MS 548 (1) doc.241; I- 28,03,080	Fortaleza, 17/10/1860	Francisco Freire Allemão	Guilherme Schüch, Barão de Capanema	Carta informando que aguarda a chegada de alguns animais para partir de Fortaleza e que ele e Dias não pretendem continuar os trabalhos da CCE sem dinheiro.	
MS 548 (1) doc.242; I- 28,03,050 A	Palácio do Governo, 19/10/1860	Francisco Freire Allemão	Antonio Marcelino Nunes	Carta remetendo cópia de uma determinação do Ministério dos Negócios do Império.	
MS 548 (1) doc.243; I- 28,03,051	Ipu, 30/10/1860	Francisco Freire Allemão	Justino Francisco Xavier	Carta consultando sobre a conveniência de solicitar um médico para a região em vista de uma febre que grassava por ali e encaminha a descrição clínica de um caso registrado.	
MS 548 (1) doc.244; I- 28,03,052	Rio de Janeiro, 05/11/1860	Francisco Freire Allemão	Miguel Antonio da Silva Junior	Carta dando notícias de um aluno da escola Central pelo qual Freire Allemão demonstrou interesse nos exames.	
MS 548 (1) doc.245; I- 28,03,053	Barra do Comocim, 15/11/1860	Francisco Freire Allemão	Giacomo Raja Gabaglia	Carta informando que tinha intenção de averiguar as fronteiras marítimas do Norte.	

MS 548 (1) doc.246; I - 28,03,054	Rio de Janeiro, 20/11/1860.	Francisco Freire Allemano	Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB)	Carta solicitando notas biográficas de Freire Allemano para integrar o resumo biográfico da matrícula dos sócios.	Carta recebida em 24/02/1861 em Pacatuba.
MS 548 (1) doc.246; I - 28,03,054	Rio de Janeiro, 20/11/1860	Francisco Freire Allemano	Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB)	Carta solicitando envio de resumo biográfico para ser incluído na matrícula dos sócios.	Consta nota de que foi recebida em 24/02/1861 em Pacatuba.
MS 548 (1) doc.247; I - 28,03,055	[S.l.], [S.d.]	Francisco Freire Allemano	Francisco Marceu Leme de Castro	Carta comentando sobre a moléstia que recaí sobre a vila de Viçosa e pedindo conselhos médicos.	
MS 548 (1) doc.248; I - 28,03,056	Ceará, 12/12/1860	Francisco Freire Allemano	João da Silva Martins Coutinho	Carta pedindo uma declaração para receber seus vencimentos pelos serviços prestados a CCE.	
MS 548 (1) doc.173; I - 28,02, 076 A	Madrid, 04/11/1852	Francisco Freire Allemano	F. A. Varnhagen	Carta confirmando o envio das cartas e papeis a Saint-Hilaire e dando detalhes de como localizou o livro de Balthazar da Silva Lisboa que o botânico lhe pediu.	
MS 548 (1) doc.249; I - 28,03,057	Lavras, 11/01/1861	Francisco Freire Allemano	José Antonio Teixeira	Carta agradecendo o auxílio recebido na questão do Tesouro Imperial.	
MS 548 (1) doc.250; I - 28,03,058	Ceará, 12/01/1861	Francisco Freire Allemano	Antonio Joaquim de Oliveira	Carta remetendo correspondência da CCE.	
MS 548 (1) doc.251; I - 28,03,059	Fortaleza, 12/01/1861	Francisco Freire Allemano	Nicolau Tolentino de Vasconcelos	Carta agradecendo a ajuda na promoção de seu filho.	
MS 548 (1) doc.252; I -	Ceará, 19/01/1861	Francisco Freire Allemano	Antonio Joaquim de	Carta informando que a correspondência da CCE seguiria no	

28,03,060			Oliveira	próximo vapor.	
MS 548 (1) doc.253; I- 28,03,061	Canindé, 04/02/1861	Francisco Freire Allemão	Vicente Alves de P. Pessoa	Carta enviando alguns presentes.	
MS 548 (1) doc.254; I- 28,03,062	Ceará, 12/02/1861	Francisco Freire Allemão	Antonio Joaquim de Oliveira	Carta encaminhando correspondência da CCE.	
MS 548 (1) doc.255; I- 28,03,063	Sobral, 14/02/1861	Francisco Freire Allemão	Guilherme Schüch, Barão de Capanema	Carta informando que ainda não partiu de Sobral por estar doente e com febre.	
MS 548 (1) doc.256; I- 28,03,064	Rio de Janeiro, 19/02/1861	Francisco Freire Allemão	João de Almeida Pereira Filho	Carta tornando sem efeito uma determinação relativa à tabela de vencimentos dos empregados da CCE.	
MS 548 (1) doc.257; I- 28,03,065	Ceará, 24/02/1861	Francisco Freire Allemão	Antonio Joaquim de Oliveira	Carta encaminhando alguns papéis relativos a CCE e informando ter alugado uma casa conforme solicitação.	
MS 548 (1) doc.258; I- 28,03,066	[S.I.], 13/03/1861	Francisco Freire Allemão	Antonio Marcelino Nunes	Convite para inauguração da Santa Casa no Ceará.	
MS 548 (1) doc.259; I- 28,03,067	Maranguape, 22/03/1861	Francisco Freire Allemão	Guilherme Schüch, Barão de Capanema	Carta informando que seus cavalos estão com estafa e pedindo notícias dos outros membros da CCE e sobre a resposta ao seu pedido de licença.	
MS 548 (1) doc.260; I- 28,03,068	[S.I.], 17/04/1861	Francisco Freire Allemão	A. Pinto de Mendonça	Carta informando não poder atender a pretensão de uma pessoa recomendada.	
MS 548 (1) doc.261; I- 28,03,069	S.C, 21/04/1861	Francisco Freire Allemão	Giacomo Raja Gabaglia	Carta perguntando o que deve informar a Gonçalves Dias sobre o que foi decido a respeito da seção Etnográfica.	
MS 548 (1)	Fortaleza,	Francisco Freire	Giacomo Raja	Carta encaminhando papéis relativos a	

doc.262; I-28,03,070	01/05/1861	Allemano	Gabaglia	CCE.	
MS 548 (1) doc.263; I-28,03,071	Ceará, 03/05/1861	Francisco Freire Allemano	Antonio Joaquim de Oliveira	Carta encaminhando cartas e jornais.	
MS 548 (1) doc.264; I-28,03,072	Ceará, 09/05/1861	Francisco Freire Allemano	Antonio Joaquim de Oliveira	Carta encaminhando correspondência da CCE.	
MS 548 (1) doc.181; I-I-28,02, 084	Rio de Janeiro, 08/10/1854	Francisco Freire Allemano	Desconhecido	Convite para a sessão inaugural da Sociedade Colombiana.	Freire Allemano era um dos 12 sócios da Sociedade.
MS 548 (1) doc.265; I-28,03,073	Ceará, 12/05/1861	Francisco Freire Allemano	Antonio Joaquim de Oliveira	Carta solicitando, em nome do Dr. Gonçalves Dias, um atestado para que possa receber sua gratificação.	
MS 548 (1) doc.266; I-28,03,074	Fortaleza, 14/05/1861	Francisco Freire Allemano	Manuel Roberto Sobreira	Carta convidando-o para participar de uma conferência médica.	
MS 548 (1) doc.267; I-28,03,075	Ceará, 17/05/1861	Francisco Freire Allemano	Antonio Joaquim de Oliveira	Carta informando da permanência de Capanema em Lagoa Funda e do recebimento da chave da casa alugada.	
MS 548 (1) doc.268; I-28,03,076	Ceará, 20/05/1861	Francisco Freire Allemano	João Soares Pinto	Carta informando não ter recebido o Correio Mercantil.	
MS 548 (1) doc.269; I-28,03,077	Engenho de Monguba, 25/05/1861	Francisco Freire Allemano	João Franklin de Lima	Carta solicitando a incorporação à sua bagagem de um caixote destinado ao Pará.	
MS 548 (1) doc.270; I-28,03,078	Pacatuba, 31/05/1861	Francisco Freire Allemano	Guilherme Schüch, Barão de Capanema	Carta pedindo informações sobre o que o governo decidiu sobre a continuação ou não dos trabalhos da seção Geológica.	
MS 548 (1) doc.271; I-	Palácio do Governo,	Francisco Freire Allemano	Manuel Antonio	Carta convidando para o ato de posse do Bispo da Diocese local.	

28,03,078 A	06/06/1861		Duarte de Sousa		
MS 548 (1) doc.272; I-28,03,079	[S.I.], 07/06/1861	Francisco Freire Allemão	Luis Taumaturgo da Gama Machado	Carta solicitando pagamento de quarenta mil réis pelo aluguel de uma casa.	
MS 548 (1) doc.273; I-28,03,079 A	Fortaleza, 16/06/1861	Francisco Freire Allemão	A. Pinto de Mendonça	Carta convidando Freire Allemão para tomar chá.	
MS 548 (1) doc.274; I-28,03,080	Fortaleza, 22/06/1861	Francisco Freire Allemão	Giacomo Raja Gabaglia	Carta informando do seu casamento com D. Maria da natividade de Albuquerque Barros.	
MS 548 (1) doc.275; I-28,03,081	[S.I.], 24/06/1861	Francisco Freire Allemão	Giacomo Raja Gabaglia	Carta questionando a quem deveria entregar os objetos da Seção de Astronomia da CCE.	
MS 548 (1) doc.276; I-28,03,082	[S.I.], 25/06/1861	Francisco Freire Allemão	Sinval O. de Moraes	Carta informando que o Presidente deseja saber sobre os negócios da CCE e marcar um encontro.	
MS 548 (1) doc.277; I-28,03,083	Fortaleza, 28/06/1861	Francisco Freire Allemão	Giacomo Raja Gabaglia	Carta enviando a relação de objetos da Seção Astronômica que devem ser transportadas para o Rio de Janeiro.	
MS 548 (1) doc.278; I-28,03,084	[S.I.], 04/07/1861	Francisco Freire Allemão	Luis Taumaturgo da Gama Machado	Carta solicitando o pagamento do aluguel de uma casa.	
MS 548 (1) doc.279; I-28,03,085	Ceará, 06/06/1861	Francisco Freire Allemão	Guilherme Schüch, Barão de Capanema	Carta informando que Gabaglia e Dias ainda não terminaram seus trabalhos e que está ilhado na cidade por conta da chuva.	
MS 548 (1) doc.280; I-28,03,086	[S.I.], 10/07/1861	Francisco Freire Allemão	A. A. Santos Junior	Carta convidando Freire Allemão para um jantar.	

MS 548 (1) doc.281; I- 28,03,087	[S.I.], 17/07/1861	Francisco Freire Allemão	Antonio M. Nunes Guimarães	Carta informando da impossibilidade de despachar, livre de direitos, um caixote com instrumentos da CCE.	
MS 548 (1) doc.282; I- 28,03,088	Fortaleza de cabedele da Paraíba, 01/08/1861	Francisco Freire Allemão	Nicolau Tolentino de Vasconcelos	Carta solicitando benevolência nos exames da Escola Central para seu filho Bento Luís da Gama.	
MS 548 (1) doc.283; I- 28,03,089	Ceará, 25/09/1861	Francisco Freire Allemão	Nicolau Tolentino de Vasconcelos	Carta solicitando validamento para a promoção do filho Bento Luís da Gama.	
MS 548 (1) doc.284; I- 28,03,089 A	Rio de Janeiro, 26/09/1861	Francisco Freire Allemão	Giacomo Raja Gabaglia	Carta tratando do pagamento dos vencimentos dos ajudantes da Seção Astronômica.	
MS 548 (1) doc.285; I- 28,03,090	Vapor Paraná, 30/09/1861	Francisco Freire Allemão	Giacomo Raja Gabaglia	Carta pedindo uma declaração informando que durante o tempo que serviu a CCE esteve fora do serviço do Ministério da Marinha, por estar servindo ao IHGB.	
MS 548 (2) doc.001; I- 28,04,001	Fortaleza 30/09/1861	Francisco Freire Allemão	Desconhecido	Carta comentando da volta ao Ceará/Rio (?) de Freire Allemão e sobre as reclamações dos membros da Comissão sobre a recepção na cidade.	
MS 548 (2) doc.002; I- 28,04,002	Boa Vista, 17/10/1861	Francisco Freire Allemão	José Antonio da Costa e Silva	Carta estimando a volta ao Rio do botânico e sua boa saúde. E informa sobre o casamento da filha Joanna.	
MS 548 (2) doc.003; I- 28,04,003	Engenho de Monguba, 17/10/1861	Francisco Freire Allemão	João Franklin de Lima	Carta comentando orgulhosamente sobre a notícia da exposição de produtos cearenses organizada por Lagos na corte.	
MS 548 (2) doc.004; I- 28,04,004	[S.I.], 26/10/1861	Francisco Freire Allemão	J. B. N. de Azambuja	Carta convocando o botânico ao Ministério para dar informações sobre os vencimentos dos membros da	

				comissão.	
MS 548 (2) doc.005; I- 28,04,005	[S.I.], 15/11/1861	Francisco Freire Allemão	F. M. Burlamarque	Carta agradecendo as observações sobre o ensino público feito por Freire Allemão e explica porque não concorda com a observação de que o ensino de catecismo seja muito forte para os meninos.	
MS 548 (2) doc.006; I- 28,04,006	Recife, 23/11/1861	Francisco Freire Allemão	[Nuno Pompeu Loyolla Silva?]	Carta apresentando o padre Francisco Jacó de Azevedo e pedindo que o botânico o apresente na corte como excelente nas artes mecânicas e sobre sua maquina de taquigrafia.	
MS 548 (2) doc.007; I- 28,04,006 A	Rio de Janeiro, 10/12/1861	Francisco Freire Allemão	José Ildefonso de Souza Ramos	Carta comunicando a chegada de um caixão com plantas coletadas no Ceará por ocasião da CCE.	
MS 548 (2) doc.008; I- 28,04,007	Rio de Janeiro, 16/02/1862	Francisco Freire Allemão	Domingos Machado Homem de Gusmão	Carta pedindo ajuda para conseguir um emprego por ocasião dos melhoramentos a serem feitos no Jardim Botânico	No verso da carta consta nota de Freire Allemão sobre ter enviado uma carta a Burlamarque em 15 de fevereiro.
MS 548 (2) doc.009; I- 28,04,008	Fazenda de São Joaquim, 30/03/1862	Francisco Freire Allemão	Joaquim José de Souza [Romão]	Carta apresentando Freire Allemão como a pessoa que irá examinar as moléstias no café.	
MS 548 (2) doc.010; I- 28,04,009	Rio de Janeiro, 06/05/1862	Francisco Freire Allemão	Giacomo Raja Gabaglia	Carta comunicando que irá viajar para servir a nova Comissão para qual foi designado pelo Ministro da Marinha.	
MS 548 (2) doc.011; I- 28,04,009 A	Rio de Janeiro, 06/05/1862	Francisco Freire Allemão	Giacomo Raja Gabaglia	Carta informando que o dinheiro que sobrou das despesas da Seção de Astronomia está em poder do Capitão Antonio Joaquim de Oliveira.	

MS 548 (2) doc.012; I- 28,04,010	Engenho de Monguba, 19/05/1862	Francisco Freire Allemão	João Franklin de Lima	Carta comentando sobre a epidemia de cólera que assola a cidade e sobre seu filho Tristão de Alencar Franklin que está na corte estudando Engenharia.	
MS 548 (2) doc.013; I- 28,04,011	[S.I.], 18/06/1862	Francisco Freire Allemão	Pedro de Araújo Lima, Marquês de Olinda	Bilhete pedindo informações sobre as despesas da CCE.	
MS 548 (2) doc.014; I- 28,04,012	[S.I.], 28/06/1862	Francisco Freire Allemão	Pedro de Araújo Lima, Marquês de Olinda	Bilhete marcando um encontro.	
MS 548 (2) doc.015; I- 28,04,012 A	Rio de Janeiro, 28/06/1862	Francisco Freire Allemão	Guilherme Schüch, Barão de Capanema	Carta informando sobre o dinheiro que sobrou da sua seção e que havia reservado para realizar escavações em algumas localidades do Ceará para estudo da seca. Pergunta se pode proceder com as escavações ou se deve devolver o dinheiro ao Tesouro Nacional.	
MS 548 (2) doc.016; I- 28,04,012 B	Rio de Janeiro, 31/07/1862	Francisco Freire Allemão	Pedro de Araújo Lima, Marquês de Olinda	Ofício tratando do pedido de Freire Allemão para que se continue a pagar por mais um ano os vencimentos de Manoel Freire Allemão	
MS 548 (2) doc.017; I- 28,04,012 C	Rio de Janeiro, 01/08/1862	Francisco Freire Allemão	Pedro de Araújo Lima, Marquês de Olinda	Ofício solicitando a relação detalhada das despesas da Comissão, bem como do inventário das caixas vindas do Ceará.	
MS 548 (2) doc.018; I- 28,04,013	[S.I.], 04/08/1862	Francisco Freire Allemão	Jose Bonifacio N. de Azambuja	Ofício solicita a redação das despesas e do inventário dos objetos vindos do Ceará para término dos trabalhos da CCE.	

MS 548 (2) doc.019; I- 28,04,013 A	Rio de Janeiro, 13/08/1862	Francisco Freire Allemão	Pedro de Araújo Lima, Marquês de Olinda	Ofício autorizando Capanema a utilizar o dinheiro que sobrou para as escavações que deseja fazer no Ceará.	
MS 548 (2) doc.020; I- 28,04,013 B	Rio de Janeiro, 22/08/1862	Francisco Freire Allemão	Pedro de Araújo Lima, Marquês de Olinda	Ofício comunicando o fim do pagamento dos vencimentos de Gonçalves Dias e de sua licença e também dos vencimentos de Manuel Ferreira Lagos.	
MS 548 (2) doc.021; I- 28,04,013 C	Rio de Janeiro, 13/09/1862	Francisco Freire Allemão	Pedro de Araújo Lima, Marquês de Olinda	Ofício solicitando a designação das pessoas que devem estar presentes na abertura dos caixões vindos do Ceará.	
MS 548 (2) doc.022; I- 28,04,014	Rio de Janeiro, 07/10/1862	Francisco Freire Allemão	Antonio José P. [Gamiza?]	Ofício comunicando quando devem ser entregues as notas dos exames orais e escritos do fim do ano letivo da Escola Central.	
MS 548 (2) doc.023; I- 28,04,015	Rio de Janeiro, 11/10/1862	Francisco Freire Allemão	Antonio José P. [Garrigas?]	Carta tratando de assuntos da Escola Central.	
MS 548 (2) doc.024; I- 28,04,015 A	Rio de Janeiro, 22/10/1862	Francisco Freire Allemão	Pedro de Araújo Lima, Marquês de Olinda	Ofício autorizando algumas despesas necessárias para finalização dos trabalhos das Seções Botânica, Zoológica e Minerológica da CCE.	
MS 548 (2) doc.025; I- 28,04,016	[S.I.], 09/11/1862	Francisco Freire Allemão	A. M. F.	Carta comunicando o estabelecimento de uma Casa de Saúde no cais Pharoux nº1.	
MS 548 (2) doc.026; I- 28,04,017	Rio de Janeiro, 28/11/1862	Francisco Freire Allemão	João Luis Vieira Cansação de Sinimbu	Ofício comunicando a nomeação de Freire Allemão como membro da Diretoria do Imperial Instituto Fluminense de Agricultura.	

MS 548 (2) doc.027; I- 28,04,018	Rio de Janeiro, 28/01/1863	Francisco Freire Allemão	Escola Central	Carta comunicando a data da reunião do Conselho de Instruções da Escola Central.	
MS 548 (2) doc.029; I- 28,04,020 n°001 - 002	[S.I.], 07/03/1863	Francisco Freire Allemão	Desconhecido	Convite para comparecer a sessão pública da Academia de Bellas Artes.	
MS 548 (2) doc.028; I- 28,04,019	Ceará, 28/02/1863	Francisco Freire Allemão	Antonio Joaquim de Oliveira	Carta pedindo a Freire Allemão que solicite junto ao Ministério do Império o pagamento dos seus vencimentos quando trabalhador da CCE.	
MS 548 (2) doc.030; I- 28,04,021	Rio de Janeiro, 06/04/1863	Francisco Freire Allemão	Escola Central	Carta comunicando a reunião do Conselho de Instrução da Escola Central.	
MS 548 (2) doc.031; I- 28,04,022	[S.I.], 14/09/1863	Francisco Freire Allemão	Manuel Ferreira Lagos	Carta tranquilizando o botânico sobre sua ida para o campo, pois ele já acertou os prazos de entrega dos relatórios da CCE com o Ministro do Império.	
MS 548 (2) doc.032; I- 28,04,023	Rio de Janeiro, 23/06/1864	Francisco Freire Allemão	Giacomo Raja Gabaglia	Carta comunicando estar em Pernambuco a serviço do Ministério da Marinha e que já findou suas obrigações em relação a CCE com o Ministério do Império.	
MS 548 (2) doc.033; I- 28,04,024	[S.I.], 10/09/1864	Francisco Freire Allemão	Manuel Ferreira Lagos	Carta informando a demora para enviar o relatório que mandará ao Ministério do Império sobre a CCE e dizendo estar mais esperançoso quanto a atenção dada a Comissão, já que o novo Ministro é do Ceará.	
MS 548 (2) doc.034; I-	[S.I.], [S.d.]	Francisco Freire Allemão	Secretaria de Estado dos	Convite para integrar o préstimo real que acompanhara o casamento da	

28,04,025			Negócios do Império	princesa Isabel com o Conde d'Eu.	
MS 548 (2) doc.035; I- 28,04,026	[S.I.], 25/10/1864	Francisco Freire Allemão	Manuel Ferreira Lagos	Carta comunicando que Gonçalves Dias partiu para o Maranhão, mas sem esperanças de melhoras de saúde. Comunica que chegaram mais livros para os trabalhos da CCE, inclusive o último volume dos Anais das Sciencias Naturais.	
MS 548 (2) doc.036; I- 28,04,027	Rio de Janeiro, 24/11/1864	Francisco Freire Allemão	Cônego Joaquim Caetano A. Pinheiro	Convite para participar da comitiva que irá desejar parabéns ao Imperador no Paço Imperial.	
MS 548 (2) doc.037; I- 28,04,028	[S.I.], 12/12/1864	Francisco Freire Allemão	Secretaria de Estado dos Negócios do Império	Convite para que o botânico faça parte do cortejo real que acompanhara o casamento de D. Leopoldina com o Duque de Saxe.	
MS 548 (2) doc.038; I- 28,04,029	[S.I.], 24/12/1864	Francisco Freire Allemão	Luís Garcia Soares Bélar	Carta pedindo que o botânico assine seu jornal literário O Recreador para ajudar no sustento de sua família.	
MS 548 (2) doc.039; I- 28,04,030	[S.I.], 08/09/1865	Francisco Freire Allemão	José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha	Convite para a reunião no Gabinete Português de leitura para discutir sobre as possibilidades de homenagear Bocage.	Nota de Freire Allemão: Respondida em 17/09/1865.
MS 548 (2) doc.040; I- 28,04,031	Campo Grande, 10/09/1865	Francisco Freire Allemão	Agostinho José de Souza Lima	Carta pedindo ajuda ao botânico sobre o nome da planta que é indicada para tratamento da "elephantiasis dosgregas" que acomete sua mulher.	
MS 548 (2) doc.041; I- 28,04,032	Rio de Janeiro, 21/11/1865	Francisco Freire Allemão	José Martins da Cruz Jobim	Convite para a seção de colação de grau de Doutor em Medicina que contará com a presença do Imperador.	

MS 548 (2) doc.042; I- 28,04,032 A	[S.I.], 31/12/1866	Francisco Freire Allemano	Carlos Burlamarque	Carta tratando de assuntos sobre o Museu Nacional, do qual Freire Allemano é o diretor, e informa que Saldanha da Gama e Netto estão no aguardo de suas ordens.	
MS 548 (2) doc.043; I- 28,04,033	Rio de Janeiro, 06/1867	Francisco Freire Allemano	Faculdade de Medicina	Convite para a missa de "Libera-me" pela alma do professor Dr. Francisco Gabriel da Rocha Freire.	
MS 548 (2) doc.044; I- 28,04,034	[S.I.], 28/09/1867	Francisco Freire Allemano	Guilherme Schüch, Barão de Capanema	Carta reclamando da falta de tempo para terminar os trabalhos da CCE , devido aos trabalhos das inúmeras comissões para quais foi designado pelo Imperador, desde que voltou do Ceará.	
MS 548 (2) doc.045; I- 28,04,035	[S.I.], 23/11/1867	Francisco Freire Allemano	Imperial Instituto Fluminense de Agricultura	Carta remetendo um exemplar do Projeto de Regulamento para as exposições e concursos trienais dos produtos agrícolas do Município da Corte e da Província do Rio de Janeiro, que será discutida em sessão.	
MS 548 (2) doc.046; I- 28,04,036	[S.I.]; 26/06/1868	Francisco Freire Allemano	Barão do Bom Retiro	Carta encaminhando alguns exemplares do Regulamento de exposições e concursos e da Revista do Instituto Fluminense de Agricultura sobre agricultura prática.	
MS 548 (2) doc.047; I- 28,04,037	[S.I.]; 30/06/1868	Francisco Freire Allemano	Ladislau Netto	Carta comentando as observações negativas feitas por Agassiz, em sua obra "A Journey in Brasil", sobre as coleções do Museu Nacional. Tratando especificamente da seção botânica, Netto aponta como causa do problema a pequena verba dada pelo governo.	Consta anexo a cópia do ofício do Ministro Dantas mandando Ladislau Netto responder as observações de Agassiz e também cópia do trecho da obra em que fala

					sobre o Museu.
MS 548 (2) doc.048; I- 28,04,038	Rio de Janeiro, 01/09/1870	Francisco Freire Allemão	Cônego Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro (IHGB)	Convite para integrar a Comissão que irá cumprimentar o Imperador no dia 07 de setembro.	
MS 548 (2) doc.049; I- 28,04,039	Rio de Janeiro, 04/04/1871	Francisco Freire Allemão	José A. M.	Carta informando quando pegará o trem com sua família para visitá-lo e dá notícias de melhoras na saúde de familiares.	
MS 548 (2) doc.050; I- 28,04,040	[S.l.], 20/09/1871	Francisco Freire Allemão	Desconhecido	Carta comentando sobre a campanha de arrecadação de donativos para a construção de um monumento em honra dos combatentes da Batalha do Riachuelo.	Freire Allemão era um dos responsáveis pela arrecadação de donativos na Freguesia de Campo Grande.
MS 548 (2) doc.051; I- 28,04,041	[S.l.], [S.d.]	Francisco Freire Allemão	Antonio Freire Allemão	Carta enviando notícias familiares.	
MS 548 (2) doc.052; I- 28,04,042	Pacatuba, S.d.	Francisco Freire Allemão	Manuel Freire Allemão	Carta com relato de sua passagem por Pacatuba e Acarapes no Ceará.	
MS 548 (2) doc.053; I- 28,04,043	[S.l.], [S.d.]	Tio Francisco Alves	Manuel Freire Allemão	Carta dando notícias da CCE pelo Ceará.	
MS 548 (2) doc.054; I- 28,04,044	[S.l.], [S.d.]	Francisco Freire Allemão	Manuel Freire Allemão	Carta comentando estar preocupado com o tio Francisco Alves e pede que apresse sua volta ao Rio.	
MS 548 (2) doc.055; I- 28,04,045	[S.l.], [S.d.]	Francisco Freire Allemão	Manuel Freire Allemão	Carta dando notícias de como estão as coisas com ele no Ceará.	

MS 548 (2) doc.056; I- 28,04,046	Pacatuba, 10/09/1860	Francisco Freire Allemão	Manuel Freire Allemão	Carta enviando amostras das flores de Piramá e dando informações do lugar onde elas nascem e de outras sementes e flores.	
MS 548 (2) doc.057; I- 28,04,047	[S.l.], [S.d.]	Francisco Freire Allemão	Manuel Freire Allemão	Carta comentando dos problemas com os animais de carga e sobre algumas plantas da região do serrado de Pacatuba.	
MS 548 (2) doc.058; I- 28,04,048	[S.l.], [S.d.]	Francisco Freire Allemão	Manuel Freire Allemão	Carta encaminhando Simões, mateiro que conhece muito bem as regiões de Acarapé, Serras de Araçatuba e Baturité, e que pode ajudar na coleção de amostras de madeiras da terra.	Ao fim e no verso da carta há alguns esboços de plantas e algumas expressões da gente do Ceará, informações sobre alimentação e as impressões dele.
MS 548 (2) doc.059; I- 28,04,049	[S.l.], [S.d.]	Francisco Freire Allemão	Manuel Freire Allemão	Carta comentando sobre a entrega do baú que seu tio encomendou.	No verso da carta há anotações de Freire Allemão sobre algumas plantas.
MS 548 (2) doc.060; I- 28,04,050	[S.l.], [S.d.]	Francisco Alves da Silva Castilho	Manuel Freire Allemão	Carta comentando sobre o falecimento de uma tia.	
MS 548 (2) doc.061; I- 28,04,051	[S.l.], [S.d.]	Francisco Freire Allemão	Augusto	Carta comentando sobre o interrogatório de alguns escravos.	
MS 548 (2) doc.062; I- 28,04,052	[S.l.], [S.d.]	Francisco Freire Allemão	Carlos Frederico dos Santos Xavier de Azevedo	Recorte com o nome do remetente com uma anotação a lápis de visita dele a Freire Allemão (seu professor)	
MS 548 (2) doc.063; I- 28,04,053	[S.l.], [S.d.]	Francisco Freire Allemão	Joaquim Batista	Bilhete pedindo esmola para fazer uma procissão no Ceará.	

MS 548 (2) doc.064; I- 28,04,054	[S.l.], [S.d.]	Francisco Freire Allemão	Antonio Freire Allemão	Bilhete pedindo dinheiro para a Igreja.	
MS 548 (2) doc.065; I- 28,04,055	Pacatuba, 15/11/1861	Francisco Freire Allemão	Guilherme Schüch, Barão de Capanema	Bilhete enviando original e cópias de documentos da CCE.	
MS 548 (2) doc.066; I- 28,04,056	[S.l.], [S.d.]	Francisco Freire Allemão	Guilherme Schüch, Barão de Capanema	Bilhete encaminhando um ofício para o Bacharel do Batalhão de Ordens.	
MS 548 (2) doc.067; I- 28,04,057	[S.l.], [S.d.]	Francisco Freire Allemão	Guilherme Schüch, Barão de Capanema	Carta encaminhando um ofício para o Ministro para que ele decida o que fazer. Pede que Freire Allemão veja com a mesma pessoa que fez um composto para o Lagos para que faça um para ele.	
MS 548 (2) doc.068; I- 28,04,058	[S.l.], [S.d.]	Francisco Freire Allemão	Guilherme Schüch, Barão de Capanema	Carta encaminhando os trabalhos de Freire Allemão para o primeiro folheto Palestrico independente pedindo que ele reveja e mande de volta com uma tradução em francês.	
MS 548 (2) doc.069; I- 28,04,059	[S.l.], [S.d.]	Florinda (prima)	Francisco Freire Allemão	Carta comentando sobre algum conhecido.	
MS 548 (2) doc.070; I- 28,04,060	[S.l.], [S.d.]	Francisco Freire Allemão	Desconhecido	Carta convidando Freire Allemão para um retiro.	
MS 548 (2) doc.071; I- 28,04,061	[S.l.], [S.d.]	Francisco Freire Allemão	Vicente Alves Ferreira (detento de uma cadeia do Ceará)	Bilhete pedindo esmola.	

MS 548 (2) doc.072; I- 28,04,062	[S.l.], [S.d.]	Francisco Freire Allemão	Maria (Irmã)	Carta marcando um encontro para Freire Allemão ver seu afillhado.	No verso da carta há desenhos de plantas.
MS 548 (2) doc.073; I- 28,04,063	[S.l.], [S.d.]	Francisco Freire Allemão	Giacomo Raja Gabaglia	Carta encaminhando uma carta de Dias e falando o melhor dia para marcar uma reunião.	
MS 548 (2) doc.075; I- 28,04,065	[S.l.], [S.d.]	Francisco Freire Allemão	Joaquim (Primo)	Carta pedindo ajuda de Freire Allemão para conseguir um médico que lhe ajude com sua saúde.	
MS 548 (2) doc.076; I- 28,04,066	Ceará, 19/03/----	Francisco Freire Allemão	Antonio Ferreira Lima (músico)	Carta pedindo ajuda financeira do botânico.	
MS 548 (2) doc.077; I- 28,04,067	Rio de Janeiro, 06/07/1852	Francisco Freire Allemão	Pedro Alcântara Lisboa	Carta oferecendo seu microscópio, feito por Carlos Chevalier, para que Freire Allemão faça observações organográficas.	Consta observação de Freire Allemão que anexo a carta vieram entradas para as conferências do Museu.
MS 548 (2) doc.078; I- 28,04,068	[S.l.], [S.d.]	Francisco Freire Allemão	Marquês de Maceió	Bilhete informando que a Imperatriz deseja consultar-se com Freire Allemão.	
MS 548 (2) doc.079; I- 28,04,069	Andaraí, 15/07	Francisco Freire Allemão	F. A. Marques	Carta enviando amostras de flores de um Jequitibá	
MS 548 (2) doc.080; I- 28,04,070	[S.l.], [S.d.]	Francisco Freire Allemão	Jose Clemente Marques	Carta informando o valor de uma cabra.	
MS 548 (2) doc.081; I- 28,04,071	[S.l.], [S.d.]	Francisco Freire Allemão	José Clemente Marques	Carta tratando do negócio da cabra.	
MS 548 (2) doc.082; I- 28,04,072	[S.l.], [S.d.]	Francisco Freire Allemão	Ignácio Jose Mattos	Carta comentando sobre obter ajuda para a Vellosiana	

MS 548 (2) doc.083; I- 28,04,073 n°001	[S.l.], [S.d.]	Francisco Freire Allemão	Lourenço Vieira de Sousa Meirelles	Carta informando ter recebido seu parecer sobre a depreciação do chá de São Paulo com as observações feitas pelo Sr. Dr. Caetano Alberto.	
MS 548 (2) doc.083; I- 28,04,073 n°002	Santa Catarina, 08/12/1848	Francisco Freire Allemão	Caetano Alberto Soares	Carta elogiando o parecer de Freire Allemão sobre a depreciação do chá de São Paulo e ressaltando que seria bom se o mesmo parecer fosse encaminhado também ao presidente de Minas Gerais e que memórias sobre o assunto fosse distribuído aos produtores.	
MS 548 (2) doc.084; I- 28,04,074	[S.l.], [S.d.]	Francisco Freire Allemão	Francisco Teixeira da Paixão	Carta pedindo que lhe sejam devolvidas as pedras que sobraram da construção da propriedade do Mendanha.	
MS 548 (2) doc.085; I- 28,04,075	Santa Catarina, 12/05	Francisco Freire Allemão	Thomaz	Carta elogiando o relatório de Freire Allemão sobre as memórias concorrentes no IHGB, e elogiando o trabalho de Maritus que concorre com a de um brasileiro, que por sinal é estúpida e que seria alvo de zombaria.	
MS 548 (2) doc.086; I- 28,04,076	[S.l.], [S.d.]	Francisco Freire Allemão	Leandro N. M. Ratisbona	Carta comentando sobre o falecimento de um familiar e pedindo notícias de Freire Allemão, Capanema e Lagos.	
MS 548 (2) doc.087; I- 28,04,077	[S.l.], [S.d.]	Francisco Freire Allemão	A. A. Santos Lerna	Carta pedindo uma declaração dos trabalhos que prestou ao botânico para que possa requerer seu pagamento junto ao Ministério.	
MS 548 (2) doc.088; I- 28,04,078	[S.l.], [S.d.]	Francisco Freire Allemão	A. A. Santos Lerna	Carta pedindo uma declaração dos trabalhos que prestou ao botânico para que possa requerer seu pagamento junto ao Ministério.	
MS 548 (2)	Imperial	Francisco Freire	José M. S. da	Carta informando os motivos pelos	

doc.089; I-28,04,079	Quinta, 08/08	Allemao	Silva	quais o Srs. Sigaud, Torres Homem, Meirelles e Thomaz Gomes não puderam comparecer a um compromisso.	
MS 548 (2) doc.090; I-28,04,080	Aracati, 11/09	Francisco Freire Allemao	Vigário Antonio Marques da Silva Gomes	Bilhete encaminhando alguns espinhos de cordeiro.	
MS 548 (2) doc.091; I-28,04,081	[S.l.], [S.d.]	Desconhecido	"Burro de carga"	Carta comunicando ter mudado a data da próxima sessão do dia 25 para o dia 28, devido as férias.	Carta escrita em papel timbrado da Sociedade Velloziana.
MS 548 (2) doc.092; I-28,04,082	[S.l.], [S.d.]	Francisco Freire Allemao	Felizarda Joaquina de Souza	Carta encaminhando um rapaz para buscar algo e cobrando o "nalis" que Poliana lhe prometeu.	
MS 548 (2) doc.093; I-28,04,083	[S.l.], [S.d.]	Francisco Freire Allemao	Lourenço C. Valente	Carta pedindo um cavalo emprestado por 2 dias.	
MS 548 (2) doc.094; I-28,04,084	[S.l.], [S.d.]	Francisco Freire Allemao	José [Martins da Cruz Jobim?]	Carta pedindo orientações sobre um doente de quem está tratando.	
MS 548 (2) doc.095; I-28,04,085	[S.l.], [S.d.]	Irmãs	Manuel Freire Allemao	Carta dando notícias suas e do tio Antonio e mandando lembranças a toda família.	
MS 548 (2) doc.096; I-28,04,086	Rio de Janeiro, 30/03/1838	Domingos Ribeiro dos Guimarães Peixoto	Bernardo Pereira de Vasconcelos	Cópia de ofício tratando do estado lastimável do Hospital dos Lázaros.	
MS 548 (2) doc.097; I-28,04,087	Rio de Janeiro, 08/02/1839	Domingos Ribeiro dos Guimarães Peixoto	Bernardo Pereira de Vasconcelos	Cópia de ofício tratando sobre uma mudança no concurso da Escola de Medicina.	

MS 548 (2) doc.098; I- 28,04,088	[S.l., 16/10/1847	Dr. Pinto Brasil	Bazílio [Tarreão ou Terrezão?]	Carta comentando sobre o pedido de Freire Allemão de ler uma memória sobre a Flora deixada pelo Serpa, redigida pelo Arruda e pelo Frei Leandro.	
MS 548 (2) doc.099; I- 28,04,089	Rio de Janeiro, 22/08/1850	Lentes da Escola de Medicina	Ângelo Muniz da Silva Ferraz	Cópia de ofício sobre a venda de medicamentos na Corte.	
MS 548 (2) doc.100; I- 28,05,001	Rio de Janeiro, 23/05/1851	Francisco Freire Allemão	Ignácio Jose Mattos	Bilhete oferecendo alguns livros para compor uma biblioteca para a Sociedade Vellosiana.	
MS 548 (2) doc.101; I- 28,05,002	[S.l.], [S.d.]	Francisco Freire Allemão	Jose Antonio	Bilhete comentando sobre uma queixa de Freire Allemão sobre ele feita ao Sr. Luis.	
MS 548 (2) doc.102; I- 28,05,003	Rio de Janeiro, 01/01/1859	Francisco Freire Allemão	Manuel Ferreira Lagos	Bilhete convidando para sessão da Palestra Científica com a presença do Imperador.	
MS 548 (2) doc.103; I- 28,05,003 A	Rio de Janeiro, 25/01/1859	Autoridades Cearenses	Sérgio Teixeira de Macedo	Introdução determinando que fossem concedidas facilidades aos membros da CCE.	
MS 548 (2) doc.104; I- 28,05,003 B	Palácio do Governo, 19/07/1859	Autoridades locais	João Silveira de Sousa	Introdução recomendando que fossem prestadas todas as facilidades necessárias aos membros da CCE.	
MS 548 (2) doc.105; I- 28,05,004	Aracati, 14/09/1859	Francisco Freire Allemão	Manoel Jose da Silva Bezerra	Carta pedindo a opinião dos membros da CCE sobre uma peça apresentada no teatro e que sofreu censura.	
MS 548 (2) doc.106; I- 28,05,005	[S.l.], [S.d.]	Francisco Freire Allemão	Manuel Ferreira Lagos	Carta pedindo que a correspondência da CCE seja encaminhada para Fortaleza.	
MS 548 (2) doc.107; I- 28,05,005 A	Palácio do Governo, 16/05/1860	Autoridades locais	Antonio Marcelino Nunes	Carta determinando a permissão de porte de armas por membros da CCE.	

MS 548 (2) doc.108; I- 28,05,006	Santa Rosa, 10/02/1862	Lucas Antonio Monteiro Barros	Conde de Baependi	Carta apresentando Freire Allemão como encarregado do Império pra examinar o estrago feito pela praga nos cafezais.	As cartas no intervalo de 109 a 221 (I-28,05,007 até I-28,05,017) tratam do mesmo assunto desta.
MS 548 (2) doc.222; I- 28,05,018	Rio de Janeiro, 24/11/1863	Antonio Joaquim de Oliveira	Francisco Freire Allemão	Ofício dando parecer sobre seu pedido de vencimentos por ter servido na CCE.	
MS 548 (2) doc.223; I- 28,05,019	Rio de Janeiro, 09/12/1874	Maria Christina Freire Allemão	Imperial Academia de Medicina	Carta dando os pêsames pelo falecimento de Freire Allemão	Falta o verso da carta.
MS 548 (2) doc.224; I- 28,05,020	Rio de Janeiro, 28/12/1947	Josué Montello	Maria Freire de Vasconcellos	Carta oferecendo alguns manuscritos de seu tio Freire Allemão a Biblioteca Nacional	
MS 548 (2) doc.225; I- 28,05,021	[S.l.], 27/04/1861	Manoel Freire Allemão	A. A. Santos Souza	Carta apresentando um cozinheiro para ficar a seu serviço e da CCE.	
MS 548 (2) doc.226; I- 28,05,022	Marapicu, 22/05/1846	Francisco Freire Allemão	Francisco	Carta contando as novidades desde quando chegou a Marapicu.	
MS 548 (2) doc.227; I- 28,05,023	Rio de Janeiro, 23/02/1888	Maria Freire Allemão	E. M. M.	Bilhete postal pedindo notícias de Quincas.	
MS 548 (2) doc.228; I- 28,05,024	[S.l.], 28/04/1860	Gonçalves Dias	Sinval	Carta informando que o Ministério ainda não respondeu o seu ofício.	
MS 548 (2) doc.229; I- 28,05,025	[S.l.], [S.d.]	Francisco Freire Allemão	Guilherme Schüch Capanema, Barão de Capanema	Bilhete informando os dias livres para encontrá-lo e perguntando sobre o Gabaglia.	
MS 548 (2) doc.230; I-	[S.l.], [S.d.]	Joaquim de Oliveira	Giacomo Raja Gabaglia	Carta orientando como deve proceder com os ofícios da CCE.	

28,05,026					
MS 548 (2) doc.231; I- 28,05,027	[S.l.], [S.d.]	Francisco Freire Allemão	Giacomo Raja Gabaglia	Carta pedindo alguns favores.	
MS 548 (2) doc.232; I- 28,05,028	[S.l.], [S.d.]	Dr. L.C. da Fonseca	Vasconcellos	Bilhete informando que tudo continua na mesma.	
MS 548 (2) doc.233; I- 28,05,029	[S.l.], [S.d.]	Redator	Francisco Freire Allemão	Carta pedindo que seja reivindicada junto às autoridades uma melhor conservação da região de Benfica até a praia pequena.	
MS 548 (2) doc.249; I- 28,05,045	Rio de Janeiro, 09/09/1841	Desconhecido	Francisco Freire Allemão	Requerimento solicitando um mês e meio de licença da Imperial Câmara para estudar botânica. Diz "tendo a necessidade de ver, e de estudar praticamente as plantas do país, para melhor desempenho dos seus deveres como professor de botânica"	
MS 548 (2) doc.268; I- 28,05,064	Rio de Janeiro, 02/09/1853	Cordovil	Francisco Freire Allemão	Carta encaminhando o jornal emprestado que tem publicado um artigo sobre Freire Allemão. Freire Allemão se diz magoado com o artigo e que apesar dos elogios feitos pelo autor não gostou de ver seu nome envolvido de tal modo com política.	O artigo do qual trata a carta foi publicado no jornal "A Nação", nº 96 de 27/08/1853, que está transcrito nas páginas 287-292.
MS 548 (2) doc.279; I- 28,05,075	[S.l.], 1858	Francisco Freire Allemão	Alunos da Escola Central	Abaixo-assinado de uma comissão de alunos de Botânica da Escola Central como lembrança de reconhecimento.	Entre os signatários estão André Pinto Rebouças e Antônio Pereira Rebouças.
MS 548 (8) doc.017; I- 28,11,001	[S.l.], 05/10/1853	Desconhecido	Francisco Freire Allemão	Carta comentando sobre a tentativa falha de conseguir um novo lugar para abrigar a Sociedade Vellosiana e	

				informa que ela continuará instalada no Museu Nacional.	
MS 548 (8) doc.018; I- 28,11,002	[S.l.], [S.d.]	Francisco Freire Allemão	Manuel Freire Allemão	Carta informando que está terminando alguns trabalhos para publicação de um segundo caderno.	
MS 548 (8) doc.018; I- 28,11,002	[S.l.], [S.d.]	Francisco Freire Allemão	Manuel Freire Allemão	Carta comunicando que terminará alguns trabalhos até a publicação de um segundo caderno de Freire Allemão.	
MS 548 (8) doc.019; I- 28,11,003	Rio de Janeiro, 18/10/1948	Maria Freire de Vasconcelos	Ivolino de Vasconcelos	Carta agradecendo as referências indicadas para um artigo sobre o botânico Freire Allemão	
MS 548 (8) doc.020; I- 28,11,004	Rio de Janeiro, 26/10/1948	Maria Freire de Vasconcelos	João Francisco de Sousa	Carta agradecendo as referências indicadas para o seu livro sobre o botânico Freire Allemão e pedindo informações sobre Manuel Freire Allemão de Cisneiros.	